ANDREW LOBACZEWSKI

com prefácio de
OLAVO DE CARVALHO

PONEROLOGIA: PSICOPATAS NO PODER

VIDE EDITORIAL

ANDREW LOBACZEWSKI

Tradução de Adelice Godoy

Com prefácio de Olavo de Carvalho

SUMÁRIO

PREFÁCIO

por Olavo de Carvalho

MUITAS VEZES O LEITOR JÁ DEVE TER-SE PERGUNTADO como é possível que tantas pessoas, aparentemente racionais, amem e aplaudam os governos mais perversos e genocidas do mundo e se recusem a enxergar a liberdade e o respeito de que elas próprias desfrutam nas democracias ocidentais, ao mesmo tempo que continuam acreditando, contra todas as evidências, que são moral e intelectualmente superiores aos que não seguem o seu exemplo.

Hoje em dia essas pessoas, no Brasil, são a parcela dominante no governo, no Parlamento, nas cátedras universitárias, no *show business* e na mídia. A presença delas nesses altos postos garante a este país setenta mil homicídios por ano, o crescimento recorde do consumo de drogas, o aumento da corrupção até a escala do indescritível, cinqüenta por cento de analfabetos funcionais entre os diplomados das universidades e, anualmente, os últimos lugares para os alunos dos nossos cursos secundários em todos os testes internacionais, abaixo dos estudantes de Uganda, do Paraguai e da Serra Leoa. Sem contar, é claro, indícios menos quantificáveis, mas nem por isso menos visíveis, da deterioração de todas as relações humanas, rebaixadas ao nível do oportunismo cínico e da obscenidade, quando não da animalidade pura e simples.

Isso torna a pergunta ainda mais crucial e urgente. A resposta, no entanto, vem de longe.

Sessenta e tantos anos atrás, alguns estudantes de medicina na Polônia, na Hungria e na Checoslováquia começaram a notar que havia algo de muito estranho no ar. Eles haviam lutado na resistência antinazista junto com seus

colegas, e isto havia consolidado laços de amizade e solidariedade que, esperavam, durariam para sempre. Aos poucos, após a instauração do regime comunista, novos professores e funcionários, enviados pelos governantes, estavam alterando profundamente o ambiente moral nas universidades daqueles países. Um jovem psiquiatra escreveu:

> (...) sentíamos que algo estranho tinha invadido nossas mentes e algo valioso estava se esvaindo de forma irreparável. O mundo da realidade psicológica e dos valores morais parecia suspenso em um nevoeiro gelado. Nosso sentimento humano e nossa solidariedade estudantil perderam seus significados, como também aconteceu com o patriotismo e nossos velhos critérios estabelecidos. Então, nos perguntamos uns aos outros, "isso está acontecendo com você também?".

Impossibilitados de reagir, eles começaram a trocar idéias, perguntando como poderiam se defender da devastação psicológica geral. Aos poucos essas conversações evoluíram para o plano de um estudo psiquiátrico da elite dirigente comunista e da sua influência psíquica sobre a população.

O estudo prosseguiu em segredo, durante décadas, sem poder jamais ser publicado. Aos poucos os membros da equipe foram envelhecendo e morrendo (nem sempre de causas naturais), até que o último deles, o psiquiatra polonês Andrej (Andrew) Lobaczewski (1921-2007), reuniu as notas de seus colegas e compôs o livro que veio a sair pela primeira vez no Canadá, em 2006, e que agora a Vide Editorial, de Campinas, está a publicar em tradução brasileira de Adelice Godoy: "Ponerologia: Psicopatas no Poder", do qual extraí o parágrafo acima.

"Poneros", em grego, significa "o mal". O mal, porque o traço dominante no caráter dos novos dirigentes, que davam o modelo de conduta para o resto da sociedade, era inequivocamente a psicopatia. O psicopata não é um

psicótico, um doente mental. Só lhe falta uma coisa: os sentimentos morais, especialmente a compaixão e a culpa. Não que ele desconheça esses sentimentos. Conhece-os perfeitamente, mas os vivencia de maneira puramente intelectual, como informações a ser usadas, sem participação pessoal e íntima. Quanto maior a sua frieza moral, maior a sua habilidade de manipular as emoções dos outros, usando-as para os seus próprios fins, que, nessas condições, só podem ser malignos e criminosos. Justamente porque não sentem compaixão nem culpa, os psicopatas sabem despertá-las nos outros como quem toca um piano e produz o acorde que lhe convém.

Não é preciso nenhum estudo especial para saber que, invariavelmente, o discurso comunista, pró-comunista ou esquerdista é cem por cento baseado na exploração da compaixão e da culpa. Isso é da experiência comum.

Mas o que o dr. Lobaczewski e seus colaboradores descobriram foi muito além desse ponto. Eles descobriram, em primeiro lugar, que só uma classe de psicopatas tem a agressividade mental suficiente para se impor a toda uma sociedade por esses meios. Segundo: descobriram que, quando os psicopatas dominam, a insensitividade moral se espalha por toda a sociedade, roendo o tecido das relações humanas e fazendo da vida um inferno. Terceiro: descobriram que isso acontece não porque a psicopatia seja contagiosa, mas porque aquelas mentes menos ativas que, meio às tontas, vão se adaptando às novas regras e valores, se tornam presas de uma sintomatologia claramente histérica, ou histeriforme. O histérico não diz o que sente, mas passa a sentir aquilo que disse – e, na medida em que aquilo que disse é a cópia de fórmulas prontas espalhadas na atmosfera como gases onipresentes, qualquer empenho de chamá-lo de volta às suas percepções reais abala de tal modo a sua

segurança psicológica emprestada, que acaba sendo recebido como uma ameaça, uma agressão, um insulto.

É assim que um grupo relativamente pequeno de líderes psicopáticos destrói a alma de uma nação.

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

por Flavio Quintela

TRAGÉDIAS, GENOCÍDIOS, MASSACRES. O homem, em sua breve história, tem sido capaz das mais terríveis atrocidades, deixando em sua história um rastro indelével de maldade e sofrimento. Mas de onde vem esse comportamento? O que permite a vazão do mal por dentro dos grupos humanos e das sociedades a ponto de fomentar as mais nefastas manifestações de maldade, que o homem comum tem sequer a capacidade de compreender?

Os cientistas sociais têm tentado responder a essas perguntas enquanto observam perplexos as manifestações do mal sobre a Terra. Diante de seus olhos, especialmente nos últimos cem anos, regimes cada vez mais assassinos têm se descortinado, numa sequência nefasta de psicopatas detentores de muito poder: Hitler, Stálin, Mao, Pol Pot, Castro. Homens que mataram mais do que as pragas, doenças, guerras e cataclismos do passado.

Existe algo que possamos fazer para nos prevenir destas pessoas, que muitas vezes nem conseguimos catalogar como humanas, de tão cruéis e sanguinárias que são? As sociedades modernas podem se utilizar da história recente para evitar a repetição das tragédias que assolaram o século XX? Que conhecimento é esse e em que ramo da ciência ele se encontra?

A resposta é muito simples: precisamos estudar a Ponerologia.

Andrew Lobaczewski viveu no meio de um regime de psicopatas, na Polônia, durante os tempos de ditadura Soviética. *Expert* no estudo da psicopatia, ele fez parte de um grupo de cientistas que buscaram as respostas a todas as

questões acima. Muitos foram mortos e tiveram suas anotações destruídas pelos governos totalitários à sua volta, que perceberam o perigo que esses estudos representavam ao seu *modus operandi*. O próprio Lobaczewski teve que fazer o mesmo trabalho três vezes – a primeira versão de sua obra foi queimada por ele mesmo para escapar de uma busca efetuada em sua casa pela polícia secreta, e a segunda versão se perdeu nas mãos de um turista que havia prometido levá-la para fora da Polônia. Graças à sua perseverança, calcada na certeza de que o mundo precisava de armas para lutar contra esse tipo de mal, temos hoje em nossas mãos essa obra de valor inestimável.

A Ponerologia é a nova ciência nascida do trabalho destes homens, e seu objeto de estudo são os mecanismos da gênese do mal. Este livro admirável, que agora está disponível em português, discorre sobre os diversos tipos de personalidades anômalas e suas origens – algumas hereditárias, outras aprendidas e outras ainda físicas, decorrentes de danos no tecido cerebral. É impossível ler o trabalho de Lobaczewski e não se surpreender com a precisão de suas descrições, e de como algo escrito há três décadas consegue se encaixar tão perfeitamente nos dias de hoje. Ele é quase profético ao descrever as etapas de "ponerização" das sociedades, o surgimento de líderes psicopatas, o funcionamento de grupos que nutrem e apoiam esses líderes, sua ascensão a um poder maior etc. É algo de arrepiar, principalmente quando levamos em conta o momento atual do Brasil.

Mas esta obra não seria completa se não oferecesse um remédio para o mundo. E é justamente isso que encontramos no terço final do livro, onde o autor descreve diversas possibilidades de prevenção à criação do mal que poderiam ser implementadas em qualquer sistema democrático. Medidas que, se postas em prática, evitariam a morte de outros milhões de pessoas, simplesmente por afastar os

psicopatas e outras personalidades doentes da possibilidade de ocuparem posições e cargos onde teriam o poder de comandar a morte.

Ponerologia é um livro imprescindível para quem quer entender cientificamente a presença dos grandes males na história da humanidade. Sem apelar para moralismos ou dogmas religiosos, é uma obra ímpar, um marco no combate ao mal.

PREFÁCIO DO AUTOR

AO APRESENTAR A MEUS HONRADOS LEITORES ESTE VOLUME, no qual trabalhei geralmente durante as manhãs, antes de sair para ganhar o pão difícil de cada dia, eu gostaria primeiramente de pedir desculpas pelos defeitos resultantes de circunstâncias anômalas. Eu admito prontamente que essas lacunas deveriam ser preenchidas, não importa quanto tempo leve, pois os fatos nos quais este livro é baseado são de necessidade premente; ainda que não tenha sido por falha do autor, esses dados chegaram tarde demais.

O leitor tem direito a uma explicação sobre a longa história e as circunstâncias por trás da composição deste livro, e não somente sobre seu conteúdo em si. Este é, na verdade, o terceiro manuscrito que já criei sobre o mesmo assunto. Eu joguei o primeiro manuscrito na fornalha de meu aquecedor central, após ter sido avisado em cima da hora sobre uma busca oficial que seria conduzida apenas alguns minutos depois. Eu enviei um segundo rascunho a um dignitário da Igreja no Vaticano através de um turista norte-americano, e nunca consegui obter qualquer tipo de informação sobre o destino da encomenda depois que saiu de minhas mãos.

Esta longa história da elaboração deste assunto tornou a criação da terceira versão ainda mais trabalhosa. Parágrafos e frases de uma ou ambas as versões anteriores assombraram a mente do autor e tornaram mais difícil o planejamento apropriado do conteúdo.

Os primeiros dois rascunhos foram escritos numa linguagem muito modificada para o benefício dos especialistas com a bagagem necessária, particularmente no campo da psicopatologia. O desaparecimento da segunda versão também significou a perda da maioria acachapante dos dados e fatos estatísticos que teriam sido muito valiosos

e conclusivos para especialistas da área. Diversas análises de casos individuais também foram perdidas.

A versão atual contém somente os dados estatísticos que haviam sido memorizados devido ao uso freqüente, ou que puderam ser reconstruídos com uma precisão satisfatória. Eu também adicionei os dados, particularmente os de mais fácil acesso do campo da psicopatologia, que considero essenciais na apresentação deste assunto a leitores com uma boa educação geral, e especialmente aos representantes das ciências política e social e aos políticos. Eu também nutro a esperança de que este trabalho possa atingir uma audiência mais ampla e disponibilizar alguns dados científicos úteis, que possam servir como uma base para a compreensão do mundo e história contemporâneos. Que ele possa também tornar mais fácil para os leitores a compreensão de si mesmos, de seus vizinhos e de outras nações do mundo.

Quem produziu o conhecimento e realizou o trabalho resumido nas páginas deste livro? Foi um empreendimento conjunto que não consistiu somente de meus esforços, mas que representou os resultados de muitos pesquisadores, alguns dos quais não conhecidos pelo autor. A gênese situacional deste livro torna virtualmente impossível separar as realizações e dar o crédito apropriado a cada indivíduo por seus esforços.

Eu trabalhei na Polônia, longe dos centros políticos e culturais, por muitos anos. Foi lá que eu me ocupei de diversos testes e observações detalhados que deveriam ser combinados com as generalizações resultantes de vários outros cientistas, com vistas a produzir uma introdução geral para o fenômeno macrossocial que nos rodeia. O nome da pessoa responsável pela produção da síntese final foi mantido em segredo, o que era compreensível e necessário para aquela dada época e situação. Eu recebia muito ocasionalmente resumos anônimos dos resultados de testes

conduzidos por outros pesquisadores da Polônia e da Hungria; uma pequena quantidade de dados era publicada, para não levantar a suspeita de que um trabalho especializado estava sendo compilado, e esses dados poderiam ser localizados ainda hoje.

A síntese esperada deste trabalho não aconteceu. Todos os meus contatos se tornaram inoperantes como resultado de uma onda pós-Stálin de repressão e de prisões secretas de pesquisadores no início da década de sessenta. O restante dos dados científicos em minha posse eram muito incompletos, ainda que de um valor impagável. Levou muitos anos de trabalho solitário para soldar esses fragmentos em um todo coerente, preenchendo as lacunas com minha experiência e pesquisa próprias.

Minha pesquisa sobre psicopatia essencial, e seu papel excepcional no fenômeno macrossocial, foi conduzida ao mesmo tempo, ou pouco depois, das dos outros. As conclusões dos outros chegaram mais tarde até mim, e confirmaram as minhas. O item mais característico do meu trabalho é o conceito geral de uma nova disciplina chamada “ponerologia”. O leitor também encontrará outros fragmentos de informação baseados em minha própria pesquisa. Eu também fiz a melhor síntese geral que minhas habilidades permitiram.

Como autor da obra final eu expresso aqui meu profundo respeito por todos aqueles que iniciaram a pesquisa e continuaram a conduzi-la sob risco para suas carreiras, sua saúde e suas vidas. Eu presto aqui uma homenagem aos que pagaram o preço com o sofrimento ou com a morte. Que este trabalho possa compensar seus sacrifícios de alguma forma, onde quer que eles estejam hoje. Tempos mais conducentes a este trabalho podem fazer surgir seus nomes, tanto os de quem jamais cheguei a conhecer, como dos que já esqueci.

A. LOBACZEWSKI
Nova Iorque, agosto de 1984.

INTRODUÇÃO

Peço ao leitor que imagine um hall de entrada bem grande em um prédio universitário antigo, no estilo Gótico. Muitos de nós íamos para lá, ainda quando estávamos no início dos nossos estudos, a fim de ouvir as aulas de notórios filósofos e cientistas. Nós nos reunimos de volta neste lugar – sob ameaça – no ano anterior à graduação, para ouvir as aulas de doutrinação que haviam sido introduzidas recentemente.

Uma pessoa que nenhum de nós conhecia apareceu por detrás do púlpito e nos informou que ele seria agora o professor. Seu discurso era fluente, mas não havia nada de científico nele: ele não conseguia distinguir entre conceitos científicos e senso comum e tratava as idéias na fronteira entre um e outro, como se fossem uma sabedoria da qual não se poderia duvidar. Durante noventa minutos por semana, ele nos inundou com uma visão ingênua, presunçosamente falaciosa e patológica, da realidade humana. Nós éramos tratados com desprezo e com um ódio mal controlado. Uma vez que tirar sarro poderia resultar em terríveis conseqüências, nós tínhamos que ouvi-lo atentamente e com extrema gravidade.

Logo apareceram os boatos sobre a origem desta pessoa. Ele tinha vindo do subúrbio de Cracóvia e freqüentou o colegial, embora ninguém soubesse se ele tinha sido graduado. De qualquer forma, esta foi a primeira vez que ele cruzou as portas da universidade, e o fez como um professor, simples assim.

"Você não consegue convencer ninguém desta forma!" nós cochichávamos entre nós. "É realmente propaganda dirigida contra eles mesmos". Mesmo depois de tal tortura mental, levou um longo tempo para alguém quebrar o silêncio.

Nós estudávamos a nós mesmos, já que sentíamos que algo estranho tinha invadido nossas mentes e algo valioso estava se esvaindo de forma irreparável. O mundo da realidade psicológica e dos valores morais parecia suspenso em um nevoeiro gelado. Nosso sentimento humano e nossa solidariedade estudantil perderam seus significados, como também aconteceu com o patriotismo e nossos velhos critérios estabelecidos. Então, nos perguntamos uns aos outros, "isso está acontecendo com você também?" Cada um de nós experimentava, do seu próprio jeito, esta aflição sobre sua própria personalidade e sobre o seu futuro. Alguns de nós respondíamos às questões com o silêncio. A profundidade destas experiências revelou-se diferente para cada pessoa.

Nós então imaginamos como nos protegeríamos dos resultados desta "doutrinação". Teresa D. fez a primeira sugestão: vamos passar um final de semana nas montanhas. Funcionou. Companhias agradáveis, um pouco de brincadeira, então o cansaço, seguido por um sono profundo em um abrigo e nossas personalidades humanas retornaram, embora ainda com um certo vestígio de antes. O tempo também provou ser adequado para criar uma imunidade psicológica, ainda que não para todos. Analisar as características psicopáticas da personalidade do "professor" também mostrou ser outro excelente meio para proteger a própria saúde psicológica.

Você pode imaginar nossa preocupação, desapontamento e surpresa quando alguns colegas que nos eram próximos, repentinamente, começaram a mudar suas visões de mundo. O padrão de pensamento deles, além disso, nos lembrava a conversa do "professor". Seus sentimentos, que bem

recentemente tinham sido amigáveis, tornaram-se claramente frios, embora ainda não fossem hostis. Argumentos benevolentes ou de estudantes críticos tornaram-se certos para eles. Eles davam a impressão de possuir algum conhecimento secreto; nós éramos somente os seus ex-colegas, que ainda acreditavam no que aqueles “professores antigos” nos tinham ensinado. Nós precisávamos ter cuidado com o que dizíamos para esses colegas. Esses nossos ex-colegas logo entraram para o Partido.

Quem eram eles? De quais grupos sociais tinham vindo? Que tipo de estudantes e pessoas eram? Como e por que eles mudaram tanto em menos de um ano? Por que nem eu e nem a maioria dos meus amigos estudantes sucumbiram sob este fenômeno e processo? Muitas destas questões pipocavam em nossas cabeças. Foi nesta época, a partir destas questões, observações e atitudes que nasceu a idéia de que esse fenômeno deveria ser objetivamente estudado e entendido; uma idéia cujo significado maior cristalizou com o tempo.

Muitos de nós, psicólogos recém-graduados, participamos nas observações e reflexões iniciais, mas muitos desistiram por conta de problemas materiais ou acadêmicos. Somente poucos daquele grupo permaneceram; e o autor deste livro talvez seja o *último dos moicanos*.[1]

Foi relativamente fácil determinar os ambientes e as origens das pessoas que sucumbiram a esse processo, o qual eu então chamei de “transpersonificação”. Eles vieram de todos os grupos sociais, inclusive de famílias da aristocracia e de famílias muito religiosas, e representou uma “baixa” na nossa solidariedade estudantil, de aproximadamente 6%. A grande maioria remanescente sofreu vários graus de desintegração da personalidade, o que deu origem a uma busca individual pelos valores necessários para se encontrarem novamente; os resultados foram variados e, em alguns casos, criativos.

Apesar disso, nós não tínhamos dúvidas quanto à natureza patológica desse processo de “transpersonificação”, que funcionou de forma similar mas não necessariamente idêntica, em todos os casos. A duração dos resultados desse fenômeno também variou. Algumas dessas pessoas, mais tarde, tornaram-se fanáticos. Outros se aproveitaram de várias circunstâncias para reestabelecer o contato perdido com a sociedade das pessoas normais. Eles foram substituídos. *O único valor constante do novo sistema social foi o número mágico de 6%.*

Nós tentamos avaliar o nível de talento daqueles colegas que sucumbiram a esse processo de transformação de personalidade e chegamos à conclusão que, na média, era ligeiramente mais baixo que a média da população estudantil. Sua resistência menor, é lógico, residia em outras características bio-psicológicas, as quais eram provavelmente qualitativamente heterogêneas.

Eu percebi que tinha que estudar assuntos que estavam no limite entre a psicologia e a psicopatologia, a fim de responder às questões que surgiam das nossas observações; a negligência científica dessas áreas mostrou-se como um obstáculo difícil de ser sobreposto. Ao mesmo tempo, parecia que uma pessoa guiada por um conhecimento especial havia esvaziado todas as bibliotecas de qualquer publicação que fosse relacionada ao tópico; havia livros indexados, mas eles não estavam fisicamente presentes.

Analisando estes eventos agora, em retrospectiva, baseando-nos no conhecimento psicológico específico, nós podemos dizer que o “professor” era uma isca pendurada sobre nossas cabeças. Ele sabia de antemão que iria pescar indivíduos submissos e sabia até mesmo como fazê-lo, mas os números limitados o desapontaram. O processo de transpersonificação geralmente se estabelece somente quando o substrato instintivo do indivíduo foi marcado pela

fraqueza ou por certos déficits. Em uma escala menor, ele também funcionou entre pessoas que manifestaram outras deficiências, nas quais o estado nelas provocado foi parcialmente provisório, sendo em grande parte o resultado da indução psicopatológica.

Este conhecimento sobre a existência de indivíduos suscetíveis e de como trabalhar sobre eles continuará sendo uma ferramenta para a conquista do mundo, enquanto este assunto permanecer como o segredo de tais “professores”. Quando ele se tornar uma ciência habilmente popularizada, isso ajudará as nações a desenvolver uma imunidade. Mas nenhum de nós sabia disso naquele momento.

Todavia, nós devemos admitir que, ao nos demonstrar as propriedades deste processo, de modo a nos forçar a uma experiência profunda, o professor nos auxiliou a compreender a natureza do fenômeno com uma abrangência maior do que muitos pesquisadores científicos de verdade que participaram neste trabalho em outras formas menos diretas.

***

Quando jovem, eu li um livro sobre um naturalista que estava perambulando através da floresta Amazônica. Em um dado momento, um pequeno animal caiu de uma árvore em sua nuca, arranhando dolorosamente sua pele e sugando o seu sangue. O biólogo cuidadosamente o removeu – sem ódio, uma vez que este era seu meio de alimentação – e passou a estudá-lo com cuidado. Esta história ficou presa em minha cabeça de forma obstinada durante aquele tempo tão difícil, quando um vampiro caiu em nossos pescoços, sugando o sangue de uma nação infeliz.

Mantendo a atitude de um naturalista que, enquanto tenta rastrear a natureza do fenômeno macrossocial apesar de todas as adversidades, garante uma certa distância intelectual

e uma melhor saúde psicológica em face dos horrores que poderiam, de outra forma, ser mais difíceis de encarar. Tal atitude também aumenta um pouco o sentimento de segurança e fornece um discernimento que pode auxiliar na obtenção de soluções mais criativas. Isso requer um rigoroso controle dos reflexos naturais e morais de repulsa, e outras emoções dolorosas que o fenômeno provoca em qualquer pessoa normal, que acaba ficando desprovida da sua alegria de viver e da sua segurança pessoal, vendo ruir o seu próprio futuro e o futuro da sua nação. A curiosidade científica, no entanto, torna-se um aliado leal durante este período.

***

Espero que meus leitores me perdoem por recontar aqui uma recordação de juventude que nos levará diretamente para dentro do assunto. Meu tio, um homem muito solitário, visitava nossa casa periodicamente. Ele havia sobrevivido à grande Revolução Soviética no interior da Rússia, de onde havia sido deportado pela polícia czarista. Por mais de um ano, ele vagueou da Sibéria à Polônia. Toda vez que encontrava um grupo armado, durante sua viagem, ele rapidamente tentava determinar qual ideologia eles representavam, branca ou vermelha, e em seguida, de forma habilidosa, fingia professá-la. Se o seu estratagema tivesse sido mal sucedido, ele teria perdido sua cabeça, estourada pela suspeição de que ele fosse um simpatizante do inimigo. Era mais seguro ter uma arma e pertencer a um grupo. Então, ele vagueava e lutava ao lado de cada grupo, geralmente até que encontrasse uma oportunidade de desertar na direção do oeste, a caminho da sua terra natal, a Polônia, um país que tinha acabado de retomar a sua liberdade.

Quando finalmente alcançou a sua amada terra natal de novo, ele conseguiu terminar seus estudos em Direito, tão longamente interrompidos, para tornar-se uma pessoa decente e obter uma posição de responsabilidade. Contudo,

ele nunca foi capaz de se libertar de suas memórias atemorizantes. As mulheres ficavam assustadas com suas histórias dos velhos dias ruins e pensavam não fazer sentido trazer uma nova vida a um futuro tão incerto. Por isso, ele nunca formou uma família. Talvez ele fosse incapaz de se relacionar com as pessoas que ele amava de forma apropriada.

Este meu tio recapturava seu passado contando às crianças da minha família as histórias sobre o que ele havia visto, experimentado e tomado parte; nossas imaginações juvenis não eram capazes de levar a termo nada daquilo. Um terror apavorante estremecia nos nossos ossos. Nós pensávamos: por que as pessoas perderam sua humanidade, qual foi a razão para tudo isso? Algum tipo de premonição apreensiva atravancou o nosso caminho, indo parar dentro das nossas mentes; infelizmente, ela veio a se tornar verdade no futuro.

***

Se fosse feita uma coleção de todos os livros que descrevem os horrores das guerras, as crueldades das revoluções e os atos sangrentos dos líderes políticos e seus sistemas, muitos leitores evitariam tal biblioteca. Trabalhos antigos seriam colocados lado a lado com livros escritos por historiadores e repórteres contemporâneos. Documentários investigativos sobre o extermínio alemão e os campos de concentração e extermínio da Nação Judia, fornecem dados estatísticos aproximados e descrevem o "trabalho" bem organizado de destruição de vidas humanas, usando uma linguagem adequadamente calma, e fornecem uma base concreta para o conhecimento da natureza do mal.

A autobiografia de Rudolf Hoess,[2] o comandante dos campos em Auschwitz e Birkenau, é um exemplo clássico de como um indivíduo psicopata inteligente, com carência de emoções humanas, pensa e se sente.

À frente destes, estariam os livros escritos pelas testemunhas da insanidade criminosa, como o livro “*O Zero e O Infinito*” de Arthur Koestler,[3] baseado na vida soviética do período anterior à Segunda Guerra Mundial; *Smoke over Birkenau*, que descreve as memórias pessoais de Severina Szmagkewska[4] sobre o campo de concentração feminino de Auschwitz, na Alemanha; “*A World Apart*”, que contém as memórias soviéticas de Gustav Herling-Grudzinski;[5] e os livros de Aleksandr Solzhenitsyn,[6] turgidos com o sofrimento humano.

A coleção incluiria ainda trabalhos de filosofia da história que discutem os aspectos morais e sociais da gênese do mal, mas que também usam leis históricas um tanto quanto misteriosas para justificar parcialmente as soluções manchadas de sangue. Contudo, um leitor atento estaria apto a detectar um certo grau de evolução nas atitudes dos autores desde a afirmação antiga sobre a escravidão primitiva e o assassinato de povos conquistados até a condenação moral dos dias atuais de tais métodos de comportamento.

Nesta tal biblioteca, porém, não haveria um único trabalho que oferecesse uma explicação suficiente das causas e processos a partir dos quais tais dramas históricos tiveram origem, de como e por que as fragilidades humanas e ambições degeneraram para esta loucura sedenta por sangue. Ao ler o presente livro, o leitor perceberá que escrevê-lo seria cientificamente impossível até recentemente.

As velhas questões permaneceriam não respondidas: o que fez isto acontecer? Todo mundo carrega a semente do crime dentro de si mesmo ou isso acontece somente com alguns de nós? Não importa quão fiel e psicologicamente verdadeira seja, nenhuma descrição literária dos fatos, como as narradas pelos autores mencionados acima, pode responder a estas questões, nem pode explicar completamente as origens do mal. Elas são, portanto,

incapazes de fornecer princípios suficientemente eficientes para neutralizar o mal. A melhor descrição literária de uma doença não produz um entendimento da sua etiologia essencial e, portanto, não fornece nenhum princípio para o tratamento. Da mesma forma, tais descrições de tragédias históricas são incapazes de elaborar medidas efetivas para neutralizar a gênese, a existência ou a propagação do mal.

Ao fazer uso da linguagem coloquial para circunscrever conceitos psicológicos, sociais e morais, que não podem ser descritos apropriadamente dentro da sua esfera de utilidade, nós fornecemos um tipo de compreensão substituta que nos leva a uma sensação irritante de desamparo. Nosso sistema natural de conceitos e imaginações não é equipado com o conteúdo factual necessário para permitir uma compreensão racional da qualidade dos fatores (particularmente os de conteúdo psicológico), os quais estavam ativos antes, na concepção, e durante tais períodos de crueldade desumana.

No entanto, devemos salientar que os autores de tais descrições literárias perceberam que suas linguagens não eram suficientes e então tentaram impregnar suas palavras com a precisão e com uma perspectiva adequada, quase como se eles antecipassem que alguém – em algum momento adiante – pudesse utilizar os seus trabalhos com o objetivo de explicar o que não podia ser explicado, nem mesmo com a melhor linguagem literária. Se esses autores não tivessem sido tão precisos e descritivos em sua linguagem, este autor teria sido incapaz de utilizar tais trabalhos para suas próprias propostas científicas.

Em geral, muitas pessoas ficam horrorizadas por tal literatura; particularmente em sociedades hedonistas, as pessoas possuem uma tendência a buscar refúgio na ignorância ou em doutrinas ingênuas. Algumas pessoas até sentem um certo desprezo pelas pessoas que sofrem. A influência de tais livros pode, desta forma, ser

particularmente nociva; nós devemos contrariar essa influência, indicando aquilo que os autores tiveram que deixar de lado por conta da incapacidade de contenção de nosso mundo de conceitos e imaginações cotidianos.

O leitor não vai encontrar aqui, no entanto, nenhuma descrição horripilante de comportamento criminal ou de sofrimento humano. Não é trabalho do autor apresentar uma figura retroativa dos materiais apresentados por pessoas que viram e sofreram mais do que ele próprio, e cujos talentos literários são maiores. A introdução de tais descrições neste trabalho seria contrária ao objetivo: não só concentraria a atenção em tais ocorrências e tiraria o foco de muitas outras, mas, principalmente, desviaria a atenção do leitor do verdadeiro cerne da questão, isto é, "*as leis gerais da origem do mal*".

Para rastrear os mecanismos de comportamento da gênese do mal, é necessário manter tanto a repulsa quanto o medo sob controle, submeter-se à paixão pela ciência epistemológica e desenvolver uma percepção tranqüila que é necessária à história natural. Não devemos jamais perder de vista o objetivo: traçar os processos da ponerogênese,[7] aonde eles podem nos levar e quais ameaças podem nos trazer no futuro.

Este livro, portanto, pretende pegar o leitor pela mão e conduzi-lo para além do universo de conceitos e imaginação que ele utiliza como apoio para descrever seu mundo desde a infância, de uma forma excessivamente egoísta, provavelmente porque seus pais, o ambiente e as pessoas do seu país usavam conceitos similares aos seus. Portanto, nós devemos mostrar ao leitor uma seleção apropriada do universo de conceitos factuais que deram origem ao pensamento científico recente e que permitirão a ele obter um entendimento do que permanece irracional no seu sistema de conceitos do cotidiano.

Contudo, essa excursão para dentro de outra realidade não será um experimento psicológico conduzido nas mentes dos leitores com o único propósito de expor os pontos fracos e as lacunas em sua visão natural do mundo. Ao contrário, é uma necessidade urgente, devido aos problemas prementes do mundo contemporâneo, e que só podemos ignorar por nossa conta e risco.

É importante perceber que é possível que não consigamos distingüir o caminho que leva a uma catástrofe nuclear, do caminho que leva à dedicação criativa, a menos que saiamos para além deste mundo de egotismo[8] natural e de conceitos bem familiares. Então, podemos passar a compreender que o caminho foi escolhido para nós, por forças poderosas, contrárias à nossa nostalgia caseira, e que não encontra correspondência com os conceitos humanos que nos são familiares. Nós precisamos ir além deste pensamento ilusório do cotidiano, para nosso próprio bem e dos nossos entes queridos.

As ciências sociais já elaboraram sua própria linguagem convencional, a qual faz a mediação entre a visão do homem comum e a visão naturalista totalmente objetiva. Ela é útil para os cientistas em termos de comunicação e cooperação, mas ainda não é o tipo de estrutura conceitual que leva totalmente em consideração as premissas biológicas, psicológicas e patológicas das questões tratadas no segundo e quarto capítulos deste livro. Nas ciências sociais, a terminologia convencional *elimina as normas críticas* e coloca a ética à parte; nas ciências políticas, a terminologia leva a uma avaliação subestimada dos fatores que descrevem a essência das situações políticas quando o mal está no núcleo.

Esta linguagem das ciências sociais fez com que o autor e outros investigadores se sentissem impotentes e cientificamente paralisados quando iniciamos nossa pesquisa sobre a natureza misteriosa que envolveu o nosso país, e

ainda destrói as tentativas de se chegar a uma compreensão objetiva do fenômeno. Em última análise, eu não tive outra escolha a não ser recorrer às terminologias biológica, psicológica e psicopatológica objetivas, com o objetivo de trazer a atenção à verdadeira natureza do fenômeno, o centro da questão.

A natureza do fenômeno sob investigação, assim como as necessidades dos leitores, particularmente aqueles não familiarizados com a psicopatologia, determinam a forma descritiva, que primeiro introduz os dados e conceitos necessários para depois compreender psicológica e moralmente as ocorrências patológicas. Nós devemos então iniciar com as questões da personalidade humana, intencionalmente formuladas de tal forma que coincidam amplamente com a experiência prática do psicólogo, para depois passar para questões selecionadas de psicologia social. Na capítulo sobre "ponerologia", iremos nos familiarizar com a forma na qual se dá a origem do mal, em cada escala social, enfatizando o papel efetivo de alguns fenômenos psicopatológicos no processo da ponerogênese. Isso facilitará a transição da linguagem natural para a linguagem objetiva necessária das ciências naturais, da psicologia e da estatística, no nível requerido e suficiente. Espero que a discussão destes temas em termos clínicos não seja entediante ao leitor.

Na opinião do autor, a Ponerologia revela-se como um novo ramo da ciência, gerado a partir de uma necessidade histórica e dos mais recentes estudos da medicina e da psicologia. À luz da linguagem natural objetiva, a Ponerologia estuda os componentes causais e o processo da gênese do mal, independentemente do seu âmbito social. Nós podemos tentar analisar estes processos ponerogênicos que deram origem à injustiça humana, armados com o conhecimento apropriado, particularmente na área da psicopatologia. Repetidamente, como o leitor irá descobrir, num estudo como

esse, nos encontramos com os efeitos dos fatores patológicos cujos operadores são pessoas caracterizadas por serem portadoras, em algum grau, de diversos desvios ou defeitos psicológicos.

O mal moral e o mal psicobiológico são, de fato, inter-relacionados por tantas relações causais e influências mútuas que somente podem ser separados por meio de abstrações. Contudo, a habilidade de diferenciá-los qualitativamente pode nos ajudar a evitar uma interpretação moralizadora dos fatores patológicos, um erro ao qual todos nós estamos sujeitos e que contamina a mente humana de uma forma insidiosa, sempre que temas sociais e morais estão em discussão.

A ponerogênese do *fenômeno macrossocial* – o mal em larga escala – que constitui o objeto mais importante deste livro, aparece sujeita às mesmas leis naturais que operam sobre as questões humanas no nível individual ou em pequenos grupos. O papel das pessoas com vários defeitos psicológicos e anomalias de um nível clinicamente baixo, parecem ser uma característica constante de tal fenômeno. No fenômeno macrossocial, nós iremos chamar mais tarde de "patocracia" uma certa anomalia hereditária isolada como "psicopatia essencial", que é essencial de forma catalítica e causal para a gênese e para a sobrevivência do mal social em larga escala.

Nossa visão natural do mundo, na realidade, cria uma barreira para o nosso entendimento de tais questões e, assim, é necessário estar familiarizado com os fenômenos psicopatológicos, tais como aqueles encontrados neste campo de estudo, com o objetivo de romper essa barreira. Os leitores talvez possam desculpar os ocasionais lapsos do autor, no decorrer deste caminho inovador, e seguir sem medo sua orientação, familiarizando-se quase que sistematicamente com os dados fornecidos como prova, nos primeiros capítulos. A partir de então nós deveremos estar aptos a

aceitar a verdade a respeito da natureza do mal, sem protestos automáticos provenientes do nosso egotismo natural.

Os especialistas que estão familiarizados com a psicopatologia encontrarão um caminho menos romântico. Contudo, eles observarão algumas diferenças acerca da interpretação de vários fenômenos bem conhecidos, resultantes, em parte, das situações anômalas sob as quais a pesquisa foi feita, mas principalmente por causa da *penetração mais intensiva* necessária para atingir a proposta principal. Esta é a razão pela qual este aspecto do nosso trabalho contém certos valores teóricos úteis para a psicopatologia. A expectativa é que os não-especialistas dependerão da longa experiência do autor para distinguir anomalias psicológicas individuais encontradas entre as pessoas e identificadas no processo da gênese do mal.

É necessário salientar que consideráveis vantagens morais, intelectuais e concretas podem ser obtidas a partir do entendimento do processo da ponerogênese, graças à objetividade natural requerida. A herança das questões éticas de longo prazo não é, através disso, destruída, muito pelo contrário, é *reforçada*, uma vez que os métodos científicos modernos confirmam os valores básicos do ensino moral. Contudo, a ponerologia força algumas correções a respeito de muitos detalhes.

Entender a natureza dos fenômenos patológicos macrossociais nos permite encontrar uma perspectiva e uma atitude saudáveis em relação a estes fenômenos, auxiliando-nos a proteger as nossas mentes dos venenos decorrentes deste conteúdo doentio e da influência de suas propagandas. A contrapropaganda incessante à qual recorreram alguns países com uma linguagem humana normal, poderia ser facilmente substituída por informações objetivas de natureza científica sobre o assunto. O ponto principal é que nós só

podemos vencer este enorme câncer social contagioso se compreendermos suas causas essenciais e etiológicas. Isso eliminaria o mistério deste fenômeno e sua principal vantagem competitiva. *Ignoti nulla est curatio morbi!*[9]

Tal entendimento da natureza dos fenômenos que este estudo traz, nos leva à conclusão lógica de que as medidas para sanar e reordenar o mundo de hoje devem ser completamente diferentes daquelas utilizadas até agora para resolver os conflitos internacionais. Soluções para tais conflitos devem ser como antibióticos modernos ou, melhor ainda, como uma psicoterapia aplicada de forma adequada, em vez da abordagem antiga baseada em armas, tais como porretes, espadas, tanques ou mísseis nucleares. O objetivo deveria ser sanar problemas sociais, não destruir a sociedade. Uma analogia pode ser feita entre o método arcaico da sangria de um paciente, em oposição ao método moderno de fortalecimento e recuperação do mesmo a fim de obter a cura.

Com referência aos fenômenos de natureza ponerogênica, o simples conhecimento somente pode iniciar a cura de indivíduos e auxiliar suas mentes na recuperação da harmonia. No final deste livro nós discutiremos como utilizar este conhecimento para chegar a decisões políticas corretas e como aplicá-lo a uma terapia geral para o mundo.

---

1 Referência ao livro de James Fenimore Cooper publicado em 1826 e que popularizou-se pelas adaptações feitas para o cinema – NT.

2 Rudolf Hoess foi comandante do campo de concentração de Auschwitz e deixou uma autobiografia que foi publicada em 1958.

3 Arthur Koestler é escritor e autor do romance “O Zero e o Infinito”, no original, *Darkness at Noon*, que conta a história de Rubashov, um personagem poderoso do regime que é preso e julgado por traição – NT.

4 Szmaglewska Seweryna escritora, viveu como prisioneira em campos de concentração de 1942 a 1945. Escreveu *Smoke over Birkenau* (Fumaça sobre Birkenau). Foi testemunha no Julgamento de Nuremberg e escreveu vários

4 Szmaglewska Seweryna escritora, viveu como prisioneira em campos de concentração de 1942 a 1945. Escreveu *Smoke over Birkenau* (Fumaça sobre Birkenau). Foi testemunha no Julgamento de Nuremberg e escreveu vários romances, relacionados principalmente com a guerra e com a ocupação.

5 Gustav Herling-Grudzinski foi um jornalista e escritor polonês famoso por ter escrito suas memórias sobre o período em que passou em um Gulag soviético, no livro *A World Apart* (Um mundo à parte).

6 Alexander Issaiévich Soljenítsin foi um romancista e historiador russo que revelou ao mundo, através de seus livros, os sistemas de campos de trabalhos forçados na antiga União Soviética. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1970 – NT.

7 Ponerologia / Ponerogênese: o estudo da natureza do mal; do grego 'poneros' (mal) – NT.

8 Egotismo é a atitude, subconscientemente condicionada como uma regra, pela qual atribuímos valor excessivo aos nossos reflexos instintivos, às nossas imaginações e hábitos adquiridos desde muito cedo, e à nossa visão de mundo individual – NT.

9 *Ignoti nulla est curatio morbi! – "não há tratamento para doença desconhecida"* – Maximiano, *Elegia* 3 – NT.

TRÊS PRINCIPAIS ITENS HETEROGÊNEOS COINCIDIRAM para formar a civilização européia: a Filosofia Grega, o direito do Império Romano e o Cristianismo, que foram consolidados pelo tempo e pelos esforços das gerações posteriores. A cultura desta herança cognitiva/espiritual que assim nasceu era internamente pouco clara, com uma linguagem de conceitos excessivamente apegada à matéria e à lei, e que revelou-se demasiadamente rígida para compreender os aspectos psicológicos e espirituais da vida.

Tal estado de coisas teve repercussões negativas sobre nossa habilidade de compreender a realidade, especialmente aquela realidade relacionada à humanidade e à sociedade. Os europeus tornaram-se relutantes em estudar a realidade (subordinando a inteligência aos fatos) mas, em seu lugar, tiveram a tendência de impor à natureza seus esquemas ideológicos subjetivos, os quais são extrínsecos e não completamente coerentes. Somente nos tempos modernos, graças ao desenvolvimento das ciências naturais, que estudam os fatos pela sua própria natureza, bem como a captação da herança filosófica de outras culturas, nos foi possível ajudar a esclarecer o nosso mundo de conceitos e permitir sua própria homogeneização.

É surpreendente observar a tribo autônoma que a cultura dos antigos gregos representava. Mesmo naqueles dias, dificilmente uma civilização conseguia se desenvolver no isolamento, sem ser afetada, em particular, pelas culturas antigas. Contudo, mesmo com essa consideração, parece que a Grécia estava relativamente isolada, culturalmente falando.

Isso aconteceu provavelmente devido à era decadente à qual os arqueólogos referem-se como a “Idade das Trevas”, que ocorreu naquela área mediterrânea entre 1200 e 1800 a.C., e também à agressividade da tribo dos *Achaeans*.[10]

Entre os gregos, uma imaginação mitológica muito rica, desenvolvida no contato direto com a natureza e com as experiências da vida e da guerra, forneceu uma imagem desta ligação entre a natureza do país e as pessoas. Essas condições testemunharam o nascimento de uma tradição literária e, mais tarde, de reflexões filosóficas pela busca dos conceitos gerais, dos conteúdos essenciais e dos critérios de valores. A herança grega é fascinante devido à sua riqueza e individualidade, mas acima de tudo devido à sua natureza primária. Nossa civilização, contudo, poderia ter sido melhor servida se os gregos tivessem feito um uso mais amplo das conquistas de outras civilizações.

Roma era muito vital e prática para refletir profundamente sobre os pensamentos gregos, dos quais tinha se apropriado. Nesta civilização imperial, as necessidades administrativas e os desenvolvimentos jurídicos impuseram prioridades concretas. Para os romanos, o papel da filosofia era mais didático, útil para auxiliar o desenvolvimento do processo de pensamento que posteriormente seria utilizado para o despacho nas funções administrativas e no exercício das opções políticas. Essa influência grega de reflexão suavizou os hábitos romanos, que tiveram um efeito saudável no desenvolvimento do império.

Contudo, em qualquer civilização imperial, os problemas complexos envolvendo a natureza humana são fatores preocupantes e complicadores das leis que regulam os assuntos públicos e as funções administrativas. Isso causou uma tendência ao desprezo por tais assuntos e ao desenvolvimento de um conceito de personalidade humana

simplificado o suficiente para servir aos propósitos da lei. Os cidadãos romanos podiam atingir os seus objetivos e desenvolver suas atitudes pessoais dentro de um sistema determinado pelo destino e pelos princípios legais, o que caracterizava a situação de um indivíduo com base em premissas que tinham pouco a ver com características psicológicas reais. A vida espiritual das pessoas que não tinham o direito à cidadania não era um assunto apropriado para estudos mais sérios. Por isso, a psicologia cognitiva permaneceu estéril, uma condição que sempre produziu recessão moral em ambos os níveis, público e individual.

O Cristianismo teve ligações mais fortes com as culturas antigas do continente asiático, incluindo as reflexões filosóficas e psicológicas. Isso foi, é claro, um fator dinâmico que o tornou mais atrativo, mas não foi o mais importante. A observação e o entendimento sobre as transformações aparentes que a fé causava nas personalidades humanas criou uma escola psicológica de pensamento e arte da parte dos primeiros fiéis. Esta nova relação com outra pessoa, isto é, com o próximo, caracterizada pelo entendimento, perdão e amor abriu a porta para uma experiência psicológica que, muitas vezes apoiada por um fenômeno carismático, produziu frutos abundantes durante os primeiros três séculos depois de Cristo.

Um observador daquele tempo deve ter esperado que o Cristianismo ajudasse a desenvolver a arte do entendimento humano em um nível mais alto que o de outras culturas ou religiões e também que tal conhecimento protegesse as gerações futuras dos perigos do pensamento especulativo divorciado da realidade psicológica profunda, a qual somente pode ser compreendida através do respeito sincero por outro ser humano.

A História, contudo, não confirmou tais expectativas. Os sintomas de decadência na sensibilidade e na compreensão

psicológica, assim como a tendência do Império Romano de impor padrões extrínsecos sobre os seres humanos, podem ser observados desde 350 d.C. Durante as eras posteriores, o Cristianismo passou por todas as dificuldades que resultaram da falta de conhecimento psicológico da realidade. Estudos exaustivos das razões históricas para a supressão do desenvolvimento da cognição humana na nossa civilização seriam um esforço extremamente útil.

Antes de mais nada, o Cristianismo adaptou a herança da linguagem e do pensamento filosófico gregos para os seus propósitos. Isso tornou possível o desenvolvimento da sua própria filosofia, mas os traços primitivos e materialistas daquela linguagem impuseram certos limites que atrasaram, por muitos séculos, a comunicação entre o Cristianismo e outras culturas religiosas.

A mensagem de Cristo cresceu pela costa e pelos caminhos batidos das linhas de transporte do Império Romano, para dentro da civilização do império, mas somente através de perseguições sangrentas e compromissos derradeiros com o poder de Roma e o seu direito. Roma finalmente passou a lidar com a ameaça através da apropriação do Cristianismo para seus objetivos e, como resultado, a Igreja Cristã apropriou-se das formas organizacionais de Roma e as adaptou às instituições sociais existentes. Como efeito deste processo inevitável de adaptação, o Cristianismo herdou os hábitos romanos de pensamento legal, incluindo a sua indiferença à natureza humana e à sua variedade.

Dois sistemas heterogêneos foram então ligados de modo tão permanente, que séculos mais tarde esqueceu-se quão estranhos eles realmente eram um para o outro. Contudo, o tempo e o compromisso não eliminaram as inconsistências internas e a influência romana retirou do Cristianismo alguns dos seus conhecimentos psicológicos primordiais

mais profundos. Tribos cristãs, desenvolvendo-se sob condições culturais diferentes, criaram formas tão variadas que a manutenção da unidade tornou-se uma impossibilidade histórica.

A "Civilização Ocidental" surgiu, portanto, dificultada por uma grave deficiência em uma área que não só pode exercer um papel criativo, como efetivamente o faz, e cujo objetivo é proteger as sociedades de vários tipos de males. Esta civilização desenvolveu fórmulas na área do direito, seja ele nacional, civil, ou mesmo canônico, as quais foram concebidas para *seres inventados ou simplificados*. Estas fórmulas deram pouca atenção ao conteúdo total da personalidade humana e às grandes diferenças entre os membros individuais da espécie *Homo Sapiens*. Por muitos séculos, qualquer entendimento de certas anomalias psicológicas encontradas entre alguns indivíduos estava fora de questão, até mesmo quando essas anomalias causavam catástrofes, repetidamente.

Esta civilização foi *insuficientemente resistente ao mal,* o qual se origina além das áreas da consciência humana facilmente acessíveis e que tira vantagem da enorme lacuna entre o pensamento formal ou legal e a realidade psicológica. Em uma civilização deficiente no conhecimento psicológico, indivíduos hiperativos direcionados pelas suas dúvidas internas, que são causadas por uma sensação de ser diferente, encontram facilmente um eco pronto nas consciências pouco desenvolvidas de outras pessoas. Tais indivíduos sonham em impor seu poder e seus diferentes modos de experimentar sobre seus ambientes e sua sociedade. Infelizmente, em uma sociedade ignorante psicologicamente, seus sonhos têm uma boa chance de se tornar realidade para eles e um pesadelo para os outros.

Nos anos de 1870, um evento muito impetuoso ocorreu: uma busca pela verdade escondida sobre a natureza humana foi iniciada, como um movimento secular, baseado no progresso da medicina e da biologia, de forma que este conhecimento teve seu início na esfera material. Desde o início, muitos pesquisadores tinham uma visão do grande papel futuro desta ciência para o bem da paz e da ordem. Contudo, ao relegar o conhecimento anterior à esfera espiritual, tal abordagem da personalidade humana foi necessariamente unilateral. Pessoas como Ivan Pavlov,[11] C. G. Jung[12] e outros, logo notaram esta parcialidade e tentaram chegar a uma síntese. A Pavlov, contudo, não foi permitido declarar publicamente suas convicções.

A psicologia é a única ciência na qual o observador e o observado pertencem à mesma espécie, e às vezes são até a mesma pessoa em um ato de introspecção. É fácil, então, que erros subjetivos sejam introduzidos no processo racional de pensamento da pessoa que utiliza imagens comuns e hábitos individuais. Este erro cria um círculo vicioso, como um cachorro que corre atrás do próprio rabo, originando problemas decorrentes da falta de distância entre o observador e o observado, uma dificuldade inexistente em outras disciplinas.

Algumas pessoas, tais como os behavioristas,[13] tentaram, a todo custo, evitar o mesmo erro. No processo, eles empobreceram os conteúdos do conhecimento em tal extensão que restou muito pouco material. Contudo, eles produziram uma disciplina de pensamento muito produtiva. Com muita freqüência, o progresso foi elaborado por pessoas simultaneamente direcionadas por ansiedades internas e pela busca de um método para ordenar suas próprias personalidades pelo caminho do conhecimento e do autoconhecimento. Se estas ansiedades fossem causadas por

um defeito na criação, então a superação destas dificuldades daria origem a excelentes descobertas. Contudo, se a causa de tais ansiedades residisse *na natureza humana*, então o resultado seria uma tendência permanente de deformar o entendimento do fenômeno psicológico. Dentro desta ciência, o progresso é, infelizmente, muito dependente dos valores individuais e da natureza dos seus profissionais. É também dependente do clima social. Sempre que uma sociedade torna-se escravizada por outras ou pelas regras de uma classe nativa excessivamente privilegiada, a psicologia é a primeira disciplina que sofre censuras e incursões da parte de um corpo administrativo, que acaba dando a última palavra sobre o que representa a verdade científica.

Graças ao trabalho de excelentes precursores, contudo, a disciplina científica existe e continua a se desenvolver, apesar de todas as dificuldades; é útil para a vida em sociedade. Muitos pesquisadores preenchem as lacunas desta ciência com dados detalhados que funcionam como fatores de correção à subjetividade e imprecisão dos famosos pioneiros. Os males da infância de qualquer nova disciplina persistem, incluindo uma falta de ordem geral e de síntese, assim como persiste a tendência de fragmentação em escolas individuais, que esclarecem sobre certas conquistas teóricas e práticas, ao custo de se limitarem em outras áreas.

Ao mesmo tempo, no entanto, descobertas de natureza prática são colhidas para o bem das pessoas que necessitam de ajuda. As observações diretas, fornecidas pelo trabalho diário dos terapeutas no campo, são mais úteis na formação da compreensão científica e no desenvolvimento da linguagem da psicologia contemporânea do que qualquer experimento acadêmico ou deliberações empreendidas em laboratório. Afinal de contas, a vida mesma providencia condições variadas, sejam confortáveis ou trágicas, que sujeitam os indivíduos humanos a experimentos tais, que

nenhum cientista em laboratório algum poderia jamais proporcionar. Este livro mesmo existe por causa de estudos de campo, de experimentos desumanos aplicados a nações inteiras.

A experiência ensina a mente de um psicólogo a como rastrear, rápida e efetivamente, a vida de outra pessoa, descobrindo as causas que condicionaram o desenvolvimento de sua personalidade e comportamento. Nossas mentes podem, então, reconstruir tais fatores que tiveram influência sobre esta pessoa, embora *ela mesma esteja alheia a eles*. Ao fazê-lo, nós não utilizamos, como regra, a estrutura natural de conceitos comumente referida como "senso comum", que se baseia na opinião pública e de muitos indivíduos. Ao contrário, usamos categorias que são tão objetivas quanto nos seja possível conseguir. Os psicólogos utilizam a linguagem conceitual com descrições de fenômenos que são independentes de qualquer imaginação comum, e isso é uma ferramenta indispensável para a atividade prática. Na prática, contudo, ela geralmente se torna mais uma gíria clínica do que a linguagem científica diferenciada que deveríamos adotar. Uma analogia pode ser traçada entre esta linguagem conceitual da psicologia e os símbolos matemáticos. Muito freqüentemente, uma simples letra grega permanece por várias páginas de operações matemáticas, a qual é instantaneamente reconhecida pelos matemáticos.

Nas categorias de objetividade psicológica, conhecimento e pensamento são baseados nos mesmos princípios lógicos e metodológicos já considerados como sendo as melhores ferramentas em muitas outras áreas das ciências naturais. As exceções a essas regras têm se tornado uma tradição para nós e para as criaturas similares a nós, mas que acabam por produzir mais erros do que utilidade. Ao mesmo tempo, contudo, a aderência consistente a esses princípios, e a rejeição de limitações científicas adicionais nos leva em direção a um horizonte maior, a partir do qual é possível vislumbrar uma *causalidade sobrenatural*. Aceitar a existência de tais fenômenos dentro da personalidade humana torna-se uma necessidade, se nossa linguagem de conceitos psicológicos for permanecer dentro de uma estrutura objetiva.

Ao afirmar sua própria personalidade, o homem tem a tendência a reprimir do campo de sua consciência quaisquer associações que indiquem um condicionante causal externo da sua visão de mundo e comportamento. As pessoas mais jovens, em particular, querem acreditar que escolhem livremente suas intenções e decisões; contudo, ao mesmo tempo, um psicólogo analista experiente pode rastrear as condições causais dessas escolhas sem muita dificuldade. Muito desse condicionamento está encoberto dentro de nossa infância; as memórias podem se afastar na distância, mas nós carregamos os resultados das nossas primeiras experiências conosco, por toda a nossa vida.

Quanto maior o nosso entendimento da causalidade da personalidade humana, mais forte será a impressão que a humanidade é uma parte da natureza e da sociedade, sujeita a dependências que estamos sempre mais hábeis para entender. Superando a nostalgia humana, nós podemos então especular se não há realmente espaço para um escopo de

liberdade, para um *Purusha*.[14] Quanto maior o progresso feito por nós na arte de entender as causas humanas, mais hábeis estaremos para liberar a pessoa que confia em nós dos efeitos tóxicos do condicionamento, o qual abafa desnecessariamente sua liberdade de compreensão própria e de tomada de decisão. Nós estamos, então, em uma posição de cerrar fileiras com nosso paciente, na busca da melhor saída para seus problemas. Se sucumbirmos à tentação de usar a estrutura natural de conceitos psicológicos para este objetivo, nosso aconselhamento soará similar aos muitos pronunciamentos não-produtivos que ele já deve ter ouvido e que, de fato, nunca conseguiram ajudá-lo a se livrar de seu problema.

A visão de mundo – cotidiana, habitual, psicológica, social e moral – é um produto do processo de desenvolvimento do homem dentro da sociedade, sob a influência constante de traços inatos. Entre estes traços inatos estão a fundação instintiva e filogeneticamente determinada da espécie humana, e a educação dada pela família e pelo ambiente. Nenhuma pessoa pode se desenvolver sem ser influenciada por outras pessoas e por suas personalidades, ou sem a influência dos valores imbuídos provenientes de sua civilização e de suas tradições morais e religiosas. É por isso que a visão de mundo natural dos seres humanos não pode nem ser suficientemente universal, nem completamente verdadeira. As diferenças entre os indivíduos e nações são o produto tanto das disposições herdadas como da ontogênese[15] das personalidades.

Desta forma, é significativo que os valores principais dessa visão de mundo natural do homem indiquem similaridades básicas, apesar das grandes divergências de tempo, raça e civilização. Essa visão de mundo deriva de modo bastante óbvio *da natureza das nossas espécies* e da experiência natural das sociedades humanas que atingiram um certo nível

necessário de civilização. Os refinamentos baseados nos valores da literatura ou das reflexões filosóficas e morais mostram diferenças, mas, falando de forma geral, tendem a aglutinar as linguagens conceituais naturais de várias civilizações e eras. As pessoas com uma educação humanística podem, portanto, ficar com a impressão de que atingiram a sabedoria. Nós devemos também continuar a respeitar a sabedoria daquele "senso comum" derivado da experiência de vida e de suas respectivas reflexões.

Contudo, um psicólogo consciencioso deve se fazer as seguintes perguntas: mesmo que a visão de mundo natural tenha sido refinada, ela espelha a realidade com confiabilidade suficiente? Ou ela somente espelha *as percepções da nossa espécie*? Em que extensão nós podemos depender dela como uma base para a tomada de decisões nas esferas individual, social e política?

A experiência nos ensina, antes de tudo, que a visão de mundo natural tem tendências permanentes e características a uma deformação ditada por nossos traços instintivos e emocionais. Em segundo lugar, nosso trabalho nos expõe a vários fenômenos que não podem ser entendidos, nem descritos pela linguagem natural apenas. Uma linguagem científica e objetiva competente para analisar a essência do fenômeno torna-se então uma ferramenta indispensável. Ela também se mostra similarmente indispensável para um entendimento das questões apresentadas neste livro.

Agora, depois de termos estabelecido as bases, tentaremos listar as mais importantes tendências para a distorção da realidade e outras insuficiências da visão natural de mundo do homem.

Essas funções emocionais, que são um componente natural da personalidade humana, nunca são completamente apropriadas à realidade que está sendo experimentada. Isso

resulta tanto do nosso instinto como dos erros comuns da nossa criação. Este é o motivo pelo qual a melhor tradição de pensamento religioso e filosófico sempre aconselhou que se tenha domínio sobre as emoções, com o objetivo de se atingir uma visão mais precisa da realidade.

A visão de mundo natural é também caracterizada por uma tendência similar, emocional, de dotar nossas opiniões de julgamento moral, sempre muito negativo, como se para expressar nossa indignação. É um apelo às tendências que estão profundamente enraizadas na natureza humana e nos costumes da sociedade. Nós facilmente extrapolamos este método de compreensão para os casos de manifestações ou comportamentos humanos impróprios, que são, na verdade, causados por deficiências psicológicas menores. Quando outras pessoas se comportam de um modo que consideramos ser "mau", nós tendemos a fazer um julgamento de má intenção em vez de procurar entender as condições psicológicas que as podem ter direcionado para este comportamento e as convencido de que estão, na realidade, se comportando de forma apropriada. Assim, qualquer interpretação moralizante de um fenômeno psicopatológico menor é errônea e leva meramente a um número excepcional de conseqüências infelizes, e é por isso que iremos nos referir repetidamente a ela.

Outro defeito da visão de mundo natural é sua falta de universalidade. Em toda sociedade, um certo percentual de pessoas desenvolveu uma visão de mundo um tanto diferente daquela usada pela maioria. As causas de aberrações são, em qualquer meio, qualitativamente monolíticas; nós as discutiremos com mais detalhes no capítulo quarto.

Outra deficiência essencial da visão de mundo natural é sua abrangência limitada de aplicabilidade. A geometria euclidiana foi suficiente para a reconstrução técnica do nosso mundo e para uma viagem à lua e aos planetas mais

próximos. Nós somente necessitamos de uma geometria cujos axiomas são menos naturais, se atingirmos o interior de um átomo ou se formos para fora do sistema solar. As pessoas normais não encontram fenômenos para os quais a geometria euclidiana seja insuficiente. Algumas vezes, durante sua vida, praticamente toda pessoa se vê diante de problemas com os quais tem que lidar. Uma vez que a compreensão dos fatores que estão verdadeiramente operando está além da noção dada pela visão de mundo natural, essa pessoa geralmente apela para a emoção: a intuição e a busca pela felicidade. Sempre que encontramos uma pessoa cuja visão de mundo individual se desenvolveu sob a influência de condições não típicas, nós tendemos a lhe transmitir um julgamento moral, em nome da nossa visão de mundo "mais típica". Resumindo, sempre que algum fator psicopatológico não identificado entra em cena, a visão natural de mundo do homem deixa de ser aplicável.

Indo mais adiante, nós sempre nos encontramos com pessoas sensíveis dotadas de uma visão de mundo natural bem desenvolvida em relação aos aspectos psicológicos, morais e sociais, freqüentemente refinada através da influência literária, de deliberações religiosas e de reflexões filosóficas. Tais pessoas têm a tendência pronunciada de superestimar os valores da sua visão de mundo, comportando-se como se tais valores fossem uma base objetiva para julgar os outros. Elas não levam em consideração o fato de que tal sistema de apreensão de aspectos humanos também pode ser errôneo, uma vez que é insuficientemente objetivo. Vamos chamar tal atitude de "egotismo da visão de mundo natural". Até o momento, tem sido o tipo de egotismo menos pernicioso, sendo meramente uma avaliação exagerada desse método de compreensão que contém os valores eternos da experiência humana.

Hoje, contudo, o mundo está sendo prejudicado por um fenômeno que não pode ser entendido, nem descrito através de tal linguagem conceitual natural; este tipo de egotismo torna-se então um fator perigoso, sufocando a possibilidade de contramedidas objetivas. O desenvolvimento e a popularização da visão de mundo psicologicamente objetiva pode então expandir de forma significativa a possibilidade de se lidar com o mal, por meio de ações sensatas e de contramedidas.

A linguagem objetiva-psicológica, baseada em critérios filosóficos maduros, deve encontrar os requisitos derivados de seus fundamentos teóricos e ir ao encontro das necessidades da prática individual e macrossocial. Ela deve ser avaliada totalmente com *base nas realidades biológicas* e constituir uma extensão da linguagem conceitual análoga elaborada pelas ciências naturais antigas, particularmente a medicina. Sua faixa de aplicabilidade deve cobrir todos aqueles fatos e fenômenos condicionados por fatores biológicos reconhecíveis, para os quais essa linguagem natural provou-se inadequada. Ela deve, dentro deste sistema, permitir o entendimento suficiente dos conteúdos, e das causas variadas, para a gênese das visões de mundo diferente, mencionadas anteriormente.

A elaboração de tal linguagem conceitual, estando bem além do escopo individual de qualquer cientista, é um trabalho de passo-a-passo; com a contribuição de muitos cientistas, amadurecendo até o ponto em que possa ser organizada sob a supervisão filosófica à luz dos princípios acima mencionados. Tal tarefa contribuiria fortemente para o desenvolvimento de toda as ciências bio-humanísticas e sociais, liberando-as das limitações e tendências errôneas impostas pela influência demasiada da linguagem natural da imaginação psicológica, especialmente quando combinada com um componente excessivo de egotismo.

Muitas das questões com as quais lidamos neste livro estão além do escopo de aplicabilidade da linguagem natural. O quinto capítulo deve lidar com o fenômeno macrossocial que tornou a nossa linguagem científica tradicional completamente ilusória. Entender estes fenômenos, portanto, requer uma separação consistente dos hábitos de tal método de pensamento, e o uso de um sistema de conceitos o mais objetivo possível. Para este propósito, é necessário desenvolver os conteúdos, organizá-los e torná-los familiares aos leitores.

Ao mesmo tempo, um exame dos fenômenos cuja natureza determinou o uso de tal sistema será de grande contribuição para o enriquecimento e aperfeiçoamento do sistema de conceitos objetivos.

Enquanto trabalhava neste assunto, o autor foi gradualmente se acostumando a compreender a realidade por meio deste mesmo método, uma forma de pensamento que acabou se tornando tanto a mais apropriada como a mais econômica em termos de tempo e esforço. Ela também protege a mente de seu egotismo natural e de quaisquer excessos emocionais.

No curso das investigações acima mencionadas, cada pesquisador experimentou seu próprio período de crise e frustração, quando se tornou evidente para ele que os conceitos nos quais ele havia confiado provaram-se claramente inaplicáveis. Ostensivamente, hipóteses corretas formuladas na linguagem conceitual e natural, cientificamente desenvolvida, tornaram-se completamente infundadas à luz dos fatos e dos cálculos estatísticos preliminares. Ao mesmo tempo, a elaboração de conceitos melhor adaptados para a realidade investigada, tornou-se extremamente complexa: afinal, a chave para as questões reside em uma área científica ainda em processo de desenvolvimento.

Para sobreviver a esse período foi necessária a aceitação e o respeito por um sentimento de ignorância, verdadeiramente valioso para um filósofo. Toda ciência nasce em uma área não habitada por imaginações populares, que devem ser superadas e deixadas para trás. Neste caso, no entanto, o procedimento tinha que ser excepcionalmente radical; nós tínhamos que nos aventurar em qualquer área indicada pela análise sistemática dos fatos, os quais observamos e experimentamos de dentro de uma condição amadurecida do mal macrossocial, guiados pela luz dos requisitos da metodologia científica. Isso tinha que ser sustentado, apesar das dificuldades causadas pelas condições externas extraordinárias e pelas nossas próprias personalidades humanas.

Bem poucos dos muitos que iniciaram este caminho conseguiram chegar ao final, já que desistiram por diversas razões conectadas a este período de frustração. Alguns deles se concentraram em uma única questão, sucumbindo a um tipo de fascinação em relação ao seu valor científico; aprofundaram-se em questões detalhadas. Suas realizações podem estar presentes nesta obra, uma vez que eles entenderam a busca geral do seu trabalho. Outros desistiram diante dos problemas científicos, das dificuldades pessoais ou por causa do medo de serem descobertos pelas autoridades, que eram altamente vigilantes nessas matérias.

A leitura atenta deste livro confrontará o leitor com problemas similares, embora em uma escala muito menor. Ela pode conduzir a uma certa impressão de injustiça, devido à necessidade de deixar para trás uma porção significativa de nossas conceituações anteriores, ao sentimento de que nossa visão de mundo natural é inaplicável, e à dispensabilidade de alguns envolvimentos emocionais. Assim, eu peço aos meus leitores que aceitem esses sentimentos que os perturbam no espírito do amor ao conhecimento e seus valores redentores.

As explicações acima foram cruciais para transformar a linguagem deste trabalho mais facilmente compreensível aos leitores. O autor tentou abordar os assuntos descritos aqui de tal forma que possibilite evitar a perda de contato com o mundo dos conceitos objetivos e não se tornar incompreensível para qualquer pessoa fora de um círculo estreito de especialistas. Nós devemos, portanto, implorar ao leitor o perdão por qualquer deslize sobre esta corda tensa que une os dois métodos de pensamento. Contudo, o autor não seria um psicólogo experiente se ele não pudesse predizer que alguns leitores rejeitarão os dados científicos fornecidos dentro deste trabalho, ao sentir que constituem um ataque à sabedoria natural de sua experiência de vida.

Quando Augusto Comte[16] tentou encontrar uma nova ciência sociológica no início do século XIX, ou seja, bem antes do nascimento da psicologia moderna, ele se deparou imediatamente com o problema do homem, um mistério que ele não pôde resolver. Ao rejeitar as simplificações da Igreja Católica sobre a natureza humana, não sobrou nada, exceto os esquemas tradicionais de compreensão da personalidade, derivados das tão conhecidas condições sociais. Assim, ele teria que evitar esse problema, entre outros, se quisesse criar seu novo ramo científico sob tais condições.

Assim, ele aceitou que a célula básica da sociedade é a família, algo muito mais fácil de caracterizar e tratar como um modelo elementar das relações sociais. Isto também poderia ser feito por meio da linguagem de conceitos compreensíveis, sem o confronto com os problemas que não poderiam realmente ser superados naquele momento. Logo depois, J. Stuart Mill[17] apontou as deficiências de conhecimento psicológico resultantes e o papel dos indivíduos.

O êxito em lidar com as dificuldades que resultaram foi atingido somente agora, ao reforçar laboriosamente as bases existentes da ciência pelos avanços da psicologia, uma ciência que pela sua própria natureza trata *o indivíduo como o objeto básico de observação*. Essa reestruturação e aceitação de uma linguagem psicológica objetiva permitirá, com o tempo, que a sociologia se torne uma disciplina objetiva que possa espelhar suficientemente a realidade social com objetividade e atenção ao detalhe, fazendo dela uma base para a ação prática. Afinal de contas, é *o homem que é a unidade básica da sociedade*, incluindo toda a complexidade de sua personalidade humana.

Para entender o funcionamento de um organismo, a medicina começa com a citologia, que estuda as diversas estruturas e funções das células. Se queremos entender as leis que governam a vida social, nós devemos, de forma similar, primeiro entender o ser humano individual, sua natureza fisiológica e psicológica, e aceitar totalmente a qualidade e a perspectiva das diferenças (particularmente as psicológicas) entre os indivíduos que constituem os dois sexos, as diferentes famílias, associações e grupos sociais, bem como a estrutura complexa da sociedade mesma.

O sistema Soviético, doutrinário e baseado em propaganda, contém uma contradição característica embutida cujas causas serão prontamente compreensíveis até o final deste livro. A origem do homem a partir dos animais, destituído de qualquer ocorrência extraordinária, é aceita como base óbvia para a visão de mundo materialista. Ao mesmo tempo, contudo, *eles suprimem o fato de que o homem tem um dom instintivo*, ou seja, alguma coisa em comum com o resto do mundo animal. Se confrontados com questões especialmente perturbadoras, muitas vezes eles admitem que o homem contém uma porção insignificante desta tal herança filogenética de sobrevivência e, no entanto, *impedem a publicação de qualquer trabalho que estude este fenômeno básico da psicologia*.[18]

Para entender a humanidade, contudo, *nós devemos ganhar um entendimento primário do substrato instintivo da espécie humana e reconhecer seu papel considerável na vida dos indivíduos* e nas sociedades. Este papel escapa facilmente de nossa observação, uma vez que nossas respostas instintivas da espécie humana parecem tão auto-evidentes, e são tantas vezes tomadas como corriqueiras, que não despertam interesse suficiente. Um psicólogo, formado na observação de seres humanos, somente após anos de experiência

profissional é capaz de avaliar por inteiro o papel deste fenômeno eterno da natureza.

O substrato instintivo do homem tem uma estrutura biológica levemente diferente da dos demais animais. Energeticamente falando, ele se tornou menos dinâmico e mais plástico, renunciando assim seu trabalho como o principal ditador do comportamento. Tornou-se mais receptivo aos controles da razão sem, contudo, perder muito dos ricos conteúdos específicos da humanidade.

É precisamente esta base filogeneticamente desenvolvida da nossa experiência, e seu dinamismo emocional, que permite aos indivíduos desenvolverem seus sentimentos e limites sociais, nos habilitando a intuir os estados psicológicos dos outros indivíduos e as realidades psicológicas individuais ou sociais. Então, é possível perceber e entender os costumes humanos e os valores morais. Desde a infância, este substrato estimula várias atividades, objetivando o desenvolvimento das funções mais elevadas da mente. Em outras palavras, *nosso instinto é nosso primeiro tutor*, que carregamos dentro de nossas vidas. A educação apropriada das crianças não está, portanto, limitada a ensinar uma pessoa jovem a controlar as reações excessivamente violentas de seu emocionalismo instintivo; deve também ensiná-las a apreciar a sabedoria natural que está contida em seus dons instintivos, e que fala através deles.

Este substrato contém *o valor de milhões de anos de desenvolvimento bio-psicológico*, que foi o produto das condições de vida das espécies, e assim não é e nem pode ser uma criação perfeita. As fraquezas tão bem conhecidas da nossa natureza humana e os erros na percepção e compreensão natural da realidade têm sido condicionados neste nível filogenético por milênios.

O substrato comum da psicologia tornou possível para as pessoas, através dos séculos e das civilizações, criar conceitos relacionados aos assuntos humanos, sociais e morais que compartilham similaridades significativas. Variações no decorrer das épocas e entre raças nesta área *são menos surpreendentes que aquelas variações que diferenciam pessoas com um substrato instintivo humano normal de pessoas portadoras de um defeito bio-psicológico instintivo*, ainda que sejam membros da mesma raça e civilização. É conveniente retornar a essa questão constantemente, uma vez que ela é de grande importância para os problemas que são discutidos neste livro.

O homem viveu em grupos ao longo da sua pré-história, de forma que o substrato instintivo da nossa espécie foi moldado nesta relação, condicionando assim nossas emoções no tocante à busca da existência. A necessidade de uma estrutura interna apropriada de associação e a tentativa de conseguir um papel à sua altura dentro dessa estrutura são codificados nesse mesmo nível. Em última análise, nosso instinto de autopreservação é liderado por outro sentimento: o bem-estar da sociedade exige que façamos sacrifícios e, em alguns casos, até o sacrifício supremo. Ao mesmo tempo, no entanto, vale a pena apontar que, se nós amamos um homem, amamos o seu instinto humano, acima de tudo.

Nosso zelo para controlar qualquer pessoa prejudicial a nós mesmos ou ao nosso grupo é uma necessidade tão primária que é quase um reflexo, não deixando dúvidas que está *também codificada no nível instintivo*. Nosso instinto, no entanto, *não diferencia um comportamento motivado por uma simples falha humana de um comportamento executado por um indivíduo com aberrações patológicas*. É justamente o contrário: nós instintivamente tendemos a julgar o último de forma mais severa, dando ouvidos ao esforço natural de eliminar os indivíduos biológica ou psicologicamente defeituosos. Nossa

tendência para um erro que gera maldade como esse é, assim, condicionada no nível instintivo.

É também nesse nível que as diferenças entre indivíduos normais começam a ocorrer, influenciando a formação de seus caráteres, suas visões de mundo e suas atitudes. As diferenças principais estão no dinamismo bio-psicológico desse substrato; diferenças de conteúdo são secundárias. Para algumas pessoas, o instinto ativo substitui a psicologia; para outras, ele cede facilmente ao controle da razão. Parece também que algumas pessoas têm um dom instintivo de alguma forma mais profundo e sutil que o de outras. Deficiências significativas nessa herança, todavia, ocorrem somente em um percentual bem pequeno da população humana; e nós observamos que isso é qualitativamente patológico. Nós devemos observar estas anomalias mais de perto, uma vez que elas participam desta patogênese do mal que gostaríamos de entender mais plenamente.

Uma estrutura de efeito mais sutil é construída sobre nosso substrato instintivo, graças à constante cooperação deste, bem como às práticas de educação infantil na família e na sociedade. Com o tempo, essa estrutura se torna o componente mais facilmente observável de nossa personalidade, dentro da qual ele representa um papel integrativo. Este efeito mais alto é fundamental para a nossa ligação à sociedade e é por isso que o seu desenvolvimento correto é um dever próprio dos pedagogos e constitui um dos objetos de esforços dos psicoterapeutas, quando se percebe que está sendo formado de modo irregular. Ambos, pedagogos e psicoterapeutas, em alguns casos se sentem perdidos se este processo de formação foi influenciado por um substrato instintivo defeituoso.

***

Graças à memória, esse fenômeno cada vez melhor descrito pela psicologia, mas cuja natureza ainda permanece parcialmente misteriosa, o homem guarda as experiências de vida e os conhecimentos propositadamente adquiridos. Há uma ampla variação individual em relação a essa capacidade, sua qualidade e seus conteúdos. Uma pessoa jovem também olha o mundo diferentemente de um ancião dotado de uma boa memória. As pessoas com boa memória e com um bom conhecimento tem uma tendência maior a acessar os dados escritos da memória coletiva, com o objetivo de complementar a sua própria.

Este material coletado constitui a matéria subjetiva do segundo processo psicológico, chamado de associação; nosso entendimento de suas características é constantemente aprimorado, embora ainda não tenhamos a habilidade de projetar luz suficiente sobre sua criação. Apesar de, ou talvez graças aos julgamentos de valor emitidos por psicólogos e psicanalistas sobre essa questão, parece que atingir um entendimento sintético satisfatório dos processos associativos não será possível a menos e até que nós, humildemente, decidamos cruzar os limites da compreensão puramente científica.

Nossas faculdades racionais continuam a se desenvolver ao longo de toda a nossa vida ativa; assim, as habilidades de julgamento apurado não surgem até que nossos cabelos comecem a ficar grisalhos e o impulso do instinto, emoção e hábito comece a se acalmar. Trata-se de um produto coletivo derivado de uma interação entre o homem e o seu ambiente, do valor da criação e da transmissão de muitas gerações. O ambiente também pode ter uma influência destrutiva sobre o desenvolvimento de nossas faculdades racionais. Neste ambiente em particular, a mente humana é contaminada pelo pensamento conversivo,[19] que é a anomalia mais comum nesse processo. É por essa razão que o desenvolvimento

apropriado da mente requer períodos de reflexão solitária de vez em quando.

O homem também desenvolveu uma função psicológica não encontrada entre os animais. Somente o homem pode apreender uma certa quantidade de material ou de imaginações abstratas dentro de seu campo de atenção, inspecionando-os internamente com o objetivo de realizar operações posteriores da mente sobre este material. Isso nos habilita a confrontar fatos, efetuar operações técnicas e construtivas, e predizer resultados futuros. Se os fatos sujeitos a uma inspeção e projeção internas dizem respeito à própria personalidade do homem, este realiza um ato de introspecção essencial para monitorar o estado da personalidade humana e o significado de seu próprio comportamento. Este ato de projeção e exame internos complementa nossa consciência; é uma característica exclusiva do homem e de nenhuma outra espécie. Contudo, há uma divergência excepcionalmente ampla entre os indivíduos, sobre a capacidade para tais atos mentais. A eficiência desta função mental mostra, de certa forma, uma baixa correlação estatística com a inteligência geral.

Então, se falamos da inteligência geral do homem, devemos levar em consideração tanto sua estrutura interna como as diferenças individuais que ocorrem em cada nível dessa estrutura. O substrato da nossa inteligência, afinal de contas, contém uma herança instintiva natural de sabedoria e erro, dando origem à inteligência básica da experiência de vida. Sobreposta a esta construção, graças à memória e à capacidade associativa, temos a habilidade de efetuar operações complexas de pensamento, coroadas pelo ato de projeção interna, e de melhorar constantemente sua exatidão. Nós somos, por diversas maneiras, dotados com estas capacidades que compõem um mosaico de talentos individualmente diversificados.

A inteligência básica desenvolve-se a partir deste substrato instintivo sob a influência de um ambiente amigável e de um compêndio da experiência humana prontamente acessível; ela se entrelaça com um maior efeito, nos habilitando a compreender os outros e a intuir os seus estados psicológicos por meio de algum realismo ingênuo. Isso condiciona o desenvolvimento da razão moral.

Esta camada da nossa inteligência é amplamente distribuída dentro da sociedade; a maioria acachapante das pessoas a possui, e é por isso que podemos, tão freqüentemente, admirar a educação e a intuição nas relações sociais, e a moralidade sensível de pessoas que são dotadas de uma inteligência simplesmente mediana. Nós vemos também pessoas com uma inteligência surpreendente e que são desprovidas desses valores tão naturais. Assim como no caso das deficiências no substrato instintivo, os déficits nessa estrutura básica da nossa inteligência freqüentemente impõem funcionalidades que nós percebemos como patológicas.

A *distribuição* da capacidade intelectual humana dentro das sociedades é completamente diferente, e sua amplitude tem o maior alcance de todos. As pessoas altamente talentosas constituem uma pequena porcentagem de cada população, e aquelas com o mais alto quociente de inteligência correspondem a algumas poucas por mil. Apesar disso, contudo, essas últimas desempenham um papel tão significativo na vida coletiva que *qualquer sociedade que tente impedi-los de cumprir sua responsabilidade o faz por sua própria conta e risco.* Ao mesmo tempo, os indivíduos que mal conseguem dominar a aritmética simples e a arte de escrever são, em sua maioria, pessoas normais cujas inteligências básicas são, com freqüência, inteiramente adequadas.

É uma lei universal da natureza: quanto mais alta a organização psicológica de uma dada espécie, maiores são as

diferenças psicológicas entre as unidades individuais. O homem é a espécie que possui a mais alta organização; conseqüentemente, essas variações são as maiores. Tanto qualitativamente como quantitativamente, as diferenças psicológicas ocorrem em todas as estruturas da personalidade humana tratadas aqui, embora com a simplificação necessária. Diversificações psicológicas profundas podem atingir algumas pessoas como uma injustiça da natureza, mas na verdade são um direito desta e possuem significado.

A aparente injustiça da natureza aludida acima é, de fato, o grande dom da humanidade, que possibilita que as sociedades humanas desenvolvam suas estruturas complexas e que sejam altamente criativas tanto no nível individual como no coletivo. Graças à variedade psicológica, o potencial criativo de qualquer sociedade é muitas vezes maior do que aquele que seria possível se nossa espécie fosse psicologicamente mais homogênea. Devido a essas variações, a estrutura social implícita também pode se desenvolver. O destino das sociedades humanas depende de uma acomodação apropriada dos indivíduos dentro dessa estrutura e do modo como as variações inatas dos talentos são utilizadas.

Nossa experiência nos ensina que as diferenças psicológicas entre as pessoas são a causa dos mal-entendidos e problemas. Nós podemos superar estes problemas somente se *aceitarmos as diferenças psicológicas como uma lei da natureza e valorizar seu valor criativo*. Isso também nos possibilitaria alcançar uma compreensão objetiva do homem e das sociedades humanas; infelizmente, isso também nos ensinaria que a igualdade sob a lei é uma desigualdade sob a lei da natureza.

***

Se nós observarmos nossa personalidade humana, através de um acompanhamento consistente das causas psicológicas internas, e se for possível exaurir a questão a um grau suficiente, nós devemos chegar cada vez mais perto dos fenômenos cuja energia bio-psicológica é muito baixa, os quais começam a se manifestar para nós com uma certa sutileza característica. Ao descobrir este fenômeno, nós tentamos então rastrear nossas associações, particularmente porque havíamos esgotado a plataforma analítica disponível. Finalmente, devemos admitir que notamos alguma coisa dentro de nós que é um resultado de uma causa supra-sensorial. Este caminho pode ser o mais trabalhoso de todos, mas ele nos levará, porém, à maior das certezas materiais a respeito da existência daquilo sobre o que todos os principais sistemas religiosos falam. Qualquer fragmento da verdade conseguido através deste caminho nos provoca o respeito a alguns dos ensinamentos dos antigos sobre a existência de alguma coisa para além do universo material.

Se nós, então, desejamos entender a humanidade, o homem como um todo, sem abandonar as leis do pensamento requeridas pela linguagem objetiva, somos, por fim, forçados a aceitar esta realidade a qual está dentro de cada um de nós, normais ou não, seja porque a aceitamos por termos sido levados a isso ou porque tenhamos atingido tal conhecimento a partir de nós mesmos, ou ainda que a tenhamos rejeitado por razões materialistas ou por causa da ciência. Afinal de contas, invariavelmente, quando analisamos as atitudes psicológicas negativas, nós sempre discernimos uma afirmação que foi reprimida a partir do campo da consciência. Como conseqüência, o esforço subconsciente constante de negação de conceitos sobre coisas existentes produz um zelo para eliminá-los nas outras pessoas.

Abrir nossa mente, verdadeiramente, para a percepção desta realidade é, assim, indispensável àqueles cuja tarefa é

entender as outras pessoas, e é também aconselhável para qualquer pessoa. Graças a isso, nossa mente se torna livre de tensões internas e de estresses, e pode ser liberada de sua tendência a selecionar e substituir informações, incluindo aquelas áreas que são mais facilmente acessíveis à compreensão naturalista.

***

A personalidade humana é instável pela sua própria natureza, e um processo evolutivo ao longo da vida é o estado normal das coisas. Alguns sistemas políticos e religiosos defendem que este processo seja mais lento ou que atinjamos uma estabilidade excessiva na nossa personalidade, mas estes são estados não saudáveis do ponto de vista da psicologia. Se a evolução de uma personalidade humana ou de uma visão de mundo se congela de forma suficientemente profunda e por muito tempo, esta condição acaba por nos conduzir ao domínio da psicopatologia. O processo de transformação da personalidade revela seu significado graças à sua própria natureza criativa, a qual é baseada na aceitação consciente destas mudanças criativas como sendo o curso natural dos eventos.

Nossas personalidades também passam por períodos destrutivos temporários, como resultado de vários eventos da vida, especialmente se experimentarmos sofrimento ou nos encontrarmos em situações ou circunstâncias que estão em desacordo com nossas experiências e imaginações anteriores. Estes chamados transtornos desintegrativos são freqüentemente, mas não necessariamente, desagradáveis. Um bom trabalho dramático, por exemplo, nos habilita a experimentar um transtorno desintegrativo e ao mesmo tempo acalmar os componentes desagradáveis, fornecendo idéias criativas para uma reintegração renovada das nossas próprias personalidades. O verdadeiro teatro, portanto, causa a condição conhecida como catarse.

Um transtorno desintegrativo faz com que nos esforcemos mentalmente na tentativa de superá-lo, a fim de recuperarmos a homeostase ativa. Superar tais estados, corrigindo nossos erros e enriquecendo nossas personalidades, é, na realidade, um processo apropriado e criativo de reintegração, que leva a um estado mais alto de entendimento e aceitação das leis da vida, a uma melhor compreensão de si mesmo e dos outros e a uma sensibilidade altamente desenvolvida nas relações interpessoais. Nossos sentimentos também validam o êxito de um estado reintegrativo: as condições desagradáveis às quais sobrevivemos são dotadas de sentido. Assim, a experiência nos torna melhor preparados para o confronto com a próxima situação de transtorno desintegrativo.

Se, contudo, nós nos revelamos incapazes de gerenciar os problemas que ocorreram porque os nossos reflexos foram muito rápidos para reprimir e substituir o material desagradável da nossa consciência, ou por alguma razão similar, nossa personalidade experimenta uma egotização retroativa, mas não se livra da sensação de fracasso. Os resultados são devolucionários; a pessoa se torna de convivência mais difícil. Se não podemos vencer tal estágio desintegrativo porque as circunstâncias que o causaram eram dominantes ou porque nos faltou a informação essencial para o uso construtivo do mesmo, nosso organismo reage com uma condição neurótica.

***

O diagrama da personalidade humana aqui apresentado, sumarizado e simplificado por razões de necessidade, nos deixa cientes do quão complexos são os seres humanos em sua estrutura, suas mudanças e suas vidas mentais e espirituais. Se desejamos criar uma ciência social cujas descrições da nossa realidade sejam capazes de nos habilitar a confiar nelas na prática, nós temos que aceitar esta

complexidade e termos a certeza de que ela foi suficientemente respeitada. Qualquer tentativa de substituir este conhecimento básico com a ajuda de esquemas excessivamente simplificados leva à perda desta convergência indispensável entre o nosso raciocínio e a realidade que observamos. É nossa obrigação enfatizar novamente que o uso da linguagem natural para descrever a imaginação psicológica, com este propósito, não pode ser um substituto para as premissas objetivas.

De forma similar, é extremamente difícil para um psicólogo acreditar no valor de qualquer ideologia social baseada em premissas psicológicas simplificadas ou até mesmo ingênuas. Isso se aplica a qualquer ideologia que tente simplificar demais a realidade psicológica, seja ela utilizada por um sistema totalitário ou por, infelizmente, um sistema democrático. As pessoas são diferentes. Quaisquer coisas que sejam qualitativamente diferentes e que permaneçam em estado de permanente evolução não podem ser iguais.

***

Os enunciados acima mencionados sobre a natureza humana se aplicam às pessoas normais, com pequenas exceções. Contudo, cada sociedade no mundo contém um certo percentual de indivíduos, um número relativamente baixo, mas que são uma minoria ativa, *que não pode ser considerada normal*.

Nós enfatizamos que, neste livro, estamos lidando com anormalidades de uma forma qualitativa e não estatística. Pessoas excepcionalmente inteligentes são estatisticamente anormais, mas elas podem ser membros perfeitamente normais de uma sociedade, do ponto de vista qualitativo. Nós estamos procurando por indivíduos que compõem um número estatisticamente pequeno, mas cuja qualidade desta

diferença é tal que pode afetar, de forma negativa, centenas, milhares e até mesmo milhões de outros seres humanos.

Os indivíduos que desejamos considerar são pessoas que revelam um fenômeno mórbido, e nas quais podem ser observados desvios mentais e anomalias de vários tipos e intensidades. Muitas destas pessoas são direcionadas pelas ansiedades internas: elas buscam caminhos não convencionais de ação e de acomodação à vida, com uma certa hiperatividade característica. Em alguns casos, tal atividade pode ser pioneira e criativa, o que garante a tolerância da sociedade para alguns desses indivíduos. Alguns psiquiatras, especialmente os alemães, enalteceram tais pessoas como sendo portadoras da inspiração principal para o desenvolvimento da civilização; esta é uma visão unilateral desastrosa da realidade. Os leigos no campo da psicopatologia freqüentemente têm a impressão que tais pessoas representam alguns talentos extraordinários. Esta mesma ciência, contudo, explica que a hiperatividade destes indivíduos, e a sensação de serem excepcionais, são derivados do seu impulso para compensar a sensação de alguma deficiência. Essa atitude anormal resulta no obscurecimento da verdade: de que as pessoas normais são as mais ricas de todas.

O quarto capítulo deste livro contém uma descrição concisa de algumas destas anomalias, suas causas e a realidade biológica, selecionadas de modo a facilitar a compreensão deste trabalho como um todo. Outros dados estão distribuídos ao longo de vários trabalhos especializados que não estão incluídos aqui. Contudo, nós devemos considerar que a forma geral do nosso conhecimento nessa área, que é tão básico para o entendimento de muitos problemas difíceis da vida social, e também para suas soluções práticas, é insatisfatória. Muitos cientistas tratam esta área da ciência como sendo periférica; outros a

consideram ingrata porque ela leva facilmente a mal entendidos com outros especialistas. Como conseqüência, vários conceitos e várias convenções semânticas emergem, e a totalidade do conhecimento desta ciência ainda é caracterizada por uma natureza excessivamente descritiva. Este livro, contudo, reúne esforços cujo objetivo é trazer à luz os aspectos *causais* do fenômeno descritivamente conhecido.

O fenômeno patológico em questão, em geral de intensidade suficientemente baixa para ser mais facilmente ocultado da opinião circundante, une-se sem muita dificuldade ao processo eterno da gênese do mal, que posteriormente afeta pessoas, famílias e sociedades inteiras. Mais à frente, neste livro, nós iremos aprender que estes fatores patológicos tornam-se componentes indispensáveis em uma síntese que resulta no sofrimento humano em grande escala, e que rastrear suas atividades por meio do controle científico e da conscientização social pode se tornar uma arma efetiva contra o mal.

Pelas razões acima, esta dimensão da ciência psicopatológica representa uma parte indispensável da linguagem objetiva por nós tratada anteriormente. O aumento contínuo na precisão da análise dos fatos psicológicos e biológicos nesta área é uma precondição essencial para a compreensão objetiva de muitos fenômenos que se tornam extremamente onerosos à sociedade, bem como para uma solução moderna para problemas antigos. Biólogos, médicos e psicólogos que têm se esforçado nestes problemas elusivos e intrincados merecem assistência e encorajamento da sociedade, uma vez que seus trabalhos permitirão uma proteção futura, para as pessoas e para as nações, contra um mal cujas causas nós ainda não temos entendimento suficiente.

A natureza projetou o homem para ser social, como um estado já codificado antecipadamente no nível instintivo da nossa espécie, conforme já descrito acima. Nossas mentes e personalidades não poderiam, provavelmente, se desenvolver sem o contato e a interação com um círculo maior de pessoas. Nossa mente recebe dados dos outros, seja consciente ou inconscientemente, em relação a questões da vida emocional e mental, tradição e pensamento, através da sensibilidade ressonante, da identificação e da imitação, e pela troca de idéias e regras permanentes. O material que obtemos por estes meios é então transformado pela nossa psique para criar uma nova personalidade humana, que nós podemos chamar de "nossa própria". Contudo, nossa existência é dependente das ligações necessárias com aqueles que viveram antes, com aqueles que constroem a nossa sociedade no presente, e com aqueles que existirão no futuro. Nossa existência somente assume significado como uma função dos laços sociais; o isolamento hedonista faz com que fiquemos perdidos.

É o destino do homem cooperar ativamente para dar forma ao destino da sociedade, através de dois meios principais: formando, dentro dela, sua vida individual e familiar, e tornando-se ativo no somatório total dos assuntos sociais baseado em sua – tomara que suficiente – compreensão do que é necessário ser feito, do que deve ser feito e se ele consegue ou não fazê-lo. Isto requer que um indivíduo desenvolva duas áreas de conhecimento sobre as coisas, que de certa forma são sobrepostas; sua vida depende da qualidade do seu desenvolvimento, assim como sua nação e a humanidade como um todo.

Se, digamos, nós observamos uma colméia com um olhar de pintor, vemos que parece uma multidão agrupada de insetos ligados pela sua similaridade de espécie. O apicultor,

no entanto, percebe as leis complicadas que estão codificadas em cada instinto do inseto e no instinto coletivo da colméia mesma; isso o ajuda a entender como cooperar com as leis da natureza que governam a sociedade das abelhas. A colméia é um organismo de ordem superior; nenhuma abelha individual pode existir sem ela e, portanto, se submete à natureza absoluta de suas leis.

Se observarmos uma multidão de pessoas ocupando as ruas de alguma grande metrópole humana, veremos algo como indivíduos dirigidos pelos seus negócios e problemas, atrás de uma migalha de felicidade. Contudo, tal simplificação da realidade faz com que negligenciemos as leis da vida social, que existem desde muito antes das metrópoles, e que continuarão a existir até muito depois que as grandes cidades forem esvaziadas das pessoas e dos objetivos. Os solitários na multidão têm uma dificuldade em aceitar esta realidade que – para eles – existe somente na forma potencial, embora nunca consigam percebê-la diretamente.

Na realidade, a aceitação das leis da vida social em toda a sua complexidade, mesmo se encontramos dificuldades iniciais em compreendê-las, nos ajuda a obter, finalmente, um certo nível de entendimento que adquirimos de certa forma como por osmose. Graças a essa compreensão, ou mesmo somente a uma intuição instintiva de tais leis, um indivíduo é capaz de atingir seus objetivos e desenvolver sua personalidade em ação. Graças à intuição e à compreensão suficientes destas condições, a sociedade é capaz de progredir culturalmente e economicamente para atingir uma maturidade política.

Quanto mais progredimos neste entendimento, mais as doutrinas sociais nos tacham de primitivos e psicologicamente ingênuos, especialmente aquelas baseadas nas idéias de pensadores que viveram nos séculos XVIII e XIX, caracterizados pela carência de percepção psicológica. A

natureza sugestiva destas doutrinas deriva da sua simplificação excessiva da realidade, algo facilmente adaptável e usado como propaganda política. Essas doutrinas e ideologias mostram suas falhas básicas, no tocante ao entendimento das personalidades humanas e das diferenças entre as pessoas, de maneira muito clara se observadas à luz da nossa linguagem natural dos conceitos psicológicos, e mais ainda à luz da linguagem objetiva.

Uma visão psicológica da sociedade, mesmo se baseada somente na experiência profissional, sempre coloca o indivíduo humano no primeiro plano; ela então amplia a perspectiva para incluir pequenos grupos, tais como as famílias, e finalmente as sociedades e a humanidade como um todo. Nós devemos, então, aceitar o princípio de que o destino de um indivíduo é significativamente dependente da circunstância. Quando nós aumentamos gradualmente o campo das nossas observações, ganhamos também uma maior especificidade nas representações das ligações causais, e os dados estatísticos assumem uma estabilidade ainda maior.

Assim, para descrever a interdependência entre o destino de alguém e a personalidade e o estado de desenvolvimento da sociedade, nós devemos estudar o corpo inteiro de informações coletadas nesta área até o momento, e adicionar um novo trabalho escrito em uma linguagem objetiva. Aqui eu devo dar somente alguns poucos exemplos de tais raciocínios, para abrir a porta para outras questões apresentadas nos capítulos posteriores.

***

Ao longo das eras e em várias culturas, os melhores pedagogos entenderam a importância, no que diz respeito à formação de uma cultura e do caráter de uma pessoa, do escopo dos conceitos que descrevem o fenômeno psicológico.

A qualidade e a riqueza dos conceitos e da terminologia de domínio do indivíduo e da sociedade, assim como o grau com que se aproximam de uma visão de mundo objetiva, condicionam o desenvolvimento de nossas atitudes morais e sociais. A correção do nosso entendimento de nós mesmos e dos outros caracteriza os componentes que condicionam nossas decisões e escolhas, sejam elas mundanas ou importantes, em nossas vidas privadas e nas nossas atividades sociais.

O nível e a qualidade da visão de mundo psicológica de uma dada sociedade é também uma condição de realização da plena estrutura sociopsicológica, presente como um potencial na variedade psicológica existente na nossa espécie. Somente quando podemos entender uma pessoa em relação aos seus conteúdos internos reais, e não a algum rótulo externo substituto, nós podemos ajudá-la ao longo do seu caminho para se ajustar adequadamente à vida social, o que seria uma vantagem para ela e também auxiliaria na criação de uma estrutura criativa e estável de sociedade.

Apoiada por um sentimento apropriado em relação às qualidades psicológicas, e um entendimento das mesmas, tal estrutura transmitiria uma função social alta a indivíduos que possuem ao mesmo tempo uma normalidade psicológica plena, talento suficiente e preparação específica. A inteligência coletiva básica das massas então os respeitaria e os apoiaria.

E também, em tal sociedade, os únicos problemas pendentes de solução seriam as questões tão difíceis a ponto de sobrepujar a linguagem natural dos conceitos, por mais enriquecidos e qualitativamente dignificados que sejam.

Contudo, sempre existiram “pedagogos da sociedade”, menos talentosos, mas muito mais numerosos, que se tornaram fascinados pelas suas próprias idéias grandiosas,

que podem, muitas vezes, até serem verdadeiras, mas que são amiúde limitadas ou contêm uma mácula derivada de alguns processos de pensamento patológicos encobertos. Tais pessoas têm sempre se esforçado para impor métodos pedagógicos que empobrecem e deformam o desenvolvimento da visão de mundo psicológica de indivíduos e sociedades; elas impõem um perigo permanente sobre as sociedades, privando-as de valores universalmente úteis. Dizendo que agem em nome de uma idéia mais valiosa, tais pedagogos atualmente solapam os valores que dizem defender e abrem a porta para ideologias destrutivas.

Ao mesmo tempo, como já mencionamos, cada sociedade contém uma pequena, mas ativa, minoria de pessoas com várias visões depravadas de mundo, especialmente nas áreas tratadas acima, que são causadas tanto por anomalias psicológicas que serão discutidas abaixo, ou pela influência de tais anomalias sobre suas psiques, por um longo período, principalmente durante a infância. Tais pessoas, posteriormente, exercem uma influência perniciosa sobre o processo formativo da visão psicológica de mundo na sociedade, seja pela atividade direta ou por meio da transmissão escrita ou em qualquer outra forma, especialmente quando estão engajados, a serviço de uma ou de outra ideologia.

Muitas causas que escapam facilmente da percepção de sociólogos e cientistas políticos podem assim ser divididas e analisadas com base tanto no desenvolvimento como na involução desse fator, cujo significado para a vida em sociedade é tão decisivo quanto a qualidade de sua linguagem de conceitos psicológicos.

Vamos imaginar que queiramos analisar esses processos: nós construiríamos um método de preparação que tivesse credibilidade suficiente para examinar os conteúdos e a correção da área de estudo da visão de mundo em questão.

Depois de submeter os grupos representativos apropriados a tais testes, nós então obteríamos indicadores da habilidade desta sociedade particular em entender os fenômenos psicológicos e as suas dependências dentro de seu país e em outras nações. Isso constituiria simultaneamente os indicadores básicos dos talentos de uma dada sociedade para o autogoverno e para o progresso, bem como sua habilidade para levar adiante uma política internacional razoável. Tais testes poderiam fornecer um sistema de alerta antecipado se tais habilidades estivessem a ponto de se deteriorar e, neste caso, seria apropriado utilizar o esforço devido no campo da pedagogia social. Em casos extremos, pode ser adequado, para aqueles países que estão avaliando o problema, tomar uma ação corretiva mais direta, e mesmo isolar o país deteriorado até que as correções apropriadas estejam em curso.

Introduzamos um outro exemplo de natureza análoga: o desenvolvimento de dons, habilidades, pensamento realista e visão de mundo psicológica e natural de um ser humano adulto será otimizado quando o nível e a qualidade de sua educação e as demandas de sua prática profissional corresponderem ao seus talentos individuais. Obter tal posição concede a ele vantagens pessoais, materiais e morais; ao mesmo tempo, a sociedade como um todo também colhe os benefícios. Tal pessoa, então, perceberia isso como justiça social em relação a si mesma.

Se várias circunstâncias são combinadas, incluindo a visão psicológica de mundo deficiente de uma dada sociedade, os indivíduos são forçados a exercer funções em que não fazem uso total dos seus talentos. Quando isso acontece, a produtividade dessa pessoa não é melhor, e às vezes é até pior, que a do trabalhador com talentos satisfatórios. Tal indivíduo se sente então traído e inundado de dúvidas que podem impedi-lo de atingir a auto-realização. Seus pensamentos desviam-se das suas dúvidas para um mundo

de fantasia, ou para assuntos que são de maior interesse para ele; no seu mundo de devaneios, ele é o que deveria e o que merece ser. Tal pessoa sempre sabe se o seu ajustamento social ou profissional tomou uma direção descendente; ao mesmo tempo, contudo, se ela falha em desenvolver uma capacidade crítica saudável em relação aos limites superiores de seus próprios talentos, seus devaneios podem "entender" uma visão de mundo injusto onde "tudo o que você necessita é poder". As idéias revolucionárias e radicais encontram um solo fértil entre tais pessoas em adaptações sociais descendentes. É do melhor interesse da sociedade corrigir tais condições, não somente para melhorar a produtividade, mas para evitar tragédias.

Indivíduos de um outro tipo, por outro lado, podem atingir um posto importante por pertencerem a grupos ou organizações sociais privilegiadas que estão no poder, mesmo que seus talentos e habilidades não sejam suficientes para as suas obrigações, especialmente os problemas mais difíceis. Assim, tais pessoas evitam a problemática e dedicam-se a assuntos menores de forma quase ostentosa. Um componente histriônico aparece em sua conduta e os testes indicam que sua correção de raciocínio se deteriora progressivamente após alguns poucos anos dignos de tais atividades. Frente a pressões crescentes para executar as atividades em um nível inatingível para elas, e com medo de serem descobertas como incompetentes, começam a direcionar ataques contra qualquer um com talentos e habilidades melhores, removendo estas pessoas dos cargos devidos e desempenhando um papel ativo na degradação de seus ajustamentos profissionais e sociais. Isso, é claro, gera um sentimento de injustiça e pode levar a problemas do indivíduo que teve uma adaptação descendente, como descrito acima. Pessoas com um ajustamento ascendente

favorecem, assim, os chicoteadores e os governos totalitários que protegem suas posições.

Ajustamentos sociais para cima e para baixo, assim como os qualitativamente inadequados, resultam em desperdício do capital básico de qualquer sociedade, formado pelo conjunto de talentos de seus membros. Isso leva simultaneamente a um aumento da insatisfação e das tensões entre os indivíduos e os grupos sociais; qualquer tentativa de abordagem sobre as problemáticas do talento humano e sua produtividade como sendo um assunto puramente privado deve, contudo, ser considerado perigosamente ingênuo. O desenvolvimento ou a involução em todas as áreas da vida cultural, econômica e política dependem da extensão na qual o seu conjunto de talentos é apropriadamente utilizado. *Em última análise, isso também determina se haverá evolução ou revolução.*

Tecnicamente falando, seria mais fácil construir métodos apropriados que nos habilitassem avaliar as correlações entre os talentos individuais e os ajustamentos sociais em um dado país, do que lidar com a proposição inicial do desenvolvimento dos conceitos psicológicos. A condução de testes apropriados poderia nos fornecer um índice valioso que poderíamos chamar “indicador de ordem social”. Quanto mais próximo o número estivesse de +1.0, mais o país em questão estaria próximo do cumprimento daquelas pré-condições básicas para a ordem social, e tomando o caminho apropriado em direção ao desenvolvimento dinâmico. Uma baixa correlação seria um indicador de que uma reforma social é necessária. Uma correlação com valor próximo de zero ou mesmo negativo deveria ser interpretada como um sinal de alerta indicando que a revolução é iminente. Revoluções em um país sempre causam problemas múltiplos para outros países; desta forma, é de grande interesse de todos os países monitorar tais condições.

Os exemplos apresentados acima não exaurem a questão dos fatores causais que influenciam a criação de uma estrutura social, os quais corresponderiam adequadamente às leis da natureza. Nosso nível instintivo da espécie já codificou a intuição de que a existência da estrutura interna da sociedade, *baseada nas variações psicológicas,* é necessária; ele continua se desenvolvendo ao lado de nossa inteligência básica, inspirando nosso senso comum saudável. Isto explica porque a parte mais numerosa da população, cujos talentos estão próximos da média, geralmente aceita sua posição social modesta, em qualquer país, desde que esta posição preencha os requisitos indispensáveis de ajustamento social adequado e garanta um meio de vida justo, não importando em qual nível da sociedade o indivíduo encontre sua adaptação adequada.

Esta maioria de pessoas medianas aceita e respeita o papel social das pessoas cujos talentos e educação são superiores, contanto que eles ocupem posições apropriadas dentro da estrutura social. As mesmas pessoas, contudo, reagirão com críticas, desrespeito, e até desprezo, sempre que alguém, tão mediano quanto eles, compense as suas deficiências exibindo sua posição de ajustamento acima da que merece. Os julgamentos declarados por este segmento das pessoas medianas, mas sensíveis, podem com freqüência ser altamente precisos, e deveriam ser considerados ainda mais notáveis se levarmos em consideração que tais pessoas possivelmente não tiveram conhecimento suficiente a respeito dos muitos problemas reais, sejam eles científicos, técnicos ou econômicos.

Um político experiente raramente pode assumir que as dificuldades nas áreas econômica, de defesa ou da política internacional serão completamente compreendidas pelo seu círculo eleitoral. Contudo, ele pode e deve assumir que sua própria compreensão das questões humanas, e tudo o que

tem a ver com relações interpessoais dentro desse círculo, encontrará um eco nessa mesma parcela majoritária dos membros da sociedade. Estes fatos justificam *parcialmente* a idéia de democracia, especialmente se um país em particular tem mantido esta tradição historicamente, se a estrutura social é bem desenvolvida e se o nível de educação é adequado. Todavia, eles não representam dados psicológicos suficientes para elevar a democracia ao nível de um critério moral em política. Uma democracia composta de indivíduos de conhecimento psicológico inadequado só pode se degenerar.

O mesmo político deve estar consciente do fato de que a sociedade contém pessoas que já carregam os resultados psicológicos de um desajustamento social. Alguns destes indivíduos tentam proteger suas posições para as quais suas habilidades não estão à altura, enquanto outros disputam a permissão para utilizar os seus talentos. Governar um país torna-se incrivelmente difícil quando tais batalhas começam a esconder outras necessidades importantes. É por isso que a *criação de uma estrutura social justa continua a ser uma precondição básica para a ordem social* e para a liberação dos valores criativos. Isso também explica porque a propriedade e a produtividade do processo de "criação de estrutura" constituem um critério para um bom sistema político.

Os políticos deveriam também estar cientes de que, em toda sociedade, existem pessoas cuja inteligência básica, cuja visão de mundo psicológica natural e cujo raciocínio moral se desenvolveram de forma inapropriada. Algumas destas pessoas contêm as causas deste desenvolvimento inapropriado dentro de si mesmas, e outras foram sujeitas a pessoas psicologicamente anormais quando crianças. A compreensão das questões morais e sociais de tais indivíduos é diferente, tanto do ponto de vista natural como do objetivo; eles constituem um fator destrutivo para o desenvolvimento

dos conceitos psicológicos, da estrutura social e das ligações internas de uma sociedade.

Ao mesmo tempo, tais pessoas interpenetram facilmente a estrutura social com uma rede ramificada de conspirações patológicas mútuas, conectadas deficientemente à estrutura social principal. Estas pessoas e suas redes participam da gênese daquele mal que não poupa nenhuma nação. Esta subestrutura dá vida a sonhos de obtenção de poder e de imposição da vontade de uma pessoa sobre a sociedade, trazidos à realidade com freqüência em diversos países, durante épocas históricas. É por essa razão que uma porção significativa de nossa consideração deve ser dedicada a um entendimento dessa fonte de problemas antiga e perigosa.

Alguns países com uma população não homogênea manifestam fatores adicionais que operam destrutivamente sobre a formação da estrutura social e o processo de desenvolvimento permanente da visão de mundo psicológica de uma sociedade. Primeiramente, entre esses fatores, estão as diferenças raciais, étnicas e culturais existentes em praticamente toda nação formada por conquistas. As memórias de sofrimentos anteriores e do desprezo pelos conquistados continua a dividir a população por séculos. É possível superar estas dificuldades se entendimento e boa vontade prevalecerem através de várias gerações.

Diferenças de crenças religiosas e as convicções morais relacionadas a elas continuam a causar problemas, embora muito menos perigosos que os descritos acima, *a menos que sejam agravadas por alguma doutrina de intolerância ou superioridade* de uma fé sobre as outras. A criação da estrutura social cujas ligações são patrióticas e esteja acima das religiões tem, apesar de tudo, se mostrado possível.

Todas estas dificuldades tornam-se extremamente destrutivas se um grupo social ou religioso, para manter sua

doutrina, exige que sejam cedidas aos seus membros posições que estão, de fato, acima das verdadeiras capacidades dessas pessoas.

Uma estrutura social justa, composta por pessoas adaptadas individualmente, isto é, criativa e dinâmica como um todo, somente pode ser formada se esse processo estiver sujeito às suas leis naturais e não a doutrinas conceituais. Isso beneficia a sociedade como um todo, uma vez que cada indivíduo é capaz de encontrar seu próprio caminho para a auto-realização com a assistência da sociedade que compreende essas leis, os interesses individuais e o bem comum.

Um obstáculo ao desenvolvimento da visão de mundo psicológica de uma sociedade, à construção de uma estrutura social saudável e à instituição de formas apropriadas de governar a nação, parece ser as populações enormes e as longas distâncias dos países gigantes. São precisamente estas nações que dão origem às maiores diferenças étnicas e culturais. Em uma vasta difusão de terra contendo centenas de milhões de pessoas, os indivíduos perdem o suporte de uma pátria familiar e sentem-se impotentes para exercer um efeito sobre os assuntos da alta política. A estrutura da sociedade se perde em espaços muito amplos. O que permanece são ligações estreitas, em geral familiares.

Ao mesmo tempo, governar tal país cria seus próprios problemas não evitáveis: gigantes sofrem do que poderia ser chamado de macropatia permanente (doença do gigante), uma vez que as autoridades principais estão muito distantes de quaisquer assuntos individuais ou locais. O sintoma principal é a proliferação de regulamentos requeridos para a administração; eles podem parecer apropriados na capital, mas freqüentemente não fazem o menor sentido nos distritos afastados ou quando aplicados a assuntos individuais. Os funcionários públicos são forçados a seguir

regulamentos cegamente; o espaço para que eles utilizem sua razão humana para diferenciar as situações reais torna-se realmente muito estreito. Tais procedimentos comportamentais têm um impacto sobre a sociedade, que também passa a pensar em regulamentos em vez de pensar na realidade prática e psicológica. A visão de mundo psicológica, que constitui o fator básico para o desenvolvimento cultural e faz a vida social funcionar, torna-se portanto intrincada.

Isso nos faz então perguntar: O bom governo é possível? *Os países gigantes são capazes de sustentar uma evolução cultural e social?* Pareceria, ao contrário, que os melhores candidatos para desenvolvimento são aqueles países cuja população está entre 10 e 20 milhões de habitantes, nos quais as ligações pessoais entre os próprios cidadãos, e entre estes e as autoridades, ainda protegem uma diferenciação psicológica correta e as relações naturais. Países muito grandes deveriam ser divididos em organismos menores, que gozariam de uma autonomia considerável, especialmente em relação aos assuntos econômicos e culturais; eles poderiam proporcionar aos seus cidadãos um sentimento de pátria dentro do qual suas personalidades poderiam se desenvolver e amadurecer.

Se alguém me perguntar o que deveria ser feito para curar os Estados Unidos da América, um país que manifesta sintomas de macropatia, *entre outras coisas*, eu recomendaria subdividir esta vasta nação em treze estados – exatamente como os originais, exceto que seriam proporcionalmente maiores e com limites mais naturais. A estes estados, então, deveria ser dada uma autonomia considerável. Isto proporcionaria aos cidadãos um sentimento de pátria, embora uma pátria menor, e libertaria as motivações de patriotismo local e de rivalidade entre tais estados. Isso facilitaria, por sua vez, as soluções para outros problemas de origens diferentes.

***

A sociedade não é um organismo que subordina cada célula ao bem do todo; nem é uma colônia de insetos, na qual o instinto coletivo age como um ditador. Contudo, também deveria ser evitado que fosse um compêndio de indivíduos egocêntricos ligados puramente pelos interesses econômicos e pela organização legal e formal.

Qualquer sociedade é uma estrutura sócio-psicológica formada por indivíduos cuja organização psicológica é a mais elevada e portanto mais diversificada. Uma parcela significativa da liberdade individual do homem deriva desse estado de coisas e subsiste em uma relação extremamente complicada entre suas múltiplas dependências e obrigações psicológicas, no tocante ao coletivo como um todo.

Isolar o interesse pessoal de um indivíduo como se ele estivesse em guerra contra os interesses coletivos é pura especulação que simplifica radicalmente as condições reais ao invés de levar em consideração sua natureza complexa. Levantar questões baseadas em tais esquemas é logicamente falho, uma vez que contém sugestões errôneas.

Na realidade, muitos interesses ostensivamente contraditórios, tais como interesses individuais *versus* coletivos, ou aqueles de vários grupos sociais e subestruturas, podem ser reconciliados se nós pudermos ser guiados por um entendimento suficientemente profundo sobre o bem do homem e da sociedade, e se pudermos superar a operação das emoções, bem como algumas doutrinas mais ou menos primitivas. Tal reconciliação, contudo, requer a transferência dos problemas humanos e sociais em questão para um nível mais elevado de entendimento e de aceitação das leis naturais da vida. Neste nível, mesmo os problemas mais difíceis acabam tendo uma solução, uma vez que eles derivam invariavelmente das mesmas operações insidiosas

dos fenômenos psicopatológicos. Nós deveremos lidar com esta questão mais adiante, ao final deste livro.

Uma colônia de insetos, não importa quão bem organizada socialmente, estará condenada à extinção sempre que seu instinto coletivo continuar a operar de acordo com um código psicogenético, apesar do significado biológico ter desaparecido. Por exemplo, se uma abelha-rainha não realiza seu vôo nupcial a tempo, porque o clima estava particularmente ruim, ela começa a colocar ovos não fertilizados que eclodirão em nada. As abelhas continuarão a defender sua rainha, como requer seu instinto, e quando a última abelha morrer a colônia toda será extinta.

Neste ponto, somente uma “autoridade superior”, na forma de um apicultor, poderá salvar tal colméia. Ele precisa encontrar e destruir a rainha estéril e introduzir uma rainha fértil e saudável dentro da colméia, junto com algumas das suas abelhas operárias jovens. É necessária uma rede para proteger por alguns dias tal rainha e suas operárias de serem picadas pelas abelhas leais à antiga rainha. Então, o instinto da colméia aceita a nova rainha. O apicultor geralmente recebe algumas dolorosas ferroadas no processo.

Da comparação acima deriva a seguinte questão: a colméia humana que habita o nosso globo é capaz de atingir uma compreensão suficiente do fenômeno patológico macrossocial que é tão perigoso, abominável e fascinante ao mesmo tempo, antes que seja tarde demais? No momento, nossos instintos individuais e coletivos e nossa visão de mundo moral e psicológica natural não podem fornecer todas as respostas para servir de base a medidas contrárias efetivas.

Aquelas pessoas que pregam que tudo o que nos resta é acreditar no “Grande Apicultor do Céu” e retornar aos seus mandamentos, estão vislumbrando uma verdade geral, mas elas também tendem a tratar verdades particulares de forma

trivial, especialmente as de origem naturalista. É esta última que constitui a base para a compreensão dos fenômenos e visa a ação prática. As leis da natureza nos fizeram muito diferentes uns dos outros. Graças a essas características individuais, a circunstâncias de vida excepcionais e ao esforço científico, o homem alcançou algum domínio da arte de compreensão objetiva dos fenômenos do tipo acima mencionado, mas nós devemos ressaltar que isso ocorreu somente porque estava de acordo com as leis da natureza.

Se as sociedades e seus indivíduos sábios são capazes de aceitar um entendimento objetivo dos fenômenos sociais e sociopatológicos, superando o emocionalismo e o egotismo da visão de mundo natural para esse propósito, eles encontrarão os meios de ação baseados no entendimento da essência dos fenômenos. Então, ficará evidente que uma vacina ou um tratamento adequado podem ser encontrados para cada uma das doenças que atacam a Terra na forma de epidemias sociais maiores ou menores.

Assim como um navegador que possui um mapa náutico preciso aprecia a maior liberdade na seleção do percurso e na manobra por entre ilhas e baías, uma pessoa dotada de uma melhor compreensão de si mesma, das outras pessoas e das interdependências complexas da vida social torna-se mais independente das circunstâncias diversas da vida e melhor preparada para superar situações que são difíceis de entender. Ao mesmo tempo, este conhecimento aperfeiçoado torna o indivíduo mais responsável para aceitar seus deveres para com a sociedade e para subordinar-se à disciplina que surge como um corolário. Sociedades melhor informadas também atingem uma ordem interna e critérios para os esforços coletivos. Este livro é dedicado a reforçar este conhecimento por meio de um entendimento naturalístico do fenômeno, algo compreendido até o momento somente

por meio de categorias excessivamente moralistas da visão de mundo natural.

Em uma perspectiva mais ampla, uma constante melhoria na compreensão das leis que governam a vida social, e suas tréguas isoladas atípicas, devem nos levar a refletir sobre as falhas e as deficiências daquelas doutrinas sociais abordadas até o momento, que são baseadas em um entendimento extremamente primitivo destas leis e fenômenos. A distância entre tais considerações e um melhor entendimento das operações dessas dependências nos sistemas sociais prévios e existentes não é longa; o mesmo se aplica à crítica substantiva. Uma nova idéia está para surgir baseada nesse entendimento cada vez mais profundo das leis naturais, a saber, a construção de um novo sistema social para as nações.

Tal sistema seria melhor que qualquer um de seus antecessores. Sua construção é possível e necessária, não é somente uma visão vaga e futurista. Afinal de contas, uma série inteira de países está dominada, no momento, por condições que destruíram as formas estruturais que funcionaram historicamente, e as substituíram com sistemas inimigos do funcionamento criativo, sistemas que podem sobreviver somente por meio da força. Nós somos então confrontados com um grande projeto de construção que demanda um trabalho amplo e bem organizado. Quanto antes iniciarmos o trabalho, mais tempo teremos para levá-lo adiante.

---

10 *Achaeans* – uma das quatro maiores tribos da Grécia antiga. Homero costumava utilizar o termo como um nome genérico para os gregos na Ilíada – NT.

11 Ivan Pavlov – Fisiólogo russo, premiado com o Nobel de Medicina em 1904, pelo estudo do processo digestivo em animais. Contudo, é mais conhecido pelos estudos realizados sobre o reflexo condicionado – NT.

12 C.G. Jung – Psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica – NT.

13 Behavioristas pertencem a uma linha da psicologia conhecida como Behaviorismo ou comportamentalismo, que teve como marco inicial o manifesto de John Watson, que se baseou nas experiências de Pavlov sobre o reflexo condicionado – NT.

14 *Purusha* é uma palavra que vem do Hinduísmo, e significa “o homem primitivo”, considerado como a alma do universo, criado fora de seu corpo – NT.

15 A ontogênese descreve a origem e o desenvolvimento de um organismo a partir do óvulo fertilizado até sua forma madura.

16 Augusto Comte (1798-1857) foi um filósofo francês conhecido como o Pai do Positivismo, corrente filosófica que defende uma reforma da sociedade a partir de novos critérios científicos. Também é conhecido por sistematizar a sociologia – NT.

17 John Stuart Mill (1806-1873) foi um filósofo e economista inglês. Tornou-se um dos mais influentes pensadores liberais do século XIX – NT.

18 Ver: *A Mess in Psychiatry*, uma entrevista com Robert van Voren, Secretário Geral da Iniciativa de Genebra na Psiquiatria, pulicada no jornal holandês *De Volkskrant* em 9 de agosto de 1977 na qual ele diz: “Desde 1950 a psiquiatria soviética não somente está paralisada, mas regrediu. Absolutamente nada mudou. A maior parte dos psiquiatras russos nunca conseguiriam um emprego como psiquiatras no ocidente. Lá, os métodos de tratamento utilizados são tais que hoje nem sequer são mais possíveis de serem citados no Ocidente”.

19 Pensamento conversivo – usar um termo, dando a ele significados opostos ou invertidos.

O CICLO DE HISTERIA

Desde que as sociedades e civilizações humanas foram criadas em nosso globo, as pessoas anseiam por tempos felizes, repletos de tranqüilidade e justiça, os quais teriam permitido a todos cuidar das suas ovelhas em paz, buscar por vales férteis, lavrar a terra, cavar em busca de tesouros ou construir casas e palácios. O homem deseja a paz para gozar dos benefícios acumulados pelas gerações anteriores e para observar orgulhosamente o crescimento da geração futura por ele gerada. Melhor ainda se bebendo vinho ou hidromel[20] nesse ínterim. Ele gostaria de sonhar sobre isso, se familiarizar com outras pessoas e outros povos ou apreciar o céu do sul salpicado de estrelas, as cores da natureza e as faces e os costumes das mulheres. Ele gostaria também de dar asas à sua imaginação e imortalizar seu nome nos trabalhos artísticos, sejam eles esculpidos em mármore ou eternizados na mitologia e poesia.

Desde os tempos primitivos, então, o homem tem sonhado com uma vida na qual o esforço dispendido pela mente e pelos músculos fosse compensado pelo descanso bem merecido. Ele gostaria de aprender sobre as leis da natureza de forma que pudesse dominá-la e obter as vantagens das suas dádivas. O homem recrutou o poder natural dos animais para fazer com que seus sonhos se tornassem realidade, e quando isto não atendeu às suas necessidades, ele então se voltou para a sua própria espécie com este propósito, privando em parte os outros seres humanos de sua humanidade, simplesmente porque ele era mais poderoso.

Sonhos de uma vida feliz e pacífica deram então origem ao uso da força sobre o outro, uma força que embota a mente de quem a utiliza. É por isso que os sonhos de felicidade do homem não se tornaram realidade através da história. Esta visão hedonista de "felicidade" contém as sementes da miséria e alimenta o ciclo eterno pelo qual épocas boas dão origem a épocas ruins, que por sua vez provocarão o sofrimento e o esforço mental que irão produzir experiência mental, bom senso, moderação e uma certa quantidade de conhecimento psicológico, virtudes essas que servirão para reconstruir condições de existência mais felizes.

Durante épocas boas, as pessoas perdem progressivamente de vista a necessidade da reflexão profunda, da introspecção, do conhecimento dos outros e de um entendimento das leis complicadas da vida. Vale a pena ponderar as propriedades da natureza humana e da personalidade imperfeita do homem, sejam elas próprias ou de outra pessoa? Podemos entender o significado criativo do sofrimento pelo qual nós mesmos não passamos, em vez de tomar o caminho fácil de culpar a vítima? Qualquer excesso de esforço mental nos parece trabalho perdido se as alegrias da vida parecem estar disponíveis para serem curtidas. Um indivíduo inteligente, alegre e liberal é uma pessoa divertida; uma pessoa que prediz os resultados ruins que virão mais adiante torna-se um estraga-prazeres.

A percepção da verdade sobre o ambiente real, especialmente um entendimento da personalidade humana e seus valores, deixa de ser uma virtude durante os chamados tempos "felizes"; os céticos ponderados são considerados intrometidos que não conseguem viver bem sozinhos. Isso, por sua vez, leva a um empobrecimento do conhecimento psicológico, da capacidade de diferenciar as propriedades da natureza e da personalidade humana, e da habilidade para moldar criativamente as mentes. O culto ao poder, então,

suplanta aqueles valores mentais tão essenciais à manutenção da lei e da ordem por meios pacíficos. O enriquecimento ou a involução de uma nação em relação à sua visão de mundo psicológica pode ser considerado um indicador de quão bom ou ruim será o seu futuro.

Durante as épocas “boas”, a busca pela verdade torna-se desconfortável porque revela fatos inconvenientes. É melhor pensar sobre coisas mais fáceis e mais agradáveis. A eliminação inconsciente de informações que são, ou aparentam ser, não recomendáveis, torna-se gradualmente um hábito, e a seguir transforma-se em um costume aceito pela sociedade em larga escala. O problema é que qualquer processo de pensamento baseado em informações truncadas, possivelmente não gerará conclusões corretas; ele leva, além disso, a uma substituição subconsciente de premissas inconvenientes por outras mais cômodas, aproximando-se dos limites da psicopatologia.

Tais períodos de satisfação para um determinado grupo de pessoas – freqüentemente com raízes em alguma injustiça para outras pessoas ou nações – passa a estrangular a capacidade de consciência individual e da sociedade; fatores subconscientes acabam assumindo um papel decisivo na vida. Tal sociedade, já infectada pelo estado de histeria,[21] considera qualquer percepção de uma verdade desconfortável como um sinal de grosseria ou falta de educação. O *iceberg* de J. G. Herder[22] é mergulhado em um mar de informações inconscientes falsificadas; somente a ponta do iceberg é visível sobre as ondas da vida. A catástrofe fica à espera. Em momentos como esses, a capacidade para o pensamento lógico e disciplinado, nascido durante os tempos difíceis, começa a esvanecer. Quando as comunidades perdem sua capacidade psicológica da razão e de análise moral, os processos de geração do mal são intensificados em todas as

escalas sociais, sejam elas individuais ou macrossociais, até que tudo se converta em épocas “ruins”.

Nós já sabemos que toda sociedade contém um certo percentual de pessoas que carregam desvios psicológicos causados por vários fatores, herdados ou adquiridos, que produzem anomalias na percepção, no pensamento e no caráter. Muitas destas pessoas tentam dar um significado às suas vidas irregulares através da hiperatividade social. Elas criam os seus próprios mitos e ideologias de sobrecompensação e têm uma tendência a insinuar egoisticamente para os outros que os seus desvios de percepção são superiores, bem como os objetivos e idéias resultantes dos mesmos.

Quando umas poucas gerações gozam das despreocupações de “tempos bons”, o resultado para a sociedade é um déficit em relação às habilidades psicológicas e de análise moral, que pavimenta o caminho para os conspiradores patológicos, os magos e outros impostores mais primitivos ainda agirem e se unirem nos processos originadores do mal. Esses são fatores essenciais na sua síntese. No próximo capítulo, eu tentarei persuadir meus leitores de que a participação dos fatores patológicos, tão subestimados pelas ciências sociais, é um fenômeno comum nos processos de geração do mal.

Aquelas épocas, chamadas por muitas pessoas de “bons velhos tempos”, fornecem um solo fértil para a tragédia futura, por causa da degeneração dos valores morais, intelectuais e da personalidade, dando origem a eras como a de Rasputin.[23]

A descrição acima é um esboço para compreensão das causas da realidade, que de forma alguma contradiz a percepção teleológica[24] do senso de causalidade. Os tempos difíceis não são somente o resultado da regressão

hedonista ao passado, eles tem um objetivo histórico a cumprir.

O sofrimento, o esforço e a atividade mental durante tempos de iminente amargura leva a uma regeneração progressiva, e geralmente mais elevada, dos valores perdidos, o que resulta no progresso humano. Infelizmente, nós ainda não temos uma compreensão filosófica suficientemente exaustiva desta interdependência de causalidade e teleologia em relação aos fatos ocorridos. Parece que os profetas tiveram uma visão mais clara, à luz das leis da criação, do que filósofos como E. S. Russel,[25] R. B. Braithwate,[26] G. Sommerhoff[27] e outros que ponderaram sobre este assunto.

Quando chegam os tempos ruins e as pessoas ficam impressionadas pelo excesso de mal, elas precisam reunir todas as suas forças físicas e mentais para lutar pela existência e proteger a razão humana. A busca por algum meio para escapar das dificuldades e perigos reacende poderes de discernimento há muito tempo sepultados. Tais pessoas têm uma tendência inicial de confiar na força para contra-atacar o medo; elas podem, por exemplo, se transformar em atiradoras[28] ou dependentes de armas.

Lentamente e de forma trabalhosa, contudo, elas descobrem as vantagens conferidas pelo esforço mental; um entendimento aperfeiçoado da situação psicológica em particular, uma melhor diferenciação das personalidades e caráteres humanos e, finalmente, a compreensão dos adversários. Durante esses tempos, as virtudes que as gerações anteriores relegaram a obras literárias reconquistam sua substância real e aplicável e tornam-se apreciadas por seu valor. Uma pessoa sábia, capaz de fornecer um conselho seguro, é altamente respeitada.

Quão surpreendentemente similar são as filosofias de Sócrates e Confúcio, os dois pensadores quase lendários que, apesar de serem quase contemporâneos, viveram em locais opostos do grande continente. Ambos viveram em tempos perversos e sangrentos, e descreveram um método para vencer o mal, especialmente em relação à percepção das leis cotidianas e do conhecimento da natureza humana. Eles procuraram por critérios de valor moral dentro da natureza humana e consideraram o conhecimento e o entendimento como sendo virtudes. Ambos os homens, contudo, ouviram as mesmas vozes internas que avisam àqueles que embarcam em questões morais importantes: “Sócrates, não faça isso.” Por isso é que seus esforços e sacrifícios constituem uma assistência permanente na batalha contra o mal.

Épocas difíceis e cansativas dão origem a valores que finalmente vencem o mal e produzem tempos melhores. A análise sucinta e precisa dos fenômenos, possível graças à vitória sobre as emoções supérfluas e sobre o egoísmo que caracteriza as pessoas presunçosas, abre a porta para o comportamento causal, principalmente nas áreas da filosofia, psicologia e reflexão moral, e eleva a escala de medida para a vantagem da bondade. Se estes valores forem totalmente incorporados à herança cultural da espécie humana, eles podem proteger suficientemente as nações da próxima era de erros e distorções. Contudo, a memória coletiva é provisória e particularmente suscetível à remoção de um filósofo e de seu trabalho do contexto em que ele o elaborou, a saber, sua época, sua localidade e os objetivos aos quais ele serviu.

Sempre que uma pessoa experiente encontra um momento de relativa paz depois de uma dificuldade e de um esforço doloroso, sua mente está livre para refletir, uma vez que não tem mais a preocupação com emoções supérfluas e com as atitudes obsoletas do passado, mas é auxiliada pelo conhecimento dos anos passados. Ela, então, se aproxima de

um entendimento objetivo dos fenômenos e de uma percepção das ligações causais reais, incluindo as ligações que não podem ser entendidas dentro da estrutura da linguagem natural. Assim, ela medita sobre um círculo de leis gerais que está sempre se expandindo enquanto contempla o significado daquelas ocorrências passadas que separaram os períodos da história. Nós alcançamos os preceitos antigos porque os entendemos melhor; eles facilitam nosso entendimento tanto da gênese como do significado criativo dos tempos infelizes.

O ciclo de tempos felizes e pacíficos favorece um estreitamento da visão de mundo e um aumento no egotismo. As sociedades tornam-se sujeitas a uma histeria progressiva e, no estágio final, conhecido descritivamente pelos historiadores, produz finalmente tempos de desânimo e confusão, o que ocorreu durante milênios e ainda continua a ocorrer. A recessão da mente e da personalidade, que é uma característica de tempos ostensivamente felizes, varia de uma nação para outra, de forma que alguns países conseguem sobreviver aos resultados de tais crises com pequenas perdas, enquanto outros perdem nações e impérios. Aspectos geopolíticos também têm um papel decisivo.

As características psicológicas de tais crises suportam, sem dúvida, o carimbo do tempo e da civilização em questão, mas deve ter havido uma exacerbação da condição histérica da sociedade como denominador comum. Esse desvio, ou melhor ainda, essa deficiência formativa no caráter, é uma doença perene nas sociedades, especialmente das elites privilegiadas. A existência de casos individuais exagerados, especialmente os casos caracterizados como clínicos, é um desdobramento do nível de histeria social, muito freqüentemente correlacionado com alguma causa adicional, tal como a presença de pequenas lesões no tecido cerebral. Quantitativamente e qualitativamente, esses indivíduos

podem servir para revelar e avaliar tais períodos, como indicado na história *The Book of San Michele*.[29] A partir da perspectiva do tempo histórico, seria mais difícil examinar a regressão da habilidade e da correção do raciocínio, ou a intensidade de *Austrian talk*,[30] embora esses dois fenômenos se aproximem do centro do problema melhor e mais diretamente.

Apesar das diferenças qualitativas mencionadas acima, a duração desses períodos de tempo tende a ser similar. Se nós assumirmos que a histeria europeia extrema ocorreu por volta de 1900, e que retorna mais ou menos a cada dois séculos, nós descobrimos condições similares. Tal isocronismo cíclico pode abranger uma civilização e cruzar para os países vizinhos, mas não atravessará os oceanos ou penetrará em civilizações distantes ou muito diferentes.

Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, os jovens oficiais dançavam e cantavam nas ruas de Viena: "*Krieg, Krieg, Krieg! Es wird ein schoener Krieg*..."[31] Ao visitar a Alta Áustria em 1978, eu decidi conversar com o pároco local que tinha por volta de setenta anos, naquela ocasião. Quando contei a ele sobre mim, eu percebi repentinamente que ele pensou que eu estava mentindo e inventando histórias bonitas. Ele submeteu as minhas declarações à análise psicológica, baseado nesse pressuposto inatacável, e tentou me convencer de que seus princípios morais eram nobres. Quando eu reclamei para um amigo sobre isso, ele achou engraçado: "Como um psicólogo, você foi extremamente sortudo em achar um sobrevivente da autêntica *Austrian talk*. Nós, os mais novos, seríamos incapazes de demonstrar para você o que seria a *Austrian talk*, mesmo se quiséssemos simulá-la."

Nos idiomas europeus, *Austrian talk* tornou-se o termo comum para descrever o paralogismo.[32] Muitos jovens que hoje utilizam esse termo não conhecem sua origem. Dentro do contexto de intensidade histérica máxima na Europa

daquela época, o artigo autêntico representou um produto típico do pensamento conversivo: seleção subconsciente e substituição de dados levando a um caso crônico de rejeição do cerne da questão. Da mesma forma, o reflexo de supor que todo interlocutor está mentindo é uma indicação da anticultura histérica da mendacidade, na qual dizer a verdade torna-se "imoral".

Essa era de regressão histérica deu origem à grande guerra e à grande revolução que se estendeu até o Fascismo, o Hitlerismo e a tragédia da Segunda Guerra Mundial. Ela também produziu o fenômeno macrossocial cujo desvio de caráter tornou-se sobreposto sobre este ciclo, filtrando e destruindo sua natureza. A Europa contemporânea está caminhando para o extremo oposto desta curva senoidal histórica. Nós poderíamos assumir, então, que o começo do próximo século produziria uma era de excelentes aptidões e de correção da razão, levando assim a muitos novos valores em todos os campos da criatividade e descoberta humanas. Nós também podemos vislumbrar que o entendimento psicológico realista e o enriquecimento espiritual serão características desta era.

Ao mesmo tempo, a América, em especial os Estados Unidos, tem alcançado o ponto mais baixo pela primeira vez em sua curta história. Os europeus de cabelos grisalhos que vivem atualmente nos Estados Unidos estão impressionados pela similaridade entre esses fenômenos e aqueles que dominavam a Europa, na época de sua juventude. O sentimentalismo dominante nas esferas individual, coletiva e política, assim como a seleção subconsciente e a substituição das informações no raciocínio, estão empobrecendo o desenvolvimento de uma visão de mundo psicológica e direcionando para um egoísmo individual e da nação como um todo. A mania de ficar ofendido por qualquer coisa provoca retaliações constantes, aproveitando-se da hiper-

irritabilidade e da hipo-criticidade por parte dos outros. Isso pode ser considerado similar à mania de duelo europeu daquelas épocas. Pessoas afortunadas o suficiente para alcançar uma posição mais elevada que as demais são orgulhosas em relação às pessoas que supostamente lhe são inferiores, de um modo altamente similar aos costumes da Rússia czarista. A psicologia freudiana da virada do século encontra solo fértil neste país, por causa da similaridade das condições psicológicas e sociais.

A recessão psicológica americana arrasta na sua esteira uma adaptação sócio-profissional deficiente das pessoas do seu país, o que leva a um desperdício de talento humano e a uma involução da estrutura da sociedade. Se fôssemos calcular o índice de correlação da adaptação desse país, conforme sugerido no capítulo anterior, provavelmente estaria abaixo dos índices da grande maioria das nações livres e civilizadas do mundo, e possivelmente abaixo dos índices de alguns países que perderam sua liberdade.

Nos Estados Unidos, um indivíduo altamente talentoso encontra cada vez mais dificuldade para lutar pelo seu caminho em direção à auto-realização e a uma posição socialmente criativa. As universidades, os políticos e as empresas mostram-se, cada vez mais, como uma frente unida de pessoas relativamente incapazes e até mesmo incompetentes. A palavra "*overeducated*" é ouvida com mais e mais frequência. Esses indivíduos "superqualificados" finalmente se escondem em algum laboratório de fundação, onde conseguem ganhar um prêmio Nobel, desde que não façam nada de realmente útil. No meio tempo, o país como um todo sofre devido ao déficit na inspiração de indivíduos superdotados.

Como resultado, a América sufoca o progresso em todas as áreas da vida, da cultura à tecnologia e economia, sem excluir a incompetência política. Isso, quando ligado a outras

deficiências, como uma incapacidade do egotista de entender as outras pessoas e nações, conduz ao erro político e à criação de um bode expiatório externo. Frear a evolução das estruturas políticas e das instituições sociais aumenta tanto a inércia administrativa como o descontentamento por parte das vítimas.

Nós deveríamos perceber que as tensões e dificuldades sociais mais dramáticas ocorrem no mínimo dez anos depois que se observam as primeiras indicações de se ter emergido de uma crise psicológica. Sendo uma sequela, tais tensões e dificuldades também constituem uma reação atrasada para a causa ou são estimuladas pelo mesmo processo de ativação psicológica. O intervalo de tempo para a tomada de contramedidas eficazes é, portanto, bem limitado.

A Europa tem o direito de olhar com superioridade para a América por esta estar sofrendo da mesma doença a que os antigos sucumbiram tantas vezes no passado? O sentimento de superioridade da América em relação à Europa derivou destes eventos passados e de seus resultados trágicos e desumanos? Se foi isso que aconteceu, não seria esta atitude mais que um anacronismo inocente? Seria mais útil se as nações européias se aproveitassem da sua experiência histórica e do conhecimento psicológico mais moderno, de forma a ajudar efetivamente a América.

O Leste Europeu, agora sob a dominação soviética, é parte do ciclo europeu, embora ainda um pouco atrasado; o mesmo se aplica ao império soviético, especialmente à porção européia. Lá, contudo, ao rastrear essas alterações e isolá-las dos fenômenos mais dramáticos acaba-se frustrando as possibilidades de observação, mesmo que seja somente uma questão de metodologia. Mesmo lá, contudo, existe um crescimento progressivo na resistência dos grupos locais, proveniente do poder regenerativo do senso comum saudável. Ano após ano, o sistema dominante sente-se mais

fraco em relação a essas transformações orgânicas. Devemos adicionar a isso um fenômeno que o Ocidente acha totalmente incompreensível e que deve ser discutido em grande detalhe: o crescimento do conhecimento específico e prático sobre a realidade dos governos dos países com regimes similares. Isso facilita a resistência individual e a reconstrução das ligações sociais. Tais processos devem, em última análise, produzir uma situação decisiva, ainda que provavelmente não seja uma contrarrevolução sangrenta.

A questão sugere por si mesma: chegará um tempo em que este ciclo eterno que deixa as nações quase impotentes poderá ser vencido? Os países poderão manter permanentemente suas atividades criativas e críticas consistentemente em alto nível? Nossa era contém muitos momentos excepcionais; o caldeirão das bruxas de Macbeth do nosso tempo contém, além dos ingredientes venenosos, também o progresso e o entendimento, tais como a humanidade não viu no milênio.

Os economistas mais otimistas apontam que a humanidade ganhou um escravo poderoso na forma de energia elétrica e que a guerra, a conquista e a submissão de outros países está se tornando cada vez menos lucrativa no longo prazo. Infelizmente, como nós veremos mais tarde neste trabalho, as nações podem ser impulsionadas por desejos e ações economicamente irracionais por outros motivos, cujo caráter é meta-econômico. É por isso que superar essas outras causas e fenômenos que dão origem ao mal é uma tarefa difícil, embora pelo menos teoricamente atingível. Contudo, para dominá-la nós temos que entender a natureza e a dinâmica dos ditos fenômenos: um velho princípio da medicina, que eu repetirei novamente, "*Ignota, nulla curatio morbi.*"

Uma realização da ciência moderna, que contribui para a destruição desses ciclos eternos, é o desenvolvimento dos

sistemas de comunicação que transformaram o globo terrestre em uma grande "vila". Os ciclos de tempo aqui esboçados costumavam percorrer seu curso quase que independentemente, em várias civilizações com localizações geográficas diferentes. Suas fases nunca foram, nem são, sincronizadas. Nós podemos assumir que a fase americana está 80 anos atrasada em relação à européia. Quando o mundo se torna uma estrutura inter-relacionada do ponto de vista da comunicação, tanto de informações como de notícias, os diferentes conteúdos sociais e opiniões causados pelas fases contrárias dos ciclos mencionados, entre outras coisas, excedem todos os limites e sistemas de segurança da informação. Isso irá gerar pressões que podem alterar as dependências causais aqui descritas. Uma situação psicológica mais flexível pode então emergir, o que aumenta as possibilidades para ações mais exatas, baseadas no entendimento dos fenômenos.

Ao mesmo tempo, apesar das muitas dificuldades de natureza científica, social e política, nós observamos o desenvolvimento de uma nova comunidade de fatores que podem eventualmente contribuir para a liberação da humanidade dos efeitos da incompreensão das causas históricas. O desenvolvimento da ciência, cujo objetivo final é um melhor entendimento do homem e das leis da vida social, pode, no longo prazo, fazer com que a opinião pública aceite o conhecimento essencial sobre a natureza humana e o desenvolvimento da personalidade humana, o que permitirá que os processos perigosos sejam controlados. Algumas formas de cooperação e supervisão internacional serão necessárias para isso.

O desenvolvimento da personalidade humana e de sua capacidade para o pensamento apropriado e para a compreensão precisa da realidade confere uma certa dose de risco, exigindo a superação da ociosidade confortável e a

aplicação de esforços para um trabalho científico especial, sob condições um tanto quanto diferentes daquelas sob as quais nós fomos criados.

Sob tais condições, uma personalidade egotista, acostumada a um ambiente confortavelmente restrito, ao pensamento superficial e a um sentimentalismo descontrolado, experimentará mudanças muito favoráveis que não podem ser induzidas por nenhum outro modo. Condições especialmente alteradas farão com que tais personalidades comecem a se desintegrar, dando origem, desta forma, aos esforços cognitivos e intelectuais e à reflexão moral.

Um exemplo de programa desse tipo de experiência é o American Peace Corps. Pessoas jovens viajam para muitos países pouco desenvolvidos para lá viver e trabalhar, muitas vezes sob condições primitivas. Elas aprendem a entender as demais nações e costumes e o seu egotismo decresce. Sua visão de mundo se desenvolve e ela se torna mais realista. Elas perdem, assim, os defeitos característicos de caráter do americano moderno.

Para superar algo cuja origem está encoberta nos mistérios dos tempos imemoriais, nós freqüentemente sentimos que devemos lutar contra os moinhos de vento da história, sempre em movimento. Contudo, o objetivo final de tal esforço é a possibilidade de que um entendimento objetivo da natureza humana e de sua eterna fraqueza, mais a transformação resultante da psicologia social, possam nos capacitar efetivamente para neutralizar ou prevenir os resultados destrutivos e trágicos, muitas vezes em um futuro não muito distante.

Nossos tempos são excepcionais, e o sofrimento, hoje, nos leva a um melhor entendimento do que nos levava alguns séculos atrás. Este entendimento e este conhecimento

adequam-se melhor ao quadro geral, uma vez que estão baseados em dados objetivos. Tal observação, portanto, torna-se realista, e as pessoas e os problemas amadurecem em ação. Tais ações não devem estar limitadas à contemplação teórica mas, pelo contrário, devem adquirir organização e forma.

Assim, para facilitar isso, vamos considerar as questões selecionadas e a idéia de uma nova disciplina que estudaria o mal, descobriria os fatores de sua gênese, as propriedades insuficientemente compreendidas e os seus pontos fracos, delineando assim novas possibilidades de neutralizar a origem do sofrimento humano.

---

20 Hidromel é uma bebida alcoólica da antiguidade, anterior ao vinho e à cerveja.

21 Histeria é um termo de diagnóstico aplicado a um estado mental de medo incontrolável ou de excesso emocional. Neste livro, o uso refere-se ao medo da verdade ou medo de pensar sobre coisas desagradáveis, para não estragar a festa de contentamento presente.

22 Johann Gottfried Herder – Foi um filósofo e escritor alemão do século XVIII que influenciou fortemente a literatura alemã. Sua analogia das culturas nacionais como seres orgânicos teve uma enorme influência na consciência histórica moderna – NT.

23 Grigoriy Yefimovich Rasputin (1869-1916); místico russo que se tornou muito influente no período do czar Nicolau II. Detinha a total confiança da czarina, ainda que fosse constantemente acusado de levar uma vida imoral. Foi assassinado em dezembro de 1916 – NT.

24 Teleologia – é o estudo filosófico das causas finais, isto é, dos propósitos da sociedade, da humanidade, da natureza – NT.

25 Edward Stuart Russel (1887-1954), biólogo e filósofo escocês – NT.

26 Richard Bevan Braithwate (1900-1990), filósofo inglês especializado na filosofia da ciência – NT.

27 Gerd Sommerhoff (1915-2002), neurocientista e professor alemão que passou boa parte da vida radicado na Inglaterra – NT.

28 No original, *trigger-happy,* que é uma expressão para a pessoa que sente prazer em atirar, ansiosa por uma batalha – NT.

29 *O livro de San Michele*; as memórias do médico sueco Axel Munthe (1857-1949) – NT.

30 *Austrian talk* é uma expressão que significa conversa vazia. O relativo em português seria "conversa fiada" – NT.

31 "Guerra, Guerra, Guerra! Vai ser uma Guerra legal..."

32 Paralogismo: discurso falso, mas que tem a aparência de verdade – NT.

Desde os tempos antigos, os filósofos e os pensadores religiosos, representando várias atitudes em diferentes culturas, têm procurado a verdade em relação aos valores morais, tentando encontrar um critério para o que é certo e o que constitui um bom conselho. Eles descreveram extensivamente as virtudes do caráter humano e sugeriram que estas virtudes deveriam ser adquiridas. Eles criaram uma herança contendo séculos de experiência e reflexão. A despeito das diferenças óbvias nas culturas e atitudes, e apesar de trabalharem em épocas e localidades totalmente distantes, a similaridade, ou a natureza complementar das conclusões alcançadas pelos filósofos famosos da antiguidade são impressionantes. Isso demonstra que qualquer coisa que seja valiosa é condicionada e causada pelas leis da natureza, que agem sobre as personalidades tanto dos seres humanos individuais como das sociedades coletivas.

É também intelectualmente instigante observar como foi dito relativamente pouco sobre o lado oposto da moeda; a natureza, as causas e a gênese do mal. Estes assuntos são geralmente ocultados *atrás* das conclusões gerais acima descritas, com uma certa dose de sigilo. Tal estado de coisas pode ser parcialmente relacionado às condições sociais e às circunstâncias históricas sob as quais esses pensadores trabalharam. Seu *modus operandi* pode ter sido determinado, no mínimo em parte, pelo destino pessoal, pelas tradições herdadas ou mesmo pelo puritanismo. Afinal de contas, justiça e virtude são os opostos de força e perversidade. O

mesmo se aplica à honestidade versus mendacidade e, da mesma forma, saúde é o oposto de doença. É também possível que qualquer coisa que eles tenham pensado ou dito sobre a verdadeira natureza do mal tenha sido expurgada ou escondida posteriormente, por aquelas mesmas forças que procuraram expor.

O caráter e a gênese do mal, então, permaneceram escondidos nas sombras discretas, ficando para a literatura o papel de lidar com o assunto em uma linguagem altamente expressiva. Mas, por mais expressiva que a linguagem literária possa ser, ela nunca atingiu a origem primária dos fenômenos. Um certo espaço cognitivo permaneceu como um bosque inexplorado de questões morais, que resiste à compreensão e a generalizações filosóficas.

Os filósofos atuais, desenvolvendo uma meta-ética, estão tentando uma impulsão ao longo do espaço elástico que leva a uma análise da linguagem da ética, contribuindo um pouco aqui e ali para eliminar as imperfeições e hábitos da linguagem conceitual natural. Penetrar neste núcleo sempre misterioso é altamente tentador para um cientista.

Ao mesmo tempo, tanto profissionais ativos na vida social como pessoais normais procurando pelo seu caminho são condicionados de forma significativa pela sua confiança em certas autoridades. Tentações eternas tais como banalizar os valores morais insuficientemente comprovados, ou se aproveitar deslealmente do respeito de pessoas ingênuas por eles, não encontram um contrapeso adequado dentro de um entendimento racional da realidade.

Se os médicos tivessem se comportado como os estudiosos da ética, isto é, se tivessem relegado os fenômenos relativamente não estéticos das doenças à sombra de suas experiências pessoais, porque estavam primariamente interessados em estudar as questões de higiene física e

mental, nós não teríamos a medicina moderna. Mesmo as raízes desta ciência de manutenção da saúde seriam escondidas em sombras similares. Apesar do fato da teoria da higiene estar relacionada à medicina, desde as suas antigas origens, os médicos estavam certos em dar ênfase ao estudo das doenças acima de tudo. Eles arriscaram sua própria saúde e fizeram sacrifícios para descobrir as causas e as propriedades biológicas das doenças e, depois, para entender a dinâmica patológica do curso destas doenças. Uma compreensão da natureza de uma doença, e do curso de sua ocorrência, afinal de contas, possibilita a elaboração dos meios curativos apropriados.

Enquanto estudavam a habilidade de um organismo de reagir a uma doença, os cientistas inventaram a vacinação, que permitiu aos organismos se tornarem resistentes a uma doença, sem passar por ela em sua manifestação completa. Graças a isso, a medicina venceu e preveniu os fenômenos que, no seu campo de atividade, são considerados um tipo de mal.

A questão então aparece: não poderíamos usar um *modus operandi* análogo para estudar as causas e a gênese de outros tipos de mal que torturam os indivíduos humanos, as famílias e a sociedade, apesar do fato de que eles parecem muito mais ofensivos aos nossos sentimentos morais do que as doenças? A experiência tem ensinado ao autor que o mal é similar a uma doença em sua natureza, embora possivelmente mais complexo e fugidio ao nosso entendimento. Sua gênese revela muitos fatores de caráter patológico, especialmente os psicopatológicos, cuja essência a medicina e a psicologia já estudaram, ou cujo entendimento demanda investigação adicional nesses campos.

Paralelamente à abordagem tradicional, os problemas comumente percebidos como sendo morais podem também ser tratados com base nos dados fornecidos pela biologia,

medicina e psicologia, uma vez que fatores desse tipo estão presentes simultaneamente na questão como um todo. A experiência nos ensina que a compreensão da essência e da gênese do mal geralmente faz uso de informações dessas áreas. Somente a reflexão filosófica não é suficiente. O pensamento filosófico pode ter gerado todas as disciplinas científicas, mas as disciplinas científicas não amadureceram até que se tornaram independentes, baseadas em informações detalhadas e em relações com outras disciplinas que fornecessem tais informações.

Encorajado pelas freqüentes descobertas “por coincidência” destes aspectos naturalistas do mal, o autor imitou a metodologia da medicina; sendo um psicólogo clínico e um colaborador médico por profissão, ele tem tais tendências de qualquer forma. Como é o caso com os médicos e as doenças, ele assumiu o risco de entrar em contato próximo com o mal e sofreu as consequências. Seu objetivo foi averiguar as possibilidades de entendimento da natureza do mal, seus fatores etiológicos, e rastrear sua dinâmica patológica.

Os desenvolvimentos da biologia, da medicina e da psicologia abriram tantas avenidas que o procedimento acima mencionado não só se tornou praticável, mas excepcionalmente produtivo. A experiência pessoal e os métodos apurados em psicologia clínica permitiram atingir conclusões ainda mais precisas.

Houve uma dificuldade maior: dados insuficientes, especialmente na área da ciência da psicopatia. Esse problema teve que ser superado por meio das minhas próprias investigações. Essa insuficiência foi causada por negligência dessas áreas, por dificuldades teóricas encontradas pelos pesquisadores e pela natureza impopular desses problemas. Este trabalho em geral, e este capítulo em particular, contêm referências utilizadas nas conclusões da

pesquisa que o autor foi impedido de publicar ou que não quis publicar por razões de segurança pessoal. Infelizmente, elas foram perdidas, e a idade impede qualquer tentativa de recuperação. Espera-se que minhas descrições, observações e experiência aqui condensadas a partir da memória forneçam uma plataforma para um novo esforço, de forma a produzir os dados necessários para confirmar novamente o que já havia sido confirmado à época.

Todavia, com base no meu trabalho e no trabalho de outros naquele tempo passado trágico, uma nova disciplina surgiu e tornou-se nosso farol; dois filólogos gregos, monges, a batizaram de PONEROLOGIA (do grego *poneros*, que significa mal). O processo da gênese do mal foi chamado de forma correspondente de "ponerogênese". Eu espero que esse começo modesto progrida, de forma que nos habilite a superar o mal através do entendimento de sua natureza, de suas causas e do seu desenvolvimento.

***

A partir de 5000 pacientes psicóticos, neuróticos e saudáveis, o autor selecionou 384 adultos que se comportaram de uma maneira seriamente danosa a outras pessoas. Eles vieram de todos os círculos da sociedade polonesa, mas principalmente de um grande centro industrial caracterizado pelas condições miseráveis de trabalho e por uma poluição substantiva do ar. Eles representavam várias atitudes morais, sociais e políticas. Cerca de 30 deles foram submetidos a medidas penais que foram, muitas vezes, excessivamente cruéis. Uma vez libertados da prisão ou de outra pena, essas pessoas tentaram se readaptar à vida social, o que fez com que tendessem a ser sinceras nas conversas comigo – o psicólogo. Outros escaparam da punição; outros ainda tinham machucado seus companheiros de uma forma que não os qualificou para tratamento judicial de acordo com a teoria e com a prática legal. Alguns foram protegidos por

um sistema político que é em si mesmo um derivado ponerogênico. O autor teve a vantagem adicional de falar com pessoas cujas neuroses foram causadas por algum abuso que elas experimentaram.

Todas as pessoas acima mencionadas foram submetidas a testes psicológicos e a uma anamnese detalhada, de forma a determinar suas habilidades mentais gerais e com isso excluir ou detectar possíveis lesões no tecido cerebral e avaliá-las uma em relação à outra.[33] Outros métodos também foram usados de acordo com as necessidades reais dos pacientes, de forma a criar uma imagem suficientemente precisa das condições psicológicas. Na maioria dos casos, o autor teve acesso aos resultados dos exames médicos e de laboratório realizados nas instalações médicas.

Um psicólogo pode compilar muitas observações valiosas, tais como essas utilizadas neste trabalho, quando ele mesmo está sujeito ao abuso, desde que o seu interesse pelo conhecimento sobreponha suas reações emocionais humanas, que são naturais. Se não, ele deve utilizar suas habilidades profissionais para resgatar primeiro a si mesmo. Ao autor nunca faltaram tais oportunidades, uma vez que seu país infeliz está repleto de exemplos de injustiça humana, às quais ele mesmo esteve sujeito em inúmeras ocasiões.

A análise de suas personalidades e da gênese de seus comportamentos revelou que somente 14 a 16% das 384 pessoas que feriram outras pessoas *falharam* em manifestar qualquer fator psicopatológico que teria influenciado seu comportamento. Em relação a essa estatística, é importante apontar que a não descoberta de tais fatores, pelo psicólogo, não prova a sua não existência. Em uma parte significativa desse grupo de casos, a falta de prova foi, na verdade, resultado de possibilidades insuficientes de entrevista, da imperfeição dos métodos de teste ou da habilidade deficiente por parte da pessoa que realizou o teste. Então, a realidade

natural mostra-se diferente em princípio das atitudes do dia-a-dia, que interpretam o mal de uma forma moralizante, e a partir das práticas judiciais, que somente em uma pequena parte dos casos adjudicam uma comutação da sentença, em virtude das características patológicas do criminoso em questão.

Nós podemos raciocinar freqüentemente por meio de hipóteses excludentes, isto é, ponderando o que teria acontecido se a gênese de um delito não tivesse algum componente patológico. Nós, então, geralmente chegamos à conclusão de que o feito não teria acontecido, ou porque o fator patológico determina a sua ocorrência, ou porque se torna um componente indispensável à sua origem.

A hipótese sugere então, por si mesma, que tais fatores são comumente ativos na gênese do mal. A convicção de que os fatores patológicos geralmente participam nos processos ponerogênicos parece ainda mais provável se levarmos também em consideração a convicção de muitos estudiosos da ética de que o mal neste mundo representa um tipo de teia ou sequência contínua de *condicionamentos mútuos*. Dentro desta estrutura integrada, um tipo de mal alimenta e abre portas para outros, independentemente de qualquer motivação individual ou doutrinal. Ela não respeita os limites de casos individuais, de grupos sociais e de nações. Uma vez que os fatores patológicos estejam presentes na síntese de muitas ocorrências do mal, eles estarão presentes também nessa sequência contínua.

Deliberações posteriores sobre as observações então obtidas consideraram somente uma *parte* dos casos diversificados acima mencionados, especialmente aqueles que não geraram dúvidas por entrar em confronto com atitudes morais naturais, e aqueles que não revelaram dificuldades práticas para análise posterior (tal como a ausência de contato posterior com o paciente). A abordagem

estatística forneceu somente diretrizes gerais. A penetração intuitiva em cada problema individual, e uma síntese similar do todo, provaram ser o método mais produtivo nessa área.

O papel dos fatores patológicos no processo de origem do mal pode ser representado por qualquer fenômeno psicopatológico conhecido, ou ainda não pesquisado suficientemente, e também por assuntos patológicos relacionado à prática médica não inclusos na psicopatologia. Contudo, sua atividade em um processo ponerogênico é dependente de características *que não são a obviedade ou a intensidade do distúrbio*. Muito pelo contrário, a maior atividade ponerogênica é alcançada pelos fatores patológicos em uma intensidade que geralmente permite a detecção com a ajuda de métodos clínicos, embora eles *não sejam ainda considerados patológicos pela opinião do ambiente social*. Tal fator pode limitar dissimuladamente a habilidade do portador de controlar sua conduta, ou ter um efeito sobre as outras pessoas, traumatizando suas psiques, fascinando-as, fazendo com que suas personalidades se desenvolvam incorretamente, ou incitando emoções vingativas ou um desejo de punição. Uma interpretação moralista de tais agentes e de seu legado contraria a habilidade da espécie humana em ver as causas do mal e de utilizar o senso comum para combatê-lo. É por isso que identificar tais fatores patológicos, e revelar suas atividades, pode reprimir as funções ponerogênicas com tanta frequência.

No processo da origem do mal, os fatores patológicos podem agir a partir do interior do indivíduo que cometeu um ato prejudicial; tal atividade é reconhecida de forma relativamente fácil pela opinião pública e pelas cortes. Muito menos freqüente é a consideração para com o modo com que as influências externas emitidas por seus portadores agem sobre indivíduos ou grupos. Tais influências, no entanto, têm um papel importante na gênese geral do mal. Para que tal

influência seja ativa, a característica patológica em questão deve ser interpretada de uma forma moralista, isto é, diferentemente de sua natureza verdadeira. Existem muitas possibilidades para tais atividades. Para o momento, vamos indicar a mais perigosa.

Toda pessoa, no decorrer de sua vida, e particularmente durante a infância e a juventude, assimila material psicológico das demais pessoas através de ressonância mental, identificação, imitação e outros meios de comunicação, em seguida transformando tudo isso para construir sua própria personalidade e visão de mundo. Se tal material é contaminado por fatores patológicos e deformidades, o desenvolvimento da personalidade também pode ser deformado. O produto será uma pessoa incapaz de entender corretamente tanto ela mesma como as outras pessoas, tanto as relações humanas normais como as morais. Ela se desenvolve para ser uma pessoa que comete atos maus com um sentimento medíocre de deficiência. Ela é realmente culpada?

A antiguidade do homem, as fraquezas morais e deficiências de inteligência na família, o raciocínio apropriado, e o conhecimento combinam-se com a atividade de vários fatores patológicos para criar uma rede complexa de causas que freqüentemente contém relações de realimentação ou estruturas causais fechadas. Falando de forma prática, causa e efeito estão freqüentemente bem separados no tempo, o que torna mais difícil traçar as ligações. Se nosso campo de observação é suficientemente extenso, os processos ponerogênicos são reminiscentes de sínteses químicas complexas, nas quais a mudança de um simples fator faz com que o processo inteiro mude. Os botânicos estão cientes da lei do mínimo,[34] na qual o crescimento de uma planta é limitado pelo conteúdo do componente que está deficiente no solo. Similarmente,

eliminando (ou no mínimo, limitando) a atividade de um dos fatores ou deficiências mencionadas acima, deve-se obter uma redução correspondente no processo inteiro de gênese do mal.

Durante séculos, os moralistas têm nos aconselhado a desenvolver a ética e os valores humanos. Eles estiveram procurando pelo critério intelectual apropriado. Eles também respeitaram a correção de raciocínio, cujo valor nessa área é inquestionável. Apesar de todos os seus esforços, contudo, eles foram *incapazes de superar os muitos tipos de mal que têm aterrorizado a humanidade por séculos* e que nos dias atuais têm tomado proporções nunca antes vistas.

Um ponerologista não deseja de forma alguma diminuir o papel dos valores morais e do conhecimento nessa área; pelo contrário, ele quer sustentá-los com um conhecimento científico desprezado até o momento, de forma a refinar a imagem como um todo e adaptá-la melhor à realidade, e através disso tornar possível que uma ação seja mais efetiva na prática moral, psicológica, social e política.

Essa nova disciplina está, assim, interessada primariamente no papel dos fatores patológicos da origem do mal, considerando especialmente que o controle consciente e o monitoramento desses fatores nos níveis científico, social e individual poderia efetivamente reprimir ou desarmar esses processos. Algo que foi impossível por séculos é agora exequível na prática, graças ao progresso do conhecimento naturalista. Refinamentos metodológicos dependem de progresso posterior no detalhamento dos dados e da convicção de que tal procedimento é valioso.

Por exemplo, no curso da psicoterapia, nós podemos informar o paciente que encontramos, na gênese de sua personalidade e comportamento, os resultados de influências de alguma pessoa que revelou características

psicopatológicas. Através disso, realizamos uma intervenção que é dolorosa para o paciente, o que exige que procedamos com tato e habilidade. Como resultado dessa interação, contudo, o paciente desenvolve um tipo de autoanálise que o libertará dos resultados dessas influências e o habilitará a desenvolver uma distância crítica ao lidar com outros fatores de natureza similar. A reabilitação dependerá do aperfeiçoamento da sua habilidade de entender a si mesmo e os outros. Graças a isso, ele será capaz de superar mais facilmente suas dificuldades internas e interpessoais, e evitar erros que machuquem seu ambiente imediato e ele mesmo.

FATORES PATOLÓGICOS

Vamos agora tentar fazer uma descrição concisa de alguns exemplos desses fatores patológicos que provaram ser os mais ativos nos processos ponerogênicos. A seleção desses exemplos foi baseada na própria experiência do autor, em vez de contagens estatísticas exaustivas, e podem diferir da avaliação de outros especialistas. Uma grande parte depende da situação particular. Uma pequena quantidade de dados estatísticos relacionados a estes fenômenos foi emprestada de outros trabalhos ou são avaliações aproximadas elaboradas sob condições que não permitiam que a frente de pesquisa inteira fosse desenvolvida. Novamente, o leitor deve levar em consideração as condições sob as quais o autor trabalhou, bem como o tempo e a localidade.

A menção de algumas figuras históricas também deve ser feita, pessoas cujas características patológicas contribuíram para o processo de gênese do mal em uma grande escala social, imprimindo sua marca sobre o destino das nações. Não é uma tarefa fácil estabelecer o diagnóstico de pessoas cujas anomalias e doenças psicológicas morreram junto com eles. Os resultados de tais análises clínicas estão abertos a questionamentos, mesmo por pessoas desprovidas de conhecimento ou experiência nessa área, somente porque o reconhecimento de tal estado da mente não corresponde ao seu modo de pensar literário ou histórico. Na medida em que esses questionamentos são feitos com base no legado da linguagem natural e freqüentemente moralizante, eu posso somente garantir que sempre fundamentei minhas descobertas na comparação de informações adquiridas através de numerosas observações que fiz, estudando muitos pacientes similares com a ajuda dos métodos objetivos da psicologia clínica contemporânea. Eu levei a abordagem crítica, aqui, tão longe quanto possível. As opiniões de

especialistas elaboradas de uma forma similar, no entanto, permanecem válidas.

ANORMALIDADES ADQUIRIDAS

O tecido cerebral é muito limitado em sua capacidade regenerativa. Se ele é danificado e esta alteração é ulteriormente cicatrizada, pode ocorrer um processo de reabilitação, de forma que os tecidos saudáveis que estão próximos assumem a função das partes afetadas. Essa substituição não é sempre perfeita, de forma que algumas deficiências de habilidade e nos processos psicológicos apropriados podem ser detectadas, mesmo em casos de lesões bem pequenas, através do uso de testes apropriados.

Os especialistas estão cientes das diferentes causas para a origem de tais lesões, incluindo traumas e infecções. Nós devemos apontar aqui que os resultados psicológicos de tais alterações, como pudemos observar muitos anos depois, são muito mais dependentes da *localização* da lesão mesma na massa cerebral, tanto na superfície como dentro dela, do que da causa que a originou. A qualidade dessas consequências também depende de *quando* elas ocorreram no decorrer da vida da pessoa. Em relação aos fatores patológicos dos processos ponerogênicos, lesões no período perinatal ou na primeira infância têm resultados mais ativos que danos ocorridos em períodos posteriores.

Nas sociedades com assistência médica altamente desenvolvida, nós encontramos entre as séries mais baixas do ensino fundamental (quando testes podem ser aplicados), que de 5 a 7% das crianças sofreram lesões do tecido cerebral que causaram certas dificuldades acadêmicas ou de comportamento. Esse percentual aumenta com a idade. A assistência médica moderna contribuiu para um decréscimo quantitativo de tais fenômenos, mas em certos países relativamente não civilizados, e durante tempos históricos, as indicações de dificuldades causadas por tais mudanças foram e têm sido mais freqüentes.

A epilepsia e as suas muitas variações constituem o resultado conhecido mais antigo de tais lesões; ela é observada em um número relativamente pequeno de pessoas sofrendo desta lesão. Os pesquisadores nesses assuntos são mais ou menos unânimes em acreditar que Júlio César e, mais tarde, Napoleão Bonaparte, tinham ataques epilépticos. Foram provavelmente exemplos de epilepsia vegetativa causada por lesões que permaneceram profundamente, dentro do cérebro, próximo aos centros vegetativos. Essa variedade não causa demência subsequente. A extensão dos efeitos negativos dessas indisposições escondidas sobre o caráter e o modo de tomar decisões, ou a afirmação de que as mesmas tiveram um papel ponerogênico, pode ser o assunto de um estudo e de uma avaliação à parte, de grande interesse. Na maioria dos casos, contudo, a epilepsia é uma indisposição *evidente*, o que limita seu papel como fator ponerogênico.

Em um segmento muito mais amplo de portadores de lesões no tecido cerebral, a *deformação negativa de seus caracteres* cresce com o decorrer do tempo. Ela assume representações mentais variadas, dependendo das propriedades e da localização destas alterações, de seu momento de origem e ainda das condições de vida do indivíduo após sua ocorrência. Nós chamaremos esses transtornos de caráter – *caracteropatias*. Algumas caracteropatias têm um papel importante como agente patológico nos processos de gênese do mal. Vamos então caracterizar os transtornos mais ativos.

As caracteropatias revelam uma certa qualidade similar, se o quadro clínico não é ofuscado pela coexistência de outras anomalias mentais (em geral, herdadas), que muitas vezes ocorrem na prática. O tecido cerebral sem lesões retém as propriedades psicológicas naturais da nossa espécie. Isso é particularmente evidente nas respostas instintiva e afetiva, que são naturais, embora sempre insuficientemente

controladas. A experiência de pessoas com tais anomalias cresce no meio do mundo das pessoas normais, ao qual elas pertencem por natureza. Então, o seu modo de pensar diferente, sua violência emocional e o seu egotismo encontram uma entrada relativamente fácil na mente das outras pessoas, e são percebidos dentro das categorias do mundo cotidiano. Tal comportamento por parte das pessoas que possuem tais transtornos de caráter traumatiza a mente e os sentimentos das pessoas normais, diminuindo gradualmente a habilidade destas de usar seu senso comum. Apesar da sua resistência, as vítimas da caracteropatia acabam se acostumando aos hábitos rígidos dos pensamentos e da experiência patológica. Se as vítimas são pessoas jovens, o resultado é que a personalidade sofre um desenvolvimento anormal, levando à sua malformação. As caracteropatias e suas vítimas representam fatores ponerogênicos patológicos que, por sua atividade encoberta, produzem facilmente novas fases na eterna gênese do mal, abrindo a porta para uma ativação posterior de outros fatores que, por conta disso, assumem o papel principal.

Um exemplo relativamente bem documentado de tal influência de uma personalidade caracteropática em uma escala macrossocial é o último imperador alemão, Guilherme II.[35] Ele foi vítima de um trauma cerebral no nascimento. Durante seu reinado inteiro, e também depois, sua deficiência física e psicológica foi escondida do conhecimento público. As habilidades motoras da parte superior esquerda do seu corpo eram limitadas. Quando garoto, ele tinha dificuldades para aprender gramática, geometria e desenho, que constituem a tríade típica das dificuldades acadêmicas causadas pelas lesões cerebrais menores. Ele desenvolveu uma personalidade com características infantis e com controle insuficiente sobre as suas emoções, e também um modo de certa forma paranóico de pensar, que facilmente o fazia

colocar de lado o cerne de alguns assuntos importantes, no processo de esquivar-se dos problemas.

Poses militaristas e um uniforme de general foram uma compensação para os seus sentimentos de inferioridade e efetivamente ocultaram suas desvantagens. Politicamente, seu controle emocional insuficiente e os fatores de rancor pessoal vieram à tona. O velho Chanceler de Ferro[36] tinha que sair, aquele político perspicaz e cruel que tinha sido leal à monarquia e que construiu o poder prussiano. Afinal, ele sabia demais sobre os defeitos do príncipe e havia trabalhado contra a sua coroação. Um mesmo destino encontraram outras pessoas muito críticas, que foram trocadas por pessoas com menos cérebro, mais subserviência e, algumas vezes, com anomalias psicopatológicas discretas. *A seleção negativa aconteceu*.

Uma vez que as pessoas comuns estavam inclinadas à identificação com o imperador e, através do imperador, com um sistema de governo, o material caracteropático que emanava do *Kaiser* trouxe como resultado, para muitos alemães, a privação progressiva de sua habilidade para utilizar o seu senso comum. Uma geração inteira cresceu com deformidades psicológicas em relação ao sentimento e entendimento das realidades moral, psicológica, social e política. É extremamente típico que em muitas famílias alemãs onde houvesse um membro que fosse psicologicamente não muito normal, tornou-se matéria de honra (mesmo desculpando condutas desprezíveis) esconder esse fato da opinião pública, e mesmo dos amigos mais próximos e parentes. Grande parte da sociedade alemã ingeriu material psicopatológico, junto com o modo não realístico de pensamento, no qual slogans assumem o poder da argumentação e dados reais são sujeitos à seleção subconsciente.

Isso ocorreu durante uma época em que uma onda de histeria foi crescendo através da Europa, incluindo uma tendência de predominância das emoções e da presença de um elemento de histrionismo nos comportamentos humanos. O modo como o pensamento sóbrio de um indivíduo pode ser aterrorizado por um comportamento colorido com tais materiais foi evidenciado particularmente pelas mulheres. Isso dominou progressivamente três impérios e outros países do continente.

Em que extensão Guilherme II contribuiu para isso, em conjunto com outros dois imperadores cujas mentes também foram incapazes de captar os fatos reais da história e do governo? Em que extensão foram eles mesmos influenciados por uma intensificação de histeria durante seus reinados? Isso seria um tópico interessante para discussão entre historiadores e ponerologistas.

As tensões internacionais aumentaram; o arquiduque Ferdinand foi assassinado em Sarajevo. Infelizmente, nem o Kaiser nem qualquer outra autoridade governamental de seu país estavam em posse de sua razão. O que dominou os eventos subseqüentes foi a atitude emocional de Guilherme e os estereótipos de pensamento e ação herdados do passado. A guerra estourou.

Os planos de guerra gerais que tinham sido preparados anteriormente, e que tinham perdido sua relevância sob as novas condições, acabaram se desdobrando em uma manobra militar. Mesmo aqueles historiadores familiares com a gênese e o caráter do estado Prussiano, incluindo a sujeição ideológica dos indivíduos à autoridade do rei e do imperador e sua tradição de expansionismo sangrento, intuíram que essas situações continham alguma atividade de uma *fatalidade incompreensível*, que impede uma análise em termos de causalidade histórica.

Muitas pessoas atentas estão sempre fazendo a mesma pergunta ansiosa: como a nação alemã pôde escolher como Fuehrer um psicopata ridículo que não deixou dúvidas a respeito da sua visão patológica do super-homem? Sob sua liderança, a Alemanha desencadeou uma segunda guerra criminosa e politicamente absurda. Durante a segunda parte dessa guerra, oficiais do exército, altamente treinados, executaram honradamente as ordens mais desumanas, sem o menor senso do ponto de vista político e militar, determinadas por um homem cujo estado psicológico corresponde ao critério rotineiro para que seja internado à força em um hospital psiquiátrico.

Qualquer tentativa de explicar as coisas que ocorreram durante a primeira metade do nosso século, por meio das categorias geralmente aceitas no pensamento histórico, deixa um sentimento perturbador de inadequação. Somente uma abordagem ponerológica pode melhorar esta falha na nossa compreensão, uma vez que ela faz justiça em relação ao papel de vários fatores patológicos na gênese do mal, em todos os níveis sociais.

A nação alemã, alimentada, por uma geração, de material psicológico alterado patologicamente, caiu em um estado comparável ao que vemos em certos indivíduos que foram criados por pessoas que são ao mesmo tempo caracteropatas e histéricos. Psicólogos sabem, pela experiência, quão freqüentemente tais pessoas acabam por cometer atos que machucam seriamente os outros. Um psicoterapeuta precisa de uma boa dose de trabalho persistente, habilidade e prudência para capacitar tal pessoa, de forma a restituir sua capacidade de compreender problemas psicológicos com um realismo mais naturalista, e a utilizar sua faculdade crítica saudável em relação ao seu próprio comportamento.

Os alemães impuseram e sofreram danos enormes e dor durante a primeira Guerra Mundial; eles, assim, não sentiram

nenhuma culpa substancial e até mesmo pensaram que eram eles os que haviam sido ofendidos. Isso não surpreende, já que eles estavam se comportando de acordo com seu hábito costumeiro, sem nenhuma ciência de suas causas patológicas. A necessidade de que esse estado patológico fosse ocultado em um uniforme de herói depois da guerra, de forma a evitar uma desintegração amarga, tornou-se comum a todos. Uma fome misteriosa surgiu, como se o organismo social conseguisse se viciar em alguma droga. Esta fome foi por mais material psicológico patologicamente modificado, um fenômeno conhecido pela experiência psicoterapêutica. Ela somente podia ser satisfeita por uma personalidade e um sistema de governo patologicamente similares. Uma personalidade caracteropática abriu a porta para a liderança de um psicopata individual. Nós voltaremos mais tarde em nossas deliberações sobre essa sequência da personalidade patológica, uma vez que ela aparece com uma certa regularidade nos processos ponerogênicos.

Uma abordagem ponerológica facilita nosso entendimento de uma pessoa que sucumbe à influência de uma personalidade caracteropática, assim como também a compreensão dos fenômenos macrossociais causados pela contribuição de tais fatores. Infelizmente, relativamente poucos desses indivíduos podem ser auxiliados por meio de psicoterapia apropriada. Tal comportamento não pode estar relacionado às nações que defendem orgulhosamente sua soberania, sem reações externas extremas. Contudo, nós devemos considerar a solução de tais problemas, por meio do conhecimento apropriado, como uma visão para o futuro.

***

Distúrbios de Caráter Paranóico: é característico do comportamento paranóico que as pessoas sejam capazes de um raciocínio relativamente correto e de discussões, desde que a conversa envolva pequenas diferenças de opinião. Isso é

interrompido de forma abrupta quando os argumentos do interlocutor começam a minar suas idéias supervalorizadas, quando destroem seus estereótipos de raciocínio mantidos por muito tempo ou quando os força a aceitar uma conclusão que eles já haviam rejeitado subconscientemente. Tal estímulo libera sobre o interlocutor uma torrente de discursos pseudológicos, amplamente paramoralísticos, quase sempre ofensivos e que sempre contêm algum grau de sugestionamento.

Discursos como esses inspiram a aversão entre pessoas lógicas e cultas, que tendem então a evitar os tipos paranóicos. Contudo, o poder dos paranóicos reside no fato de que eles escravizam facilmente as mentes menos críticas, como por exemplo as pessoas com outros tipos de deficiências psicológicas, que têm sido vítimas da influência egotística de indivíduos com distúrbios de caráter e, em particular, um grande segmento de pessoas jovens.

Um proletário pode perceber esse poder de escravização como um tipo de vitória sobre as pessoas de classe mais alta e então tomar partido da pessoa paranóica. Contudo, isso não é uma reação normal entre as pessoas comuns, nas quais a percepção da realidade psicológica ocorre tanto quanto entre os intelectuais.

No somatório, então, a resposta de aceitação de uma argumentação paranóica é qualitativamente mais freqüente na proporção inversa ao nível de civilização da comunidade em questão, embora nunca se aproxime da maioria. Todavia, os indivíduos paranóicos tornam-se cientes de sua influência escravizadora através da experiência e das tentativas de dela obter vantagem, de um modo patologicamente egotista.

Nós sabemos hoje que o mecanismo psicológico do fenômeno da paranóia é duplo: um deles é causado por um dano do tecido cerebral e o outro é funcional ou

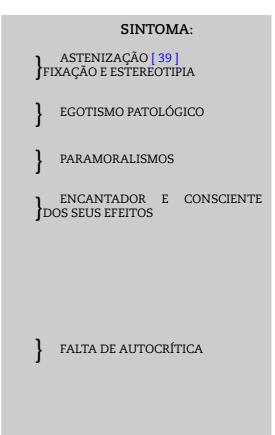
comportamental. Dentro dos processos de reabilitação acima mencionados, qualquer lesão de tecido cerebral causa um certo enfraquecimento do pensamento preciso e, como consequência, da estrutura da personalidade. Os mais típicos são os casos causados por uma agressão ao diencéfalo,[37] por vários fatores patológicos, o que resulta em uma diminuição permanente na habilidade tonal e, da mesma forma, do tônus de inibição no córtex cerebral. Particularmente durante noites de insônia, pensamentos fugidios dão origem a um visão alterada e paranóica da realidade humana, assim como também a idéias que podem ser tanto genuinamente ingênuas como violentamente revolucionárias. Nós chamaremos este tipo de *caracteropatia paranóica*.

Em pessoas que não possuem lesões do tecido cerebral, tais fenômenos ocorrem com maior frequência como resultado de uma educação feita por pessoas com caracteropatia paranóica, em conjunto com o terror psicológico de sua infância. Tal material psicológico é então assimilado, criando os estereótipos rígidos da experiência anormal. Isso dificulta o desenvolvimento normal do pensamento e da visão de mundo, e os conteúdos bloqueados de terror acabam se transformando em centros congestivos permanentes e funcionais.

Ivan Pavlov compreendeu todos os tipos dos estados de paranóia, de um modo similar a esse modelo funcional, sem estar ciente dessa causa básica e primária. Apesar disso, ele forneceu uma descrição vívida dos caracteres paranóicos e o modo fácil, mencionado acima, com que os indivíduos paranóicos desligam-se repentinamente da disciplina factual e dos processos de pensamento apropriados. Os leitores do seu trabalho sobre este assunto, que estão suficientemente familiarizados com as condições soviéticas, coletam ainda outro significado histórico de seu pequeno livro. Sua intenção

parece óbvia. Ele dedicou seu trabalho, sem nenhuma palavra de dedicatória, é lógico, ao modelo chefe de uma personalidade paranóica, o líder revolucionário Lênin, quem o cientista conhecia bastante. Como um bom psicólogo, Pavlov podia predizer que ele não seria objeto de vingança, uma vez que a mente paranóica bloqueia as associações egocêntricas. Ele pôde, assim, morrer uma morte natural.

Lênin, todavia, deveria ser incluído com o primeiro e mais característico tipo de personalidade paranóica, isto é, aquele provavelmente causado por dano cerebral no diencéfalo. Vassily Grossman[38] o descreveu mais ou menos como segue:

Lênin era sempre educado, gentil e polido, mas caracterizado simultaneamente por uma atitude excessivamente dura, cruel e brutal para com os adversários políticos. Ele nunca permitiu qualquer possibilidade de que eles estivessem minimamente certos, nem de que ele estivesse minimamente errado. Ele freqüentemente os chamava de camelôs, lacaios, garotos de recado, mercenários, agentes ou Judas que se vendem por trinta moedas de prata. Ele não fazia nenhuma tentativa de persuadir seu oponente durante uma disputa. Ele não se comunicava diretamente com eles, mas preferia fazê-lo com aqueles que testemunhavam o conflito, de forma a comprometer e ridicularizar os seus adversários. Algumas vezes, tais testemunhas eram simplesmente algumas poucas pessoas, algumas vezes milhares de delegados de um congresso, algumas vezes milhões, a multidão dos leitores de jornais.

Caracteropatia Frontal: as áreas frontais do córtex cerebral (10A e B conforme a divisão Brodmann) não estão presentes em praticamente nenhuma criatura além do homem; elas são compostas do tecido nervoso filogeneticamente mais novo. Sua estrutura celular é similar a das áreas de projeção visual, muito mais antigas, que ficam no polo oposto do cérebro. Isso sugere alguma similaridade funcional. O autor encontrou um modo relativamente fácil de testar essa função psicológica, a qual nos capacita a entender um certo número de elementos imaginários no nosso campo de consciência e sujeitá-los à contemplação interna. A capacidade desse ato de projeção interna varia amplamente de uma pessoa para outra, manifestando uma correlação estatística com uma variação similar na extensão anatômica de tais áreas. A correlação entre essa capacidade e a inteligência geral é muito baixa. Como descrito pelos pesquisadores (Luria *et al.*), as funções dessas áreas, aceleração e coordenação do processo de pensamento, parecem resultar dessa função básica.

Danos a essa área ocorrem com alguma frequência: no nascimento ou na primeira infância, especialmente em crianças prematuras e, mais tarde na vida, como resultado de diversas causas. O número de tais lesões no tecido cerebral perinatal foi significantemente reduzido devido ao desenvolvimento da assistência médica para mulheres grávidas e recém-nascidos. Este papel ponerogênico espetacular, resultante dos transtornos de caráter causados por esse tipo de dano, pode ser considerado, de certa forma, característico das gerações passadas e das culturas primitivas.

A lesão do córtex cerebral nessas áreas prejudica, de forma seletiva, as funções acima mencionadas, sem prejudicar a memória, a capacidade associativa ou, em particular, as funções e sentimentos baseados no instinto, como por exemplo a habilidade de intuir uma situação psicológica. A

inteligência geral de um indivíduo não é, então, amplamente reduzida. As crianças com tais defeitos são quase sempre estudantes normais; as dificuldades surgem repentinamente nas séries mais elevadas, e afetam principalmente as partes do curriculum que carregam a função acima.

O caráter patológico de tais pessoas, geralmente contendo um componente de histeria, desenvolve-se através dos anos. As funções psicológicas não afetadas são superdesenvolvidas como uma forma de compensação, o que significa que as reações instintivas e afetivas predominam. Pessoas relativamente vitais tornam-se beligerantes, simpáticas ao risco e brutais tanto na palavra quanto na ação.

Pessoas com um talento inato para intuir situações psicológicas tendem a levar vantagem desse dom de uma forma egoísta e implacável. No processo de pensamento de tais pessoas, um atalho se desenvolve para contornar a função deficiente, levando então das associações diretamente para as palavras, ações e decisões que não estão sujeitas a qualquer dissuasão. Tais indivíduos interpretam seu talento para intuir situações e tomar decisões simplificadas rapidamente como um sinal de sua superioridade em relação às pessoas normais, que necessitam pensar por um longo período de tempo, experimentando a dúvida e as motivações conflitantes. O destino de tais criaturas não merece ser levado em consideração por muito tempo.

Tais “caracteres stalinistas” traumatizam e *encantam* ativamente os outros. Sua influência faz com que seja excepcionalmente fácil contornar os controles do senso comum. Uma grande parte das pessoas tende a atribuir poderes especiais a tais indivíduos, com isso sucumbindo às suas crenças egotistas. Se um dos pais manifesta tal defeito, não importa quão mínimo, todas as crianças na família evidenciam anomalias no desenvolvimento da personalidade.

O autor estudou uma geração inteira de pessoas mais velhas, educadas, nas quais a origem de tal influência foi a irmã mais velha, que sofreu de lesão perinatal dos centros frontais. Desde a primeira infância, seus quatro irmãos mais novos foram expostos ao material psicologicamente alterado de um modo patológico, e o assimilaram, incluindo o componente crescente de histeria de sua irmã. Eles retiveram bem, nos seus sessenta anos, as deformidades de personalidade e de visão de mundo, assim como a características histéricas então causadas, cuja intensidade diminuiu na proporção da maior diferença de idade.

A seleção subconsciente de informação tornou impossível para esses homens apreender qualquer comentário crítico em relação ao caráter da sua irmã; também, qualquer desses comentários era considerado como uma ofensa à honra da família.

Os irmãos aceitaram como reais as ilusões patológicas de sua irmã e as reclamações sobre o seu marido "mau" (que era, na realidade, uma pessoa decente) e seu filho, em quem ela encontrou o bode expiatório para vingar suas falhas. Eles, com isso, participaram de um mundo de emoções vingativas, considerando sua irmã uma pessoa completamente normal a qual eles foram preparados para defender, por meio dos métodos mais repugnantes, se necessário fosse, contra qualquer sugestão de sua anormalidade. Eles pensaram que as mulheres normais eram insípidas e ingênuas, que serviam para nada além de conquistas sexuais. Nem um sequer entre os irmãos construiu uma família saudável, ou desenvolveu uma sabedoria de vida ainda que mediana.

O desenvolvimento do caráter dessas pessoas incluiu ainda muitos outros fatores que foram dependentes do tempo e do local em que eles foram criados: a virada do século, com um pai polonês patriota e uma mãe alemã que obedecia os costumes contemporâneos de aceitar

formalmente a nacionalidade do seu marido, mas ainda agia como uma advogada do militarismo e da aceitação costumeira da histeria intensificada que cobriu a Europa naquela época. Essa foi a Europa dos três Imperadores: o esplendor de três pessoas com inteligência limitada, dois dos quais revelaram características patológicas. O conceito de "honra" santificou o triunfo. Encarar alguém por muito tempo já era pretexto para um duelo. Estes irmãos, assim, foram educados para serem duelistas corajosos com cicatrizes de espada; contudo, os golpes que eles infligiram sobre os seus oponentes foram cada vez mais freqüentes e muito piores.

Quando as pessoas com uma educação humanista analisam as personalidades dessa família, elas concluem que a causa para essa formação deve ser procurada no tempo contemporâneo e em seus costumes. Se, contudo, a irmã não tivesse sofrido a lesão cerebral e o fator patológico não existisse (hipótese excludente), suas personalidades teriam se desenvolvido de modo mais normal, mesmo durante aqueles tempos. Eles teriam se tornado mais críticos e recebido conselhos mais sensíveis de suas mulheres, que teriam sido escolhidas de forma mais sábia. No que se refere ao mal que eles semearam de forma tão liberal durante as suas vidas, ou ele não teria sequer existido, ou talvez fosse reduzido a um nível condicionado por fatores patológicos mais remotos.

Considerações comparativas também levam o autor a concluir que Iosif Vissarionovich Dzhugashvili, também conhecido como Stálin, deveria ser incluído na lista dessa caracteropatia ponerogênica particular, que foi desenvolvida contra um pano de fundo de um dano perinatal aos campos pré-frontais do seu cérebro. A literatura e as notícias sobre ele estão cheias de indicações: bruto, carismático, encantador, tomador de decisões irrevogáveis; brutalidade desumana, vingança patológica dirigida a qualquer um que cruzasse o

seu caminho, crença egotística em sua própria genialidade, da parte de uma pessoa cuja mente era, de fato, somente mediana. Esse estado explica também sua dependência psicológica sobre um psicopata como Beria.[40] Algumas fotografias revelam a deformação típica de sua fronte que aparece em pessoas que sofreram uma lesão, quando muito jovens, nas áreas mencionadas acima. Sua filha descreve suas decisões tipicamente irrevogáveis, como segue:

***

> Sempre que ele expulsava do seu coração alguém que ele tinha conhecido por um longo tempo, classificando-o entre os seus "inimigos" em sua alma, era impossível falar com ele sobre aquela pessoa. O processo reverso se tornava impossível para ele, a saber, persuadi-lo de que aquela pessoa não era seu inimigo, e qualquer tentativa nessa direção o fazia se encolerizar. Redens, Tio Pavlusha e A.S. Svanidze foram incapazes de fazer alguma coisa sobre isso; todos eles conseguiram foi que meu pai rompesse contatos e retirasse sua confiança. Depois de ver qualquer um deles pela última vez, ele disse adeus como se fosse para um adversário em potencial, um dos seus "inimigos"...[41]

***

Nós sabemos o efeito de ser "expulso do seu coração", como foi documentado pela história daqueles tempos.

Quando contemplamos o alcance do mal que Stálin ajudou a trazer, devemos sempre levar em consideração essa caracteropatia mais ponerogênica e atribuir uma porção apropriada de "culpa" a ela; infelizmente, ela ainda não foi suficientemente estudada. Nós temos que considerar muitos outros transtornos patológicos, uma vez que eles têm um papel essencial nesse fenômeno macrossocial. Desconsiderar os aspectos patológicos dessas ocorrências e limitar a interpretação às considerações historiográficas e morais é abrir a porta para a atividade de outros fatores ponerogênicos; tal raciocínio deveria ser então considerado

não somente cientificamente insuficiente, mas também imoral.

***

Caracteropatias induzidas por drogas: durante as últimas décadas, a medicina começou a utilizar uma série de drogas com efeitos colaterais graves: elas atacam o sistema nervoso, deixando para trás danos permanentes. Essas deformidades, geralmente discretas, algumas vezes dão origem a alterações na personalidade, que são com frequência prejudiciais socialmente. A estreptomicina[42] se mostrou uma droga muito perigosa; como resultado, alguns países limitaram o seu uso, enquanto outros a tiraram da lista de drogas cujo uso é permitido.

As drogas citostáticas[43] utilizadas no tratamento de doenças neoplásicas[44] geralmente atacam o tecido cerebral filogeneticamente mais velho, o portador principal do nosso substrato instintivo e de nossos sentimentos básicos. As pessoas tratadas com tais drogas tendem a perder progressivamente sua cor emocional e sua habilidade de intuir uma situação psicológica. Elas retêm suas funções intelectuais mas tornam-se pessoas egocêntricas ansiosas por elogios, facilmente conduzidas por aqueles que sabem como tirar vantagem disso. Elas se tornam indiferentes aos sentimentos das outras pessoas e aos danos que estão impondo sobre estas; qualquer crítica à sua própria pessoa ou ao seu comportamento é paga com vingança. Tal alteração de caráter em uma pessoa que até recentemente apreciava o respeito da parte de seu ambiente ou comunidade, o qual persevera nas mentes humanas, torna-se um fenômeno patológico causador de resultados trágicos.

Este poderia ter sido um fator no caso do Xá do Irã? Novamente, diagnosticar pessoas mortas é problemático e o autor não possui dados detalhados. Contudo, essa

possibilidade deveria ser aceita como uma probabilidade. A gênese da tragédia daquele país também possui, sem dúvida alguma, fatores patológicos que tiveram papéis ponerologicamente ativos.

Resultados similares aos quadros psicológicos descritos acima podem ser causados por toxinas endógenas[45] ou vírus. Quando, ocasionalmente, a caxumba progride com uma reação no cérebro, ela deixa em seu rastro uma discreta palidez ou embotamento dos sentidos e um leve decréscimo na eficiência mental. Fenômenos similares são testemunhados depois de um difícil confronto com a difteria. Finalmente, a poliomielite ataca o cérebro, com maior frequência na parte superior dos cornos anteriores, afetadas pelo processo. As pessoas com paralisia nas pernas raramente manifestam esses efeitos, mas aquelas com paralisias no pescoço e/ou nos ombros devem se achar sortudos, caso não tenham. Adicionalmente à palidez afetiva, as pessoas manifestando esses efeitos geralmente evidenciam ingenuidade e uma inabilidade de compreender o cerne das questões.

Nós, de certa forma, não acreditamos que o Presidente F.D. Roosevelt tenha manifestado alguma dessas características citadas, uma vez que o vírus que o atacou quando ele tinha 40 anos causou a paralisia das suas pernas. Depois desse fato, anos de atividade criativa se seguiram. Contudo, é possível que sua atitude ingênua em relação à política soviética durante seu último mandato tenha um componente patológico relacionado a essa saúde deteriorada.

Anomalias de caráter desenvolvidas como resultado de danos no tecido cerebral se comportam como fatores ponerogênicos insidiosos. Como resultado das características acima descritas, especialmente a ingenuidade e a inabilidade de entender o cerne das questões, sua influência facilmente se ancora nas mentas humanas, traumatizando nossas

psiques, empobrecendo e deformando nossos pensamentos e sentimentos, e limitando a habilidade de indivíduos e sociedades de usar o senso comum e de ler as situações psicopatológicas e morais de forma precisa. Isso abre a porta para a influência de outros caracteres patológicos que, com maior frequência, são portadores de algum transtorno psicológico *herdado*; eles então empurram os indivíduos caracteropáticos para as sombras e procedem com o seu trabalho ponerogênico. É por isso que vários tipos de caracteropatias participam durante os períodos iniciais da gênese do mal, tanto na escala macrossocial como na escala individual das famílias humanas.

Um sistema social melhorado, do futuro, deveria então proteger indivíduos e sociedades, prevenindo que as pessoas com os transtornos acima, ou com certas características que serão discutidas a seguir, ocupassem quaisquer funções sociais por meio das quais o destino de outras pessoas poderia depender do seu comportamento. Isso, é claro, se aplica principalmente às posições governamentais mais elevadas. Tais questões deveriam ser tratadas por uma instituição apropriada, composta de pessoas com uma reputação de sabedoria e com treinamento médico e psicológico.

As características das lesões do tecido cerebral e os resultados dos seus transtornos de caráter são muito mais fáceis de serem detectados do que certas anomalias herdadas. Assim, é efetivo, durante as fases iniciais da tal gênese, reprimir esses processos ponerogênicos através da remoção desses fatores do processo de síntese do mal, e muito mais fácil na prática.

ANORMALIDADES HERDADAS

A ciência já protege a sociedade dos resultados de algumas anomalias fisiológicas que são acompanhadas por uma certa fraqueza psicológica. O trágico papel da hemofilia hereditária entre a realeza européia é bem conhecido. Pessoas responsáveis, em países onde o sistema de monarquia ainda sobrevive, procuram não permitir que uma portadora de tal gene se torne uma rainha. Qualquer sociedade que exerça tanta preocupação sobre indivíduos com insuficiência na coagulação sanguínea, ou outra patologia grave e que ameace a vida, deveria protestar se um homem afligido por tal condição fosse designado para um alto cargo que trouxesse responsabilidade sobre muitas pessoas. Esse modelo de comportamento deveria ser estendido para muitas patologias, incluindo as anomalias psicológicas hereditárias.

Os daltônicos, homens com uma habilidade defeituosa para distinguir as cores verde e vermelha do cinza, são agora barrados de profissões nas quais isso possa causar uma catástrofe. Nós também sabemos que essa anomalia é sempre acompanhada por um decréscimo na experiência estética, nas emoções e no sentimento de ligação às pessoas que vêem as cores normalmente. Os psicólogos industriais são, assim, cuidadosos quando uma pessoa deve ser designada para trabalhos que requerem a dependência de um senso automático de responsabilidade, uma vez que a segurança dos trabalhadores depende desse senso.

Foi descoberto há muito tempo que esses duas anomalias acima mencionadas – hemofilia e daltonismo – são herdados por meios de um gene localizado no cromossomo X, e rastrear sua transmissão através de muitas gerações não é difícil. Os geneticistas têm estudado de forma similar a hereditariedade de muitas outras características dos organismos humanos, mas a atenção deles para as anomalias que nos interessam aqui é escassa. Muitas características de

caráter humano têm uma base hereditária em genes localizados no mesmo cromossomo X, embora isso não seja uma regra. Algo parecido poderia se aplicar à maioria das anomalias psicológicas que serão discutidas a seguir.

Um progresso significativo foi feito recentemente com o conhecimento de uma série de anomalias cromossômicas resultantes de divisões defeituosas das células reprodutivas e seus sintomas psicológicos fenotípicos. O estado desses assuntos nos permite iniciar os estudos sobre o seu papel ponerogenético e introduzir as conclusões que são teoricamente valiosas, algo que, na realidade, já vem sendo feito. Na prática, contudo, a *maioria* das anomalias cromossômicas *não* são transferidas para a próxima geração. Além do mais, seus portadores constituem uma parte muito pequena da população como um todo, e sua inteligência geral é mais baixa que a média da sociedade, de forma que o seu papel ponerogênico é ainda menor que sua distribuição estatística. Muitos problemas são causados pelo cariótipo XYY, [46] que produz homens altos, fortes e emocionalmente violentos, com uma inclinação a entrar em confronto com a lei. Isso gerou testes e discussões, mas o seu papel no nível em que estamos estudando aqui é ainda muito pequeno.

Muito mais numerosas são aquelas anomalias psicológicas que têm um papel correspondentemente maior como fator patológico nos processos ponerológicos. O mais provável é que elas sejam transmitidas através da hereditariedade normal. Contudo, esse campo da genética, em particular, está diante de múltiplas dificuldades biológicas e psicológicas, no tocante ao reconhecimento desses fenômenos. A situação “pessoas estudando sua psicopatologia” não preenche os critérios de separação biológica. E os biólogos não possuem uma diferenciação psicológica clara de tais fenômenos, o que permitiria estudos da mecânica hereditária e algumas outras propriedades.

Na época em que muitas das observações nas quais este livro está baseado estavam sendo feitas, os trabalhos de muitos pesquisadores que posteriormente lançaram alguma luz sobre muitos dos aspectos das questões discutidas aqui, durante a última metade dos anos sessenta, eram inexistentes ou indisponíveis. Cientistas que estudaram os fenômenos descritos abaixo foram abrindo seus caminhos através de uma mata de sintomas, baseados em trabalhos anteriores e em seus próprios esforços. Um entendimento da essência de algumas dessas características hereditárias e de seu papel ponerogênico mostrou-se uma precondição necessária para atingir o objetivo principal. Os resultados foram coletados e serviram como uma base para o raciocínio posterior. Para o bem do quadro geral, e porque o modo de elaboração também traz certos valores teóricos, eu decidi manter a metodologia de descrição para tais anomalias que surgiu do meu próprio trabalho e dos trabalhos de outros que foram consultados na ocasião.

Numerosos cientistas, durante essa era fértil acima mencionada, e alguns cientistas que vieram depois, tais como R. Jenkis, H. Cleckey, S. K. Ehrlich, K. C. Gray, H. C. Hutchison, F. Kraupl Taylor e outros, lançaram nova luz sobre a questão. Eles eram médicos e concentraram sua atenção sobre os *casos mais demonstrativos que tiveram um papel menor nos processos de gênese do mal*, de acordo com regra geral da ponerologia, anteriormente mencionada. Nós, todavia, precisamos diferenciar aqueles estados analógicos que são menos intensos ou que contêm menos deficiências psicológicas. Igualmente valiosos para a ponerologia são as investigações relacionadas à natureza dos fenômenos sob discussão, o que facilita a diferenciação de sua essência e a análise de seu papel como fator patológico na gênese do mal.

***

Esquizoidia: a esquizoidia, ou psicopatia esquizóide, foi isolada por um dos primeiros criadores famosos da psiquiatria moderna.[47] Desde o início, ela foi tratada como uma forma mais amena da mesma infecção hereditária que é a causa da susceptibilidade à esquizofrenia. Contudo, essa conexão não pôde nem ser confirmada e nem negada por meio da análise estatística, e nenhum teste biológico que pudesse resolver esse dilema foi encontrado na ocasião. Por razões práticas, nós discutiremos a esquizoidia sem nenhuma referência a essa relação tradicional.

A literatura nos fornece as descrições de diversas variedades dessa anomalia, cuja existência pode ser atribuída tanto a alterações no fator genético, como a diferenças em outras características individuais de natureza não patológica. Vamos então esboçar as características comuns dessas duas subespécies.

Os portadores dessa anomalia são hipersensíveis e desconfiados, enquanto, ao mesmo tempo, prestam pouca atenção aos sentimentos dos outros. Eles tendem a assumir posições extremas e são ávidos por retaliar ofensas menores. Algumas vezes eles são excêntricos e estranhos. Seu senso pobre da situação psicológica e da realidade os leva a sobrepor interpretações errôneas e pejorativas sobre as intenções das outras pessoas. Eles se tornam facilmente envolvidos em atividades que são ostensivamente morais, mas que na verdade infligem danos a eles mesmos e aos outros. Sua visão psicológica de mundo, empobrecida, faz com que eles sejam tipicamente pessimistas em relação à natureza humana. Nós freqüentemente encontramos expressões de suas atitudes características em suas declarações e escritos: “A natureza humana é tão má que a ordem, na sociedade humana, somente pode ser mantida por um poder forte criado por indivíduos altamente qualificados

em nome de alguma idéia mais elevada”. Vamos chamar essa expressão típica de “declaração esquizóide”.

A natureza humana, de fato, tende a ser perversa, especialmente quando os portadores de esquizoidia amargam a vida das outras pessoas. No entanto, quando os esquizóides se tornam envolvidos em situações de estresse grave, suas fraquezas fazem com que desmoronem facilmente. A capacidade para o pensamento é, por causa disso, caracteristicamente reprimida e, freqüentemente, os esquizóides caem em estados psicóticos reativos tão parecidos em aparência com a esquizofrenia que levam a um diagnóstico errado.

O fator comum entre as variedades dessa anormalidade é o embotamento afetivo e a falta de sentimento das realidades psicológicas, um fator essencial na inteligência básica. Isso pode ser atribuído a alguma qualidade incompleta do substrato instintivo, que trabalha como se estivesse construído sobre areia movediça. A baixa pressão emocional os habilita a desenvolver um raciocínio especulativo apropriado, que é útil nas esferas de atividades não humanísticas, mas por causa da sua parcialidade, eles tendem a se considerar intelectualmente superiores às pessoas “normais”.

A frequência quantitativa dessa anomalia varia entre as raças e as nações: baixa entre os negros, e a mais alta é entre os judeus. Estimativas dessa faixa de frequência vão de desprezível a 3%. Na Polônia, ela pode ser estimada como sendo 0,7% da população. Minhas observações sugerem que essa anomalia é hereditária autossômica.[48]

A atividade ponerológica do esquizóide deve ser avaliada em dois aspectos. Na escala menor, tais pessoas causam problemas para suas famílias, e se tornam facilmente motivos de intriga nas mãos de indivíduos espertos e

inescrupulosos, e geralmente fazem um trabalho ruim na educação de crianças. Sua tendência a ver a realidade humana em uma forma doutrinária e simplista que eles consideram "apropriada" – "preto ou branco" – transforma suas intenções, freqüentemente boas, em resultados ruins. Contudo, seu papel ponerogênico pode ter implicações macrossociais se sua atitude em relação à realidade humana e sua tendência a inventar grandes doutrinas forem colocadas no papel e reproduzidas em grandes edições.

Apesar de suas deficiências típicas, ou mesmo diante de uma declaração abertamente esquizóide, os seus leitores não percebem como as características do autor realmente são. Ignorantes da verdadeira condição do autor, tais leitores desinformados tendem a interpretar tais trabalhos de um modo que corresponda à sua própria natureza. As mentes das pessoas normais tendem em direção a uma interpretação correta devido à participação da sua própria visão de mundo psicológica, que é mais rica.

Ao mesmo tempo, muitos outros leitores rejeitam criticamente tais trabalhos com repugnância moral, mas sem estarem a par da causa específica.

Uma análise do papel desempenhado pelos escritos de Karl Marx revela facilmente todos os tipos de percepção e de reações sociais acima mencionados, que criaram animosidade entre vários grupos de pessoas.

Ao ler qualquer um desses trabalhos que causam discórdias de forma perturbadora, devemos examiná-los cuidadosamente para o conteúdo de qualquer uma dessas anomalias características, ou mesmo de uma declaração esquizóide formulada abertamente. Tal processo nos habilita a ganhar uma distância crítica apropriada dos conteúdos, tornando mais fácil procurar os elementos potencialmente valiosos fora do material doutrinário. Se isso for feito por

duas ou mais pessoas que representem interpretações amplamente divergentes, seus métodos de percepção se aproximarão, e as causas de dissidência se dissiparão. Tal projeto pode ser tentado como um experimento psicológico e para a manutenção da higiene mental apropriada.

***

Psicopatia essencial: dentro da estrutura das suposições acima, vamos caracterizar um outro tipo de anomalia transmitida por hereditariedade, cujo papel no processo ponerogênico em *qualquer* escala social parece ser *excepcionalmente grande*. Nós devemos também sublinhar que a necessidade de isolar este fenômeno e examiná-lo em detalhes tornou-se rapidamente e profundamente evidente para aqueles pesquisadores – incluindo o autor – que estavam interessados na escala macrossocial da gênese do mal, porque eles foram testemunhas disso. Eu reconheço meu débito com Kazimierz Dabrowski,[49] por esse trabalho e por ter dado o nome a essa anomalia de "psicopatia essencial".

Biologicamente falando, o fenômeno é similar ao daltonismo, mas ocorre em uma frequência dez vezes mais baixa (ligeiramente acima de 0,5%), exceto que, ao contrário do daltonismo, ela afeta ambos os sexos. *Sua intensidade também varia em grau, desde um nível quase imperceptível para um observador experiente até uma deficiência patológica óbvia.*

Assim como o daltonismo, essa anomalia também parece representar um déficit na transformação do estímulo, embora ocorra não no nível sensorial, mas no instintivo. Os psiquiatras da velha escola costumavam chamar tais indivíduos de "Daltônicos de sentimentos humanos e valores sócio-morais".

O quadro psicológico mostra deficiências claras somente entre os homens; entre as mulheres o tom é geralmente

minimizado, talvez pelo efeito de um segundo alelo normal. Isso sugere que a anomalia é também herdada via cromossomo X, mas através de um gene semi-dominante. Contudo, o autor não foi capaz de confirmar isso por exclusão da hereditariedade do pai para o filho.

A análise dos diferentes modos de vivências apresentadas por esses indivíduos nos fez concluir que o seu *substrato instintivo também é deficiente*, contendo certas lacunas e carente das respostas de sintonia naturais comumente evidenciadas por membros da espécie *Homo Sapiens*. O instinto da nossa espécie é o nosso primeiro professor; ele está conosco em qualquer lugar e por toda a nossa vida. Desenvolvem-se, sobre esse substrato instintivo deficiente, os déficits de sentimentos superiores e as deformidades e empobrecimentos nos conceitos sociais, morais e psicológicos, em correspondência com essas lacunas.

Nosso mundo natural de conceitos – baseados nos instintos da espécie como já descrito em capítulo anterior – atinge o psicopata como uma convenção quase incompreensível, sem nenhuma justificação na sua própria experiência psicológica. Eles pensam que os costumes e os princípios de decência são uma convenção externa inventada e imposta por alguém ("provavelmente por padres"), tola, onerosa, em alguns casos até mesmo ridícula. Ao mesmo tempo, contudo, eles percebem facilmente as deficiências e fraquezas da nossa linguagem natural de conceitos psicológicos e morais, de uma forma que lembra um pouco a atitude de um psicólogo contemporâneo – exceto na caricatura.

A inteligência média do psicopata, especialmente se medida através dos testes comumente utilizados, é um tanto mais baixa que a das pessoas normais, embora varie de forma parecida. Apesar da ampla variedade de inteligência e interesses, esse grupo não contém exemplos de inteligência

altíssima, nem foram encontrados por nós talentos técnicos ou artísticos entre eles. Os membros mais talentosos desse tipo podem então obter realizações naquelas ciências que não requerem uma visão de mundo humanística correta ou habilidades práticas (a decência acadêmica é outro assunto, no entanto). Sempre que tentamos construir testes especiais para medir a "sabedoria de vida" ou a "imaginação sócio-moral", mesmo que as dificuldades da avaliação psicométrica sejam levadas em consideração, os indivíduos desse tipo demonstram um déficit desproporcional ao seu QI pessoal.

Apesar de suas deficiências de conhecimento psicológico e moral, eles desenvolvem, e então têm a seu dispor, um conhecimento deles mesmos que algumas vezes falta às pessoas com uma visão de mundo natural. *Eles aprendem a reconhecer um ao outro em uma multidão, mesmo quando crianças, e desenvolvem uma ciência da existência de outros indivíduos parecidos com eles.* Eles também se tornam conscientes de serem diferentes da multidão das outras pessoas que os envolve. Eles nos vêem com uma certa distância, como uma variedade para-específica. As reações humanas naturais que sempre falham em chamar a atenção de pessoas normais – porque são consideradas auto-evidentes – atingem o psicopata como sendo esquisitas e, veja que interessante, até mesmo cômicas. Eles então nos observam, derivando conclusões, formando seu mundo diferente de conceitos. Eles se tornam especialistas nas nossas fraquezas e algumas vezes executam experimentos cruéis. O sofrimento e a injustiça que eles causam não os inflige nenhuma culpa interior, uma vez que tais reações dos outros são simplesmente um resultado do fato de serem diferentes, e se aplicam somente a "aquelas outras" pessoas que eles não percebem como sendo exatamente da mesma espécie. Uma pessoa normal, ou nossa visão de mundo natural, não pode

conceber completamente e nem avaliar de forma apropriada a existência desse mundo de conceitos diferentes.

Um pesquisador de tais fenômenos pode vislumbrar o conhecimento irregular do psicopata através de estudos de longo prazo das personalidades de tais pessoas, usando-o com alguma dificuldade, como se fosse uma linguagem estrangeira. Como poderemos ver abaixo, tais habilidades práticas tornam-se mais difundidas em países que são afligidos pelo fenômeno patológico macrossocial, onde essa anomalia tem um papel inspirador.

Uma pessoa normal pode aprender a falar na linguagem conceitual do psicopata, e até mesmo se tornar de certa forma proficiente, mas o psicopata não está apto a incorporar a visão de mundo de uma pessoa normal, embora tente fazê-lo com frequência, durante toda sua vida. O produto de seus esforços é somente um papel e uma máscara atrás dos quais ele esconde sua realidade dissidente.

Outro mito e outro papel que eles representam com frequência, embora contendo um núcleo de verdade, está relacionado ao "conhecimento psicológico especial" que o psicopata adquire em relação às pessoas normais, e que seria fruto da mente brilhante do psicopata ou de sua genialidade; alguns deles realmente acreditam nisso e tentam insinuar esta crença para os outros.

Ao falar da máscara de normalidade psicológica usada por tais indivíduos (e por outros afetados em uma extensão menor), nós devemos mencionar o livro *A Máscara da Sanidade*, de autoria de Hervey Cleckley, que fez com que esse fenômeno se tornasse o centro das reflexões. Um fragmento:

> Vamos nos lembrar que seu comportamento típico derrota o que aparentavam ser seus próprios objetivos. Não é ele mesmo quem é mais profundamente enganado pela sua aparente normalidade? Embora trapaceie deliberadamente os outros e

> esteja de certa forma consciente de suas mentiras, ele aparenta ser incapaz de distinguir adequadamente entre as suas próprias pseudo-intenções, seu pseudo-código, pseudo-amor etc., e as respostas genuínas de uma pessoa normal. Sua falta monumental de percepção indica quão pouco ele avalia a natureza da sua anomalia. Quando os outros falham em aceitar imediatamente seu "mundo de honra como um cavalheiro", seu assombro, eu acredito, é sempre genuíno. Sua experiência subjetiva é tão artificial em relação às emoções profundas, que ele é invencivelmente ignorante sobre o que a vida significa para os outros.
>
> Sua consciência do contrário da hipocrisia é tão carente de fundamento teórico que se torna questionável no caso de atribuirmos a ele o que de fato entendemos como hipocrisia. Não tendo ele mesmo nenhum valor maior, seria possível afirmar que ele percebe adequadamente a natureza e a qualidade dos horrores que sua conduta causa aos outros? Uma criança pequena que não tem uma memória impressionante de dor intensa pode ter ouvido de sua mãe que é errado cortar o rabo do cachorro. Mesmo sabendo que é errado, ela pode continuar com a operação. Nós não a absolveremos totalmente da responsabilidade se dissermos que ela tem menos consciência do que fez do que um adulto que, em plena avaliação da agonia física, resolve usar uma faca. Uma pessoa pode experimentar níveis profundos de tristeza sem um conhecimento considerável da felicidade? Ela pode ter uma má intenção em seu sentido pleno, sem a consciência real do oposto do mal? Eu não tenho uma resposta final a essas questões.[50]

Todos os pesquisadores da psicopatia destacam três qualidades principais com relação à sua variação mais típica: a ausência de um senso de culpa pelas ações antissociais, a inabilidade de amar verdadeiramente e a tendência para ser tagarela, de um modo que se desvia facilmente da realidade.

Um paciente neurótico é geralmente taciturno e tem dificuldades para explicar o que o machuca mais. Um psicólogo deve saber como superar esses obstáculos com a

ajuda de interações não dolorosas. Os neuróticos também são sujeitos à culpa excessiva por ações que são facilmente perdoáveis. Tais pacientes são capazes de amor decente e duradouro, embora tenham uma dificuldade em expressá-lo ou em atingir os seus sonhos. O comportamento do psicopata constitui a antípoda de tais fenômenos e dificuldades.

Nosso primeiro contato com o psicopata é caracterizado por um fluxo de palavras que sai com facilidade, evitando assuntos realmente importantes com igual facilidade se estes não forem confortáveis para o interlocutor. Sua linha de pensamento também evita aqueles assuntos abstratos sobre sentimentos humanos e valores cuja representação é ausente na visão de mundo do psicopata, a menos que, é claro, ele esteja sendo deliberadamente enganador, e neste caso usará muitas palavras "sentimentais" que, cuidadosamente analisadas, revelarão que ele não entende essas palavras do mesmo jeito que as pessoas normais o fazem. Nós, então, também sentimos que estamos lidando com uma imitação dos padrões de pensamento de uma pessoa normal, na qual alguma outra coisa é, na verdade, "normal". Do ponto de vista lógico, o fluxo de pensamento é aparentemente correto, embora talvez removido dos critérios comumente aceitos. Um análise formal mais detalhada, contudo, evidencia o uso de muitos paralogismos sugestivos.

Indivíduos com a psicopatologia que estamos descrevendo aqui são virtualmente não familiarizados com emoções duradouras de amor por outra pessoa, particularmente pelo parceiro de casamento. Isso constitui um conto de fadas daquele "outro" mundo humano. Amor, para o psicopata, é um fenômeno efêmero voltado para a aventura sexual. Muitos Dons Juans psicopatas são capazes de representar um papel de amante suficientemente bem, a ponto de seus parceiros considerarem genuíno. Depois do casamento, sentimentos que realmente nunca existiram são substituídos

por egoísmo, egotismo e hedonismo. A religião, que ensina o amor ao próximo, também o atinge como se fosse um conto de fadas, bom somente para crianças e para aqueles "outros" diferentes.

Alguém pode esperar que eles se sintam culpados como consequência de seus muitos atos antissociais, contudo sua falta de culpa é o resultado de todos os seus déficits, os quais temos discutido aqui.[51] O mundo das pessoas normais, que eles machucam, é incompreensível e hostil para eles, e a vida para o psicopata é a busca de suas atrações imediatas, momentos de prazer e sentimentos temporários de poder. Eles freqüentemente se encontram com a falha no decorrer de suas vidas, juntamente com a força e a condenação moral da sociedade composta por aquelas outras pessoas incompreensíveis.

No seu livro *Psicopatia e Delinquência*, W. e J. McCord dizem o seguinte sobre eles:

> O psicopata sente pouca, se alguma, culpa. Ele pode cometer os atos mais horripilantes, e ainda vê-los sem remorso. O psicopata tem uma capacidade deturpada para o amor. Suas relações emocionais, quando existem, são escassas, efêmeras e planejadas para satisfazer seus próprios desejos. Esses dois últimos traços, falta do sentimento de culpa e falta de amor, marcam visivelmente o psicopata como diferente dos demais homens.[52]

O problema da moral e da responsabilidade legal do psicopata permanece, então, em aberto e sujeito a várias soluções, freqüentemente sumárias ou emocionais, em vários países e circunstâncias. Permanece como um assunto de discussão cuja solução não parece possível dentro da estrutura dos princípios atualmente aceitos do pensamento legal.

***

Outras psicopatias: Os casos de psicopatia essencial parecem ser suficientemente similares uns aos outros, o que possibilita que sejam classificados como qualitativamente homogêneos. Contudo, nós podemos também incluir nas categorias de psicopatia um certo número indeterminado de anomalias com um substrato hereditário, cujos sintomas são próximos a esse fenômeno mais típico.

Nós também encontramos indivíduos difíceis, com uma tendência a se comportar de um modo prejudicial para as outras pessoas, para os quais os testes não indicam que exista uma anomalia no tecido cerebral e a anamnese não detecta experiências de uma infância anormal, que poderiam explicar o seu estado. O fato de que tais casos se repitam dentro de famílias sugere que exista um substrato hereditário, mas nós devemos também levar em conta a possibilidade de que fatores nocivos participem do estágio fetal. Essa é uma área da medicina e da psicologia que requer mais estudo, uma vez que há mais para aprender do que já conhecemos concretamente.

Tais pessoas também tentam mascarar seu mundo diferente de experiências e assim representar um papel de pessoas normais, em vários graus, embora esta não seja a máscara descrita por Cleckley. Alguns são notáveis pelas demonstrações de sua estranheza. Essas pessoas participam na gênese do mal de várias formas diferentes, seja fazendo parte diretamente ou, em uma extensão menor, quando conseguiram se adaptar aos modos apropriados de vida. Essas psicopatias e fenômenos relacionados podem, quantitativamente falando, ser estimados sumariamente em duas a três vezes os casos de psicopatia essencial, ou seja, menos que 2% da população.

Esse tipo de pessoa acha mais fácil se ajustar à vida social. Nos casos mais amenos, em particular, elas se adaptam às demandas da sociedade das pessoas normais, levando

vantagem de seu entendimento para as artes e outras áreas com tradições similares. Sua criatividade literária é sempre perturbadora se concebida somente em categoria ideais; elas insinuam para seus leitores que seu mundo de conceitos e experiências é auto-evidente; e também que contém deformidades características.

Entre essas psicopatias, a mais freqüentemente demonstrada, e conhecida de longa data, é a *psicopatia astênica*, que *se manifesta em todas as intensidades concebíveis, desde quase imperceptível até uma anomalia patológica óbvia*.

Essas pessoas, astênicas e hipersensíveis, não demonstram a mesma anomalia evidente nos sentimentos morais e na capacidade de perceber as situações psicológicas, como ocorre com os psicopatas essenciais. Elas são, de certa forma, idealistas, e tendem a ter uma certa angústia na consciência quando seu comportamento é faltoso.

Na média, elas também são menos inteligentes que as pessoas normais e suas mentes evitam a consistência e a precisão de raciocínio. Sua visão de mundo psicológica é claramente falsificada, de forma que suas opiniões sobre as pessoas nunca podem ser confiáveis. Um tipo de máscara oculta o mundo das suas aspirações pessoais, que está em desacordo com o que elas são realmente capazes de fazer. Seu comportamento em relação às pessoas que não percebem suas falhas é cortês, até mesmo amigável. Contudo, manifestam uma agressão e hostilidade preventiva contra pessoas que possuem talentos para a psicologia, ou que demonstram conhecer este campo.

A psicopatia astênica é relativamente menos vital, sexualmente falando, e é, portanto, receptiva à aceitação do celibato; este é o motivo pelo qual muitos monges e padres Católicos representam com frequência casos amenos ou menores dessa anomalia. Tais indivíduos podem muito bem

ter inspirado a atitude anti-psicológica tradicional no pensamento da Igreja.

Nos casos mais graves, os astênicos são brutalmente mais anti-psicológicos e altivos em relação às pessoas normais; eles tendem a ser ativos nos processos de gênese do mal em uma escala ampla. Seus sonhos são compostos de um certo idealismo similar às idéias das pessoas normais. Eles gostariam de reformar o mundo, para que ficasse conforme seu gosto, mas são incapazes de visualizar as implicações e os resultados de mais longo prazo. Inspiradas pelo desvio, suas visões podem influenciar rebeldes ingênuos ou pessoas que sofreram alguma injustiça. A existência de injustiça social pode parecer uma justificativa para uma visão de mundo radicalizada e para a assimilação de tais visões.

Abaixo, segue um exemplo de um padrão de pensamento de uma pessoa que demonstra um caso típico e grave de psicopatia astênica:

	SINTOMA:
“Se eu tivesse que começar a minha vida de novo, eu faria tudo exatamente da mesma forma: é uma necessidade orgânica e não uma sentença obrigatória.	} UM SENTIMENTO DE SER DIFERENTE
Eu tenho uma coisa que me mantém em movimento e que faz com que eu seja sereno mesmo quando as coisas são tão tristes.	} A NOSTALGIA SUPERFICIAL CARACTERÍSTICA DESTA PSICOPATIA
Isso é uma fé inabalável nas pessoas. As condições mudarão e o mal deixará de reinar, e os homens serão irmãos entre si, e não lobos como é o caso de hoje em dia. Minha paciência deriva não da minha imaginação, mas muito mais da minha visão clara da causa que faz com que o mal se origine”.	} VISÃO DE UM MUNDO NOVO. CONHECIMENTO PSICOLÓGICO DIFERENTE

Essas palavras foram escritas na prisão, em 15 de dezembro de 1913, por Felix Dzerzhinsky, um descendente da

aristocracia polonesa que logo se juntou para originar a Cherezvichayka,[53] na União Soviética, e se tornar um dos maiores idealistas entre esses famosos assassinos. A psicopatia surge em todas as nações.[54]

Se algum dia chegar o tempo em que “as condições mudarão” e o “mal deixará de reinar”, será porque o progresso no estudo dos fenômenos psicopatológicos e sua função ponerogênica tornará possível às sociedades aceitar calmamente a sua existência e compreendê-los como categorias da natureza. A visão de uma nova estrutura justa de sociedade pode então ser concebida no âmbito e sob o controle de pessoas *normais*. Tendo nos reconciliado com o fato de que tais pessoas são diferentes e têm capacidades limitadas para a adaptação social, nós deveríamos criar um sistema de proteção permanente para elas, em uma estrutura de conhecimento apropriada e racional, um sistema que faria com que seus sonhos se tornassem parcialmente realidade.

Para nossos propósitos, devemos também prestar atenção aos tipos com características irregulares; estes tipos foram isolados, há relativamente bastante tempo, por Edward Brzezicki[55] e aceitos por Enerst Kretschmer,[56] como característicos do ocidente europeu em particular. *Skirtóides*[57] são indivíduos vitais, egotistas e caras de pau, que dão bons soldados por causa de sua persistência e resistência psicológica. Em tempos de paz, contudo, eles são incapazes de entender os assuntos sutis da vida ou de educar crianças de forma prudente. Eles são felizes em ambientes primitivos; um ambiente confortável causa facilmente a tendência à histeria. Eles são rigidamente conservadores em todas as áreas e apoiadores de governantes que governam com mão pesada.

Kretschmer achava que essa anomalia era o fenômeno biodinâmico causado pelo cruzamento de dois grupos étnicos amplamente separados, o que é freqüente naquela área da

Europa. Se esse fosse o caso, os Estados Unidos estariam lotados de skirtóides, uma hipótese que merece observação. Nós podemos assumir que o skirtoidismo é herdado normalmente; não é ligado ao cromossomo sexual. Essa anomalia deveria ser levada em consideração se quisermos entender a história da Rússia, assim como a história da Polônia, em uma menor medida.

Outra questão interessante se sugere: que tipo de pessoa são os chamados "chacais", contratados como matadores mercenários e profissionais por vários grupos, e que tão rapidamente e facilmente empunham armas como meios para uma batalha política? Eles se oferecem como especialistas que executam a obrigação tal como aceita; nenhum sentimento humano interfere em seus planos abomináveis. Eles não são, muito provavelmente, pessoas normais, mas *nenhuma das anomalias descritas aqui se encaixa nesse quadro.* Como regra, psicopatas essenciais são falantes e incapazes de tais atividades cuidadosamente planejadas.

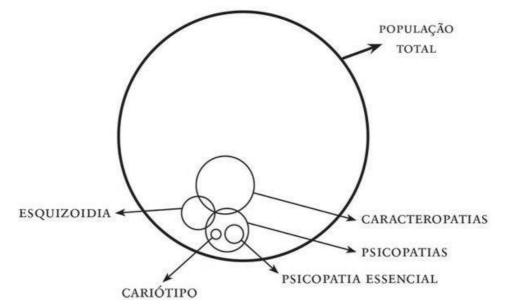
Talvez nós devêssemos assumir que esse tipo é produto de um cruzamento entre problemas menores de vários desvios. Mesmo que aceitemos a probabilidade estatística de que estes híbridos possam aparecer, levando em conta os dados quantitativos, eles deveriam ser fenômenos extremamente raros. Contudo, a psicologia de seleção de pares produz emparelhamentos que, de forma bilateral, representam várias anomalias. Os portadores de dois, ou até três fatores de desvio menores, deveriam assim ser mais freqüentes. Um chacal poderia então ser imaginado como o portador de características esquizóides, em combinação com alguma outra psicopatia, isto é, psicopatia essencial ou skirtoidismo. Exemplos mais freqüentes de tais híbridos são uma grande parte do conjunto de fatores ponerogênicos-patológicos-hereditários da sociedade.

***

As caracterizações acima são exemplos selecionados de fatores patológicos que participam nos processos ponerogênicos. A literatura crescente nessa área fornece aos leitores interessados uma ampla faixa de dados e, muitas vezes, descrições detalhadas de tais fenômenos. O estado atual do conhecimento nessa área, contudo, é ainda insuficiente para produzir soluções práticas para os muitos problemas que os seres humanos encaram, particularmente aqueles em uma escala individual e familiar. Os estudos da natureza biológica destes fenômenos são necessários para esse propósito.

Eu gostaria de avisar aos leitores que não possuem conhecimento e experiência próprios nessa área para que não fiquem com a impressão de que o mundo que os cerca é dominado por indivíduos com desvios patológicos, sejam eles descritos aqui ou não; ele não é. A representação gráfica a seguir, na forma de círculos, mostra a presença aproximada de indivíduos com várias anomalias psicológicas dentro de uma sociedade.

***

Fenômenos patológicos representados na proporção aproximada de sua ocorrência:

O fato de que indivíduos com desvios são uma minoria deveria ser enfatizado, cada vez mais, em face da existência de teorias a respeito do papel excepcionalmente criativo de indivíduos anormais, e mesmo de uma identificação da genialidade humana com a psicologia da anormalidade. Contudo, a parcialidade dessas teorias parece ser derivada de pessoas que estão à procura da afirmação de suas próprias personalidades por meio de tal visão de mundo. Pensadores renomados, descobridores e artistas têm sido também espécimes de normalidade psicológica, qualitativamente falando.

Afinal de contas, as pessoas psicologicamente normais constituem tanto a grande maioria estatística, como também a base real da vida em sociedade, em cada comunidade. De acordo com a lei natural, elas deveriam então ser aquelas que determinam o passo; a lei moral é derivada de sua natureza. O poder deve estar nas mãos das pessoas normais. Um ponerologista pede somente que tal autoridade seja atribuída com um entendimento apropriado dessas pessoas "menos normais", e que a lei tenha por base tal entendimento.

A composição quantitativa e qualitativa dessa fração da população bio-psicologicamente deficiente certamente varia no tempo e no espaço em nosso planeta. Isso pode ser representado por um percentual de um dígito em alguma nações, e em outras fica entre 10 e 20 por cento. Essa estrutura quantitativa e qualitativa influencia todo o clima psicológico e moral do país em questão. E é por isso que esse problema deve ser uma preocupação consciente. Todavia, é digno de nota que a evidência sugere que os sonhos de poder, tão freqüentemente presentes nesses círculos, não se manifestam sempre e necessariamente por completo em países onde esse percentual tem sido mais alto. Outras circunstâncias históricas também foram decisivas.

Em qualquer sociedade do mundo, indivíduos psicopatas e algum dos outros tipos irregulares criam uma rede comum de conluios, ponerogenicamente ativa, e parcialmente alienada da comunidade das pessoas normais. O papel inspiracional da psicopatia essencial, nessa rede, parece ser um fenômeno comum. Eles tomam ciência de que são diferentes conforme vão obtendo suas experiências de vida e se tornando familiares com modos diferentes de lutar por seus objetivos. Seu mundo é para sempre dividido entre “nós e eles”; entre seu pequeno mundo com suas leis e costumes próprios e aquele outro mundo estranho, das pessoas normais, as quais eles enxergam como cheias de idéias e costumes arrogantes pelos quais eles são condenados moralmente. Seu senso de honra os permite trapacear e insultar aquele outro mundo humano e seus valores a cada oportunidade. Em contradição aos costumes das pessoas normais, eles sentem que quebrar as suas promessas é um comportamento apropriado.

Uma das coisas mais perturbadoras que as pessoas normais têm que lidar em relação aos psicopatas é o fato de que eles aprendem, muito cedo, como suas personalidades

podem ter efeitos traumatizantes sobre as personalidades daquelas outras pessoas normais, e como levar vantagem desse terror com o propósito de atingir os seus objetivos. Essa dicotomia de mundos é permanente e não desaparece, mesmo se eles forem bem sucedidos em realizar o seu sonho de juventude, ganhando poder sobre a sociedade das pessoas normais. Isso sugere, fortemente, que a separação é biologicamente condicionada.

No psicopata, um sonho emerge como um tipo de utopia de um mundo "feliz" e de um sistema social que não os rejeite, nem os force a se submeter a leis e costumes cujo significado é *incompreensível* para eles. Eles sonham com um mundo no qual seu modo simples e radical de experimentar e perceber a realidade fosse o modo dominante, onde eles poderiam, é lógico, garantir segurança e prosperidade. Nesse sonho utópico, eles imaginam que aqueles "outros", diferentes, mas também tecnicamente mais habilidosos do que eles, deveriam ser colocados para trabalhar de forma a atingir esse objetivo para os psicopatas e outros do seu tipo. "Nós", eles dizem, "afinal de contas, criaremos um novo governo, de justiça". Eles são preparados para lutar e para sofrer pelo bem deste novo mundo corajoso e, também, é claro, para infligir o sofrimento sobre os outros. Essa visão justifica matar as pessoas, cujo sofrimento não lhes causa compaixão, porque "eles" não são exatamente da mesma espécie. Eles não percebem que encontrarão, consequentemente, uma oposição que poderá permanecer por gerações.

Subordinar uma pessoa normal a indivíduos psicologicamente anormais traz consequências graves e deformantes à sua personalidade: gera trauma e neurose. Isso é executado de uma forma que geralmente escapa dos controles conscientes. Tal situação priva a pessoa dos seus direitos naturais: praticar sua própria higiene mental,

desenvolver uma personalidade suficientemente autônoma e utilizar seu senso comum. À luz da lei natural, isso constitui um tipo de crime – que pode ocorrer em qualquer classe social, em qualquer contexto – embora não seja mencionado em quaisquer códigos de leis.

Nós já discutimos a natureza de algumas personalidades patológicas, como por exemplo a caracteropatia frontal, e como elas podem deformar as personalidades daqueles com quem interagem. A psicopatia essencial tem *efeitos excepcionalmente intensos*. Alguma coisa misteriosa consome a personalidade de um indivíduo à mercê de um psicopata, e passa a ser combatida como se fosse um demônio. Suas emoções se tornam frias, seu senso de realidade psicológica é reprimido. Isso leva à "descriterialização" do pensamento e a um sentimento de impotência, culminando em reações depressivas que podem ser tão graves que, em alguns casos, os psiquiatras fazem o diagnóstico equivocado de psicose maníaco-depressiva. Muitas pessoas se rebelam contra uma dominação psicopata muito antes de chegar a tal ponto de crise, e começam a buscar por algum modo de se libertarem de tal influência.

Muitas situações na vida envolvem resultados bem menos misteriosos da influência de outras anomalias psicológicas sobre as pessoas normais (que são sempre desagradáveis e destrutivas) e as tendências inescrupulosas de seus portadores de dominar e levar vantagem sobre os outros. Governadas por experiências e sentimentos desagradáveis, assim como por um egoísmo natural, as sociedades têm, então, boas razões para rejeitar tais pessoas, ajudando a empurrá-las para posições marginais na vida social, que incluem a pobreza e a criminalidade.

Infelizmente, é praticamente uma regra que tal comportamento seja passível de justificativas moralistas nas categorias da nossa visão de mundo natural. Muitos

membros da sociedade sentem-se no direito de proteger suas próprias pessoas e propriedades e, portanto, de aprovar leis para tal propósito. Baseadas na percepção natural dos fenômenos e em motivações emocionais, em vez de um entendimento objetivo dos problemas, tais leis, de forma alguma, servem para garantir o tipo de ordem e de segurança que nós gostaríamos. Os psicopatas e outros portadores de desvios percebem tais leis meramente como uma força que precisa ser combatida.

Para indivíduos com várias anomalias psicológicas, a estrutura social dominada pelas pessoas normais e seu mundo conceitual parecem ser um "sistema de força e opressão". Os psicopatas chegam a tal conclusão como uma regra. Se, ao mesmo tempo, um pouco de injustiça de fato existir em uma dada sociedade, os sentimentos patológicos de falsidade e as declarações sugestivas que emanam dos portadores de desvios podem ressoar entre aqueles que estão verdadeiramente sendo tratados injustamente. As doutrinas revolucionárias podem, então, ser facilmente propagadas entre ambos os grupos, embora cada grupo tenha razões completamente diferentes para favorecer tais idéias.

***

A presença de bactérias patogênicas no nosso ambiente é um fenômeno comum. Contudo, não é um único fator decisivo que determina se um indivíduo ou uma sociedade ficaram doentes, uma vez que a imunidade natural ou artificial, assim como a assistência médica, também têm um papel no cenário. Da mesma forma, os fatores psicopatológicos sozinhos – por si mesmos – não decidem sobre a propagação do mal. Outros fatores têm importância paralela: condições socioeconômicas e deficiências morais e intelectuais.

Os indivíduos e as nações que estão capacitados para suportar a injustiça em nome de valores morais, podem encontrar mais facilmente uma saída para tais dificuldades, sem o uso de métodos violentos. Nesse sentido, uma tradição moral rica contém experiências e reflexões de séculos. Esse livro descreve a regra desses fatores adicionais na gênese do mal, que têm sido insuficientemente compreendidos por séculos. Tais explicações são essenciais para completar o quadro total e permitir que medidas práticas mais efetivas sejam formuladas.

Assim, enfatizar a regra dos fatores patológicos na gênese do mal não minimiza a responsabilidade das falhas sociais morais e das deficiências intelectuais em contribuir para a situação. Os déficits morais reais e uma concepção grosseiramente inadequada da realidade humana e das situações psicológicas e morais são freqüentemente causados por alguma atividade anterior ou contemporânea da parte dos fatores patológicos.

Contudo, nós devemos também reconhecer a presença constante e biologicamente determinada, dentro de toda sociedade humana, dessa minoria pequena de indivíduos portadores de fatores patológicos qualitativamente diversos, mas ponerologicamente ativos. Qualquer discussão sobre o que vem primeiro no processo de gênese do mal, as falhas morais ou as atividades dos fatores patológicos, pode então ser considerada como especulação acadêmica. Por outro lado, vale a pena reler a Bíblia, com os olhos de um ponerologista.

Análises detalhadas da personalidade das pessoas normais medianas quase sempre revelam condições e dificuldades causadas pelos efeitos de algum tipo de fator patológico sobre elas. Se a atividade foi removida para longe, seja no tempo ou no espaço, ou se o fator é relativamente óbvio, o senso comum saudável é geralmente suficiente para corrigir tais efeitos. Se o fator patológico permanece incompreensível,

a pessoa tem dificuldade de entender a causa desses problemas. Algumas vezes, essas pessoas parecem permanecer uma vida inteira como escravas de imaginações e padrões de resposta comportamental que foram originados sob a influência de indivíduos patológicos. Isso foi o que ocorreu na família acima mencionada, na qual a origem da indução patológica foi a irmã mais velha com dano perinatal dos campos pré-frontais de seu córtex cerebral. Mesmo quando ela, obviamente, abusou do seu filho mais novo, seus irmãos tentaram interpretar o fato de um modo paramoralístico, um sacrifício em nome da "honra da família".

Tais assuntos deveriam ser ensinados para todo mundo, de forma a facilitar um monitoramento auto-pedagógico automático. Certos psicopatologistas reconhecidos se convenceram que é impossível desenvolver uma visão funcional saudável da realidade humana sem detalhar as descobertas psicopatológicas, uma conclusão difícil de ser aceita pelas pessoas que acreditam ter atingido uma visão de mundo amadurecida sem tais estudos onerosos. Os defensores egotistas e mais antigos da visão de mundo natural têm a tradição, as *belas letras*, e até mesmo a filosofia do seu lado. Eles realmente não percebem que, durante o tempo atual, seu jeito de compreender as questões da vida torna a batalha contra o mal mais problemática. Contudo, a geração mais nova é mais familiar com a biologia e com a psicologia e, portanto, mais receptiva a um entendimento objetivo do papel dos fenômenos patológicos no processo de gênese do mal.

A paralaxe,[58] muitas vezes até mesmo uma lacuna grande, ocorre freqüentemente entre as realidades humana e da sociedade, que é biológica por natureza e com frequência influenciada pela recusa, já mencionada, em detalhar os elementos psicopatológicos, assim como pelas percepções

tradicionais da realidade que foram ensinadas pela filosofia, pela ética e pelas leis seculares e canônicas. Essa lacuna é facilmente discernível para aquelas pessoas cuja visão de mundo psicológica foi formada de um modo diferente do caminho natural de uma pessoa normal. Muitos deles, conscientemente e subconscientemente, tiram vantagem dessa fraqueza, forçando a si mesmos para dentro dela, junto com suas atividades determinadas de forma míope, caracterizadas por conceitos egoístas de interesse próprio. Todavia, as pessoas, seja pela indiferença patológica ao sofrimento de outras pessoas ou nações, ou seja por falta de conhecimento do que é humano e decente, encontram assim uma porta aberta para impor seu modo de vida diferente através das sociedades descomprometidas.

Nós estaremos, algum dia, aptos a superar esse antigo problema de humanidade, em algum momento, nem que seja em um futuro indeterminado, com a assistência das ciências biológicas e psicológicas que progridem no estudo dos vários fatores patológicos participantes dos processos ponerogênicos? Isso dependerá do apoio das sociedades em questão. A consciência científica e social dos papéis representados pelos fatores acima mencionados na gênese do mal ajudará a opinião pública na elaboração de uma posição apropriada contra o mal, que então deixará de ser tão misteriosamente fascinante. Se modificadas de modo apropriado, baseado no entendimento da natureza dos fenômenos, as leis permitirão contramedidas profiláticas para a origem do mal.

No decorrer dos séculos, todas as sociedades foram sujeitas a processos eugênicos naturais que fizeram com que indivíduos com imperfeições, incluindo aqueles com as características mencionadas acima, fossem colocados de lado na competição reprodutiva ou tivessem sua taxa de nascimento reduzida. Esses processos raramente são vistos

como tais, sendo freqüentemente filtrados pelo mal que os acompanha ou por outras condições que os relegue, aparentemente, a um pano de fundo. Uma compreensão consciente desses assuntos, com base no entendimento apropriado e num critério moral aproximado, poderia tornar esses processos menos tempestuosos em sua forma e não tão cheios de experiências amargas. Se a ciência e a consciência humana fossem apropriadamente formadas e se a devida atenção fosse dada aos bons conselhos, o balanço desses processos poderia ser inclinado de forma acentuada em uma direção positiva. Depois de um certo número de gerações, a carga de pessoas da sociedade com fatores patológicos herdados seria reduzida para baixo de um certo nível crítico, e sua participação nos processos ponerogênicos começaria a desaparecer.

Seguir a rede espaço-temporal real de ligações causais, qualitativamente complexas, que ocorrem nos processos ponerogênicos, requer abordagem e experiências apropriadas. O fato de que os psicólogos encarem, diariamente, múltiplos casos de pessoas com tais imperfeições ou de vítimas destes, significa que eles estão se tornando, progressivamente, mais aptos no entendimento e na descrição dos muitos componentes das causas psicológicas. Eles têm observado realimentações em estruturas causais fechadas. Contudo, essa capacitação, em alguns casos, prova-se insuficiente para superar nossa tendência humana de nos concentrarmos em alguns fatos, enquanto ignoramos outros, provocando a sensação desagradável de que a capacidade de nossa mente para entender a realidade ao nosso redor é ineficiente. Isso explica a tentação de usar a visão natural de mundo com o objetivo de simplificar a complexidade e suas implicações, um fenômeno tão comum como a “velha sabedoria” conhecida na psicologia filosófica da Índia. Tal simplificação exagerada do quadro causal no tocante à gênese do mal, geralmente para uma única causa facilmente entendida ou para um perpetrador, torna-se, ela mesma, uma causa nesta gênese.

Com grande respeito para com as deficiências da nossa razão humana, vamos tomar conscientemente o caminho do meio e usar o processo de abstração, primeiro descrevendo os fenômenos selecionados e então as cadeias causais características dos processos ponerogênicos. Tais cadeias podem, então, ser ligadas a estruturas mais complexas, ainda mais suficientes para assegurar o quadro completo rede causal real. No início, os buracos na rede serão tão grandes que um cardume de peixes poderia nadar através dela, sem ser detectado, mas os grandes peixes seriam capturados. Contudo, esse mal do mundo representa um tipo de

sequência contínua, na qual pequenas espécies de mal humano somam-se efetivamente para a gênese de um grande mal. Transformar essa rede em uma rede mais densa e preencher os detalhes do quadro parece ser mais fácil, uma vez que as leis ponerogênicas são análogas no que diz respeito à escala das ocorrências. Nosso senso comum, então, comete menos erros no nível dos assuntos menores.

Na tentativa de uma observação mais próxima desses processos e fenômenos patológicos que levam um homem ou uma nação a ferir outra, devemos selecionar fenômenos os mais característicos possíveis. Nós veremos que a participação de vários fatores patológicos nesses processos é a regra. A situação onde tal participação não é observada tende a ser uma exceção.

***

O segundo capítulo resumiu o papel do substrato humano instintivo no desenvolvimento da nossa personalidade, a formação da visão natural de mundo, e as ligações e estruturas sociais. Nós também indicamos que nossos conceitos sociais, morais e psicológicos, assim como também nossas formas naturais de reação, não são adequados para todas as situações com as quais a vida nos confronta. Geralmente, nós terminamos machucando alguém se agimos de acordo com nossos conceitos naturais e com nossos arquétipos reativos, em situações que parecem apropriadas à nossa imaginação, mas que, de fato, são essencialmente diferentes. Como regra, tais situações diferentes permitem que reações para-apropriadas ocorram por conta de algum fator patológico que dificulta o entendimento ter entrado em cena. *Então, o valor prático da nossa visão natural de mundo termina geralmente onde a psicopatologia começa.*

A familiaridade com essas fraquezas comuns da natureza humana e com a ingenuidade de uma pessoa normal é *parte*

do conhecimento específico que nós encontramos em muitos indivíduos psicopatas, assim como em alguns caracteropatas. Propagandistas de várias escolas tentam provocar tais reações para-apropriadas em outras pessoas, em nome de seus objetivos específicos, ou a serviço de suas ideologias dominantes. Esse fator patológico difícil de entender está localizado dentro do propagandista mesmo.

***

Egotismo: chamamos de egotismo a atitude, subconscientemente condicionada como uma regra, pela qual atribuímos valor excessivo aos nossos reflexos instintivos, às nossas imaginações e hábitos adquiridos desde muito cedo, e à nossa visão de mundo individual. O egotismo atrasa a evolução normal da personalidade, porque estimula a dominação da vida subconsciente e torna difícil aceitar os estados desintegrativos que podem ser muito proveitosos para o crescimento e desenvolvimento. Esse egotismo e a rejeição da desintegração, por outro lado, favorecem o aparecimento de reações para-apropriadas como descrito acima. Um egotista mede as demais pessoas pelos seus próprios parâmetros, tratando *seus* conceitos e modos de experiência como critério *objetivo*. Ele gostaria de forçar as outras pessoas a sentir e pensar exatamente do mesmo jeito que ele. As nações egotistas têm um objetivo subconsciente de ensinar ou forçar as demais nações a pensar dentro de suas próprias categorias, o que faz com que sejam incapazes de entender as outras pessoas e nações, ou de se tornarem familiares com os valores de suas culturas.

A educação apropriada e a autoeducação, desta forma, sempre ajudam a “de-egotizar” uma pessoa jovem ou adulta e, com isso, abrem a porta para que a mente e o caráter se desenvolvam. Os psicólogos práticos, apesar disso, acreditam comumente que uma certa medida de egotismo é útil como um fator de estabilização da personalidade, prevenindo-a de

desintegrações neuróticas demasiadamente simplistas e, com isso, tornando possível superar as dificuldades da vida. Apesar disso, existem pessoas fora do comum, cujas personalidades são muito bem integradas, mesmo sendo quase totalmente desprovidas de egotismo; isso as permite entender os outros muito facilmente.

O tipo de egotismo excessivo que atrasa o desenvolvimento dos valores humanos e leva a um julgamento equivocado, e a aterrorizar os outros, merece muito bem o título de "rei das falhas humanas". Dificuldades, disputas, problemas sérios e reações neuróticas brotam em todos que estejam ao redor de tal egotista, tais como cogumelos após a chuva. As nações egotistas começam a gastar dinheiro e esforços para atingir seus objetivos derivados de seu raciocínio errôneo e de suas reações exageradamente emocionais. Sua inabilidade em reconhecer os valores e as diferenças de outras nações, derivadas de outras tradições culturais, levam ao conflito e à guerra.

Nós podemos diferenciar dois tipos de egotismo: o primário e o secundário. O primeiro vem de um processo mais natural, a saber, o egotismo natural da criança e os erros em sua criação, que tendem a perpetuar esse egotismo infantil. O segundo ocorre quando uma personalidade que superou seu egotismo infantil regressa a esse estado sob pressão, o que leva a uma atitude artificial caracterizada por uma grande agressão e nocividade social. O egotismo excessivo é uma propriedade constante da personalidade histérica, não importando se sua histeria é primária ou secundária. É por isso que o aumento no egotismo das nações deve ser atribuído, antes de mais nada, ao ciclo de histeria descrito acima.

Se analisarmos o desenvolvimento das personalidades excessivamente egotistas, nós sempre encontraremos algumas causas não-patológicas, tais como ter crescido em

um ambiente com uma rotina exagerada e apertada ou ter sido criada por pessoas menos inteligentes que a criança. Contudo, a principal razão para o desenvolvimento de uma personalidade exageradamente egotista em uma pessoa normal é a contaminação, através da indução psicológica, por pessoas excessivamente egotistas ou histéricas que, por si mesmas, desenvolveram esta característica sob a influência de várias causas *patológicas*. Muitas das anomalias genéticas descritas anteriormente *causam o desenvolvimento de personalidades patologicamente egotistas*, dentre outras coisas.

Muitas pessoas com várias anomalias hereditárias e defeitos adquiridos desenvolvem um egotismo patológico. Para tais pessoas, forçar outros ao seu redor, grupos sociais completos e, se possível, nações inteiras a sentir e pensar como elas mesmas, torna-se uma necessidade interna, um conceito dominante. Um jogo, que uma pessoa normal não levaria a sério, pode tornar-se um objetivo de vida para eles, objeto de esforço, sacrifícios, e estratégia psicológica perspicaz.

O *Egotismo patológico* deriva da repressão, do campo de consciência de uma pessoa, de quaisquer associações autocríticas censuráveis que se refiram à normalidade ou à natureza própria dessa pessoa. Questões dramáticas como "quem é anormal aqui? eu ou esse mundo de pessoas que sentem e pensam de forma diferente?" são respondidas desfavorecendo o mundo. Tal egotismo é sempre ligado a uma atitude dissimulada, com uma máscara de Cleckley sobre alguma qualidade patológica que está sendo escondida da consciência, tanto a sua própria como a das outras pessoas. A maior intensidade de tal egotismo pode ser encontrada na *caracteropatia pré-frontal* descrita acima.

A importância da contribuição desse tipo de egotismo para a gênese do mal, assim, dificilmente necessita elaboração. Trata-se de uma influência social, principalmente, egotizando

ou traumatizando os outros que, por sua vez, causam dificuldades posteriores. O egotismo patológico é um componente constante de estados variados nos quais alguém que parece ser normal (embora, de fato, não seja tanto assim) é direcionado por motivações ou que batalha por objetivos que uma pessoa normal consideraria irreais ou improváveis. A pessoa mediana pode perguntar: "o que ele espera ganhar com isso?". A opinião do ambiente, contudo, freqüentemente interpreta tal situação em concordância com o "senso comum" e é, então, propensa a aceitar uma versão "mais provável" da situação e dos eventos. Tal interpretação sempre resulta em tragédia humana. Portanto, nós devemos sempre lembrar que o princípio da lei *cui prodest*[59] torna-se ilusório todas as vezes que um fator patológico entra em cena.

***

Interpretação Moralizante: a tendência em dar uma interpretação moralizante sobre os fenômenos essencialmente patológicos é um aspecto da natureza humana, cujo substrato discernível é codificado dentro de nosso instinto específico; em outras palavras, os homens normalmente falham na diferenciação entre o mal moral e o mal biológico. A moralização sempre surge, embora em vários graus, de dentro da visão de mundo psicológica natural e moral, e é por isso que devemos considerar essa tendência um erro permanente da opinião pública. Nós podemos freá-la com um autoconhecimento elevado, mas superá-la requer conhecimento específico na área da psicopatologia. As pessoas jovens de círculos de baixa cultura sempre tendem a tais interpretações (embora ela caracterize também algumas pessoas tradicionais que cultivam a estética), fato que se intensifica toda vez que nossos reflexos naturais assumem o controle da razão, ou seja, nos estados histéricos, e em proporção direta à intensidade do egotismo.

Nós fechamos a porta para a compreensão causal dos fenômenos e abrimo-la para emoções vingativas e erros psicológicos toda vez que impomos uma interpretação moralista sobre as falhas e erros do comportamento humano, que são, de fato, amplamente derivados de diversas influências de fatores patológicos, estejam eles mencionados acima ou não, e que são freqüentemente obscurecidos em mentes não treinadas nessa área. Nós, com isso, também permitimos que esses fatores continuem suas atividades ponerogênicas, nos dois casos, dentro de nós e dos outros. Nada envenena mais a alma humana e nos priva da nossa capacidade de entender a realidade de forma mais objetiva do que essa obediência à tendência humana comum de adotar uma visão moralista do comportamento humano.

Falando de forma prática, para dizer o mínimo, cada exemplo de comportamento que fere seriamente alguma outra pessoa contém, dentro de sua gênese psicopatológica, a influência de algum fator patológico, dentre outras coisas, é claro. Desta forma, qualquer interpretação das causas do mal que se limite às categorias morais será uma percepção inapropriada da realidade. Isso pode levar, falando de forma genérica, a comportamentos errôneos, limitando nossa capacidade para uma contrarreação aos fatores causais do mal e abrindo a porta para o desejo de vingança. Com frequência, isso faz com que se acenda uma nova chama nos processos ponerogênicos. Nós devemos, contudo, considerar a interpretação unilateralmente moral das origens do mal como errada e imoral em qualquer época. A idéia de superar essa inclinação humana comum e seus resultados pode ser considerada um motivo moral entrelaçado na ponerologia.

Se analisarmos as razões pelas quais as pessoas, freqüentemente, usam por demais tais interpretações emocionalmente carregadas, sempre rejeitando indignadamente uma interpretação mais correta, nós

devemos, é claro, descobrir também fatores patológicos agindo dentro delas. A intensificação dessa tendência em tais casos é causada pela repressão, do campo de consciência, de quaisquer conceitos autocríticos relacionados ao seu próprio comportamento e às suas razões internas. A influência de tais pessoas causa essa tendência de intensificação em outras.

***

Paramoralismos: a convicção de que valores morais existem e de que algumas ações violam as regras morais é um fenômeno tão comum e antigo que parece ter algum substrato no nível de dotação instintiva (embora certamente não seja totalmente adequado para a verdade moral) e que não somente representa séculos de experiência, cultura, religião e socialização. Assim, qualquer insinuação estruturada em slogans morais será sempre sugestiva, mesmo se os critérios "morais" utilizados forem simplesmente uma invenção *ad hoc*. Pode-se provar, desta forma, que qualquer ato é moral ou imoral, por meio de paramoralismos utilizados como sugestão ativa, e sempre haverá pessoas cujas mentes sucumbirão a tais raciocínios.

Na busca por um exemplo de um ato mau, cujo valor negativo não daria margem a dúvidas em qualquer situação social, os estudiosos da ética mencionam freqüentemente o abuso de crianças. Contudo, os psicólogos sempre encontram afirmações paramorais de tais comportamentos na prática, como no caso da família mencionada anteriormente, com a anomalia no campo pré-frontal da filha mais velha. Seus irmãos mais novos insistiam enfaticamente que o tratamento sádico que a irmã dava ao seu filho era devido às suas qualificações morais excepcionalmente elevadas, e eles acreditavam nisso por auto-sugestão. O paramoralismo, de alguma forma, esquiva-se com perspicácia do controle do nosso senso comum, levando algumas vezes à aceitação ou à

aprovação de comportamentos que são abertamente patológicos.

Declarações e sugestões paramoralistas acompanham vários tipos de mal com tanta frequência, que parecem totalmente insubstituíveis. Infelizmente, inventar critérios morais sempre novos, de acordo com a conveniência de alguém, tornou-se um fenômeno freqüente para indivíduos, grupos de opressão, ou sistemas políticos patológicos. Tais sugestões, com frequência, privam parcialmente as pessoas do seu raciocínio moral e deformam o desenvolvimento deste nos mais jovens. Fábricas de paramoralismo têm sido encontradas no mundo todo e um ponerologista considera difícil de acreditar que elas sejam gerenciadas por pessoas psicologicamente normais.

As características conversivas na gênese dos paramoralismos parecem provar que eles são derivados, em sua maioria, da rejeição subconsciente (e repressão do campo de consciência) de alguma coisa completamente diferente, que nós chamamos de *voz da consciência*.

Um ponerologista pode, apesar disso, indicar muitas observações para apoiar a opinião de que vários fatores patológicos participam na tendência ao uso de paramoralismos. Esse foi o caso na família acima mencionada. Quando isso ocorre com uma interpretação moralizante, essa tendência se intensifica em egotistas e histéricos, e suas causas são parecidas. Assim como todos os fenômenos conversivos, a tendência de utilizar paramoralismos é psicologicamente contagiosa. Isso explica porque nós a observamos entre pessoas criadas por indivíduos nos quais ela foi desenvolvida ao lado de fatores patológicos.

Este pode ser um bom lugar para refletir se a lei moral verdadeira é criada e existe independentemente de nossos

julgamentos a seu respeito, e até mesmo sobre a nossa habilidade de reconhecê-la. Dessa forma, a atitude necessária para tal entendimento é científica, não criativa: nós devemos subordinar humildemente nossa mente à realidade apreendida. É então que descobrimos a verdade sobre o homem, tanto suas fraquezas como seus valores, que nos mostra o que é decente e apropriado no tocante às outras pessoas e às outras sociedades.

***

Bloqueio reversivo: insistir enfaticamente em algo que é o oposto da verdade bloqueia a mente da pessoa mediana para perceber a verdade. De acordo com os ditados do senso comum saudável, ela inicia a busca de sentido no "meio termo" entre a verdade e o seu oposto, terminando com alguma falsificação satisfatória. As pessoas que pensam assim não percebem que esse efeito é precisamente a intenção de quem os sujeita a esse método. Se a falsificação da verdade é o oposto de uma verdade moral, ao mesmo tempo, ela representa simultaneamente um paramoralismo extremo, e carrega seu caráter peculiarmente sugestivo.

Nós raramente vemos esse método sendo utilizado por pessoas normais; mesmo que tenham sido criadas por pessoas que abusaram dele; geralmente, elas só apresentam os resultados do método em suas dificuldades características para apreender a realidade adequadamente. O uso desse método pode ser incluído dentro dos conhecimentos psicológicos especiais mencionados anteriormente, que são desenvolvidos por psicopatas no tocante às fraquezas da natureza humana e à arte de levar os outros ao erro. Onde eles governam, esse método é utilizado com virtuosidade e em uma extensão proporcional ao seu poder.

***

Seleção e substituição de informação: a existência dos fenômenos psicológicos sobre o subconsciente conhecidos dos estudantes de filosofia pré-Freudianos segue se repetindo. *Os processos psicológicos inconscientes superam o raciocínio consciente, tanto no tempo como na abordagem, o que torna possível muitos fenômenos psicológicos:* incluindo aqueles genericamente descritos como conversivos, tais como o bloqueio subconsciente das conclusões, a seleção e, também, a substituição de premissas aparentemente desconfortáveis.

Nós falamos de *bloqueio* de conclusões se o processo inferencial foi apropriado em princípio e quase chegou a uma conclusão e compreensão finais dentro do ato de projeção interna, mas tornou-se frustrada por uma diretiva precedente do subconsciente, que considerou a conclusão inadequada ou perturbadora. Essa é a prevenção primitiva da desintegração da personalidade, que pode parecer vantajosa. Contudo, ela também previne todas as vantagens que poderiam derivar da conclusão e da reintegração elaboradas conscientemente. Uma conclusão, assim rejeitada, permanece em nosso subconsciente e causa, de uma forma mais inconsciente, os próximos bloqueios e seleções desse tipo. Isso pode ser extremamente prejudicial, escravizando progressivamente a pessoa em seu próprio subconsciente, e está freqüentemente acompanhado de um sentimento de tensão e amargura.

Nós falamos de *seleção de premissas* sempre que o retorno penetra mais profundamente no raciocínio resultante e, assim, exclui do seu banco de dados somente aquela parte da informação que foi responsável pela conclusão desconfortável, reprimindo-a para o subconsciente. Dessa forma, nosso subconsciente permite o raciocínio lógico posterior, exceto aquele cujo resultado estará em desacordo, na proporção direta ao significado real da informação reprimida. Um número sempre crescente de tais informações reprimidas é coletado em nossa memória subconsciente.

Finalmente, um tipo de hábito parece assumir o comando: todo material similar é tratado da mesma forma, mesmo que o raciocínio leve a um resultado perfeitamente vantajoso para a pessoa.

O processo mais complexo desse tipo é a substituição de premissas assim eliminadas por outras informações, garantindo uma conclusão ostensivamente mais confortável. Nossa habilidade associativa elabora rapidamente um novo item para substituir o que foi removido, que levará a uma conclusão *confortável*. Essa operação leva muito tempo e é improvável que seja exclusivamente subconsciente. Tais substituições são, com frequência, efetuadas coletivamente, em certos grupos de pessoas, através do uso de comunicação verbal. É por essa razão que elas se qualificam melhor para o epíteto moralista "hipocrisia" do que qualquer um dos outros processos descritos acima.

Os exemplos acima de fenômenos conversivos não exaurem o problema ilustrado ricamente nos trabalhos psicanalíticos. Nosso subconsciente pode portar as raízes do gênio humano dentro de si, mas sua operação não é perfeita; algumas vezes é uma reminiscência de um computador cego, especialmente quando permitimos que ele seja entulhado com material ansiosamente rejeitado. Isso explica porque o monitoramento consciente, mesmo ao preço de aceitar corajosamente estados desintegrativos, é igualmente necessário à nossa natureza, para não dizer ao nosso bem individual e social.

Não existe tal coisa, de uma pessoa cujo autoconhecimento perfeito a permite eliminar todas as tendências em direção ao pensamento conversivo, mas somente pessoas relativamente próximas desse estado, enquanto outras permanecem escravas desses processos. Aquelas pessoas que utilizam operações conversivas com muita frequência, com o propósito de encontrar conclusões

convenientes, ou de construir algumas declarações paralógicas ou paramoralistas perspicazes, começam eventualmente a empreender esse comportamento por razões cada vez mais triviais, perdendo a capacidade para o controle consciente sobre o seu processo de pensamento como um todo. Isso leva necessariamente a erros de comportamento, que serão pagos por outras pessoas tanto quanto por elas mesmas.

As pessoas que perderam sua higiene psicológica e sua capacidade para o pensamento apropriado ao longo dessa estrada, também perdem suas faculdades críticas naturais em relação às declarações e comportamentos de indivíduos cujos processos de pensamento anormal foram formados no substrato das anomalias patológicas, sejam elas herdadas ou adquiridas. Os hipócritas param de diferenciar entre indivíduos normais e patológicos, abrindo então uma "entrada para a infecção" para o papel ponerogênico dos fatores patológicos.

Geralmente, cada comunidade contém pessoas sobre as quais métodos similares de pensamento foram desenvolvidos em grande escala, com seus vários desvios como um pano de fundo. Nós encontramos isso tanto nas personalidades caracteropatas como também nas psicopatas. Algumas têm até sido influenciadas por outras para crescerem acostumadas a tais raciocínios, uma vez que o pensamento conversivo é altamente contagioso e pode se espalhar através de uma sociedade inteira. Nos "tempos felizes", especialmente, a tendência para o pensamento conversivo geralmente se intensifica. Ela aparece acompanhada por uma onda de aumento de histeria na dita sociedade. Aqueles que tentam manter o senso comum e o raciocínio apropriado finalmente terminam como minoria, sentindo-se injustiçados por ter seu direito humano de manter a higiene psicológica

violado por pressões vindas de todos os lados. Isso significa que tempos infelizes não estão distantes.

Nós deveríamos salientar que os processos de pensamento errôneo descritos aqui, como regra, também violam as leis da lógica com uma perfídia característica. Educar pessoas na arte do raciocínio apropriado pode, assim, servir como contramedida a tais tendências; tal arte possui uma tradição antiga e santificada que não parece ter sido suficientemente efetiva por séculos. Exemplo: de acordo com as leis da lógica, uma questão contendo uma sugestão errônea ou não confirmada não tem resposta. Apesar disso, as operações com tais questões não somente se tornam uma epidemia entre as pessoas com a tendência para o pensamento conversivo, e uma origem do terror quando usadas por indivíduos psicopatas; elas também ocorrem entre as pessoas que pensam normalmente, ou mesmo entre aquelas que estudaram a lógica.

Essa tendência decrescente na capacidade de uma sociedade para o pensamento apropriado deve ser neutralizada, uma vez que ela também diminui a imunidade aos processos ponerogênicos. Uma medida efetiva ensinaria as duas coisas, o pensamento apropriado e a habilidade na detecção dos erros de pensamento. A linha de frente de tal educação deveria ser expandida, incluindo psicologia, psicopatologia e a ciência descrita aqui, com o objetivo de formar pessoas que possam detectar facilmente qualquer paralogismo.

Para compreender os caminhos ponerogênicos de contágio, especialmente aqueles agindo em um contexto social mais amplo, vamos observar os papéis e as personalidades de indivíduos que chamamos de *propagandistas*, os quais são muito ativos nessa área, apesar de que, estatisticamente, seu número seja insignificante.

Geralmente, propagandistas são portadores de vários fatores patológicos, algumas caracteropatias e algumas anomalias herdadas. Indivíduos com malformações em suas personalidades freqüentemente representam papéis similares, embora a escala social de sua influência permaneça pequena (família ou vizinhança) e não ultrapasse certos limites de decoro.

O propagandista é caracterizado por um egotismo patológico. Tal pessoa é forçada por algumas causas internas a fazer uma escolha prematura entre duas possibilidades: a primeira é forçar as outras pessoas a pensar e experimentar as coisas do mesmo modo que ela mesma; a segunda é um sentimento de ser sozinha e diferente, um desencaixe patológico na vida social. Algumas vezes, a escolha se resume a ser um encantador de serpentes ou um suicida.

A repressão triunfante da autocrítica ou de conceitos desagradáveis do campo da consciência dá origem, gradualmente, aos fenômenos de pensamento conversivo, ou paralógicos, de paramoralismos e de bloqueios reversivos. Eles saem com tanta profusão da mente e da boca do propagandista que inundam a mente da pessoa mediana. Tudo se torna subordinado à convicção super-compensatória por parte do propagandista de que ele é excepcional, muitas vezes até messiânico. Uma ideologia emerge dessa convicção, em parte verdadeira, cujo valor é supostamente superior. Contudo, se analisarmos as funções exatas de tal ideologia na

personalidade do propagandista, perceberemos que ela não é nada mais que um meio de *auto-feitiço*, útil para reprimir aquelas associações autocríticas desgostosas para o subconsciente. O papel instrumental da ideologia, o de influenciar as outras pessoas, também atende às necessidades do propagandista.

O propagandista acredita que sempre encontrará conversos para a sua ideologia e, com frequência, está certo. Contudo, ele fica chocado (ou mesmo paramoralmente indignado) quando acontece de sua influência se estender somente a uma minoria limitada, enquanto a atitude da maioria das pessoas em relação às suas atividades permanece crítica, penosa e perturbada. O propagandista é então confrontado com a escolha: ou retrocede para o seu vazio ou fortalece sua posição *desenvolvendo a efetividade* de suas atividades.

O propagandista coloca num plano moral elevado qualquer pessoa que tenha sucumbido à sua influência e incorporado os métodos experimentais impostos por ele. Ele trata essas pessoas com atenção e propriedade, se possível. Os críticos encontram insultos "morais". Pode até proclamado que a minoria complacente é, de fato, a maioria moral, uma vez que ela professa a melhor ideologia e honra um líder cujas qualidades estão acima da média.

Tal atividade é sempre caracterizada necessariamente pela *inabilidade de visualizar seus resultados finais*, algo que é óbvio do ponto de vista psicológico, porque seu substrato contém fenômenos patológicos, e tanto a propaganda como o auto-feitiço tornam impossível perceber a realidade de forma precisa o suficiente para visualizar os resultados logicamente. Contudo, os propagandistas nutrem grande otimismo e visões acolhedoras sobre triunfos futuros similares àqueles que eles possuem sobre suas próprias

almas incapazes. *Também é possível que o otimismo seja um sintoma patológico.*

Em uma sociedade saudável, as atividades dos propagandistas encontram a crítica efetiva o suficiente para contê-los rapidamente. Contudo, quando eles são precedidos de condições que operam destrutivamente sobre o senso comum e a ordem social, tais como injustiça social, atraso na cultura ou governantes intelectualmente limitados que manifestam algumas vezes características patológicas, as atividades dos propagandistas têm levado sociedades inteiras à tragédia humana em larga escala.

Tal indivíduo "pesca", em um ambiente ou em uma sociedade, as pessoas receptivas à sua influência, aprofundando-se nas suas fraquezas psicológicas até que finalmente se junta a elas em uma união ponerogênica. Por outro lado, as pessoas que têm mantido suas faculdades críticas e saudáveis intactas, baseadas em seu próprio senso comum e em seus critérios morais, tendem a reagir contra as atividades desses propagandistas e os seus resultados. Na *polarização* resultante das atitudes sociais, cada lado se justifica por meio de categorias morais. Por isso é que tal resistência do senso comum é sempre acompanhada por algum sentimento de desamparo e pela deficiência de critérios.

A consciência de que um propagandista é sempre um indivíduo patológico deveria nos proteger dos resultados conhecidos de uma interpretação moralista dos fenômenos patológicos, garantindo-nos *critérios objetivos para uma ação mais efetiva*. A explicação sobre qual tipo de substrato patológico está escondido por detrás de um dado exemplo de atividades do propagandista deveria nos capacitar a uma solução moderna para tais situações.

É um fenômeno característico que um QI alto geralmente ajuda a pessoa a ser mais imune às atividades de propagandistas *somente em um nível moderado*. As diferenças reais na formação das atitudes humanas sob influência de tais atividades devem ser atribuídas a outras propriedades da natureza humana. O fator mais decisivo para assumir uma atitude crítica é uma boa inteligência básica, que condiciona a nossa percepção da realidade psicológica. Nós podemos também observar como as atividades do propagandista “descascam” indivíduos receptivos com uma regularidade surpreendente.

Nós retornaremos depois para as relações específicas que ocorrem entre a personalidade do propagandista, a ideologia que ele expõe e as escolhas feitas por aqueles que facilmente sucumbem. Uma explicação mais exaustiva, no entanto, necessitaria um estudo em separado, dentro da estrutura da ponerologia geral, um trabalho destinado a especialistas, para explicar alguns desses fenômenos interessantes que ainda não foram adequadamente entendidos nos dias de hoje.

ASSOCIAÇÕES PONEROGÊNICAS

Nós daremos o nome de "associação ponerogênica" a qualquer grupo de pessoas caracterizado pelos processos ponerogênicos de intensidade social acima da média, onde os portadores de vários fatores patológicos funcionam como inspiradores, propagandistas e líderes, e onde é gerada uma estrutura social patológica apropriada. Associações menores, menos permanentes, devem ser chamadas de "grupos" ou "uniões".

Tal associação dá origem ao mal que fere outras pessoas, assim como fere seus próprios membros. Nós poderíamos listar vários nomes relacionados a tais organizações pela tradição linguística: gangues, máfias criminosas, máfias, facções e seitas, que com perspicácia evitam colidir com a lei, enquanto procuram ganhar sua própria vantagem. Tais uniões aspiram freqüentemente a poderes políticos, com o objetivo de impor sua legislação conveniente sobre as sociedades em nome de uma ideologia preparada adequadamente, resultando em vantagens na forma de prosperidade desproporcionada e na satisfação de sua ânsia por poder.

A descrição e classificação de tais associações com uma visão de seus números, objetivos, ideologias oficialmente promulgadas e organizações internas seria, é claro, cientificamente valiosa. Tal descrição, realizada por um observador perceptivo, poderia auxiliar um ponerologista a determinar algumas das propriedades de tais uniões, que não podem ser determinadas por meio da linguagem conceitual natural.

Uma descrição deste tipo, contudo, não deve encobrir os fenômenos mais factuais e as dependências psicológicas que operam dentro dessas uniões. A falta de atenção a esse aviso pode facilmente fazer com que a descrição sociológica

indique propriedades que são de importância secundária, ou mesmo feitas “para mostrar”, visando impressionar os não iniciados, e escondendo através disso os fenômenos reais que decidem a qualidade, o papel e o destino de tal união. Particularmente, se essa descrição não for realista, ela pode fornecer conhecimento meramente ilusório ou substituto, passando uma percepção naturalista e deixando a compreensão dos fenômenos mais difícil.

Todos os grupos e associações ponerogênicas têm em comum um fenômeno, que é o fato de que seus membros perdem (ou já perderam) *a capacidade de perceber indivíduos patológicos como tais*, interpretando seus comportamentos de um modo fascinante, heróico ou melodramático. As opiniões, idéias e julgamentos das pessoas portadoras de vários déficits psicológicos são dotados de uma importância no mínimo igual àquela dos indivíduos marcantes entre as pessoas normais.

A atrofia das faculdades críticas naturais com respeito a indivíduos patológicos torna-se uma abertura para as suas atividades e, ao mesmo tempo, um critério pare reconhecer a associação em questão como ponerogênica. Vamos chamar isso de primeiro critério da ponerogênese.

Outro fenômeno que todas as associações ponerogênicas têm em comum é a alta concentração estatística de indivíduos com várias anomalias psicológicas. Sua composição qualitativa é crucialmente importante na formação do caráter, nas atividades, no desenvolvimento e na extinção da união como um todo.

Grupos dominados por vários tipos de indivíduos caracteropatas desenvolverão atividades relativamente primitivas, tornando bastante fácil, para uma sociedade de pessoas normais, quebrá-los. Contudo, as coisas são um tanto diferentes quando tais uniões são inspiradas por indivíduos

psicopatas. Invoquemos o exemplo a seguir, que ilustra os papéis de duas anomalias diferentes, selecionadas dentre eventos reais estudados pelo autor.

Em gangues juvenis criminosas, garotos (e ocasionalmente garotas) portadores de um déficit característico, que é muitas vezes uma sequela da inflamação das glândulas parótidas (caxumba), representam um papel específico. Essa doença confere reações cerebrais em alguns casos, deixando como sequelas uma discreta, porém permanente, palidez nos sentimentos e um leve decréscimo nas habilidades mentais gerais. Resultados similares acontecem, algumas vezes, após a difteria. Como resultado, tais pessoas sucumbem facilmente a sugestões e manipulações de indivíduos mais espertos.

Quando atraídos para um grupo criminoso, esses indivíduos enfraquecidos em sua constituição tornam-se auxiliares pouco críticos e executores das intenções dos líderes, ou seja, ferramentas nas mãos dos líderes mais traiçoeiros, normalmente psicopatas. Uma vez presos, eles se submetem às explicações insinuadas por seus líderes de que o ideal maior (paramoral) do grupo exige que eles se tornem bodes expiatórios, levando a maior parte da culpa sobre si mesmos. No tribunal, os mesmos líderes que iniciaram as delinquências sem piedade descarregam toda a culpa em seus colegas menos espertos. Algumas vezes o juiz acaba aceitando as insinuações.

Indivíduos com as características acima mencionadas, pós-caxumba e pós-difteria, constituem menos de 1% da população como um todo, mas sua participação chega a um quarto nos grupos de delinquentes juvenis. Isso representa um aumento da ordem de 30 vezes, sem a necessidade de métodos posteriores de análise estatística. Quando estudamos os conteúdos das uniões ponerogênicas de forma suficientemente hábil, encontramos sempre um aumento de

outras anomalias psicológicas que também falam por si mesmas.

***

Dois tipos básicos das uniões acima mencionadas devem ser diferenciados: *as ponerogênicas primárias e as ponerogênicas secundárias*. Considera-se como ponerogênica primária a união cujos membros anormais são ativos desde o início, tendo um papel de catalisadores da cristalização, tão logo o processo de criação do grupo tenha ocorrido. Nós chamamos de ponerogênica secundária a união que foi fundada em nome de alguma idéia com um significado social independente, geralmente compreensível dentro das categorias da visão de mundo natural, mas que posteriormente sucumbiu a uma certa degeneração moral. Isso, por sua vez, abriu a porta para a infecção e para a ativação dos fatores patológicos internos, e posteriormente para a ponerização do grupo como um todo, ou freqüentemente de uma fração do mesmo.

Desde o tênue início, uma união primariamente ponerogênica é um corpo estranho dentro do organismo da sociedade, com seu caráter em confronto com os valores morais mantidos ou respeitados pela maioria. As atividades de tais grupos provocam oposição e repugnância, e são consideradas imorais. Como regra, em geral, tais grupos não se espalham muito, nem se dividem em numerosas uniões. No final, eles perdem sua batalha para a sociedade.

Para ter uma chance de se desenvolver em uma associação ponerogênica grande, contudo, basta que uma organização humana qualquer, caracterizada por objetivos sociais ou políticos e por uma ideologia com algum valor criativo, seja aceita por um grande número de pessoas normais *antes* de sucumbir ao processo de malignidade ponerogênica. A tradição primária e os valores ideológicos de tal sociedade

podem, então, por um longo período, proteger uma união que sucumbiu ao processo de ponerização a partir da consciência da sociedade, especialmente de seus componentes críticos menores. Quando o processo ponerogênico toca esse tipo de organização humana, que emergiu e agiu originalmente em nome de objetivos políticos ou sociais, e cujas causas foram condicionadas pela situação histórica e social, os valores primários do grupo original irão alimentar e proteger tal união, apesar do fato de que tais valores primários tenham sucumbido à degeneração característica e a função prática tenha se tornado *completamente diferente* da inicial, porque os nomes e os símbolos são mantidos. É aí que as fraquezas dos "sensos comuns" individual e social são reveladas.

Isso é uma reminiscência da situação que os psicopatologistas conhecem bem: uma pessoa que aprecia a verdade e o respeito em seus círculos começa a se comportar com uma arrogância absurda e a ferir os outros, alegadamente em nome de suas convicções já conhecidas, decentes e aceitas, que – nesse meio tempo – se deterioraram devido a algum processo ponerogênico que as tornam primitivas, mas emocionalmente dinâmicas. Contudo, as pessoas de suas antigas relações – que a conheciam por muito tempo como a pessoa que ela era – não acreditam nas pessoas ofendidas, as quais reclamam sobre o seu comportamento novo, ou até mesmo encoberto, e estão preparadas para denegri-las e considerá-las como mentirosas. Esse processo aumenta a injúria e fornece encorajamento e licença ao indivíduo cuja personalidade está no processo de deterioração para cometer outros atos prejudiciais. Como uma regra, tal situação se perpetua até que a loucura da pessoa torne-se óbvia.

As uniões ponerogênicas do tipo primária são principalmente de interesse criminoso. Nossa principal preocupação será com as associações que sucumbem ao

processo secundário de malignidade ponerogênica. Primeiro, todavia, vamos estruturar algumas propriedades de tais associações que já se renderam ao processo.

Dentro de cada união ponerogênica é criada uma estrutura psicológica, que pode ser considerada uma contrapartida ou uma caricatura da estrutura normal da sociedade ou de uma organização social normal. Em uma organização social normal, os indivíduos com várias forças e fraquezas psicológicas complementam as características e os talentos uns dos outros. Essa estrutura é sujeita a modificações diacrônicas, de acordo com as mudanças no caráter da associação como um todo. O mesmo é verdade para uma união ponerogênica. Os indivíduos com várias aberrações psicológicas também complementam as características e talentos uns dos outros.

A primeira fase de atividades de uma união ponerogênica é usualmente dominada por indivíduos caracteropatas, particularmente paranóicos, que freqüentemente têm um papel de inspiração e de fascinação no processo de ponerização. Recordemos aqui que o poder da caracteropatia paranóica reside no fato de que seus portadores escravizam facilmente as mentes menos críticas, isto é, pessoas com outros tipos de deficiências psicopatológicas ou que tenham sido vítimas de indivíduos com desvios de caráter e, em particular, um grande segmento de pessoas jovens.

Nesse período, a união ainda exibe certas características românticas e ainda não está caracterizada pelo comportamento excessivamente brutal. Logo, no entanto, os membros mais normais são empurrados para funções marginais e são excluídos dos segredos organizacionais; alguns deles, por conta disso, deixam tal união.

Então, indivíduos com anomalias herdadas assumem progressivamente as posições de liderança e de inspiração. O

papel dos psicopatas essenciais cresce gradualmente, embora eles gostem de permanecer ostensivamente nas sombras (isto é, dirigindo pequenos grupos), determinando o ritmo como uma eminência parda.[61] Nas uniões ponerogênicas de grande escala social, o papel de líder é geralmente assumido por um tipo diferente de indivíduo, mais facilmente digerível e representativo. Os exemplos incluem portadores de caracteropatias frontais ou de alguns complexos menores e mais discretos.

No início, o propagandista também possui o papel de líder em um grupo ponerogênico. Depois aparece um outro tipo de "talento de liderança", um indivíduo mais vital, que geralmente se juntou à organização mais tarde, depois de ela ter sucumbido à ponerização. O indivíduo que tinha o papel de propagandista, por ser mais fraco, é forçado a aceitar os termos, sendo desviado para os bastidores, e a reconhecer a "genialidade" do novo líder, ou aceitar a ameaça de fracasso total. As funções são divididas. O propagandista necessita do apoio do líder primitivo, mas decisivo, que em troca necessita do propagandista para sustentar a ideologia da associação, tão essencial na manutenção da postura correta por parte daqueles membros mais graduados e das fileiras, que carecem de uma tendência à crítica e duvidam da variedade moral.

O trabalho do propagandista, então, é o de reempacotar a ideologia adequadamente, inserindo cuidadosamente novos conteúdos sob velhos títulos, de forma que possa continuar representando a sua função de propaganda sob condições que mudam o tempo todo. Ele também tem que sustentar a *mística* do líder dentro e fora da associação. A verdade total não pode existir entre os dois, no entanto, já que o líder despreza secretamente o propagandista e sua ideologia, enquanto o propagandista desdenha do líder por ser um

indivíduo grosseiro. Um confronto é sempre provável; aquele que for mais fraco perderá.

A estrutura de tal união passa então à diversificação e à especialização. Um abismo se abre entre os membros um pouco mais normais e a elite de iniciados que são, como regra, mais patológicos. Este subgrupo se torna ainda mais dominado por fatores patológicos hereditários, e aquele por indivíduos portadores dos efeitos posteriores a várias doenças que afetam o cérebro, por indivíduos menos tipicamente psicopatas, e por pessoas cuja personalidade malformada foi causada por privação precoce ou por métodos brutais de educação infantil por parte de indivíduos patológicos. Não demora para que haja cada vez menos espaço para pessoas normais no grupo como um todo. Os segredos dos líderes e as intenções são mantidos escondidos dos proletários do grupo; os produtos do trabalho do propagandista devem ser suficientes para esse segmento.

Alguém que observe de fora tais atividades da união, utilizando-se da visão de mundo psicológica natural, tenderá sempre a superestimar o papel do líder e de sua função alegadamente autocrática. O propagandista e o aparato de propaganda são mobilizados para manter essa opinião errônea em quem está de fora. O líder, contudo, é *dependente dos interesses da união, especialmente dos iniciados da elite,* em uma extensão muito maior do que ele mesmo sabe. Ele empreende um jogo de constante disputa por posição; ele é um ator com um diretor. Em uniões macrossociais, essa posição é geralmente ocupada por um indivíduo mais representativo, não privado de certas faculdades críticas; iniciá-lo em *todos* aqueles planos e cálculos criminosos seria contraproducente. Em conjunto com parte da elite, um *grupo* de indivíduos psicopatas, escondidos nos bastidores, dirige o líder, da mesma forma que Borman e sua facção dirigiram Hitler. Se o líder não cumpre seu papel designado, ele

geralmente sabe que a facção que representa a elite da união está apta a matá-lo ou removê-lo de alguma outra forma.

Nós esboçamos as propriedades de uniões nas quais o processo ponerogênico transformou seu conteúdo original genericamente benevolente em uma caricatura patológica e modificou sua estrutura e suas alterações posteriores de um modo suficientemente amplo para abranger o maior escopo possível desse tipo de fenômeno, desde a menor até a maior escala social. As regras gerais que governam esses fenômenos parecem ser no mínimo análogas, não dependendo da escala quantitativa, social ou histórica de tal fenômeno.

IDEOLOGIAS

É um fenômeno comum, para uma associação ou grupo ponerogênico, conter uma *ideologia particular* que sempre justifique suas atividades e forneça propaganda motivacional. Mesmo uma gangue de arruaceiros de curta duração tem sua própria ideologia melodramática e seu romantismo patológico. A natureza humana demanda que assuntos odiosos sejam envolvidos por uma mística super-compensatória, de forma a silenciar as consciências e ludibriar as faculdades críticas e conscientes, sejam elas as suas próprias ou as de outros.

Se tais uniões ponerogênicas pudessem ser despidas de sua ideologia, nada permaneceria além da patologia psicológica e moral, nua e não atrativa. Tal despojamento provocaria, é claro, "indignação moral", e não somente entre os membros da união. O fato é que mesmo as pessoas normais, que condenam esse tipo de união juntamente com suas ideologias, sentem-se ofendidas e privadas de alguma parte constitutiva do seu próprio romantismo, do seu modo de perceber a realidade, quando um grupo amplamente idealizado é exposto como pouco mais do que uma gangue de criminosos. Talvez até mesmo alguns dos leitores desse livro se ressentirão pelo autor despir o mal, de forma tão sem cerimônia, de todos os seus motivos literários. O trabalho de efetuar tal *strip-tease* pode assim se tornar bem mais difícil e perigoso do que se espera.

Uma união ponerogênica primária é formada ao mesmo tempo que sua ideologia, talvez até um pouco antes. Uma pessoa normal percebe tal ideologia como sendo diferente do mundo dos conceitos humanos, obviamente sugestivo, e mesmo primitivamente cômico em um certo grau.

Uma ideologia de uma associação ponerogênica secundária é formada por uma adaptação gradual da

ideologia primária para outras funções e objetivos que são diferentes dos originalmente desenvolvidos. Um certo tipo de sobreposição ou esquizofrenia da ideologia acontece durante o processo de ponerização. A camada de fora, mais próxima do conteúdo original, é utilizada para propósitos de propaganda, especialmente em relação ao mundo exterior, embora possa também ser usada, em parte, internamente para desacreditar os membros do baixo escalão. A segunda camada é direcionada à elite sem problemas de compreensão: é mais hermética, geralmente composta pela introdução delicada de significados diferentes para os mesmos nomes. Uma vez que nomes idênticos significam conteúdos diferentes, dependendo da camada em questão, entender este jogo duplo de linguagem requer uma fluência simultânea nas duas linguagens.

As pessoas medianas sucumbem às insinuações sugestivas da primeira camada por um longo período até que aprendam a entender a segunda da mesma forma. Qualquer pessoa com certos desvios psicológicos, especialmente se estiver utilizando a máscara da normalidade com a qual já estamos familiarizados, percebe imediatamente que a segunda camada é atrativa e significativa; afinal de contas, ela foi construída por pessoas como ela. Compreender essa linguagem dupla é, portanto, uma tarefa incômoda, que provoca uma resistência psicológica perfeitamente compreensível. Essa mesma dualidade da linguagem, contudo, é um sintoma patognomônico[62], indicando que a união humana em questão está contaminada pelo processo ponerogênico em um grau avançado.

A *ideologia* de uniões afetadas por tais degenerações tem certos fatores constantes em relação à sua qualidade, quantidade ou abrangência de ação: a saber, *as motivações de um grupo injustiçado, um conserto radical do que está errado e os valores elevados dos indivíduos que se juntaram à organização.*

Essas motivações facilitam a sublimação dos sentimentos de ser diferente e injustiçado, causados pelas próprias falhas psicológicas do indivíduo em questão, e parecem liberar o sujeito da necessidade de obedecer a princípios morais desconfortáveis.

Um mundo cheio de injustiças reais e humilhações humanas torna-se favorável para a formação de uma ideologia contendo os elementos acima e uma união de seus conversos pode facilmente sucumbir para a degradação. Quando isso acontece, aquelas pessoas com a tendência a aceitar uma versão melhor da ideologia buscarão justificar tal dualidade ideológica.

A ideologia do proletariado, que visava a restruturação revolucionária do mundo, já estava contaminada pela anomalia esquizóide no entendimento e na confiança sobre a natureza humana; não surpreende que ela tenha facilmente sucumbido a um processo típico de degeneração, a fim de nutrir e disfarçar um fenômeno macrossocial cuja essência básica é completamente diferente.

Para referência futura, vamos nos lembrar: ideologias não necessitam de propagandistas. Propagandistas necessitam de ideologias a fim de sujeitá-las aos seus próprios objetivos dissidentes.

Por outro lado, o fato de que algumas ideologias degeneram juntamente com o seu movimento social decorrente, sucumbindo mais tarde a essa esquizofrenia e servindo a objetivos que seus criadores teriam detestado, não as prova sem valor, falsas e falaciosas desde o início. Muito pelo contrário: parece mais que, sob certas condições históricas, a ideologia de qualquer movimento social, mesmo se for uma verdade sagrada, pode render frutos ao processo de ponerização.

Uma dada ideologia pode conter pontos fracos, criados por erros de pensamento humano e pelas emoções envolvidas; ou pode ser, durante o curso de sua história, infiltrada por um material externo mais primitivo e que pode conter fatores ponerogênicos. Tal material destrói a homogeneidade interna de uma ideologia. A origem de tal infecção por material ideológico externo pode ser o sistema de regras sociais com suas leis e costumes baseadas em uma tradição mais primitiva ou um sistema de regras imperialista. É lógico que pode ser simplesmente outro movimento filosófico, freqüentemente contaminado pelas excentricidades de seu fundador, que considera os fatos culpados por não se conformarem à sua construção dialética.

O Império Romano, incluindo seu sistema legal e a parcimônia nos conceitos psicológicos, contaminou similarmente a idéia homogênea primária do Cristianismo. O Cristianismo teve que se adaptar à coexistência com um sistema social onde o *dura lex sed lex*,[63] no lugar de um entendimento dos seres humanos, decidia o destino de uma pessoa; isso levou então à corrupção da tentativa de atender aos objetivos do "Reino de Deus" por meio dos métodos imperialistas romanos.[64]

Quanto maior e mais verdadeira for a ideologia original, por mais tempo ela é capaz de nutrir e esconder da crítica humana esse fenômeno, que é o produto do processo degenerativo específico. Em uma ideologia grande e valiosa, o perigo para as pequenas mentes está oculto; elas podem se tornar os fatores de tal degeneração primária, a qual abre a porta para a invasão dos fatores patológicos.

Então, se temos a intenção de entender o processo de ponerização secundária e os tipos de associações humanas que sucumbem a ele, nós devemos ter um grande cuidado para separar a ideologia original de sua contrapartida, ou até mesmo de sua caricatura, criadas pelo processo

ponerogênico. Abstraindo-nos de qualquer ideologia, devemos entender, por analogia, a essência do processo mesmo, que tem suas próprias causas etiológicas potencialmente presentes em todas as sociedades, assim como a pato-dinâmica comportamental característica.

A observação dos processos de ponerização de várias uniões humanas através da história leva facilmente à conclusão de que o passo inicial é uma *distorção moral do conteúdo de idéias do grupo.* Analisando a contaminação da ideologia de um grupo, nós notamos antes de tudo uma infiltração de conteúdos externos, simplistas e doutrinários, privando-o com isso de qualquer apoio saudável e da confiança na necessidade de entendimento da natureza humana. Isso abre o caminho para a invasão por fatores patológicos e para o papel ponerogênico de seus portadores.

O exemplo do sistema legal Romano face a face com o Cristianismo nascente mencionado acima é um desses casos. A civilização imperial e legal romana foi excessivamente ligada à matéria e à lei, e criou um sistema legal que era muito rígido para acomodar qualquer aspecto real da vida psicológica e espiritual. Esse elemento “terreno” estranho infiltrou o Cristianismo e resultou na adoção de estratégias imperiais, pela Igreja Católica, para forçar seu sistema sobre os outros por meio da violência.

Esse fato poderia justificar a convicção dos moralistas de que manter a disciplina ética e a pureza das idéias da união é uma proteção suficiente contra o descarrilamento ou o choque com um mundo de erros insuficientemente compreendido. Tal convicção atinge um ponerologista como uma simplificação unilateral de uma realidade eterna que é mais complexa. Afinal de contas, o relaxamento dos controles éticos e intelectuais é, algumas vezes, consequência de uma influência direta ou indireta dos fatores onipresentes decorrentes da existência de pessoas desviadas em qualquer grupo social, juntamente com algumas outras fraquezas humanas não patológicas.

Em algum momento, durante a vida, todo organismo humano passa por períodos durante os quais a resistência psicológica e fisiológica decai, facilitando o desenvolvimento de infecções bacteriológicas internas. Da mesma forma, uma associação humana ou um movimento social passam por períodos de crise que enfraquecem sua coesão moral e ideativa. Isso pode ser causado por pressão da parte de outros grupos, por uma crise espiritual geral no ambiente ou pela intensificação de sua condição histérica. Assim como medidas sanitárias mais rigorosas são uma indicação médica óbvia para um organismo debilitado, o desenvolvimento do controle consciente sobre a atividade dos fatores patológicos é uma indicação ponerológica. Esse é um fator crucial para a prevenção de tragédias durante os períodos de crise moral da sociedade.

Por séculos, indivíduos exibindo várias anomalias psicológicas tiveram a tendência de participar nas atividades das uniões humanas. Isso se tornou possível de um lado pelas fraquezas de tais grupos, isto é, por falha no conhecimento psicológico adequado; de outro porque as anomalias aprofundam as falhas morais e reprimem as possibilidades de utilizar um senso comum saudável e entender objetivamente os assuntos. Apesar das tragédias e infelicidades resultantes, a humanidade tem mostrado um certo progresso, especialmente na área cognitiva. Todavia, um ponerologista deve ser cuidadosamente otimista. Afinal de contas, ao detectar e descrever esses aspectos do processo de ponerização dos grupos humanos, que não puderam ser entendidos até recentemente, nós devemos estar habilitados para neutralizar tais processos mais cedo e de forma mais efetiva. Novamente, o conhecimento das variações psicológicas humanas em profundidade e amplitude é crucial.

Qualquer grupo humano afetado pelo processo descrito aqui é caracterizado pela regressão crescente do senso comum natural e da habilidade de perceber a realidade psicológica. Qualquer pessoa que pense nos termos das categorias tradicionais deve considerar isso um exemplo de “transformação de meias-verdades” ou o desenvolvimento de deficiências intelectuais e falhas morais. Uma análise ponerogênica desse processo, todavia, indica que há uma pressão sendo aplicada sobre a parte mais normal da associação por fatores patológicos presentes em certos indivíduos que foram autorizados a participar do grupo, porque a falta de bom conhecimento psicológico não determinou a sua exclusão.

Então, sempre que observamos algum membro de um grupo sendo tratado sem distanciamento crítico, embora ele demonstre uma das anomalias psicológicas familiares para nós, e suas opiniões sendo tratadas no mínimo como iguais às das pessoas normais, embora elas sejam baseadas em uma visão das questões humanas caracteristicamente diferente, nós devemos concluir que esse grupo humano está afetado por um processo ponerogênico e, se medidas não forem tomadas, o processo continuará até a sua conclusão lógica. Devemos tratá-lo de acordo com o primeiro critério de ponerologia descrito anteriormente, que mantém sua validade independentemente das características qualitativas e quantitativas de tal união: *a atrofia das faculdades críticas naturais com respeito a indivíduos patológicos se torna uma abertura para as suas atividades e, ao mesmo tempo, um critério de reconhecimento da associação em questão como ponerogênica*.

Tal estado de coisas consiste simultaneamente em uma situação que está no limiar do consciente, em que se torna ainda mais fácil o dano adicional ao senso comum saudável e às faculdades morais críticas das pessoas. Uma vez que um grupo tenha inalado uma dose suficiente de material

patológico para dar origem à convicção de que essas pessoas não-tão-normais são gênios inigualáveis, inicia-se a sujeição dos membros mais normais a uma pressão caracterizada pelos elementos paramorais e paralógicos correspondentes.

Para muitas pessoas tal pressão da opinião coletiva impõe um atributo de critério moral; para outros representa um tipo de terror psicológico muito mais difícil de suportar. O fenômeno de contra-seleção ocorre assim nesta fase da ponerização: os indivíduos com um senso de realidade psicológica mais normal saem, depois de entrarem em conflito com o grupo recém modificado. Simultaneamente, os indivíduos com várias anomalias psicológicas juntam-se ao grupo e encontram facilmente um meio de vida ali. Aqueles sentem-se "empurrados para posições contrarrevolucionárias", e estes podem então retirar suas máscaras de sanidade, cada vez mais freqüentemente.

As pessoas que foram expulsas de uma associação ponerogênica por serem *muito normais* sofrem amargamente; elas são incapazes de entender seu estado específico. Seu ideal, a razão pela qual se juntaram ao grupo, que constituiu uma parte do sentido da vida para elas, foi agora degradado, embora elas não possam encontrar uma base racional para esse fato. Elas se sentem enganadas; elas "lutam contra demônios" que não estão em posição de identificar. O fato é que suas personalidades já foram *modificadas* em uma certa extensão devido à saturação por material psicológico anormal, especialmente material psicopático. Elas caem facilmente no extremo oposto em tais casos, porque emoções não saudáveis dirigem suas decisões. O que elas precisam é de boa informação psicológica, a fim de encontrar o caminho da razão e da medida. Baseada em um entendimento ponerológico de sua condição, a psicoterapia pode fornecer resultados positivos rápidos. Contudo, se a união que elas deixaram está sucumbindo por uma ponerização profunda,

uma ameaça paira sobre elas: elas podem se tornar objetos de vingança, já que “traíram” a ideologia magnificente.

Esse é o período tempestuoso da ponerização de um grupo, seguido por uma certa estabilização em termos de conteúdo, estrutura e costumes. Medidas seletivas rigorosas, do tipo claramente psicológico, são aplicadas sobre novos membros. Da mesma forma, para excluir a possibilidade de ter as pessoas desviadas por seus desertores, os membros são observados e testados, com o objetivo de eliminar aqueles caracterizados por uma independência mental excessiva ou por uma normalidade psicológica. A nova função interna criada é algo como um “psicólogo” e, sem dúvida nenhuma, obtém vantagens através do conhecimento psicológico coletado por psicopatas, já descrito anteriormente.

Deve-se notar que algumas destas ações excludentes conduzidas por um grupo, em um processo de ponerização, *deveriam ter sido tomadas contra os anormais* pelo grupo ideológico em seu início. Medidas seletivas tão rigorosas, de tipo psicológico, tomadas por um grupo não são necessariamente um indicador de que o grupo é ponerogênico. Antes, deve-se examinar cuidadosamente no que a seleção psicológica está baseada. Se algum grupo busca evitar a ponerização, ele desejará excluir indivíduos com qualquer dependência psicológica em crenças subjetivas, ritos, rituais e drogas, e certamente aqueles indivíduos incapazes de analisar objetivamente seu próprio conteúdo psicológico interior, ou que rejeitam o processo de desintegração positiva.

Em um grupo que está no processo de ponerização, propagandistas tomam conta da “pureza ideológica”. A posição do líder é relativamente segura. Indivíduos que manifestem dúvida ou crítica são sujeitos à condenação paramoral. Mantendo um estilo e uma dignidades superiores, o líder discute opiniões e intenções que são psicológica e

moralmente patológicas. São eliminadas quaisquer conexões intelectuais que possam revelá-los tais como eles são, graças à substituição das premissas que operam no próprio processo subconsciente, na base de reflexos condicionados anteriores. Um observador objetivo pode comparar esse estado a um outro em que os internos de um manicômio assumem a operação da instituição. A associação entra em um estado no qual todos vestiram a máscara da normalidade ostensiva. No próximo capítulo, nós chamaremos esse estado de “fase dissimulativa”, em relação aos fenômenos ponerogênicos macrossociais.

Observar o estado apropriado correspondente ao primeiro critério ponerogênico – *a atrofia das faculdades críticas naturais com respeito a indivíduos patológicos* – requer habilidade psicológica e conhecimento factual específico. O segundo, uma fase mais estável, pode ser percebido tanto por uma pessoa de raciocínio mediano, como pela opinião pública, em muitas sociedades. A interpretação imposta, contudo, é unilateralmente moralista ou sociológica, ao mesmo tempo que passa um sentimento característico de deficiência em relação à possibilidade de ambos entenderem o fenômeno e neutralizarem a disseminação desse mal.

Contudo, nessa fase, uma minoria dos grupos sociais tende a considerar tal associação ponerogênica compreensível dentro das categorias da sua própria visão de mundo, e a camada externa de difusão da ideologia como uma doutrina aceitável para eles. Quanto mais primitiva for a sociedade em questão, e quanto mais distante for o contato direto com a união afetada por esse estado patológico, mais numerosas serão essas minorias. Esse mesmo período, durante o qual os costumes da união se tornam um pouco mais amenos, representa simultaneamente o período de atividade expansionista mais intensiva.

Esse período pode durar bastante, mas não para sempre. Internamente, o grupo vai se tornando progressivamente mais patológico, mostrando finalmente suas verdadeiras bandeiras qualitativas, já que suas atividades se tornam ainda mais grosseiras. Nesse ponto, uma sociedade de pessoas normais pode facilmente ameaçar as associações ponerológicas, mesmo no nível macrossocial.

Quando um processo ponerogênico circunda a classe dominante inteira de uma sociedade, ou de uma nação, ou quando a oposição das pessoas normais é reprimida – como resultado de uma característica massiva do fenômeno ou pelo uso de meios de propaganda e coação física, incluindo a censura – nós estamos lidando com um fenômeno ponerológico macrossocial. Em tal caso, no entanto, uma tragédia da sociedade, muitas vezes associada com a do próprio sofrimento do pesquisador, abre-se diante dele um volume inteiro de conhecimento ponerológico, onde tudo sobre as leis que regem tal processo pode ser encontrado, desde que ele seja simplesmente capaz de se familiarizar em tempo com sua linguagem natural e sua gramática diferente.

Os estudos da gênese do mal que estão baseados na observação de *pequenos* grupos de pessoas podem indicar os detalhes dessas leis para nós. Contudo, deve-se levar em conta que eles apresentam uma imagem distorcida, dependente de várias condições ambientais, que por sua vez são dependentes do período histórico em questão. Esse é o pano de fundo dos fenômenos observados. Apesar disso, tais observações podem nos capacitar a arriscar uma hipótese no sentido de que as leis gerais da ponerogênese podem ser no mínimo análogas, independentemente da quantidade e da abrangência do fenômeno no tempo e no espaço. Elas não permitem, no entanto, a verificação de tal hipótese.

Ao estudar um fenômeno macrossocial, podemos obter tanto dados quantitativos como qualitativos, índices de correlação estatística e outras observações com tanta precisão quanto seja permitido pelo estado da arte na ciência, pelas metodologias de pesquisa e pela situação obviamente muito difícil do observador. Nós podemos, então, utilizar o método clássico, arriscar uma hipótese e procurar ativamente por fatos que possam falseá-la. A regularidade causal

generalizada dos processos ponerogênicos seria então confirmada dentro dos limites das possibilidades acima mencionadas. Isto é, de fato, o que o autor e seus colegas resolveram fazer. É impressionante como, de uma forma ordenada, a regularidade causal dos processos ponerogênicos observada em pequenos grupos governa esse fenômeno macrossocial. A compreensão do fenômeno assim adquirida pode servir como base para predizer seu desenvolvimento futuro, a ser verificado com o tempo. É pela observação de perto e de forma cuidadosa, e só depois de algum tempo, que nos tornamos cientes de que o Colosso tem, afinal, um calcanhar de Aquiles.

O estudo dos fenômenos ponerogênicos macrossociais encontra problemas óbvios: seu período de gênese, duração e decaimento é várias vezes maior do que o tempo de atividade científica do pesquisador. Simultaneamente, existem outras transformações na história, nos costumes, na economia e na tecnologia. Contudo, as dificuldades enfrentadas na abstração dos sintomas apropriados não precisa ser insuperável, uma vez que os nossos critérios são baseados em fenômenos eternos sujeitos a transformações relativamente limitadas no tempo.

A interpretação tradicional dessas grandes doenças históricas já ensinou aos historiadores a distinguir duas fases. A primeira é representada por um período de crise espiritual na sociedade,[65] que a historiografia associa ao esgotamento dos valores morais, religiosos e ideativos, que até então alimentavam a sociedade em questão. O egoísmo aumenta entre os indivíduos e os grupos sociais, e as ligações entre a obrigação moral e as conexões sociais parecem se afrouxar. Assuntos sem importância, em seguida, dominam as mentes humanas em tal extensão que não há espaço sobrando para pensar sobre assuntos públicos ou para um sentimento de comprometimento com o futuro. Uma atrofia

da hierarquia de valores no pensamento dos indivíduos e das sociedades é também uma indicação disso; algo que tem sido descrito tanto em monografias historiográficas como em artigos de psiquiatria. O governo do país é finalmente paralisado, impotente frente aos problemas que poderiam ser resolvidos sem grande dificuldade sob outras circunstâncias. Vamos associar tais períodos de crise com a fase familiar da *histerização social*.

A próxima fase é marcada por tragédias sangrentas, revoluções, guerras e quedas de impérios. As deliberações dos historiadores ou dos moralistas sobre essas ocorrências sempre deixam atrás de si um certo sentimento de deficiência em relação à possibilidade de perceber certos fatores psicológicos discerníveis dentro da natureza dos fenômenos; a essência desses fatores permanece fora do escopo de suas experiências científicas.

Um historiador que observe essas grandes doenças históricas é impressionado, antes de tudo, *pelas suas similaridades*, esquecendo-se facilmente de que todas as doenças têm muitos sintomas em comum, porque elas são estados de ausência de saúde. Um ponerologista que pense em termos naturalistas tende a duvidar que estejamos lidando com um tipo somente de doença social, levando, através disso, a certas diferenciações nas formas relacionadas às condições etnológicas e históricas. Diferenciar a essência de tais estados é mais apropriado aos modelos racionais das ciências naturais, com os quais estamos familiarizados. As condições complexas da vida social, contudo, impossibilitam o uso do método de distinção, que é similar ao critério etiológico na medicina: qualitativamente falando, os fenômenos se tornam sobrepostos no tempo, condicionando um ao outro e se transformando constantemente. Nós devemos, então, dar preferência ao uso de certos modelos

abstratos, parecidos com aqueles utilizados para analisar os estados neuróticos dos seres humanos.

Governados por esse tipo de raciocínio, vamos tentar diferenciar dois estados patológicos das sociedades: suas essências e conteúdos parecem suficientemente diferentes, mas eles podem operar em sequência, de tal modo que o primeiro abre a porta para o segundo. O primeiro estado já foi resumido no capítulo do ciclo de histeria. Nós devemos provar um certo número de outros detalhes psicológicos aqui. O próximo capítulo será dedicado ao segundo estado patológico, para o qual eu adotei a denominação de "patocracia".

ESTADOS DE HISTERIZAÇÃO SOCIAL

Quando lemos com atenção descrições científicas ou literárias dos fenômenos de histeria, como aqueles ocorridos na Europa no último quarto de século que precedeu a Primeira Guerra Mundial, uma pessoa não especialista pode ter a impressão que esse foi uma caso individual ou endêmico, particularmente entre as mulheres. A natureza contagiosa dos estados de histeria, contudo, já foi descoberta e descrita por Jean Martin Charcot.[66]

É praticamente impossível para a histeria se manifestar como um fenômeno individual, uma vez que é contagiosa por meio de ressonância, identificação e imitação psicológicas. Cada ser humano tem uma predisposição para essa malformação da personalidade, embora em graus variados. Todavia, ela é normalmente superada pela educação e pela autoeducação, que são responsáveis pelo pensamento correto e pela autodisciplina emocional.

Durante os "tempos felizes" de paz, dependendo das injustiças sociais, as crianças das classes privilegiadas aprendem a reprimir do seu campo de consciência as idéias desconfortáveis que sugerem que elas e seus pais estão se beneficiando da injustiça cometida contra os outros. Tais pessoas jovens aprendem a desqualificar e menosprezar os valores morais e mentais de qualquer pessoa cujo trabalho elas estejam usando para obter vantagens. As mentes jovens, então, ingerem hábitos de seleção e substituição de informações no subconsciente, que levam a uma economia histérico-conversiva de raciocínio. Eles crescem para serem adultos um tanto quanto histéricos que, pelos meios descritos acima, transmitem sua histeria para a próxima geração, que então desenvolve essas características em um grau ainda maior. Os modelos histéricos por experiência e comportamento crescem e se espalham para baixo a partir das classes privilegiadas, até cruzar as fronteiras do primeiro

critério da ponerologia: *a atrofia das faculdades críticas naturais com respeito aos indivíduos patológicos*.

Quando os hábitos de seleção e substituição subconsciente de dados se espalham no nível macrossocial, uma sociedade tende a desenvolver o desprezo pela crítica factual e a humilhar qualquer um que soe o alarme. O desprezo também é mostrado por outras nações que têm mantido modelos de pensamento normal e por suas opiniões. O pensamento egotista amedrontador é consumado pela sociedade mesma e por seus processos de pensamento conversivo. Isso torna óbvia a necessidade de censura da imprensa, teatro ou televisão, uma vez que o *censor patologicamente hipersensível vive dentro dos cidadãos mesmos*.

Quando três "egos" governam – egoísmo, egotismo e egocentrismo – o sentimento de conexão social e de responsabilidade em relação aos outros desaparece, e a sociedade em questão divide-se em grupos ainda mais hostis uns aos outros. Quando o ambiente histérico não consegue mais diferenciar as opiniões das pessoas limitadas - quase-não-normais - das opiniões de pessoas normais, pessoas racionais, abre-se uma porta para que a ativação dos fatores patológicos de várias naturezas entre em cena.

Os indivíduos que nós já encontramos, que são governados por uma visão patológica da realidade e por objetivos anormais causados por sua natureza diferente, são capazes de desenvolver suas atividades em tais condições. Se uma dada sociedade não consegue superar o estado de histerização sob circunstâncias políticas e etnológicas, o resultado pode então ser uma grande tragédia sangrenta.

Uma variação de tal tragédia pode ser a patocracia. Desta forma, contratempos menores em termos de fracassos políticos ou derrotas militares podem ser um aviso da ocorrência de tal situação, que pode se tornar uma benção

disfarçada se apropriadamente compreendido, e se for permitido que se torne um fator na regeneração dos costumes e das estruturas de pensamento normais da sociedade. O conselho mais valioso que um ponerologista pode oferecer sob tais circunstâncias é que a sociedade *se aproveite da assistência da ciência moderna,* tirando vantagem particular dos dados obtidos do último grande aumento de histeria na Europa.

Uma resistência maior à histerização caracteriza aqueles grupos sociais que ganham o pão de cada dia pelo esforço diário, e nos quais os aspectos práticos da vida cotidiana forçam a mente a pensar com bom senso e a refletir sobre generalidades. Por exemplo: os camponeses continuam a ver os costumes histéricos das classes mais prósperas através da sua própria percepção simples da realidade psicológica e do seu senso de humor. Costumes parecidos da parte da burguesia predispõem os trabalhadores para a crítica amarga e para o ódio revolucionário. Ancoradas em termos econômicos, ideológicos, ou políticos, a crítica e as demandas desses grupos sociais sempre contêm um componente de motivação psicológica, moral e anti-histérica. Por essa razão, é mais apropriado considerar essas demandas com deliberação e levar em conta os sentimentos dessas classes. Por outro lado, resultados trágicos podem derivar de uma ação impensada, que pavimenta o caminho para os propagandistas se fazerem ouvidos.

A ponerologia utiliza o progresso científico das últimas décadas, especialmente nos ramos da biologia, psicopatologia e psicologia clínica. Ela esclarece as ligações causais desconhecidas e analisa os processos de gênese do mal, sem ignorar os fatores que têm sido até agora subestimados. Com o lançamento dessa nova disciplina, o autor utilizou também a sua experiência profissional nessas áreas e os resultados da sua própria pesquisa recente.

Uma abordagem ponerológica facilita o entendimento de algumas das dificuldades mais dramáticas da humanidade tanto no nível macrossocial como na escala humana individual. Essa nova disciplina tornará possível alcançar soluções teóricas, no início, e depois soluções práticas para problemas que estamos tentando resolver por meios tradicionais ineficazes, que resultam em sentimentos de desamparo em relação ao fluxo da história. Esses meios são baseados em conceitos historiográficos e em atitudes excessivamente moralistas, que os fazem *supervalorizar a força como meio de neutralização do mal*. A ponerologia pode ajudar a equalizar tal unilateralidade por meio do pensamento naturalista moderno, complementando nossa compreensão das causas e da gênese do mal com os elementos necessários à construção de uma base mais estável para a inibição prática dos processos de ponerogênese e para a neutralização de seus resultados.

A atividade sinergética de várias medidas que visam o mesmo objetivo valioso, assim como no tratamento de uma pessoa doente, geralmente produz efeitos melhores do que o mero somatório dos fatores envolvidos. Na construção de uma segunda opção para as atividades de esforço moralista de até então, a ponerologia tornará possível atingir resultados que são também melhores que o somatório de seus efeitos úteis. Pelo reforço da confiança nos valores morais familiares

será possível responder muitas questões até aqui não respondidas e utilizar meios não utilizados até agora, especialmente em uma escala social maior.

As sociedades têm o direito de se defender contra qualquer mal que as esteja rondando e amedrontando. Os governos nacionais são obrigados a utilizar os meios eficientes para esse propósito, da forma mais competente possível.[67] A fim de cumprir essa função essencial, as nações utilizam obviamente as informações disponíveis no momento, numa determinada civilização, relacionadas à natureza e à gênese do mal, bem como quaisquer outros meios que elas possam reunir. A sobrevivência da sociedade deve ser protegida, mas o abuso de poder e as degenerações sádicas vêm sobre todos muito facilmente.

Nós temos, agora, dúvidas morais e racionais sobre a compreensão e a neutralização do mal nas gerações anteriores. Uma simples observação da história justifica isso. O desenvolvimento da opinião geral nas sociedades livres requer que medidas de repressão ao mal sejam humanizadas e limitadas, de forma que se estabeleçam limites contra um possível abuso. Isso parece acontecer devido ao fato de que os indivíduos moralmente sensíveis querem proteger suas personalidades e as personalidades de seus filhos da influência destrutiva transmitida pela consciência de que a punição severa, especialmente a pena de morte, continua sendo aplicada.

E é assim que os métodos de neutralização do mal estão sendo mitigados em sua severidade, ao mesmo tempo em que métodos efetivos para proteger os cidadãos contra o nascimento do mal e da força não estão sendo indicados. Isso cria uma lacuna, que sempre se amplia, entre a necessidade de ações contrárias ao mal e os meios que se tem à disposição. Como resultado, muitos tipos de maldade podem se desenvolver em cada escala social. Sob tais circunstâncias,

é compreensível que algumas vozes clamem pelo retorno dos antigos métodos “mão-de-ferro”, tão inimigos do desenvolvimento do pensamento humano.

A ponerologia estuda a natureza do mal e os processos complexos de sua gênese, e com isso abre novos caminhos para combatê-lo. Ela aponta que o mal tem certas fraquezas em sua estrutura e gênese que podem ser exploradas para inibir seu desenvolvimento, bem como para eliminar rapidamente os frutos de tal desenvolvimento. Se a atividade ponerogênica dos fatores patológicos – indivíduos com anomalias e suas atividades – é sujeita aos controles conscientes de natureza científica, individual e social, nós podemos neutralizar o mal com semelhante eficiência, através do clamor persistente pelo respeito aos valores morais. O método antigo e esse completamente novo podem então ser combinados para produzir resultados mais favoráveis do que a soma aritmética dos dois. A ponerologia também leva às possibilidades de um *comportamento profilático* do mal nos níveis individual, social e macrossocial. Essa nova abordagem deve capacitar as sociedades a se sentirem seguras novamente, tanto das ameaças internas quanto das de escala internacional.

Os métodos de neutralização do mal que são condicionados pelas causas, apoiados pelo progresso científico sempre crescente, serão certamente muito mais complexos, uma vez que a natureza e a gênese do mal são complexas. Qualquer relação alegadamente moderada entre o crime de uma pessoa e a punição empreendida é um resíduo do pensamento arcaico, algo ainda mais difícil de compreender. Por isso é que nosso tempo demanda que desenvolvamos posteriormente a disciplina aqui iniciada e empreendamos uma pesquisa detalhada, especialmente em relação à natureza de muitos fatores patológicos que fazem parte dessa ponerogênese.

Uma leitura apropriadamente ponerológica da história é uma condição essencial para o entendimento dos fenômenos ponerogênicos macrossociais, cuja duração excede as possibilidades de observação de uma única pessoa. O autor utilizou esse método no próximo capítulo, reconstruindo a fase onde os fatores caracteropáticos dominaram o período inicial de criação da patocracia.

Ao ensinar-nos sobre as causas e a gênese do mal, a ponerologia mal fala sobre culpa humana. Por isso, ela não resolve o problema perene da responsabilidade humana, embora realmente irradie uma luz adicional no lado das causas. Nós nos tornamos cientes de quão pouco compreendemos desta área e quanto ainda permanece para ser pesquisado, nessa tentativa de corrigir nossa compreensão das causas complexas dos fenômenos e reconhecer uma maior dependência individual na operação de fatores externos. Nesse ponto, qualquer julgamento moral sobre outra pessoa ou sobre seu merecimento de culpa pode nos atingir, por estar baseado principalmente em respostas emocionais e em séculos de tradição antiga.

Nós temos o direito e o dever de julgar criticamente nosso próprio comportamento e os valores morais de nossas motivações. Isto é condicionado pelo nossa consciência, um fenômeno tão onipresente como incompreensível dentro dos limites do pensamento naturalista. Mesmo se estivermos equipados com todas as realizações presentes e futuras da ponerologia, será que algum dia estaremos em posição de abstrair e avaliar a culpa individual de outra pessoa? Em termos teóricos, isso parece bastante duvidoso; em termos práticos, bastante desnecessário.

Se nos abstivermos consistentemente de fazer julgamentos morais de outras pessoas, nós transferiremos nossa atenção para o rastreamento dos processos causais que são responsáveis por condicionar o comportamento de outra

pessoa ou de uma sociedade. Isso aprimorará nossas perspectivas de higiene mental apropriada e nossa capacidade de apreender a realidade psicológica. Tais contenções também nos capacitarão a evitar um erro que envenena todas as mentes e almas muito efetivamente, a saber, o de sobrepor uma interpretação moralista sobre a atividade dos fatores patológicos. Nós também evitaremos embaraços emocionais e teremos um controle melhor sobre o nosso egotismo e egocentrismo, facilitando assim a análise objetiva dos fenômenos.

Se tal atitude atinge alguns leitores como se estivessem próximos da indiferença moral, nós devemos reiterar que o método exemplificado aqui, de análise do mal e de sua gênese, dá origem a um novo tipo de distância equilibrada das suas tentações, assim como ativa possibilidades teóricas e práticas adicionais para reagir contra ele. Nós devemos também refletir sobre a surpreendente e evidente convergência entre as conclusões que podemos derivar dessa análise dos fenômenos e certas idéias de filósofos antigos, a qual está bem estabelecida na Bíblia: “Não julguem, e vocês não serão julgados. De fato, vocês serão julgados com o mesmo julgamento com que vocês julgarem, e serão medidos com a mesma medida com que vocês medirem”.[68]

Esses valores, infelizmente ofuscados com frequência pelas necessidades imediatas do governo, bem como pela atividade de nossos reflexos emocionais e instintivos, os quais nos incitam à vingança e à punição dos outros, finalmente encontram uma justificativa, ao menos parcialmente racional, nessa nova ciência. Colocar na prática esse entendimento e comportamento rigorosos pode somente confirmar esses valores de um modo mais eficiente e mais evidente.

Essa nova disciplina pode ser aplicável a muitas esferas da vida. O autor utilizou dessas realizações e testou seus valores

práticos no decorrer da psicoterapia individual aplicada a seus pacientes. Como resultado, suas personalidades e futuros foram rearranjados de um modo mais favorável do que se ele estivesse baseado em seus conhecimentos anteriores. Tendo em conta a natureza excepcional de nossa época, quando mobilizações multifacetadas de valores morais e mentais devem ser efetivadas para neutralizar o mal que ameaça o mundo, nos próximos capítulos o autor sugerirá a adoção de apenas uma atitude, cujo resultado final deve ser um ato de perdão, nunca visto até então na história. Tenhamos também em mente que entender e perdoar não exclui a correção de condições e a tomada de medidas profiláticas.

Desatar o nó górdio dos tempos presentes, composto de fenômenos patológicos macrossociais que ameaçam nosso futuro, pode parecer impossível sem o desenvolvimento e a utilização dessa nova disciplina. Esse nó não pode mais ser cortado com uma espada. Um psicólogo não pode se dar ao luxo de ser impaciente como Alexandre, o Grande. É por isso que descrevemos aqui esta disciplina dentro de três características indispensáveis, abrangência, adaptação e seleção de dados, para possibilitar o esclarecimento dos problemas que serão discutidos posteriormente neste livro. Talvez o futuro tornará possível elaborar um trabalho teórico geral.

---

33 Minha bateria de testes lembrava mais aquelas usadas na Inglaterra, em oposição às versões americanas. Eu usava dois testes adicionais: um era um teste de desempenho britânico, re-padronizado para objetivos clínicos. O outro foi completamente elaborado por mim. Infelizmente, quando eu fui expulso da Polônia, foi impossível, para mim, transferir qualquer um dos meus inúmeros resultados para outros psicólogos, porque eu fui privado de todos os meus documentos de pesquisa, assim como de quase tudo.

34 *Liebig´s law*: é um princípio que foi desenvolvido por Carl Sprengel e posteriormente popularizado por Justus von Liebig e aplicado na agricultura, e diz que o crescimento não é controlado pela quantidade total de recursos

disponíveis, mas sim pela quantidade do recurso mais escasso (fator limitante) – NT.

35 Foi o último imperador da Alemanha e rei da Prússia. Governou entre 15 de junho de 1888 e 9 de novembro de 1918 – NT.

36 Título pelo qual ficou conhecido Otto von Bismarck, estadista responsável por unificar os estados alemães em 1871, forçado à renúncia pelo imperador Guilherme II – NT.

37 Diencéfalo: o diencéfalo e o telencéfalo formam o cérebro, que corresponde ao prosencéfalo. O diencéfalo é uma estrutura ímpar que só é vista na porção mais inferior de cérebro e compreende as seguintes partes: tálamo, hipotálamo, epitálamo e subtálamo.

38 Vassily Grossman: escritor e jornalista soviético, atuou como correspondente de guerra para o jornal do exército vermelho, Krasnaya Zvezda, durante a Segunda Guerra Mundial. Também escreveu diversos contos curtos e romances, e fez traduções de obras armênias para o russo. Depois do final da guerra, Grossman acabou se decepcionando com Stálin, devido à sua guinada antissemita, e mais tarde teve duas de suas obras censuradas durante o período de Nikita Khrushchev, tachadas de anti-soviéticas, e proibidas de serem publicadas por duzentos anos. As obras em questão, *Life and Fate* e *Everything Flows*, foram levadas secretamente para fora da União Soviética por uma rede de dissidentes do regime comunista e publicadas no Ocidente. A primeira delas possui tradução para o português, publicada como "Vida e Destino" – NT.

39 Astenização: Condição médica cujo nome deriva do termo astênia, que denota um sentimento de fraqueza sem perda correspondente de força real – NT.

40 Lavrentiy Pavlovich Beria foi um político soviético que ocupou a chefia do aparato de segurança e polícia secreta (NKVD) durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi o mais influente dos chefes de polícia de Stálin, perseguindo desertores e críticos do sistema, e administrando uma grande expansão dos Gulags (campos de concentração soviéticos). Foi também um dos maiores responsáveis pelo sucesso na construção da primeira bomba atômica soviética. Após a morte de Stálin tomou posições mais liberalizantes, o que o levou a ser condenado por traição e executado durante o governo de Nikita Khrushchev – NT.

41 Svetlana Alliluieva – *Vinte Cartas a Um Amigo*.

42 A estreptomicina age pela inibição da síntese proteica e danifica a membrana celular de microorganismos suscetíveis. Seus efeitos colaterais incluem problemas renais e danos aos nervos, que podem resultar em tonturas e surdez.

43 Drogas Citostáticas são aquelas utilizadas em tratamentos de câncer onde o objetivo é cessar a multiplicação das células cancerosas. Estas drogas, ao

contrário das citotóxicas, não matam as células cancerosas.

44 Doenças Neoplásicas são aquelas caracterizadas pelo nascimento anormal de novas células. São mais conhecidas como tumores – o câncer equivale a uma doença neoplásica maligna.

45 Toxinas endógenas são aquelas que se originam de infecções virais ou bacterianas, e dos produtos derivados do metabolismo de certas bactérias e leveduras que habitam os intestinos.

46 Sandberg, A. A.; Koepf, G. F.; Ishihara, T.; Hauschka, T. S. (August 26, 1961) "An XYY Human Male". Lancet 2, 488-9.

47 Emil Kraepelin (1856-1926), psiquiatra alemão que estudou as conexões entre a biologia cerebral e as doenças mentais. Foi o criador da psicofarmacologia – NT.

48 Herança autossômica: doença que ocorre devido a uma falha em qualquer um dos 22 pares de cromossomos, exceto os cromossomos sexuais. Ambos, garotos e garotas, podem então herdar esse problema. Se uma falha ocorre em um cromossomo sexual, a hereditariedade é dita como ligada ao sexo – NT.

49 Kazimierz Dabrowski (1902-1980): psiquiatra polonês desenvolveu a Teoria da Desintegração Positiva – NT.

50 *The Mask of Sanity,* Hervey Cleckley, 1976; C. V. Mosby Co., p. 386.

51 Robert Hare diz, "O que eu achei mais interessante foi que, pela primeira vez, pelo que eu saiba, nós descobrimos que não há nenhuma ativação de áreas apropriadas para estimulação emocional, mas há uma super-ativação em outras partes do cérebro, incluindo as partes que são normalmente dedicadas à linguagem. Essas partes estavam ativas, como se estivessem dizendo, 'Ei, não é interessante.' Então eles pareceram analisar o material emocional em termos de seu significado linguístico ou do dicionário. Existem anomalias no caminho em que os psicopatas processam informação. Pode ser mais geral que somente informação emocional. Em outro estudo funcional de RMN, nós olhamos para as partes do cérebro que são usadas para processar as palavras concretas e abstratas. Indivíduos não psicopatas mostram aumento de ativação do córtex temporal anterior/superior direito. Para os psicopatas, isso não acontece."

Hare e seus colegas então, conduziram um estudo de RMN funcional com figuras de cenas neutras e cenas de homicídios desagradáveis. "Os criminosos não psicopatas mostravam grande quantidade de ativação na amídala (para cenas desagradáveis), em comparação com as figuras neutras.", ele aponta. "No psicopata, não há nada. Nenhuma diferença. Mas há uma super-ativação nas mesmas regiões do cérebro que haviam sido superativadas durante a apresentação das palavras emocionais. É como se eles estivessem analisando o material emocional nas regiões extra-límbicas." (*Psicopatia versus Transtorno de Personalidade Antissocial e Sociopatia: Uma Discussão por Robert Hare;* crimelibrary.com)

52 McCord, W. & McCord, J. *Psychopathy and Delinquency*. New York: Grune & Stratton, 1956

53 *Cherezvichayka* (*Tcheka*) foi a primeira polícia secreta estabelecida sob o governo bolchevique. Dzerzhinsky foi seu primeiro Comissário – NT.

54 Dzerzhinsky é um caso interessante. Diz-se sobre ele que: “Seu caráter honesto e incorruptível, combinado com sua completa devoção à causa, fez com que ele ganhasse um reconhecimento rápido e o apelido de *Iron Felix* (Felix de Ferro).” Seu monumento no centro de Varsóvia na “Dzerzhinsky square”, foi odiado pela população da capital da Polônia como um símbolo da opressão soviética e foi derrubado em 1989, tão logo o PZPR – Partido dos Trabalhadores Poloneses Unidos - começou a perder poder. O nome da praça foi logo alterado para seu nome anterior à Segunda Guerra Mundial – “Plac Bankowy” – Quadra do Banco. De acordo com uma piada popular da então República do Povo Polonesa: “Dzerzhinsky mereceu um monumento por ser o polonês que matou o maior número de comunistas.”

55 Meu professor de psiquiatria na Universidade de Jagiellonian em Cracóvia.

56 Ernest Kretschmer (1888-1964) foi um psiquiatra alemão que tentou estabelecer uma relação entre a constituição física do corpo com a personalidade e as doenças mentais – NT.

57 Palavra de Raiz Grega: *Skirtaô* – Se rebelar, pular.

58 É a aparente diferença na localização de um dado objeto ao observá-lo a partir de ângulos diferentes – NT.

59 *Cui prodest*: expressão latina que significa “a quem serve”, utilizada no campo do direito para determinar a quem um delito beneficia – NT.

60 Poderíamos utilizar aqui o termo orador eloquente ou orador popular. O propagandista é aquele que irá convencer e mover os adeptos por meio do discurso.

61 No original, é*minence grise* – espécie de conselheiro especial que atua nos bastidores, tomando decisões importantes – NT.

62 Sintoma patognomônico – termo que significa sintoma característico da doença que está sendo discutida.

63 A lei é dura, mas é a lei – NT.

64 O símbolo das ‘Duas Cidades’, estabelecido por Santo Agostinho entre a esfera religiosa (a Cidade de Deus) e esfera política (a Cidade dos Homens), tornou-se peculiar no desenvolvimento histórico do Cristianismo, sobretudo na Era Romana. No entanto, sempre houvera uma tensão entre os dois ‘reinos’, o material e o espiritual, dualidade cujas raízes se encontram nos Evangelhos. Ainda que a Igreja Católica tenha absorvido a cultura greco-romana e a transformado pela fé cristã, tal distinção entre o sagrado e o profano, prevaleceu. No entanto, foi o ideal revolucionário, a partir do século XV, que pretendeu abolir

esta distinção com a promessa de, por meio da ação política, remoldar a sociedade a fim de estabelecer uma espécie de Cidade de Deus na Terra. Inaugura-se, então, a Era das Ideologias, que culmina numa espécie de idolatria ao estado – NT.

55 Sorokin, Pitirim. (1941) - *Social and Cultural Dynamics*, Volume Four: Basic Problems, Principles and Methods, New York: American Book Company. Sorokin, Pitirim. (1957). Social and Cultural Dynamics, One Volume Revision. Boston: Porter Sargent. Simonton, Dean Keith. (1976). *Does Sorokin's data support his theory?: A study of generational fluctuations in philosophical beliefs*. Journal for the Scientific Study of Religion 15: 187-198.

56 Jean Martin Charcot (1825-1893), um dos mais famosos psiquiatras franceses do final do século XIX. Foi um dos fundadores da neurologia moderna – NT.

57 A menos, é claro, que o governo seja ele mesmo o mal que ameaça e assedia as pessoas.

58 Mt. 7, 1-2 (Texto da Bíblia da CNBB) – NT.

A GÊNESE DO FENÔMENO

O CICLO DE TEMPO DELINEADO NO CAPÍTULO III foi designado como histérico porque a intensificação ou diminuição de uma condição histérica da sociedade pode ser considerada como sua medida principal. Ela não constitui, é lógico, a única qualidade sujeita à mudança dentro do quadro de periodicidade determinada. O presente capítulo deve lidar com o fenômeno que pode emergir da fase de intensificação máxima da histeria. Tal consequência não parece resultar de quaisquer leis relativamente constantes da história; muito pelo contrário, algumas circunstâncias e fatores adicionais devem participar em tal período de crise espiritual generalizada da sociedade e fazer com que sua razão e sua estrutura social degenerem de tal modo que acabem provocando a geração espontânea desta terrível doença da sociedade. Vamos chamar o fenômeno dessa doença social de “patocracia”; essa não foi a primeira vez que ela surgiu durante a história do nosso planeta.

Parece que este fenômeno, cujas causas também parecem estar potencialmente presentes em todas as sociedades, tem o seu próprio processo de gênese característico, somente parcialmente condicionado pela intensidade máxima de histeria no ciclo descrito acima, e escondido dentro deste. Como resultado, tempos infelizes se tornam excepcionalmente cruéis e duradouros, e suas causas se tornam impossíveis de se compreender dentro das categorias de conceitos humanos naturais. Vamos, então, nos aproximar deste processo de origem da patocracia, isolando-o

metodologicamente dos outros fenômenos que podemos reconhecer como condicionais ou mesmo anexos a ele.

Uma pessoa altamente inteligente, psicologicamente normal, cotada para altas funções, normalmente experimenta dúvidas quanto a sua capacidade para atender às demandas que esperam que ela atenda, e busca o auxílio de outras pessoas cujas opiniões ela valoriza. Ao mesmo tempo, ela sente uma nostalgia por sua vida antiga, mais livre e menos onerosa, para a qual gostaria de voltar depois de cumprir suas obrigações sociais.

Toda sociedade no mundo contém indivíduos cujos sonhos de poder surgem muito cedo, conforme nós já discutimos. Eles são geralmente discriminados de alguma forma pela sociedade, que usa a interpretação moralista em relação às suas insuficiências e dificuldades, embora esse indivíduos sejam raramente culpados delas nos termos precisos da moralidade. Eles gostariam de mudar esse mundo hostil, transformá-lo em uma outra coisa. Sonhos de poder também representam uma compensação excessiva para o sentimento de humilhação, um dos tipos de personalidade segundo Adler.[69] Uma parte significativa e ativa desse grupo é composta por indivíduos com várias anomalias, que imaginam esse mundo melhor de um jeito próprio, com o qual já somos familiares.

No capítulo anterior os leitores foram introduzidos a essas anomalias, com exemplos selecionados de forma a nos permitir apresentar agora a ponerogênese da patocracia e introduzir os fatores essenciais desse fenômeno histórico, que é tão difícil de entender. O fenômeno certamente apareceu em vários momentos na história, em vários países e em várias escalas sociais. Contudo, ninguém jamais se pôs a identificá-lo objetivamente porque ele *se esconde em uma das ideologias* características da cultura e era respectivas, desenvolvendo-se no coração mesmo dos diferentes

movimentos sociais. A identificação foi tão difícil porque o conhecimento naturalista indispensável para a classificação adequada dos fenômenos nessa área não se desenvolveram até os tempos contemporâneos. Assim, os historiadores e os sociólogos discerniam várias similaridades, mas não possuíam os critérios de identificação, porque estes pertencem a outra disciplina científica.

Quem representa o primeiro papel crucial nesse processo de origem da patocracia, os esquizóides ou os caracteropatas? Parece que são os primeiros; por isso iremos descrever seu papel em primeiro lugar.

Durante os tempos estáveis, que são ostensivamente felizes, embora dependentes da injustiça para com outros indivíduos e nações, as pessoas doutrinárias acreditam ter encontrado uma solução simples para consertar o mundo. Tal período histórico é sempre caracterizado por uma visão de mundo psicologicamente empobrecida, de forma que a visão de mundo psicológica esquizoidamente empobrecida não se sobressai como estranha, durante esses tempos, sendo aceita como uma tendência legítima. Esses indivíduos doutrinários manifestam caracteristicamente um certo desprezo em relação aos moralistas e, então, pregam a necessidade de se redescobrir os valores humanos perdidos e de se desenvolver uma visão de mundo psicologicamente mais adequada.

Os caráteres esquizóides ajudam a impor o seu próprio mundo conceitual sobre as outras pessoas ou grupos sociais, usando um egotismo patológico relativamente controlado e uma tenacidade excepcional, derivada de sua natureza persistente. Por isso, eventualmente, eles são capazes de dominar a personalidade de outro indivíduo, o que faz com que o comportamento dessa pessoa dominada se torne desesperadamente ilógico. Eles podem também manifestar uma influência similar sobre um grupo de pessoas, ao qual se juntaram. Eles são pessoas psicologicamente *solitárias*, que

começam a se sentir melhor em alguma organização humana, nas quais se tornam zelotes de alguma ideologia, religiosos intolerantes, materialistas ou partidários de uma ideologia com características satânicas. Se suas atividades consistem no contato direto em uma escala social pequena, seus conhecidos geralmente os consideram como excêntricos, o que limita seus papéis ponerogênicos. Contudo, se eles conseguem encobrir sua própria personalidade atrás da palavra escrita, sua influência pode envenenar as mentes da sociedade em grande escala e por um longo período.

A convicção de que Karl Marx é o melhor exemplo disso é correta, já que ele foi a figura conhecida que melhor se adapta a este tipo. Frostig,[70] um psiquiatra da velha escola, incluiu Engels e outros em uma categoria que ele chamou de "fanáticos esquizoidais barbudos". Os escritos famosos da virada do século XIX, atribuídos aos "Sábios Sionistas",[71] iniciam-se com uma declaração tipicamente esquizoidal. O século XIX, especialmente a sua segunda metade, parece ter sido um tempo de atividade excepcional por parte dos indivíduos esquizóides, que com frequência, embora nem sempre, possuíam descendência judaica. Afinal, nós devemos nos lembrar que 97% de todos os judeus não manifestam essa anomalia, e que *ela também aparece entre todas as nações européias,* embora em uma extensão acentuadamente menor. Nossa herança desse período inclui imagens do mundo, tradições científicas e conceitos legais temperados com os ingredientes adulterados pela apreensão esquizoidal da realidade.

Os humanistas estão preparados para entender essa era e seu legado, dentro das categorias caracterizadas pelas suas próprias tradições. Eles procuram por causas sociais, morais e ideológicas para os fenômenos conhecidos. Contudo, essa explicação não pode constituir a verdade toda, uma vez que ela *ignora os fatores biológicos* que participaram na gênese dos

fenômenos. A esquizoidia é o fator mais freqüente, embora não seja o único.

Apesar do fato de que os escritos de autores esquizóides contêm as deficiências descritas acima, ou sempre uma declaração esquizoidal abertamente formulada, o que constitui advertência suficiente para os especialistas, o leitor mediano as aceita, não como uma visão da realidade embrulhada por essa anomalia mas, ao contrário, como uma idéia que ele deveria considerar seriamente, baseado nas suas convicções e na sua razão. Esse é o primeiro erro.

O padrão simplificado de idéias, desprovido de tom psicológico e baseado em dados que podem ser encontrados facilmente, tende a exercer uma influência atrativa intensa nos indivíduos que não são suficientemente críticos, freqüentemente frustrados por causa de seus ajustamentos sociais decrescidos, culturalmente negligenciados, ou caracterizados por algumas deficiências psicológicas próprias de si mesmos. Tais escritos são particularmente atrativos para uma sociedade histerizada. Outras pessoas que lêem os mesmos escritos serão imediatamente incitadas à crítica, baseadas em seu senso comum saudável, embora elas também não consigam captar a causa essencial do erro: que ele emerge a partir de uma mente biologicamente anômala.

A interpretação social de tais escritos e declarações doutrinárias se divide em três vertentes principais, gerando divisão e conflito. A primeira vertente é o caminho da aversão, baseado na rejeição dos conteúdos do trabalho por motivações pessoais, convicções diferentes, ou repulsa moral. Essas reações contêm o componente de uma interpretação moralista dos fenômenos patológicos.

A segunda e a terceira vertentes estão relacionadas a dois tipos de percepção distintivamente diferentes, por parte

daquelas pessoas que *aceitam* os conteúdos de tais trabalhos: a *correção crítica* e a aceitação *patológica*.

A abordagem da *correção critica* é utilizada por pessoas cujo sentido para a realidade psicológica é normal, as quais tendem a incorporar os elementos mais valiosos do trabalho. Elas banalizam assim os erros óbvios e tendem a preencher, por meio de sua própria visão mais rica de mundo, os elementos faltantes decorrentes das deficiências esquizoidais. Isso dá origem a uma interpretação mais sensível, calculada e criativa, mas que não pode ser completamente livre da influência do erro freqüentemente citado acima.

A *aceitação patológica* é manifestada por indivíduos com deficiências patológicas próprias: deficiências diversiformes, sejam elas herdadas ou adquiridas; bem como por muitas pessoas que sofrem de deformações de personalidade ou que têm sido prejudicadas por injustiças sociais. Isso explica porque este escopo é mais amplo do que o círculo formado pela ação direta dos fatores patológicos. A aceitação patológica de escritos ou de declarações esquizoidais por outras pessoas com desvios sempre brutaliza os conceitos do autor e promove idéias de força e de pretensões revolucionárias.

O passar do tempo e a experiência amarga não impediram, infelizmente, que essa característica equivocada nascida da criatividade esquizóide do século XIX, com os trabalhos de Marx na linha de frente, afetasse as pessoas e as privasse do senso comum.

Ainda que fosse apenas com o propósito do experimento psicológico que já mencionamos anteriormente, seria uma boa prática desenvolver uma consciência sobre este fator patológico através de buscas, nos trabalhos de Karl Marx, por várias declarações com essas anomalias características.

Quando tal estudo for conduzido por diversas pessoas com visões de mundo variadas, o experimento mostrará como um quadro claro da realidade pode ser restaurado, e tornará mais fácil encontrar uma linguagem comum.

A esquizoidia tem, assim, um papel essencial como um dos fatores de gênese do mal que ameaça o nosso mundo contemporâneo. Praticar a psicoterapia sobre o mundo, portanto, exige que os resultados de tal mal sejam eliminados tão habilmente quanto for possível.

Os primeiros pesquisadores – o autor e seus colegas – atraídos pela idéia de entender o fenômeno objetivamente, não foram inicialmente bem sucedidos em perceber o papel das *personalidades caracteropatas* na gênese da patocracia. Contudo, quando tentamos reconstruir a fase inicial da tal gênese, tivemos de reconhecer que os caracteropatas tiveram um papel significativo no processo.

Nós já sabemos, do capítulo anterior, como a sua experiência e os seus padrões de pensamento tomam posse das mentes humanas, destruindo insidiosamente seu modo de raciocinar e sua habilidade para utilizar o senso comum saudável. Esse papel também tem se comprovado como essencial em virtude de suas atividades como *líderes fanáticos* ou *propagandistas*, em várias ideologias, abrirem as portas para os indivíduos psicopatas e para a visão de mundo própria que eles querem impor.

No processo ponerogênico do fenômeno da patocracia, os indivíduos caracteropatas adotam ideologias criadas por pessoas doutrinárias e freqüentemente esquizóides, remodelam estas ideologias na forma de propaganda ativa e as disseminam com seus egotismos patológicos característicos e sua intolerância paranóica por qualquer filosofia que seja diferente da sua própria. Eles também inspiram a transformação posterior dessa ideologia em seu

equivalente patológico. Algo que tinha um caráter doutrinário e que circulava em grupos numericamente limitados é, agora, ativado no nível da sociedade, graças às suas habilidades propagandistas.

Parece também que esse processo tende a se intensificar com o tempo. As atividades iniciais são tomadas por pessoas com características caracteropáticas mais leves, que possuem facilidade para esconder suas aberrações das demais pessoas. Os indivíduos paranóicos, então, se tornam principalmente ativos. Ao final do processo, um indivíduo portador de *caracteropatia frontal* e do mais alto grau de egotismo patológico pode facilmente tomar a liderança.

Enquanto os indivíduos caracteropatas possuírem um papel dominante dentro do movimento social afetado pelo processo ponerogênico, a ideologia, seja ela a doutrinária proveniente de fora ou a que foi vulgarizada e posteriormente pervertida por esses mesmo indivíduos, continua a manter e a conservar seu conteúdo conectado com o protótipo original. A ideologia afeta continuamente as atividades do movimento e permanece como uma motivação justificadora essencial para muitos. Nessa fase, por conseguinte, tal união não se move em direção a atos criminosos em grande escala. Em uma certa extensão, nesse estágio, uma pessoa poderia ainda definir este movimento ou união pelo nome de sua ideologia original.

Enquanto isso, contudo, os portadores de outros fatores patológicos (principalmente hereditários) tornam-se engajados nesse movimento social já doente e continuam com o trabalho de transformação final dos conteúdos – ambos, ideológico e humano – da união em questão, de modo tal que se ela acaba se tornando uma caricatura patológica de sua ideologia original. Isso acontece sob a influência sempre crescente das personalidades *psicopáticas* de vários tipos, com ênfase particular no papel inspirador da psicopatia essencial.

Eventualmente, essa situação gera um confronto generalizado: os adeptos da ideologia original são colocados de lado ou eliminados (esse grupo inclui muitos caracteropatas, especialmente das variedades mais brandas ou paranóicas). As motivações ideológicas e a linguagem dupla que eles criaram são utilizadas para esconder os novos conteúdos reais do fenômeno. A partir desse momento, o uso do nome ideológico do movimento para entender sua essência se torna uma pedra fundamental de erros.

Os indivíduos psicopatas geralmente ficam longe das organizações sociais caracterizadas pela razão e pela disciplina ética. Afinal, estas organizações são criadas por aquele outro mundo de pessoas normais tão estranhas a eles. Eles sentem desprezo por várias ideologias sociais, enquanto, ao mesmo tempo, discernem facilmente seus defeitos reais. Contudo, uma vez que o processo de transformação ponérica de uma união humana para uma caricatura equivalente ainda não definida se inicia e avança o suficiente, eles percebem esse fato com sensibilidade praticamente infalível: um círculo foi criado, no qual eles podem esconder suas falhas e suas desigualdades psicológicas, encontrar seus próprios *modus vivendi*, e talvez até realizar seu sonho utópico de juventude, de um mundo onde eles estão no poder e todas aquelas outras "pessoas normais" são forçadas à servidão. Eles começam então a se infiltrar nos postos e fileiras de tal movimento. Fingir serem adeptos sinceros não é uma dificuldade para os psicopatas, uma vez que representar um papel e se esconder atrás de uma máscara de pessoas normais é uma segunda natureza para eles.

O interesse dos psicopatas em tais movimentos não é um resultado exclusivo de seu egotismo e sua perda de escrúpulos morais. Essas pessoas foram, de fato, feridas pela natureza e pela sociedade. Uma ideologia que libera uma classe social ou uma nação da injustiça pode, assim, parecer

amigável para eles. Infelizmente, ela também dá origem a esperanças irreais de que eles também serão libertados. As motivações patológicas que aparecem em uma união, no momento em que ela começa a ser afetada pelo processo ponerogênico, os atingem como familiares e inspiradoras de esperança. Eles, consequentemente, se inserem dentro de tais movimentos, pregando a revolução e a guerra contra aquele mundo injusto tão estranho para eles.

Inicialmente, eles executam funções subordinadas no tal movimento e executam as ordens dos líderes, sempre que alguma coisa necessita ser feita, o que inspira a repulsa nos demais. Seus fanatismos e cinismos evidentes dão origem a críticas da parte dos membros mais razoáveis da união, mas eles também ganham o respeito de alguns de seus revolucionários mais extremistas. Assim encontram a proteção entre aquelas pessoas que anteriormente representavam um papel na ponerização do movimento e retribuem o favor com cumprimentos ou tornando as coisas mais fáceis para estas. Deste modo, eles vão subindo na escada organizacional, ganham influência e quase que involuntariamente direcionam os conteúdos de todo o grupo para o seu próprio modo de experimentar a realidade e para os objetivos derivados da sua natureza anômala. Uma doença misteriosa já se encontra furiosa dentro da união. Os adeptos da ideologia original sentem-se sempre mais constrangidos pelos poderes que eles não entendem. Eles começam a lutar contra demônios e a cometer erros.

Se tal movimento triunfa pelos meios revolucionários e em nome da liberdade, o bem do povo e a justiça social, isso só traz nova transformação de um sistema governamental, então criado dentro de um fenômeno macrossocial patológico. Dentro desse sistema, o homem comum é culpado por *não* ter nascido um psicopata e não é considerado bom para nada, exceto para o trabalho pesado, para a luta e para

morrer protegendo um sistema de governo que ele nem compreende suficientemente, e nem sempre considera como sendo dele.

Uma rede cada vez mais forte, formada por psicopatas e indivíduos relacionados, começa gradualmente a ter domínio, ofuscando os demais. Os indivíduos caracteropatas que representavam um papel essencial na ponerização do movimento e na preparação para a revolução, também são eliminados. Adeptos da ideologia revolucionária são inescrupulosamente "empurrados para uma posição contrarrevolucionária". Eles são agora condenados por razões "morais", em nome dos novos critérios cuja essência paramoralística não estão em posição de compreender. Uma *seleção negativa* violenta do grupo original então se sucede. O papel inspirador da *psicopatia essencial* é agora também consolidado. *Ele permanece característico por todo o futuro desse fenômeno macrossocial patológico.*

Apesar dessas transformações, o bloco patológico do movimento revolucionário continua sendo uma minoria, um fato que não pode ser mudado por pronunciamentos propagandísticos sobre a adesão da *maioria moral* à nova versão, mais gloriosa, da ideologia. A maioria rejeitada, e as mesmas forças que criaram ingenuamente o poder para iniciar o processo, começa a se mobilizar contra o bloco de psicopatas que tomaram o poder. A confrontação brutal com essas forças é vista pelo bloco psicopata como o único jeito de proteger a sobrevivência a longo prazo da autoridade patológica. Nós devemos então considerar o triunfo sangrento de uma minoria patológica sobre a maioria do movimento como uma fase *de transição*, durante a qual os novos conteúdos do fenômeno são coagulados.

A vida inteira de uma sociedade que foi afetada torna-se assim subordinada a critérios de pensamento anômalos e permeados por seus modos de experiência específicos,

principalmente o que foi descrito na seção sobre psicopatia essencial. Nesse ponto, usar o nome da ideologia original para designar esse fenômeno é algo sem sentido e torna-se um erro, tornando sua compreensão mais difícil.

Eu devo concordar com a denominação de *patocracia* para o sistema de governo assim criado, onde uma minoria patológica assume o controle sobre uma sociedade de pessoas normais. O nome selecionado, acima de tudo, enfatiza a qualidade básica do fenômeno psicopatológico macrossocial, e o diferencia dos muitos sistemas sociais possíveis dominados pelas estruturas, leis e costumes das pessoas normais.

Eu tentei encontrar um nome que designasse mais claramente a qualidade psicopatológica, ou até mesmo psicopática, de tal governo, mas desisti por causa de certos fenômenos percebidos (que serão referenciados abaixo) e por considerações práticas (para evitar uma denominação prolongada). Tal nome indica suficientemente a qualidade básica do fenômeno e também enfatiza que a capa ideológica (ou alguma outra ideologia que cobriu fenômenos similares no passado) *não constitui sua essência*. Quando eu ouvi que um cientista Húngaro desconhecido para mim já havia utilizado esse termo, minha decisão foi tomada. Eu penso que esse nome é consistente com as demandas semânticas, uma vez que nenhum termo conciso pode caracterizar adequadamente um fenômeno tão complexo. Eu também devo, de agora em diante, designar os sistemas sociais em que as redes de pessoas normais são dominantes de qualquer modo como “os sistemas do homem normal”.

O feito de dominação absoluta do governo de um país pelos patocratas não pode ser permanente, já que grandes setores da sociedade se tornam insatisfeitos por tal governo e eventualmente encontram algum meio de fazê-lo ruir. Isso faz parte do ciclo histórico, facilmente discernido, quando a

história é lida do ponto de vista ponerológico. A patocracia no pico da organização governamental não constitui também o quadro inteiro do “fenômeno maduro”. *Tal sistema de governo não tem para onde ir senão para baixo.*

Em uma patocracia, todas as posições de liderança (desde o líder de bairro e os gerentes de comunidades cooperativas, sem mencionar os diretores das unidades de polícia, os serviços especiais de pessoal da polícia e os ativistas do partido patocrático) devem ser preenchidas por indivíduos com anomalias psicológicas correspondentes, que são herdadas, como regra. Contudo, tais pessoas constituem uma pequena porcentagem da população, o que faz com que elas sejam mais valiosas para os patocratas. Seu nível intelectual ou habilidades profissionais não podem ser levadas em consideração, uma vez que as pessoas que representam as habilidades superiores são ainda mais difíceis de serem encontradas. Depois que um sistema como esse tenha permanecido por vários anos, cem por cento de todos os casos de psicopatia essencial estarão envolvidos em uma atividade patocrática. Eles são considerados os mais leais, mesmo que alguns deles tenham estado anteriormente envolvidos com o outro lado, de alguma forma.

Sob tais condições, nenhuma área da vida social pode se desenvolver normalmente, seja na economia, cultura, ciência, tecnologia, ou administração. *A patocracia progressivamente paralisa tudo.* As pessoas normais tendem a desenvolver um nível de paciência além do alcance de qualquer pessoa que vive em um sistema do homem normal, somente a fim de explicar o que fazer e como fazer para alguma mediocridade obtusa de um deficiente psicológico, que foi colocado em uma posição como responsável por algum projeto que ele não pode nem entender, muito menos gerenciar. Esse tipo especial de pedagogia – instruir pessoas com deficiências enquanto se evita sua ira – requer uma grande quantidade de

tempo e esforço, mas de outra forma não seria possível manter condições de vida toleráveis e realizações necessárias na área econômica e na vida intelectual de uma sociedade. Mesmo com tais esforços, a patocracia progressivamente penetra em todo lugar e embota tudo.

Essas pessoas, que inicialmente acharam a ideologia original atrativa, eventualmente chegam à conclusão de que estão lidando, de fato, com alguma coisa a mais que tomou seu lugar sob o velho nome. A desilusão experimentada por tais ex-membros ideológicos é extremamente amarga. Desta forma, as tentativas da minoria patológica de reter o poder serão ameaçadas pela sociedade das pessoas normais, cujo criticismo continua crescendo.

Portanto, para reduzir a ameaça ao seu poder, os patocratas devem empregar todos e quaisquer métodos de terror e políticas exterminatórias contra os indivíduos conhecidos por seus sentimentos patrióticos e por seu treinamento militar. Outras atividades especificas de doutrinação, tais como aquelas que nós presenciamos, também são utilizadas. Indivíduos que não possuem um sentimento natural de conexão à sociedade normal tornam-se insubstituíveis em cada uma dessas atividades. Novamente, o primeiro plano desse tipo de atividade é ocupado por casos de psicopatia essencial, seguido por aqueles com anomalias similares e finalmente pelas pessoas alienadas da sociedade em questão, por problemas de raça ou de diferenças nacionais.

O fenômeno da patocracia amadurece durante esse período: um sistema de doutrinação extensiva e ativa é construído, com uma ideologia remodelada adequadamente que constitui o veículo para o cavalo de Tróia, com o objetivo de patologizar os processos de pensamento dos indivíduos e da sociedade. O objetivo – forçar as mentes humanas a incorporar os métodos experimentais patológicos e os padrões de pensamento, e aceitar tal papel – nunca é

admitido abertamente. Esse objetivo é condicionado pelo egotismo patológico, e a possibilidade de obtê-lo é vista pelos patocratas não somente como indispensável, mas como factível. Milhares de ativistas devem, a seguir, participar desse trabalho. Contudo, o tempo e a experiência confirmam o que um psicólogo poderia ter visto logo: o esforço todo produz resultados tão limitados, que é o reminiscente dos trabalhos de Sísifo. Ele resulta somente na produção de uma opressão generalizada do desenvolvimento intelectual e de protestos bem arraigados contra a "hipocrisia" instigadora de afrontas. *Os autores e executores desses programas são incapazes de entender que o fator decisivo para tornar o seu trabalho difícil é a natureza fundamental dos seres humanos normais – a maioria.*

O sistema inteiro de força, terror e doutrinação forçada, ou melhor, de patologização, se revela assim inviável, o que faz com que os patocratas não tenham nenhum sinal de surpresa. A realidade coloca um ponto de interrogação na convicção que eles têm de que tais métodos podem mudar as pessoas de maneiras tão fundamentais a ponto de que elas possam eventualmente reconhecer esse tipo de governo patocrático como um "estado normal".

Durante o choque inicial, o sentimento de ligação social entre as pessoas normais desvanece. Depois de sobreviver a isso, contudo, a impressionante maioria das pessoas começa a manifestar seu próprio fenômeno de imunização psicológica. A sociedade começa simultaneamente a coletar conhecimento prático sobre o assunto dessa nova realidade e suas propriedades psicológicas.

As pessoas normais lentamente aprendem a perceber os pontos fracos de tal sistema e a utilizar as possibilidades de um arranjo mais conveniente para suas vidas. Elas começam a dar conselhos, umas às outras, em relação a esse assunto, e assim regeneram lentamente os sentimentos de ligação social e de confiança recíproca. Um novo fenômeno ocorre: *a*

separação entre os patocratas e a sociedade das pessoas normais. Essas últimas têm uma vantagem em relação ao talento, às habilidades profissionais e ao senso comum saudável. Elas, consequentemente, possuem certas cartas muito vantajosas. A patocracia finalmente percebe que precisa encontrar algum *modus vivendi* ou relações com a maioria da sociedade: “Afinal de contas, alguém tem que fazer o trabalho para nós”.

Existem outras necessidades e pressões sentidas pelos patocratas, especialmente vindas de fora. A face patológica *deve* ser escondida do mundo de alguma forma, uma vez que o reconhecimento do governo anômalo pela opinião mundial seria uma catástrofe. A propaganda ideológica, por si só, seria um disfarce inadequado. Antes de mais nada, no interesse da nova elite e de seus planos expansionistas, um estado patocrático precisa manter as relações comerciais com os países dos homens normais. O estado patocrático busca atingir o reconhecimento internacional como um *certo tipo* de estrutura política e teme o reconhecimento nos termos de um diagnóstico clínico verdadeiro.

Isso tudo faz com que os patocratas tendam a limitar as medidas de terror, sujeitando seus métodos de propaganda e doutrinação a uma certa cosmetologia, consentindo à sociedade alguma margem de controle sobre atividades autônomas, especialmente em relação à vida cultural. Os patocratas mais liberais não possuem aversão a conceder à sociedade uma certa prosperidade econômica mínima, de forma a reduzir o nível de irritação, mas sua própria corrupção e incapacidade de administrar a economia os impede de fazer isso.

E então, com as considerações acima sendo trazidas para a linha de frente da atenção patocrática, essa grande doença social continua a seguir o seu curso através de uma nova fase: os métodos de atividade se tornam moderados e coexistem com os países cuja estrutura é a de homens normais.

Qualquer psicopatologista estudando esse fenômeno se lembrará do estado ou fase dissimulativa de um paciente tentando representar o papel de uma pessoa normal, escondendo sua realidade patológica, embora continue doente e anormal. Vamos, então, utilizar o termo "fase dissimulativa da patocracia" para o estado de coisas onde o sistema patocrático representa cada vez mais habilidosamente o papel de um sistema sociopolítico normal com instituições doutrinárias "diferentes".

Nessa fase, as pessoas normais, dentro do país dirigido pelos patocratas, tornam-se resistentes e se adaptam à situação. Do outro lado, contudo, essa fase é marcada por uma *atividade ponerogênica marcante*. O material patológico desse sistema pode se infiltrar de forma muito fácil em outras sociedades, particularmente se elas forem mais primitivas, e todas as alamedas da expansão patocrática são facilitadas pela diminuição da crítica do senso comum da parte das nações que constituem o território do expansionismo.

Nesse ínterim, no país patocrático, a estrutura ativa de governo descansa nas mãos de indivíduos psicopatas, e a psicopatia essencial possui um papel principal, especialmente durante a fase dissimulativa. Contudo, os indivíduos com características patológicas óbvias devem ser removidos de algumas áreas de atividade, a saber, postos políticos com exposição internacional, onde tais personalidades podem denunciar os conteúdos patológicos do fenômeno. Os indivíduos com características patológicas óbvias são também limitados na sua habilidade de exercer funções diplomáticas ou de estarem totalmente cientes das situações políticas dos países dos homens normais. Consequentemente, as pessoas selecionadas para tais posições são escolhidas por possuírem um processo de pensamento mais similar ao do mundo das pessoas normais. Em geral, elas são suficientemente conectadas ao sistema

patológico a ponto de fornecer uma garantia de lealdade. Um especialista em várias anomalias psicológicas, no entanto, pode discernir os desvios discretos sobre os quais tais ligações são baseadas. Outro fator a ser notado são as grandes vantagens pessoais concedidas pela patocracia a esses indivíduos seminormais. Não é de se admirar, então, que tal lealdade seja algumas vezes enganosa. Isso se aplica, em particular, aos filhos de patocratas típicos, que certamente desfrutam de confiança, porque foram educados para a lealdade desde a infância; se por alguma coincidência genética feliz eles não possuírem as propriedades patológicas herdadas, sua natureza terá precedência sobre sua criação.

Necessidades similares se aplicam a outras áreas também. O diretor da planta de uma nova fábrica é sempre alguém muito pouco conectado com o sistema patocrático, mas cujas habilidades são essenciais. Uma vez que a planta se torna operacional, a administração é tomada pelos patocratas, que a levam freqüentemente para a ruína técnica e financeira.

O exército, da mesma forma, necessita de pessoas dotadas de perspicácia e de qualificações essenciais, especialmente sobre armas e guerras modernas. Em momentos cruciais, o senso comum saudável pode exceder os resultados da prática patocrática. Em tal estado de preocupação, muitas pessoas são forçadas a se adaptar, aceitando o sistema de governo como um "status quo", mas também o criticando. Elas cumprem suas obrigações no meio de suas dúvidas e conflitos de consciência, sempre buscando por uma saída mais sensível, que discutem em círculos fechados confiáveis. Com efeito, elas estão sempre penduradas em um limbo, entre a patocracia e o mundo das pessoas normais. As deficiências na fidelidade das pessoas são um fator de fraqueza interna dos sistemas patocráticos.

As seguintes questões, então, aparecem por si mesmas: o que acontece se a rede de entendimento entre os psicopatas

atingir o poder nas posições de liderança, com exposição internacional? Isso pode acontecer, especialmente durante as últimas fases do fenômeno. Incitadas pelo seu caráter, tais pessoas com anomalias anseiam exatamente por isso, mesmo que, por fim, entre em conflito com seu próprio interesse na vida; e então, eles são removidos pela ala mais lógica e menos patológica do aparato governamental. Tais pessoas com anomalias não entendem que, se fosse de outra forma, uma catástrofe sucederia. Os germes não estão a par de que serão queimados vivos ou enterrados em solo profundo, junto com o corpo humano cuja morte eles estão causando.

Se as posições mais gerenciais são assumidas por indivíduos privados de habilidades suficientes para sentir e entender a maioria das outras pessoas, e que também exibem deficiências de imaginação técnica e de habilidades práticas – faculdades indispensáveis para governar a economia e os assuntos políticos – o resultado é uma crise excepcionalmente séria, em todas as áreas, tanto dentro do país em questão como nas relações internacionais. Internamente, a situação continua insuportável mesmo para aqueles cidadãos que são capazes de fazer o seu ninho dentro de um *modus vivendi* relativamente confortável. Externamente, outras sociedades começam a sentir a qualidade patológica do fenômeno de forma perfeitamente nítida. Tal estado de coisas não pode permanecer por muito tempo. É preciso estar preparado para mudanças cada vez mais rápidas e também para se comportar com grande cuidado.

A patocracia é a doença dos grandes movimentos sociais, seguidos por sociedades, nações e impérios inteiros. No curso da história humana ela tem afetado os movimentos sociais, políticos e religiosos, assim como suas ideologias anexas, características para uma determinada condição temporal e etnológica, tornando-os caricaturas deles mesmos. Isso

ocorre como resultado das atividades de fatores etiológicos similares desse fenômeno, a saber, a participação de agentes patológicos em um processo patodinamicamente similar. Isso explica porque todas as patocracias do mundo são e têm sido tão parecidas em suas propriedades essenciais. As contemporâneas encontram facilmente uma linguagem comum, mesmo que as ideologias que as alimentam e que protegem seus conteúdos patológicos da exposição pública sejam amplamente diferentes.

Identificar esses fenômenos através da história e qualificá-los apropriadamente de acordo com sua verdadeira natureza e com seus conteúdos, e não de acordo com a ideologia em questão, que sucumbiu ao processo característico de transformação caricatural, é um trabalho para historiadores. Contudo, deve ser entendido que a ideologia principal foi, sem dúvida alguma, socialmente dinâmica, e continha elementos criativos; caso contrário ela não teria sido capaz de alimentar e proteger o fenômeno patocrático do reconhecimento e das críticas por tanto tempo. Ela teria também sido incapaz de equipar a caricatura patológica com ferramentas para implementar seus objetivos expansionistas externos.

Definir o momento em que um movimento se transformou em algo que podemos chamar de patocracia, como resultado do processo ponerogênico, é uma questão de convenção. O processo é temporalmente cumulativo e alcança o ponto sem volta em algum momento particular. Eventualmente, contudo, a confrontação interna com os adeptos da ideologia original ocorre, estampando finalmente o selo de caráter patocrático no fenômeno. O nazismo certamente passou desse ponto sem volta, mas o confronto com os *seguidores* da ideologia original foi impedido por conta da ação do exército Aliado, que quebrou todo o seu poderio militar.

Deve-se notar que uma grande ideologia, com valores impressionantes, também pode facilmente privar uma pessoa da capacidade de autocontrole crítico sobre seu comportamento. Os adeptos de tais idéias tendem a perder de vista o fato de que os meios utilizados, e não somente os fins, serão decisivos para o resultado de suas atividades. Sempre que buscam por métodos de ação excessivamente radicais, ainda convencidos de que estão servindo à sua idéia, eles não percebem que seu objetivo já foi alterado. O princípio "os fins justificam os meios" abre a porta para um tipo de pessoa diferente, para a qual a grande idéia é útil para o propósito de libertá-la da pressão desconfortável proveniente dos costumes do homem normal. Toda grande ideologia, assim, é um perigo, principalmente para mentes pequenas. Contudo, todo grande movimento social, e sua respectiva ideologia, pode se tornar um hospedeiro sobre o qual alguma patocracia inicia sua vida parasitária.

A ideologia em questão pode ter sido marcada por falta de verdade e deficiência nos critérios morais desde o início, ou pelo efeito de atividades de fatores patológicos. A ideologia original, de idéias elevadas, pode também ter sucumbido por uma contaminação precoce característica de uma época e de circunstâncias sociais particulares. Se tal ideologia é infiltrada de fora, o material cultural local, que é heterogêneo, destrói a estrutura coerente original da idéia e o valor real pode se tornar tão enfraquecido que perde um pouco de sua atratividade para as pessoas razoáveis. Uma vez enfraquecida, contudo, a estrutura sociológica pode sucumbir para uma degeneração posterior, incluindo a ativação de fatores patológicos, até que seja transformada em sua caricatura: o nome é o mesmo, mas os conteúdos são diferentes.

Diferenciar a essência do fenômeno patológico do seu hospedeiro ideológico contemporâneo é, então, uma tarefa

básica e necessária, tanto para propósitos teórico-científicos como para encontrar soluções práticas para os problemas derivados da existência dos fenômenos macrossociais mencionados acima.

Se, para designar um fenômeno patológico, nós aceitamos o nome fornecido pela ideologia do movimento social que sucumbiu aos processos degenerativos, nós perdemos qualquer habilidade de entender ou avaliar essa ideologia e o seu conteúdo original ou de efetivar a classificação apropriada do fenômeno mesmo. Esse erro não é semântico; é a pedra fundamental de todos os demais erros de compreensão em relação a tais fenômenos, tornando-nos intelectualmente impotentes e privando-nos da capacidade de ação prática intencional.

Esse erro é baseado em elementos compatíveis de propaganda de sistemas sociais incompatíveis. Isso tem, infelizmente, se tornado muito comum, e é reminiscente das primeiras tentativas desajeitadas de classificação das doenças mentais, de acordo com os sistemas ilusórios manifestados pelos pacientes. Mesmo hoje, as pessoas que não receberam treinamento nesse campo considerarão uma pessoa doente, que manifesta delírios sexuais, como louco nessa área, ou alguém com delírios religiosos como um “maníaco religioso”. O autor até encontrou um paciente que insistia ter se tornado objeto de raios frios e quentes (parestesia) com base em um acordo especial fechado entre os EUA e a USSR.

Por volta do final do século dezenove, pioneiros famosos da psiquiatria contemporânea distinguiram corretamente entre a doença e o sistema de delírios do paciente. Uma doença tem suas próprias causas etiológicas, sejam elas determinadas ou não, além de patodinâmica e sintomática próprias que distinguem sua natureza. Vários sistemas delirantes podem se manifestar dentro da mesma doença, e sistemas similares podem aparecer em várias doenças. Os

delírios, que algumas vezes tornam-se tão sistêmicos a ponto de dar a impressão de uma história real, originam-se na natureza e na inteligência do paciente, especialmente nas imaginações dos ambientes dentro dos quais ele cresceu. Esses delírios podem ser um processo caricato de suas antigas convicções políticas e sociais, induzido pela doença. Afinal de contas, toda doença mental tem seu estilo particular de deformação da mente humana, produzindo diferenças leves porém características, conhecidas há algum tempo pelos psiquiatras, e que podem ajudar a apresentar um diagnóstico.

Assim deformado, o mundo de fantasias antigas é colocado para trabalhar para uma proposta diferente: esconder o estado dramático da doença da própria consciência do indivíduo e da opinião pública, pelo máximo tempo possível. Um psiquiatra experiente não tenta eliminar essa ilusão de forma prematura para tal sistema delirante, pois isso poderia provocar tendências suicidas no paciente. O principal objeto de interesse para o médico permanece sendo a doença que ele está tentando curar. Geralmente, não há muito tempo para discutir os delírios do paciente *com ele*, exceto quando isso se torna necessário por razões de segurança do referido paciente ou de outras pessoas. Uma vez que a doença foi curada, contudo, a assistência do psicoterapeuta para reintegrar o paciente ao mundo do pensamento normal é definitivamente indicada.

Se efetuarmos uma análise suficientemente profunda do fenômeno da patocracia e da relação com sua ideologia, nós encontraremos uma analogia clara com a relação descrita acima, hoje familiar para todos os psiquiatras. Algumas diferenças aparecerão mais tarde, na forma de detalhes e dados estatísticos, que podem ser interpretados tanto como uma função do estilo característico, já mencionado, de

“caricaturização” de uma ideologia – os efeitos da patocracia – como um resultado do caráter macrossocial do fenômeno.

Sendo uma contrapartida da doença, a patocracia tem seus fatores etiológicos próprios, que a torna potencialmente presente em quaisquer sociedades, não importando quão saudáveis sejam. Ela também tem seus próprios processos patodinâmicos que são diferenciados em função de alguns fatos: se a patocracia em questão nasceu naquele país em particular (patocracia primária), se foi artificialmente inoculada no país por algum outro sistema do tipo, ou se foi imposta pela força.

Nós já esquematizamos acima a ponerogênese e o curso de tais fenômenos macrossociais da sua forma primária, refreando intencionalmente qualquer menção de uma ideologia em particular. Em breve, nós iremos falar dos dois outros cursos mencionados aqui.

A ideologia da patocracia é criada pela “caricaturização” da ideologia original presente em um movimento social, de uma maneira característica daquele fenômeno patológico particular. Os estados históricos das sociedades, já mencionados, também deformam as ideologias contemporâneas das épocas em questão, utilizando um estilo característico para elas. Assim como os médicos estão interessados na doença, o autor se tornou principalmente interessado no fenômeno patocrático e em sua análise. De forma parecida, a primeira preocupação das pessoas que assumem a responsabilidade pelo destino das nações deveria ser a de curar o mundo dessa doença misteriosa até o momento. Haverá um tempo apropriado para as atitudes de crítica e de análise em relação às ideologias que se tornaram os “sistemas ilusórios” de tais fenômenos, durante os tempos históricos. Nosso foco, no presente momento, é na essência mesma dos fenômenos patológicos macrossociais.

Entender a natureza da doença é algo básico para qualquer busca de métodos apropriados de tratamento. O mesmo se aplica, por analogia, em relação aos fenômenos patológicos macrossociais, especialmente se, nesse caso, o *mero entendimento da natureza da doença dá início à cura das mentes e almas humanas*. Através de todo o processo, o raciocínio próximo ao estilo de abordagem da medicina é o método apropriado que nos leva a desatar o nó górdio contemporâneo.

A ideologia da patocracia muda de função, assim como ocorre com o sistema ilusório da pessoa mentalmente doente. Ela deixa de ser uma convicção humana que delineia os métodos de ação e assume outras obrigações que não estão abertamente definidas. Ela se torna uma *história fantasiosa* que esconde a nova realidade da consciência crítica das pessoas de dentro da nação, como também das pessoas de fora. A primeira função – uma convicção que delineia os métodos de ação – logo se torna ineficaz por duas razões: de um lado, a realidade expõe os métodos de ação como não factíveis; por outro lado, a massa das pessoas comuns nota a atitude desdenhosa em relação à ideologia representada pelos próprios patocratas. Por essa razão, o principal palco de operação para as ideologias consiste nas nações que permanecem de fora do âmbito imediato da patocracia, uma vez que o mundo tende a continuar acreditando nas ideologias. A ideologia se torna assim um instrumento de ação externa em um grau cada vez maior que a simples relação entre a doença e seu sistema ilusório.

Os psicopatas são conscientes de serem diferentes das pessoas normais. É por isso que o "sistema político" inspirado por sua natureza é capaz de esconder sua noção de ser diferente. Eles utilizam uma máscara pessoal de sanidade e sabem como criar uma máscara macrossocial da mesma natureza dissimuladora. Quando observamos o papel da

ideologia nesse fenômeno macrossocial, estando conscientes da existência dessa noção específica do psicopata, nós podemos então entender porque a ideologia é colocada como uma ferramenta: algo útil para lidar com aquelas outras pessoas e nações ingênuas. Os patocratas devem, por outro lado, apreciar a função da ideologia como sendo algo essencial no grupo ponerogênico, especialmente no fenômeno macrossocial que é sua "pátria". Esse fator de ciência, simultaneamente, constitui uma certa diferença qualitativa entre as duas relações mencionadas. Os patocratas sabem que sua *verdadeira* ideologia é derivada de suas naturezas anômalas e tratam os "outros" – a ideologia mascarada – com um desprezo mal disfarçado. E as pessoas comuns começam eventualmente a perceber isso, conforme já dissemos.

Assim, um sistema patocrático bem desenvolvido não tem uma relação direta e clara com sua ideologia original por muito tempo, mantendo-a somente como sua ferramenta tradicional, principal, para ação e mascaramento. Para objetivos práticos de expansão da patocracia, outras ideologias podem ser úteis, até mesmo se elas contradizem a principal e acumulam denúncias morais sobre ela. Contudo, essas outras ideologias devem ser utilizadas com cuidado, evitando o reconhecimento oficial nos ambientes em que isso possa fazer com que a ideologia original pareça muito estranha, desacreditada e inútil.

A ideologia principal sucumbe à deformação sintomática, em sintonia com o estilo característico dessa doença e com o que já foi estabelecido sobre o assunto. Os nomes e conteúdos *oficiais* são mantidos, mas outro conteúdo, completamente diferente, é inoculado por debaixo, dando origem ao fenômeno bem conhecido da linguagem dupla, dentro do qual os mesmo nomes possuem dois significados: um para os iniciados e outro para o resto das pessoas. Esse

último significado é derivado da ideologia original. O primeiro tem um significado especificamente patocrático, algo que é conhecido não somente pelos patocratas mesmos, mas também aprendido por todas aquelas pessoas que viveram por muito tempo sujeitas ao seu governo.

A língua dupla é somente um dos muitos sintomas. Outro sintoma é a facilidade específica para produzir novos nomes que tenham efeitos sugestivos e sejam aceitos praticamente sem críticas, particularmente fora da abrangência imediata de tal sistema de governo. Nós devemos ressaltar que o caráter paramoralista e as qualidades paranóicas estão freqüentemente contidos nesses nomes. A ação de paralogismos e paramoralismos na ideologia deformada se torna compreensível para nós, baseada na informação apresentada no Capítulo IV. *Qualquer coisa que ameace o governo patocrático se torna profundamente imoral*. Isso também se aplica ao conceito de perdão aos próprios patocratas: é extremamente perigoso e portanto "imoral".

Nós, assim, temos o direito de inventar nomes apropriados que indiquem a natureza dos fenômenos tão precisamente quanto possível, de acordo com o nosso reconhecimento e respeito às leis da metodologia científica e da semântica. Tal precisão nos termos também servirá para proteger nossas mentes dos efeitos sugestivos daqueles outros nomes e dos paralogismos, inclusive do material patológico que esses últimos contêm.

A tendência mundial de olhar para os governantes com uma atitude de adoração tem uma longa tradição, desde os tempos antigos, quando os soberanos podiam verdadeiramente ignorar as opiniões de seus súditos. Contudo, os governantes sempre foram dependentes da situação econômica e social de seu país, mesmo no passado, e mesmo nos sistemas patocráticos, e a influência de vários grupos sociais atingiu seus tronos de diversas formas.

Um padrão de erro muito comum é a argumentação de que líderes supostamente autocráticos de países afetados por essa patocracia possuem poder real de decisão sobre áreas que, de fato, não possuem. Milhões de pessoas, incluindo ministros e membros do parlamento, refletem sobre o dilema de saber se tal governante não poderia, sob certas circunstâncias, modificar suas convicções um pouco e renunciar aos seus sonhos de conquistar o mundo. Essas pessoas continuam a esperar que esse seja um eventual desfecho. Aqueles com experiência pessoal em tais sistemas podem tentar persuadi-los de que tais sonhos, embora decentes, não possuem fundamento na realidade, mas ao mesmo tempo eles sentem uma falta de argumentos concretos de sua parte. Tal explicação é um fato impossível dentro da esfera dos conceitos da linguagem psicológica natural; somente uma compreensão objetiva do fenômeno histórico e de sua natureza anômala permite lançar uma luz sobre as causas da *falsidade permanente* desse fenômeno patológico macrossocial.

As ações desse fenômeno afetam uma sociedade inteira, começando com os líderes e se infiltrando em cada cidade pequena, vila, fábrica, negócio ou fazenda. A estrutura patológica social cobre gradualmente o país inteiro, criando uma “nova classe” dentro da nação. Essa classe privilegiada de anômalos se sente permanentemente ameaçada pelos

"outros", isto é, pela maioria das pessoas normais. *Nem mesmo os patocratas nutrem qualquer ilusão sobre a existência, em seu destino pessoal, de um retorno para o sistema das pessoas normais*.

Uma pessoa normal privada do privilégio de uma posição elevada buscará encontrar e executar algum trabalho que a permitirá ganhar a vida. Mas os patocratas nunca possuem quaisquer possibilidades residuais para se adaptarem às demandas do trabalho normal. Se as leis do homem normal forem reinstituídas, eles e os seus pares poderão estar sujeitos a julgamento, incluindo uma interpretação moralizante de seus desvios psicológicos. Eles seriam ameaçados com a perda da liberdade e da vida, e não somente uma perda de posição e privilégios. Uma vez que são incapazes de tal tipo de sacrifício, a sobrevivência de um sistema que é o melhor para eles *torna-se um imperativo moral*. Tal ameaça deve ser combatida por meio de toda e qualquer esperteza política e psicológica, implementadas sem escrúpulos em relação àquelas outras pessoas "de qualidade inferior", que chegam a surpreender pela sua depravação.

Em geral, essa nova classe está na posição de purgar os seus líderes se seus comportamentos colocarem em risco a existência desse sistema. Isso pode ocorrer, particularmente, se a liderança desejar ir muito além no compromisso com a sociedade das pessoas normais, uma vez que suas qualificações os tornam essenciais para a produção. Essa situação é uma ameaça mais direta aos escalões inferiores da elite patocrática do que propriamente aos líderes.

A patocracia sobrevive graças ao sentimento de estar ameaçado pela sociedade das pessoas normais, assim como também por outros países nos quais várias formas de sistema do homem normal persistem. Para os governantes, permanecer no topo é, então, o problema clássico de "ser ou não ser".

Nós podemos então formular uma questão mais cuidadosa: algum dia pode esse sistema renunciar à expansão política e territorial exterior e se contentar com as suas posses presentes? O que aconteceria se tal estado de coisas garantisse a paz interna, a ordem correspondente, e uma prosperidade relativa dentro da nação? A maioria impressionante da população do país faria o uso aprimorado de todas as possibilidades emergentes, tirando vantagem de suas qualificações superiores para lutar por um escopo cada vez maior de atividades; graças à maior taxa de natalidade, seu poder aumentaria . Essa maioria se ligaria a alguns filhos das classes privilegiadas que não herdaram os genes patológicos. O domínio da patocracia seria enfraquecido imperceptivelmente, mas de forma contínua, finalmente levando a uma situação onde a sociedade das pessoas normais chega ao poder. Essa é uma visão de pesadelo para os psicopatas.

Assim, a destruição biológica, psicológica, moral e econômica da maioria das pessoas normais torna-se, para os psicopatas, uma necessidade "biológica". Muitos meios servem para esse fim, começando com campos de concentração e incluindo a guerra com um inimigo bem armado, obstinado, que destruirá e debilitará o poder humano jogado sobre ele, especialmente aquele poder que amedronta os governos patocratas: os filhos das pessoas normais, enviados para lutar por uma "causa nobre" ilusória. Uma vez que estejam mortos, os soldados serão então decretados heróis a serem reverenciados em hinos de triunfo, que são úteis na criação de uma nova geração fiel à patocracia e sempre disposta a encarar a morte para protegê-la.

Qualquer guerra travada por uma nação patocrática tem duas frentes, a interna e a externa. A frente interna é mais importante para os líderes e para a elite governante, e a ameaça interna é o fator decisivo relacionado ao

desencadeamento da guerra. Ao ponderar se devem ou não iniciar uma guerra contra um país patocrático, as outras nações precisam levar em consideração o fato de que tal guerra pode ser utilizada como um algoz contra as pessoas normais cujo poder crescente representa um risco incipiente à patocracia. Afinal de contas, os patocratas dão pouca atenção ao sangue e ao sofrimento das pessoas que eles consideram não ser da mesma espécie. Os reis podem ter sofrido devido à morte de seus cavaleiros, mas os patocratas nunca: “Nós temos um monte de gente aqui”. Caso esta situação seja consumada em tal nação, contudo, qualquer um que ofereça assistência será abençoado por ela; qualquer um que a negue será amaldiçoado.

A patocracia tem outras razões internas para aspirar ao expansionismo, através de todos os meios possíveis. Enquanto aquele “outro” mundo governado pelos sistemas dos homens normais existir, ele induzirá um certo senso de direção para a maioria não-patológica. A maioria não-patológica da população do país nunca irá parar de sonhar com a restauração do sistema do homem normal, em qualquer forma possível. Essa maioria nunca cessará de observar outros países, esperando pelo momento oportuno. Sua atenção e poder devem portanto ser desviados dessa proposta, e as massas devem ser “educadas” e canalizadas na direção das aspirações imperialistas. Esse objetivo deve ser perseguido obstinadamente, de forma que todos saibam pelo que estão lutando e em nome de quem a disciplina implacável e a pobreza devem ser suportadas. O último fator – criar condições de pobreza e provação – limita efetivamente a possibilidade de atividades “subversivas” por parte da sociedade das pessoas normais.

A ideologia deve, é claro, fornecer a justificativa correspondente para esse direito pressuposto de conquistar o mundo e deve, portanto, ser elaborada adequadamente. O

expansionismo deriva da natureza mesma da patocracia, não da ideologia, mas esse fato deve ser mascarado pela ideologia. Todas as vezes que esse fenômeno foi testemunhado na história, o imperialismo sempre foi sua qualidade mais demonstrativa.

Do outro lado, existem países com governos de homens normais, nos quais a impressionante maioria das sociedades estremece só de pensar que um sistema similar poderia ser imposto sobre elas. Por isso os governos de tais nações fazem tudo o que podem, dentro da estrutura de suas possibilidades e de seu entendimento do fenômeno, para conter sua expansão. Os cidadãos daqueles países soltariam suspiros de alívio se algum movimento substituísse esse sistema malévolo e incompreensível por um método de governo mais humano e mais facilmente entendido, com o qual a coexistência pacífica seria possível.

Tais países empreendem assim vários meios de ação com esse propósito, *e a qualidade destes meios depende da possibilidade de entendimento daquela outra realidade.* Tais esforços ressoam dentro do país, e o poder militar dos países de homens normais limita as possibilidades de manobras armadas das patocracias. Enfraquecer aqueles países que poderiam possivelmente se colocar contrários à patocracia, especialmente pelo uso de uma reação despertada pela mesma em alguns de seus cidadãos com deficiências, torna-se novamente uma questão de sobrevivência da patocracia.

Os fatores econômicos constituem uma parte não negligenciada da motivação para essa tendência expansionista. Uma vez que as funções gerenciais foram tomadas pelos indivíduos com inteligência medíocre e traços de caráter patológico, a patocracia se torna incapaz de administrar qualquer coisa de forma apropriada. A área que sofre com maior gravidade é sempre aquela que requer uma pessoa que aja independentemente, que não perca tempo

buscando o modo apropriado de se comportar. A agricultura é dependente das mudanças das condições climáticas e do surgimento de pragas e de doenças. As qualidades pessoais de um fazendeiro têm sido um fator essencial de sucesso nessa área, por muitos séculos. A patocracia, desta forma, traz invariavelmente o racionamento de comida.

Contudo, muitos países com sistemas do homem normal são abundantemente suficientes em produtos industriais, e experimentam problemas com o excedente de alimentos durante recessões econômicas temporárias, mesmo que seus cidadãos de forma alguma trabalhem em excesso. A tentação de dominar tais países e sua prosperidade, esse motivo imperialista perene, torna-se cada vez mais forte na patocracia. A prosperidade recolhida da nação conquistada pode ser explorada por um tempo, com os cidadãos sendo forçados a trabalhar duro por uma remuneração baixíssima. Nesse momento, não passa pela cabeça o fato de que a introdução de um sistema patocrático dentro de tal país eventualmente causará as mesmas condições de falta de produtividade; afinal de contas, o desvio psicológico, por definição, indica uma perda de autoconhecimento nessa área. Infelizmente, a idéia de conquistar países ricos também motiva as mentes de muitos companheiros pobres não-patológicos que sofrem sob a patocracia, mas sem entender porque, e que gostariam de usar essa oportunidade para pegar alguma coisa para eles e comer sua parte de boa comida.

Como tem sido o caso por séculos, o poder militar é logicamente o principal meio para alcançar esses fins. Através dos séculos, no entanto, sempre que a história registrou o aparecimento do fenômeno da patocracia (sem levar em consideração o disfarce ideológico que a encobriu), medidas específicas de influência também se tornaram aparentes: alguma coisa como uma inteligência específica a serviço da

intriga internacional, facilitando a conquista. Essa qualidade é derivada das características de personalidade que inspiram o fenômeno como um todo. Isso deve servir como dado para os historiadores identificarem esse tipo de fenômeno através da história.

As pessoas com personalidades especificamente suscetíveis, por conta de desvios, existem em qualquer lugar no mundo. Mesmo uma patocracia distante evoca nelas uma resposta ressonante, trabalhando no sentimento latente de que “lá existe um lugar para as pessoas como nós”. Pessoas não críticas, frustradas e abusadas também existem em qualquer lugar, e pode ser alcançadas por uma propaganda apropriadamente elaborada. O futuro de uma nação é fortemente dependente de quantas dessas pessoas ela contém. Graças ao seu conhecimento psicológico específico e à sua convicção de que as pessoas normais são ingênuas, uma patocracia é capaz de aprimorar as suas técnicas “anti-psicoterapêuticas” e, patologicamente egotística como de costume, insinuar seu mundo de conceitos deficientes para os outros em outros países, tornando-os suscetíveis à conquista e à dominação.

Os métodos mais freqüentemente utilizados incluem os métodos paralógicos e conversivos, tais como a projeção das qualidades e intenção de uma pessoa sobre as outras, sobre grupos sociais ou nações, a indignação paramoral e o bloqueio reverso. Esse último método é o favorito dos patocratas, utilizado em larga escala, direcionando as mentes das pessoas medianas para um beco sem saída porque, como resultado, faz com que elas busquem pela verdade no meio termo entre a realidade e o seu oposto.

Nós devemos apontar que embora vários trabalhos na área da psicopatologia contenham as descrições de muitas desses métodos quase-hipocríticos, falta um resumo geral, urgentemente necessário, que preencha as lacunas

observadas. Seria tão melhor se as pessoas e os governos dos países do homem normal pudessem tirar vantagem de tal trabalho e agissem como um psicólogo experiente, observando as reprovações amontoadas sobre eles no curso da projeção, girando em torno de declarações cujo caráter indica o bloqueio reverso. Um pouco de cosmética analítica produziria assim uma lista de baixo custo das intenções do império patocrático.

A lei tem se tornado a medida do que é certo dentro de países com sistemas humanos normais. Nós nos esquecemos freqüentemente de quão imperfeita uma criação da mente humana realmente é, e de como é dependente de formulações baseadas em dados que os legisladores podem entender. Na teoria do direito nós aceitamos sua natureza regulatória como um dado e consequentemente aceitamos que, em certos casos, suas atividades podem não ser tão coexistentes à realidade humana. Entendido isso, *a lei fornece suporte insuficiente para reagir a um fenômeno cujo caráter reside fora das possibilidades de imaginação do legislador.* Pelo contrário: a patocracia sabe como tirar vantagem das fraquezas desse modo legalista de pensamento.

Apesar disso, essas ações internas do fenômeno macrossocial e sua expansão externa são *baseadas em dados psicológicos*. Desta forma, independentemente do modo como estes dados são deformados dentro das personalidades dos patocratas, *a sua astúcia é muito superior aos sistemas legais das pessoas normais*. Isso torna a patocracia o sistema social do futuro, embora na forma de uma caricatura.

Consequentemente, o futuro dos homens normais pertence a sistemas sociais que são baseados em uma compreensão aprimorada do homem em todas as suas variações psicológicas. A evolução nessa direção pode, dentre outras coisas, garantir uma grande resistência aos métodos

expansionistas que esse fenômeno macrossocial utiliza em seu objetivo de dominar o mundo.

A PATOCRACIA IMPOSTA PELA FORÇA

A gênese da patocracia em qualquer país é um processo tão demorado que é difícil identificar o momento de seu início. Se levarmos em consideração aqueles exemplos históricos que devem ser qualificados como tais, nós freqüentemente observaremos a figura de um governante autocrático cuja mediocridade mental e personalidade infantil abrem as portas para a ponerogênese do fenômeno. Em todo lugar onde o senso comum da sociedade é suficientemente influente, seu instinto de auto-preservação é capaz de superar esse processo ponerogênico um tanto cedo. *As coisas são diferentes quando um núcleo ativo dessa doença já existe e pode dominar através da infecção ou pela imposição por força*.

Sempre que uma nação experimenta uma "crise no sistema" ou uma hiperatividade de processos ponerogênicos dentro de si, ela se torna o objeto de uma *penetração patocrática cujo objetivo é servir-se do país como recompensa*. A partir de então, tornar-se-á fácil tirar vantagem de suas fraquezas internas e dos movimentos revolucionários para impor um governo na base do uso limitado da força. Condições tais como uma grande guerra ou uma fraqueza temporária de um país podem, algumas vezes, fazer com que este se submeta à violência de um país patocrático vizinho (contra sua vontade), cujo sistema não exibe tais enfermidades de ampla escala tão cedo. Após a imposição forçada do sistema, o curso da patologização da vida torna-se diferente e tal patocracia será menos estável, e sua própria existência dependente do fator de uma força externa permanente.

Vamos tratar primeiro da última situação: a força bruta deve primeiramente sufocar a resistência de uma nação exausta. As pessoas com habilidades militares ou de liderança devem ser descartadas, e qualquer um que apele

para valores morais e princípios legais deve ser silenciado. Os novos princípios nunca são enunciados explicitamente. As pessoas devem aprender a nova lei não escrita pela experiência dolorosa. A influência embrutecida desse mundo anômalo de conceitos finaliza o trabalho, e o senso comum demanda cuidado e resistência.

Isso é seguido por um choque que parece tão trágico quanto assustador. Algumas pessoas de cada grupo social, sejam miseráveis abusados ou um desconhecido de todo mundo, começam repentinamente a alterar sua personalidade e sua visão de mundo. Os cristãos e patriotas decentes de ontem mesmo agora sustentam a nova ideologia e se comportam de forma desdenhosa com qualquer um que ainda esteja ligado aos valores antigos. Somente mais tarde se torna evidente que esse processo, que se parece ostensivamente com uma avalanche, tem seus limites naturais. Com o tempo a sociedade se torna estratificada com base em fatores totalmente diferentes das convicções políticas e ligações sociais antigas. Nós já sabemos as causas para isso.

Através do contato direto com a patocracia, a sociedade começa simultaneamente a sentir que seu verdadeiro conteúdo é diferente daquele das ideologias disseminadas anteriormente, quando o país ainda era independente. Essa divergência é um fator traumatizante, porque questiona o valor das convicções aceitas. Passam-se anos até que a mente se adapte aos novos conceitos. Quando nós, que tivemos essa experiência, viajamos para a Europa Ocidental, ou especialmente para os Estados Unidos, as pessoas que ainda acreditam nas ideologias originais, naquela máscara que foi apresentada pela patocracia, nos parecem tolas.

A patocracia imposta pela força chega de uma forma pronta, que podemos até mesmo chamar de madura. As pessoas que a observam se fechar são incapazes de distinguir

as fases anteriores de seu desenvolvimento, quando os esquizóides e os caracteropatas estavam no comando. A necessidade da existência dessas fases e suas características tiveram que ser reconstruídas no presente trabalho com base nos dados históricos.

Em um sistema imposto, o material psicopata já é dominante, percebido somente como algo contrário à natureza humana, praticamente despojado da máscara de ideologia que é cada vez menos necessária em um país conquistado, mas não obstante disfarçado pela sua incompreensibilidade para as pessoas que ainda tentam pensar nas categorias da visão de mundo natural.

Nós, de início, percebemos o sistema antigo de categorias e entendimento como sendo dolorosamente inadequado para o propósito de compreender a realidade que nos tinha inundado. As categorias objetivas essenciais que necessitávamos para classificar o que nós observávamos não puderam ser criadas até que muitos anos de esforço tivessem passado. Os indivíduos com as características deficientes estavam dispersos através da sociedade; contudo, percebiam infalivelmente que o tempo para que *seus* sonhos se tornassem realidade havia chegado, o tempo da vingança exata sobre aqueles “outros” que os haviam abusado e humilhado anteriormente. Esse processo formativo violento da patocracia durou aproximadamente oito anos ou mais e, em seguida, ocorreu uma transformação similarmente escalonada para a fase dissimulativa.

As funções do sistema, os mecanismos psicológicos e as ligações causais misteriosas em um país sobre o qual foi imposta uma estrutura quase-política são basicamente análogas àquelas do país que deu origem ao fenômeno. O sistema se espalha para baixo até alcançar cada vila e cada indivíduo humano. Os conteúdos reais e as causas internas desse fenômeno também não manifestam uma diferença

essencial, independentemente da observação ser feita em uma capital ou em uma pequena cidade afastada. Se o organismo todo está doente, o tecido da biópsia utilizado para diagnóstico pode ser coletado em qualquer ponto em que isso possa ser feito de forma mais eficaz. Aqueles que vivem em países com sistemas humanos normais tentam entender esse outro sistema por meio da imaginação, ou penetrando as paredes do Kremlin, onde presumem que as intenções das autoridades do alto escalão estão escondidas, mas não percebem que esse é um método muito oneroso e que existe um modo mais eficiente de se fazê-lo. Assim, para perceber a essência do fenômeno, nós podemos nos inserir mais facilmente em uma pequena cidade, onde é muito mais fácil observar os bastidores e analisar a natureza de um sistema desses.

Todavia, algumas das diferenças na natureza do fenômeno patocrático que existem entre o país que a originou e o país sobre o qual ela foi imposta por força acabam se tornando permanentes. O sistema sempre é visto pela sociedade que foi tomada como algo de fora, associado com outro país. A tradição histórica da sociedade e sua cultura constituem uma conexão àquelas aspirações desejadas na direção das estruturas do homem normal. As formações culturais mais maduras revelam-se, em particular, como as mais resistentes às atividades destrutivas do sistema. A nação subjugada encontra suporte e inspiração para a resistência moral e psicológica em sua própria cultura, religião e tradições morais. Esses valores, elaborados através dos séculos, não podem ser facilmente destruídos ou cooptados pela patocracia; muito pelo contrário, eles empreendem uma vida mais intensiva na nova sociedade. Esses valores vão progressivamente se purgando da bufonaria patriótica e seus conteúdos principais se tornam mais verdadeiros em seu sentido eterno. Por força da necessidade a cultura do país em

questão é mantida nas casas, em secreto, e disseminada via conspiração; no entanto, ela continua a sobreviver e a se desenvolver, criando valores que não poderiam ter surgido durante os tempos felizes.

Como um resultado, tal oposição da sociedade se torna ainda mais resistente, inclusive mais habilmente eficiente. O que ocorre é que aqueles que acreditavam poder impor tal sistema, confiando no fato de que ele iria funcionar pelos mecanismos independentes da patocracia, foram excessivamente otimistas. A patocracia imposta sempre permanece um sistema estrangeiro ao ponto de, se cair no país de sua origem, seu colapso dentro da nação subjugada seria somente uma questão de semanas.

PATOCRACIA INFECTADA ARTIFICIALMENTE E GUERRA PSICOLÓGICA

Se um núcleo desse fenômeno patológico macrossocial já existe no mundo, sempre encobrindo sua característica verdadeira por detrás da máscara ideológica de algum sistema político, ele é radiado para outras nações através de notícias codificadas, que são difíceis para as pessoas normais entenderem, mas de fácil leitura para os indivíduos psicopatas. “Esse é o lugar para nós, nós agora temos uma pátria onde nossos sonhos sobre como governar aqueles ‘outros’ podem se tornar realidade. Nós podemos finalmente viver em segurança e prosperidade”. Quanto mais poderosos forem o núcleo e a nação patocrática, mais amplo será o escopo deste chamado indutivo, ouvido pelos indivíduos cuja natureza é correspondentemente anômala, como se fossem receptores super-heteródinos[72], naturalmente sintonizados na mesma faixa de onda. Infelizmente, o que é utilizado hoje são transmissores de rádio reais de centenas de quilowatts, além de agentes secretos da patocracia interligando nosso planeta.

Seja direta ou indiretamente, isto é, por meio de “agentes” viciosos, essa chamada da patocracia, uma vez apropriadamente “enfeitada”, alcança um ciclo significativamente amplo de pessoas, incluindo tanto indivíduos com várias anomalias psicológicas como aqueles que são frustrados, privados da oportunidade de se educar e fazer uso de seus talentos, física ou moralmente ofendidos, ou simplesmente primitivos. A faixa de resposta a esse chamado pode variar em proporção, mas em nenhum lugar ela representa a maioria. Apesar de tudo, os propagandistas nativos que surgem nunca levam em consideração o fato de que eles não estão aptos para extasiar a maioria.

Os diferentes graus de resistência de várias nações a essa atividade depende de muitos fatores, tais como a

prosperidade e sua justa distribuição, o nível educacional da sociedade (especialmente o das classes mais pobres), o percentual de indivíduos que são primitivos ou que têm vários desvios e a fase atual do ciclo histérico. Algumas nações desenvolveram a imunidade como resultado de um contato mais direto com o fenômeno, algo que devemos discutir no próximo capítulo.

Em países que acabaram de emergir de condições primitivas e com falta de experiência política, uma doutrina revolucionária apropriadamente elaborada alcança o substrato autônomo da sociedade e encontra pessoas que a tratam como realidade ideativa. Isso também ocorre em nações onde uma classe governante super-egoísta defende sua posição por meio de doutrinas ingenuamente moralizantes, onde a injustiça é extrema ou onde uma intensificação do nível de histeria reprime a operação do senso comum. As pessoas que se tornaram acostumadas às palavras-chave revolucionárias, não mais observam para ter certeza de que quem está expondo tal ideologia é um adepto sincero e não simplesmente alguém que utiliza uma máscara de ideologia para esconder outros motivos derivados de sua personalidade anômala.

Adicionalmente aos propagandistas, podemos encontrar outro tipo de pregador de idéias revolucionárias, cujo status está basicamente ligado ao dinheiro que ele recebe por suas atividades. Contudo, é improvável que suas fileiras de seguidores incluam pessoas que poderiam ser caracterizadas como normais sem nenhuma reserva, com base nos critérios acima mencionados. Sua indiferença ao sofrimento humano causado por suas próprias atividades é derivada de suas deficiências em perceber o valor das ligações sociais ou de sua incapacidade de visualizar os resultados de suas atividades.

Nos processos ponerogênicos, as deficiências morais, as falhas intelectuais e os fatores patológicos se cruzam em uma rede causal de tempo-espaço, dando origem ao sofrimento individual e das nações.

Qualquer guerra travada com armas psicológicas custa somente uma fração de uma guerra clássica, mas ela realmente tem um custo, especialmente quando ocorre simultaneamente em muitos países através do mundo.

As pessoas que agem em nome dos interesses da patocracia podem executar suas atividades em paralelo, sob a bandeira de uma ideologia tradicional ou de alguma outra, ou mesmo com a assistência de uma ideologia contraditória se opondo à tradicional. Nesse último caso o serviço deve ser realizado por indivíduos cuja resposta ao chamado da patocracia é suficientemente firme, de forma a evitar que as atividades auto-sugestivas da outra ideologia que ele está utilizando enfraqueça as ligações com as suas reais expectativas de poder.

Sempre que uma sociedade contém sérios problemas sociais, também haverá algum grupo de pessoas sensíveis aspirando por melhorias na situação social, por meio de reformas enérgicas, bem como pela eliminação da causa da tensão social. Outros consideram que é sua obrigação trazer um rejuvenescimento moral para a sociedade. A eliminação da injustiça social e a reconstrução da moral do país e da civilização podem privar a patocracia de qualquer chance de domínio. *Tais reformadores e moralistas devem, por consequência, ser constantemente neutralizados pela patocracia, por meio de posições liberais ou conservadoras, palavras-chave sugestivas usadas apropriadamente e paramoralismos. Se necessário, os melhores entre eles devem ser assassinados.*

Os estrategistas da guerra psicológica devem decidir o quanto antes qual ideologia será mais eficiente em um país

particular, por causa da sua adaptabilidade às tradições de tal país. Afinal de contas, a ideologia adequadamente adaptada deve executar a função de um Cavalo de Tróia, transportando a patocracia para dentro do país. Essas várias ideologias são assim gradualmente conformadas ao plano mestre original, próprio de cada um. Por último, vem a máscara.[73]

No tempo certo os guerrilheiros locais são organizados e armados, com recrutas selecionados nas localidades insatisfeitas. A liderança é provida de oficiais treinados, familiarizados tanto com a idéia secreta como também com a idéia operativa concebida para propagação no país em questão. A assistência deve então ser dada, de modo que os grupos de conspiradores que aderiram à ideologia concebida possam aplicar um golpe de estado, através do qual um governo mão-de-ferro é instaurado. Uma vez que isso tenha acontecido, as atividades guerrilheiras dos subversivos são encerradas – eles são feitos para serem bodes expiatórios – de forma que as novas autoridades possam receber o crédito de terem trazido a paz interna. Qualquer vagabundo que não possa ou não queira se submeter aos novos decretos é "gentilmente" convidado a vir à frente do seu antigo líder e então baleado atrás da cabeça. Essa é a nova realidade.

Essa é a forma como os sistemas governamentais são gerados. Uma rede de fatores ponerogênicos patológicos já está ativa, assim como o papel inspirador da psicopatia essencial. Contudo, isso ainda não representa um quadro completo da patocracia. Muitos líderes locais e adeptos persistem nas convicções originais que, embora radicais, chegam a eles como uma possibilidade de fazer o bem a uma proporção muito maior de pessoas abusadas anteriormente, e não somente a um pequeno percentual de patocratas e seus interesses em um suposto império mundial.

Os líderes locais continuam a pensar dentro das categorias da revolução social, apelando para os objetivos políticos nos

quais verdadeiramente acreditam. Eles exigem que o "poder amigável" os forneça não somente a assistência prometida, mas também uma certa medida de autonomia que consideram crucial. Eles não são suficientemente familiarizados com os mistérios da dicotomia "nós-e-eles". Ao mesmo tempo, eles são instruídos e ordenados a se submeterem às sentenças de embaixadores duvidosos, cujos significado e proposta são difíceis de entender. A frustração e as dúvidas então crescem; sua natureza é ideológica, nacionalista e prática.

O conflito aumenta progressivamente, especialmente quando círculos amplos da sociedade começam a duvidar se aqueles pessoas, que agem supostamente em nome de alguma grande ideologia, realmente acreditam nela. Graças à experiência e ao contato com a nação patocrática, círculos semelhantemente amplos aumentam simultaneamente seu conhecimento prático sobre a realidade e sobre os métodos de comportamento desse sistema. Caso tal semi-colônia alcance muita independência, ou mesmo decida desertar, muito dessa informação pode alcançar a consciência dos países dos homens normais. Isso poderia representar uma grave derrota para a patocracia.

Um controle cada vez maior é assim necessário, até que a patocracia total seja alcançada. Esses líderes, que as autoridades centrais consideram ser efetivamente de transição, podem ser eliminados, a menos que mostrem um grau de submissão suficiente. As condições geopolíticas são geralmente decisivas nessa área. Isso explica porque é mais fácil para tais líderes sobreviverem em uma ilha afastada do que em países que fazem fronteira com o Império. Caso tais líderes tentem manter um grau elevado de autonomia pela *ocultação* de suas dúvidas, eles podem ser capazes de tirar vantagem de sua posição geopolítica, se as condições forem favoráveis.

Durante essa fase de crise de confiança, uma política de prudência por parte dos países dos homens normais pode ainda inclinar o fiel da balança para o lado de uma estrutura possivelmente revolucionária e esquerdista, mas não patocrática. Contudo, essa não é a única consideração faltante; uma outra primordial é a falta de conhecimento objetivo sobre o fenômeno, algo que tornaria tal política possível. *Fatores emocionais, junto com uma interpretação moralizante do fenômeno patológico, freqüentemente têm um papel muito grande na tomada de decisão política*.

Nenhuma patocracia inteiramente madura pode se desenvolver *antes de uma segunda revolta e da eliminação dos líderes de transição* que não foram suficientemente leais a ela. Essa é a alternativa ao confronto direto com os adeptos verdadeiros da ideologia inserida na gênese da patocracia original, que pode ser implementada devido à imposição de líderes apropriados e pela atividade desses mecanismos ponerogênicos autônomos do fenômeno.

Depois do período inicial de governo – período brutal, sangrento e psicologicamente ingênuo – tal patocracia inicia sua transformação para sua forma dissimulativa, que já foi descrita na discussão da gênese do fenômeno, e na patocracia imposta pela força. *Durante esse período nem mesmo a política externa mais habilidosa tem a possibilidade de minar a existência de tal sistema*. O período de fraqueza ainda está por vir: quando uma rede poderosa da sociedade das pessoas normais estiver formada.

A descrição acima detalhada sobre a imposição infecciosa da patocracia mostra que esse processo repete todas as fases da ponerogênese independente, *condensadas no tempo e no conteúdo*. Sob o governo pregresso de seus administradores incompetentes nós podemos até mesmo discernir um período de hiperatividade da parte dos indivíduos esquizóides, hipnotizados pela visão de seu próprio governo

baseado no desprezo pela natureza humana, especialmente se eles são numerosos dentro de um dado país. Eles não percebem que a patocracia nunca irá fazer com que os seus sonhos se realizem. Pelo contrário, ela os jogará para as sombras, uma vez que os indivíduos com os quais já estamos familiarizados se tornarão os líderes.

Uma patocracia assim gerada será mais fortemente gravada sobre um país subjugado do que uma imposta por força. Ao mesmo tempo, contudo, ela mantém certas características de seu conteúdo divergente, algumas vezes referido como "ideológico", embora de fato seja um derivado de um diferente substrato etnológico sobre o qual o enxerto foi realizado. Caso condições como a plenitude numérica de uma nação, sua grande extensão, ou seu isolamento geográfico permitam a independência da nação patocrática principal, os fatores mais moderados e a sociedade das pessoas normais encontrarão assim um meio de influenciar o sistema de governo, tirando vantagem da oportunidade fornecida pela fase dissimulativa. Na presença de condições favoráveis e de uma assistência habilidosa de fora, isso pode levar a uma "depatologização" progressiva do sistema.

O caminho para compreender os conteúdos reais do fenômeno e sua causalidade interna somente pode ser aberto pela superação dos reflexos e emoções naturais e da tendência em direção a interpretações moralistas, seguida pela coleta de dados elaborados no difícil cotidiano do trabalho clínico, e suas generalizações subsequentes na forma de ponerologia teórica. Tal compreensão também abrange naturalmente aqueles que criariam tais sistemas desumanos.

O problema da determinação biológica do comportamento das pessoas com desvios é então esboçado em toda a sua expressividade, mostrando principalmente o quanto sua capacidade para julgamentos morais e seu campo de seleção de comportamento é estreito, bem abaixo dos níveis disponíveis a uma pessoa normal. A atitude de compreensão, mesmo de um inimigo, é a mais difícil para nós humanos. A condenação moral mostra-se como um obstáculo ao longo do caminho de cura dessa doença no mundo.

Um resultado do caráter do fenômeno descrito nesse capítulo é que nenhuma tentativa de entender sua natureza ou de rastrear suas ligações causais internas e transformações diacrônicas seria possível se tudo o que nós tivéssemos à nossa disposição fosse a linguagem natural dos conceitos psicológicos, sociais e morais, mesmo na forma parcialmente aprimorada utilizada pelas ciências sociais. Também seria impossível predizer as fases subsequentes no desenvolvimento desse fenômeno ou de distinguir seus momentos e pontos de enfraquecimento para fins de reação.

A elaboração de uma linguagem conceitual adequada e suficientemente compreensível foi assim identificada como essencial; ela requereu mais tempo e esforço do que somente estudar o fenômeno. Tornou-se necessário entediar um

pouco os leitores com a introdução a essa linguagem conceitual de uma forma que fosse parcimoniosa e também adequada, e que seria ao mesmo tempo compreensível para aqueles leitores não treinados na área de psicopatologia.

Qualquer um que queira consertar uma televisão, em vez de piorar a situação, deve antes se familiarizar com a eletrônica, que também está além do espectro coberto pela linguagem conceitual natural. Contudo, após aprender a compreender esse fenômeno macrossocial no sistema de referência correspondente, um cientista pode se maravilhar por um tempo, como se estivesse frente à tumba aberta de Tutancâmon, até que esteja apto a entender as leis da vida do fenômeno com uma velocidade e habilidades sempre mais rápidas, e assim complementar sua compreensão com uma matriz enorme de dados detalhados.

A primeira conclusão que aparece logo depois do encontro com o “professor” introduzido no começo desse livro, é de que o desenvolvimento do fenômeno é limitado pela natureza nos termos da participação dos indivíduos suscetíveis dentro de uma dada sociedade. A avaliação inicial de aproximadamente 6% de indivíduos receptivos mostra-se realista; dados estatísticos progressivamente detalhados, combinados a posteriori, não foram capazes de refutar essa informação. Esse valor varia de país para país em torno de um ponto percentual para cima ou para baixo. Quantitativamente falando, esse número é estratificado em 0,6% de psicopatas essenciais, ou seja, aproximadamente um décimo dos 6%. Contudo, essa anomalia tem um papel desproporcional quando comparada com os números de saturação do fenômeno como um todo, com sua qualidade própria de pensamento e experiência.

Outras psicopatias, conhecidas como astênicas, esquizoidais, anancásticas, histéricas etc., vêm definitivamente na segunda colocação, embora na soma

sejam muito mais numerosas. Indivíduos skirtóides primitivos tornam-se companheiros de viagem, movidos por sua luxúria pela vida, mas suas atividades são limitadas por consideração às suas próprias vantagens. Nas nações não-semitas, os esquizóides são um pouco mais numerosos do que os psicopatas essenciais; embora sejam muito ativos nas fases iniciais da gênese do fenômeno, eles revelam uma atração pela patocracia bem como uma distância racional do pensamento eficiente. Assim, eles são esmagados entre tal sistema e a sociedade das pessoas normais.

As pessoas que não são nitidamente inclinadas em direção à patocracia incluem aquelas afetadas por alguns estados causados pelas atividades tóxicas de certas substâncias tais como éter, *monóxido de carbono,* e possivelmente algumas endotoxinas, *sob a condição de que isso tenha ocorrido na infância*.

Entre os indivíduos portadores de outras indicações de danos no tecido cerebral, somente dois tipos descritos têm, de certa forma, uma inclinação medida, a saber, o caracteropata frontal e o paranóico. No caso do caracteropata frontal, isso é principalmente o resultado de uma incapacidade para a reflexão auto-crítica e para deixar o beco sem saída no qual entrou sem pensar. Os caracteropatas paranóicos esperam o apoio sem críticas dentro de tal sistema. Em geral, contudo, os portadores de vários tipos de danos do tecido cerebral se inclinam claramente na direção da sociedade das pessoas normais e, como um resultado dos seus problemas psicológicos, em última análise, sofrem até mais que as pessoas saudáveis sob a patocracia.

Também foi descoberto que os portadores de algumas *anomalias fisiológicas* conhecidas pelos médicos e também por psicólogos – e que são principalmente de natureza hereditária – manifestam tendências similares aos esquizóides. De um jeito parecido, as pessoas cuja natureza foi desafortunadamente selada por uma vida curta e por uma

morte prematura relacionada ao câncer indicam uma atração irracional e característica por esse fenômeno. Essas observações posteriores foram decisivas em minha decisão de chamar o fenômeno pelo seu nome, o que originalmente havia me soado excessivamente frouxo. A resistência decrescente de um indivíduo aos efeitos da patocracia e sua atração a esse fenômeno parecem ser uma *resposta holística do organismo da pessoa* e não somente de sua maquiagem psicológica.

Aproximadamente 6% da população constituem a estrutura ativa desse novo domínio, que carrega sua consciência peculiar de seus próprios objetivos. O dobro desse quantia de pessoas constitui um segundo grupo: aqueles que tiveram que gerenciar a deformação de suas personalidades para atender às demandas da nova realidade. Isso leva a atitudes que já podem ser interpretadas dentro das categorias de visão de mundo psicológico natural, ou seja, os erros que nós cometemos são muito menores. É lógico que não é possível desenhar um limite exato entre esses grupos; a separação exemplificada aqui é meramente descritiva em natureza.

Esse segundo grupo consiste de indivíduos que são, na média, mais fracos, mais doentes e menos vitais. A frequência de doenças mentais conhecidas nesse grupo é o dobro da média nacional. Nós podemos então assumir que a gênese dessa atitude submissa em direção ao regime, sua maior susceptibilidade aos efeitos patológicos e seu oportunismo leviano incluem várias anomalias relativamente não palpáveis. Nós observamos não somente as anomalias psicológicas, mas também os tipos descritos acima na mais baixa intensidade, com exceção da psicopatia essencial.

O grupo dos 6% constitui a nova nobreza; o grupo dos 12% forma gradualmente a nova burguesia, cuja situação econômica é a mais vantajosa. A adaptação às novas

condições, não sem conflitos de consciência, transforma esse último grupo tanto em trapaceiros como, simultaneamente, em intermediários entre a sociedade opositora e o grupo ponerológico ativo, com quem eles conseguem conversar usando uma linguagem adequada. Eles representam um papel crucial dentro do sistema, que ambos os lados devem levar em consideração. Uma vez que suas capacidades técnicas e habilidades são melhores que aquelas do grupo patocrático ativo, eles assumem várias posições gerenciais. As pessoas normais os enxergam como pessoas de quem eles podem se aproximar, geralmente sem estarem sujeitas à arrogância patológica.

Por isso é que somente 18% da população do país é a favor do novo sistema de governo; mas em relação à camada que nós chamamos de nova burguesia, devemos ainda ficar em dúvida acerca da sinceridade em suas atitudes. Essa é a situação na pátria do autor. Essa proporção pode ser estimada de forma variada em outros países, de 15% na Hungria até 21% na Bulgária, mas nunca é mais do que uma minoria relativamente pequena.

A grande maioria da população forma a sociedade das pessoas normais, criando gradualmente uma rede de comunicação informal. Cabe a nós nos perguntarmos por que essas pessoas rejeitam as vantagens que a conformidade com o sistema proporciona, preferindo conscientemente o papel de oposição: pobreza, assédio e diminuição das liberdades humanas. Que ideais as motivam? Isso é apenas um tipo de romantismo representando ligações à tradição e à religião? Apesar de que muitas pessoas com educação religiosa mudam seu ponto de vista para o dos patocratas muito rapidamente. O próximo capítulo é dedicado a essa questão.

Para o momento, vamos nos limitar a declarar que uma pessoa com um substrato instintivo humano normal, uma boa inteligência básica e faculdades completas do

pensamento crítico teria dificuldade em aceitar tal compromisso; isso devastaria sua personalidade e geraria neurose. Ao mesmo tempo, tal sistema facilmente as distingue e as separa de seus semelhantes, apesar de suas hesitações esporádicas. *Nenhum método de propaganda pode mudar a natureza desse fenômeno macrossocial ou a natureza de um ser humano normal. Eles permanecem estranhos uns para os outros.*

A subdivisão descrita acima em três seções não deve ser identificada com a adesão a qualquer partido, que oficialmente é ideológica, mas na realidade é patocrática. Tal sistema contém muitas pessoas normais forçadas a se associarem a tal partido sob várias circunstâncias e que devem fingir o melhor que elas puderem para se parecerem com os adeptos mais razoáveis do dito partido. Depois de um ano ou dois de instruções obtusamente executadas, elas começam a se tornar independentes e restabelecem os laços cortados com a sociedade. Seus amigos antigos começam a entender a essência do seu jogo duplo. Essa é a situação de um grande número de adeptos da ideologia antiga, que agora está cumprindo a sua função alterada. Eles também são os primeiros a protestar dizendo que esse sistema não representa verdadeiramente as crenças políticas anteriores. Nós devemos também lembrar que *as pessoas especialmente confiáveis, cuja lealdade à patocracia é uma conclusão precipitada devido à sua natureza psicológica e às funções que executam, não precisam pertencer ao partido; elas estão acima dele.*

Depois que uma estrutura patocrática típica foi formada, a população é efetivamente dividida – polarizada – de acordo com linhas completamente diferentes do que qualquer pessoa que tenha crescido fora do alcance desse fenômeno possa imaginar, e de um modo que as condições reais sejam também de compreensão impossível para alguém que não possua treinamento essencial especializado. Contudo, um

senso intuitivo para essas causas se forma gradualmente entre a maioria da sociedade em um país afetado por esse fenômeno. Uma pessoa que cresceu em um sistema do homem normal é acostumada, desde a infância, a ver os problemas ideológicos ou econômicos em primeiro plano, possivelmente como resultado de injustiça social. Tais conceitos provaram-se ilusórios e ineficazes do modo mais trágico: o fenômeno macrossocial tem suas próprias propriedades e leis que podem somente ser estudadas e compreendidas dentro de categorias apropriadas.

Contudo, ao deixar para trás o nosso antigo método de compreensão e aprendizado naturais para rastrear a causalidade interna do fenômeno, nós nos admiramos com a exatidão surpreendente com que esse último se torna sujeito às suas próprias leis regulares. Em relação aos indivíduos, há sempre um escopo maior de individualismo e de influências ambientais. Na análise estatística, esses fatores variáveis desaparecem e as características essenciais constantes vêm à tona. A totalidade é assim claramente sujeita à determinação causal. Isso explica a facilidade relativa de transição do estudo das causas para a predição das mudanças futuras do fenômeno. Em tempo, a adequação do conhecimento coletado foi confirmada pela precisão dessas predições.

Vamos agora levar em consideração os casos individuais. Por exemplo: nós encontramos duas pessoas cujo comportamento nos faz suspeitar de que sejam psicopatas, mas suas atitudes em relação ao sistema patocrático são bem diferentes: a primeira é afirmativa, a segunda dolorosamente crítica. Os estudos à base de testes de detecção de danos no tecido cerebral indicarão a patologia na segunda pessoa, mas não na primeira; no segundo caso, nós estamos lidando com um comportamento que pode ser fortemente reminiscente da psicopatia, mas de substrato diferente.

Se um portador de gene de psicopatia essencial foi membro do partido do governo decididamente anticomunista antes da guerra, ele será tratado como “inimigo ideológico” durante o período de formação da patocracia. Contudo, ele parece logo encontrar um *modus vivendi* com as novas autoridades e aprecia uma certa quantidade de tolerância. O momento em que ele se transforma em um adepto da nova “ideologia” e encontra o caminho de volta para o partido governante depende apenas de tempo e circunstância.

Se a família de um patocrata zeloso típico produz um filho que não herda o gene apropriado, graças a uma coincidência genética feliz (ou por ter nascido de um parceiro biopsicologicamente normal), tal filho será criado na organização juvenil correspondente, fiel à ideologia e ao partido, ao qual ele se filiará bem cedo. Pela idade madura, contudo, ele começará a se inclinar em direção à sociedade das pessoas normais. A oposição, aquele mundo que sente e pensa normalmente, torna-se cada vez mais próxima dele; ali ele se encontra e descobre um conjunto de valores desconhecidos – embora familiares – para ele. Um conflito surge eventualmente entre ele e sua família, o partido e o ambiente, sob condições que podem ser mais ou menos dramáticas. Isso começa com declarações críticas e com a escrita de apelos particularmente ingênuos solicitando mudanças no partido, na direção do senso comum saudável, é claro. Tais pessoas começam finalmente a lutar ao lado da sociedade, suportando sacrifícios e sofrimento. Outros decidem abandonar seu país de nascença e viver em terras estrangeiras, sozinhos entre pessoas que não podem entendê-los ou entender os problemas sob os quais foram criados.

Em relação ao fenômeno como um todo, pode-se predizer suas propriedades primárias e os processos de mudança, e estimar o tempo em que irão ocorrer. Sem levar em

consideração a sua gênese, nenhuma ativação patocrática da população de um país afetado por esse fenômeno pode exceder os limites discutidos acima, que são determinados pelos fatores biológicos.

O fenômeno se desenvolverá de acordo com os padrões que já descrevemos, corroendo cada vez mais profundamente o tecido social do país. O partido único patocrático resultante se divide logo de início: uma ala é consistentemente patológica e recebe apelidos tais como "doutrinários", "cabeças-duras", "brutos" etc. A segunda é considerada mais liberal e, de fato, esse é o lugar no qual o eco da ideologia original permanece vivo por mais tempo. Os representantes dessa segunda ala tentam, no máximo que seus poderes limitados permitem, dobrar essa estranha realidade na direção mais receptiva à razão humana, e não perdem totalmente o contato com as ligações da sociedade. A primeira crise interna de fraqueza ocorre por volta de dez anos depois que o sistema emergiu. Como resultado, a sociedade das pessoas normais ganha um pouco mais de liberdade. Durante esse período de tempo, uma ação externa habilidosa já pode contar com a cooperação interna.

A Patocracia corrói o organismo social inteiro, destruindo suas habilidades e poder.

Os efeitos da ala mais ideológica do partido e sua influência vivificante sobre os trabalhos do país como um todo são gradualmente enfraquecidos. Os patocratas típicos assumem todas as funções gerenciais na estrutura totalmente destruída de uma nação. Tal estado deve ser de curto prazo, uma vez que nenhuma ideologia pode vivificá-lo. Chega o tempo em que a massa das pessoas comuns querem viver como seres humanos novamente e o sistema não pode resistir por muito tempo. Não haverá uma grande contra-revolução. Em vez disso, um processo mais ou menos tempestuoso de regeneração se sucederá.

A patocracia é menos um sistema econômico do que uma estrutura social ou sistema político. É um processo de doença macrossocial que afeta nações inteiras e segue o curso de suas propriedades patodinâmicas características. O fenômeno muda muito rapidamente no tempo, tornando difícil compreendê-lo em categorias que implicariam uma certa estabilidade, não descartando os processos evolutivos aos quais os sistemas sociais estão sujeitos. Qualquer maneira de compreender o fenômeno pela imputação de certas propriedades duradouras ao mesmo faz que percamos de vista, rapidamente, seus conteúdos atuais. A dinâmica da transformação no tempo é parte da natureza do fenômeno; não nos é possível alcançar a compreensão desde fora de seus parâmetros.

Enquanto continuarmos utilizando métodos para compreender esse fenômeno patológico, os quais aplicam certas doutrinas políticas cujos conteúdos são heterogêneos em relação à sua natureza verdadeira, não seremos capazes de identificar as causas e as propriedades da doença. Uma ideologia bem preparada conseguirá mascarar as qualidades essenciais das mentes dos cientistas, políticos e pessoas comuns. Em tal estado de coisas, nós jamais elaboraremos qualquer método causativamente ativo que possa reprimir a auto-reprodução patológica do fenômeno ou suas influências expansionistas externas. *Ignota nulla curatio morbi!*

Contudo, uma vez que entendemos os fatores etiológicos da doença e suas atividades, bem como a patodinâmica de suas mudanças, nós descobrimos que a busca por um método de cura se torna geralmente muito mais fácil. Algo similar se aplica em relação aos fenômeno macrossocial patológico discutido acima.

---

69 O psiquiatra austríaco Alfred Adler defendia que em conexão com o sentimento de humilhação, pode ser observada uma hipersensibilidade que afeta o equilíbrio normal da psique, fazendo que o indivíduo busque nas mais

exacerbadas fantasias, uma libertação do complexo de inferioridade no qual se vê absorto. Imagina-se, portanto, um herói, um incompreendido, um perseguido, enfim, algo que o possa levar a um sentimento de superioridade – NT.

70 Peter Jacob Frostig (1896-1959) foi professor na Universidade King John Kasimir, em Lwou, hoje Ucrânica. Eu utilizei o seu manual *Psychiatria*. A Polônia estava então sob uma patocracia e seus trabalhos foram removidos das bibliotecas públicas por serem "ideologicamente inadequados" – NT.

71 Os escritos aos quais o autor se refere são os *Protocolos dos Sábios de Sião*, um plano de dominação mundial falsamente atribuído aos judeus. Até hoje há dúvidas sobre a origem desse documento, mas alguns especialistas acham provável que ele tenha sido produzido sob as ordens de Pyotr Rachovsky, chefe da Divisão Estrangeira da Polícia Secreta Russa na época do czar Nicolau II, para justificar uma perseguição aos judeus na Rússia – NT.

72 O receptor super-heteródino usa mistura de frequências para converter um sinal recebido numa frequência fixa intermediária (IF), que pode ser mais convenientemente processada do que a frequência rádio portadora original.

73 Esta abordagem é detalhadamente explicada por Yuri Bezmenov (Tomas David Schuman) em entrevista concedida a G. Edward Griffin, disponível em vídeos na internet – NT.

PESSOAS NORMAIS SOB O DOMÍNIO PATOCRÁTICO

Como exemplificado acima, a anomalia distinguida como psicopatia essencial inspira o fenômeno todo em uma patocracia bem desenvolvida e traz analogias biológicas com o fenômeno conhecido como Daltonismo, ou incapacidade de ver cores em relação ao verde e ao vermelho. Com o objetivo de um exercício intelectual, vamos imaginar que os daltônicos tivessem conseguido tomar o poder em algum país e tivessem proibido os cidadãos de distinguirem essas cores, eliminando a distinção entre os tomates verdes e os tomates maduros. Inspetores especiais de vegetais, armados com pistolas e piquetes, iriam patrulhar as áreas para ter certeza que os cidadãos não estão selecionando somente tomates maduros para pegar, o que indicaria que eles estariam distinguindo entre o verde e o vermelho. Tais inspetores não poderiam, é claro, ser eles mesmos totalmente daltônicos (caso contrário eles não poderiam exercer esta função extremamente importante). Eles não poderiam sofrer mais do que uma miopia em relação a essas cores. Contudo, eles teriam que pertencer ao grupo de pessoas que ficam nervosas em qualquer discussão sobre cores.

Com tais autoridades próximas, os cidadãos podem até mesmo concordar em comer um tomate verde e afirmar de maneira totalmente convincente que está maduro. Mas uma vez que os rígidos inspetores partam para algum outro jardim distante, existirá uma chuva de comentários que não convém a mim reproduzir em um trabalho científico. Os cidadãos

pegariam os tomates vermelhinhos, fariam uma salada com molho e adicionariam algumas gotas de rum para dar sabor.

Eu posso prenunciar que todas as pessoas normais, cujo destino as obrigou viver sob um governo patocrático, serviriam uma salada de acordo com a receita acima como um costume simbólico. Qualquer convidado que reconhecesse o símbolo por sua cor e aroma se absteria de fazer quaisquer comentários. Tal costume poderia apressar a reinstalação de um sistema do homem normal.

As autoridades patológicas estão convencidas de que os meios pedagógicos apropriados, as doutrinações, a propaganda e o terrorismo podem ensinar uma pessoa que possui um substrato instintivo normal, uma cadeia de sentimentos e uma inteligência básica, a pensar e sentir de acordo com o seu próprio costume diferente. Esta convicção é somente um pouco menos irreal, psicologicamente falando, do que a crença de que as pessoas capazes de ver as cores podem normalmente ter esse hábito quebrado.

Na verdade as pessoas normais não podem se desfazer das características com as quais a espécie *homo sapiens* foi provida pelo seu passado filogenético. Tais pessoas nunca irão parar de sentir e de perceber os fenômenos psicológicos e sócio-morais do mesmo modo que seus ancestrais têm feito por centenas de gerações. Qualquer tentativa de fazer com que a sociedade subjugada pelo fenômeno acima "aprenda" esse modo diferente experimental imposto pelo egotismo patológico está, em princípio, fadada ao fracasso, independentemente de quantas gerações isso dure. Ela traz, no entanto, uma série de resultados psicológicos inapropriados, que podem dar aos patocratas a aparência de sucesso. Contudo, também provoca a elaboração de medidas de autodefesa detalhadas e bem pensadas pela sociedade, baseadas nos seus esforços cognitivos e criativos.

A liderança patocrática acredita que pode atingir um estado onde as mentes daquelas “outras” pessoas se tornem dependentes através dos efeitos da sua personalidade, dos meios pedagógicos pérfidos, dos meios de desinformação da massa e do terror psicológico; tal destino tem um significado básico para eles. No seu mundo conceitual, os patocratas consideram praticamente auto-evidente que os “outros” devem aceitar seu modo óbvio, realista e simples de apreender a realidade. Por alguma razão misteriosa, no entanto, os “outros” se esquivam, caem fora e contam piadas entre si sobre os patocratas. Alguém deve ser responsabilizado por isso: os velhos pré-revolucionários ou alguma estação de rádio no exterior. Torna-se assim necessário melhorar a metodologia de ação, encontrando “engenheiros de almas” melhores, com um certo talento literário, e *isolando a sociedade da literatura imprópria e de qualquer influência estrangeira*. Essas experiências e intuições sussurrando que isso é um trabalho de Sísifo[74] devem ser reprimidas do campo de consciência do patocrata.

O conflito é dramático para ambos os lados. O primeiro sente-se insultado na sua humanidade, tornado obtuso e forçado a pensar de forma contrária ao senso comum saudável. O outro reprime a premonição de que sua meta não pode ser atingida e que, cedo ou tarde, as coisas se reverterão para o governo do homem normal, incluindo sua falta de compreensão vingativa das personalidades patocráticas. Assim, se isso não funciona, é melhor não pensar sobre o futuro e somente prolongar o *status quo* por meio dos esforços mencionados. Ao final desse livro será conveniente para nós considerar as possibilidades para desatar esse nó górdio.

Contudo, tal sistema pedagógico, repleto de limitações e egotizações patológicas, produz resultados seriamente negativos, especialmente para aquelas gerações que

desconhecem outra condição de vida. O desenvolvimento da personalidade é empobrecido, particularmente em relação aos valores mais sutis, amplamente aceitos nas sociedades. Nós observamos a falta de respeito característica para com o próprio organismo e a voz instintiva e natural, acompanhada pela brutalização de sentimentos e hábitos, que é explicada pela desculpa da injustiça. A tendência de ser moralmente julgador na interpretação do comportamento daqueles que causam o sofrimento de alguém algumas vezes leva a uma visão de mundo demonológica. Ao mesmo tempo, a adaptação e a desenvoltura dentro dessas condições diferentes se tornam um objeto de cognição.

Uma pessoa, que tenha sido objeto do comportamento egotista de indivíduos patológicos por um longo período, fica saturada com seu material psicológico característico em tal extensão que podemos freqüentemente discernir os tipos de anomalias que a afetaram. As personalidades de ex-internos de campos de concentração são saturadas geralmente com o material psicológico ingerido dos comandantes do campo e dos torturadores, criando um fenômeno tão comum que, posteriormente, torna-se o motivo principal da busca por psicoterapia. O fato de estarem cientes disso faz com que seja mais fácil para eles livrar-se desse fardo e reestabelecer o contato com o mundo humano normal. Em particular, ter à disposição dados estatísticos apropriados relacionados ao aparecimento da psicopatia em uma dada população *facilita* a busca destas pessoas pelo entendimento de seus anos de pesadelo e a reconstrução da confiança em seus semelhantes.

Esse tipo de psicoterapia poderia ser extremamente útil para aquelas pessoas que mais necessitam, mas infelizmente ele se mostrou muito arriscado para o psicoterapeuta. Os pacientes facilmente fazem transferências conectivas, lamentavelmente corretas na maioria das vezes, entre a informação aprendida durante tal terapia (particularmente na

área da psicopatia) e a realidade que os cerca sob um governo então chamado de "democracia popular". Os ex-internos dos campos são infelizmente incapazes de manter o segredo, o que causa a intervenção por parte das autoridades políticas.

Quando os soldados americanos retornaram dos campos de prisioneiros norte-vietnamitas, muitos deles mostraram ter sido sujeitos à doutrinação e a outros métodos de influência por material patológico. Um certo grau de transpersonificação apareceu em muitos deles. Nos Estados Unidos isso foi chamado de "programação", e psicoterapeutas excelentes passaram a fazer terapia com o objetivo de desprogramá-los. O que aconteceu foi que eles *se depararam com oposição e com comentários críticos* em relação às suas habilidades, dentre outras coisas. Quando eu ouvi sobre isso, respirei fundo e pensei: meu Deus, que interessante seria esse trabalho para um psicoterapeuta que entende bem de tais assuntos.

O mundo patocrático, o mundo do egotismo e do terror patológicos, é tão difícil de ser entendido pelas pessoas educadas longe da abrangência desse fenômeno que elas freqüentemente se manifestam como crianças ingênuas, mesmo que tenham estudado psicopatologia e que sejam psicólogos por profissão. Não há nenhum dado real em seu comportamento, conselho, repreensão e psicoterapia. Isso explica porque os seus esforços são entediantes e dolorosos e, com frequência, não dão em nada. Seu egotismo transforma sua boa vontade em resultados ruins.

Se alguém tiver experimentado pessoalmente tal realidade atemorizante, considerará as pessoas que não progrediram no entendimento desta, dentro do mesmo período de tempo, como simplesmente presunçosos e algumas vezes até maliciosos. No curso de sua experiência e contato com esse fenômeno macrossocial ele coletou uma certa quantidade de conhecimento prático sobre o fenômeno e sua psicologia, e

aprendeu a proteger sua própria personalidade. Essa experiência, rejeitada sem a menor cerimônia pelas "pessoas que não entendem nada", torna-se um fardo psicológico para ele, forçando-o a viver dentro de um círculo estreito de pessoas cujas experiências foram similares. Tal pessoa deveria, ao contrário, ser tratada como portadora de um dado científico valioso; entender constituiria ao menos uma psicoterapia parcial para ele, e simultaneamente abriria a porta para a compreensão da realidade.

Eu gostaria aqui de lembrar aos psicólogos que esses tipos de experiência e seus efeitos destruidores sobre a personalidade humana não são desconhecidos da prática e experiência científica. Nos encontramos freqüentemente com pacientes que necessitam da assistência adequada: indivíduos que cresceram sob a influência de personalidades patológicas, especialmente psicopatas, que foram forçados pelo egotismo patológico a aceitar um modo de pensamento anormal. Mesmo uma determinação aproximada do tipo de fatores patológicos que operaram nestas pessoas nos permite apontar medidas psicoterapêuticas. Na prática, nós encontramos freqüentemente mais casos onde tal situação patológica operou na personalidade do paciente durante a primeira infância, e por causa disso devemos utilizar medidas de longo prazo e trabalhar muito cuidadosamente, utilizando várias técnicas, de forma a ajudá-lo a desenvolver sua verdadeira personalidade.

As crianças que vivem sob o domínio patocrático dos pais são "protegidas" até a idade escolar. Então elas se encontram com pessoas normais, decentes, que tentam limitar a influência destrutiva tanto quanto possível. Os efeitos mais intensos ocorrem durante a adolescência e no período de tempo posterior, de maturação intelectual, a qual pode ocorrer com informações fornecidas por pessoas decentes. Isso resgata a sociedade das pessoas normais de deformações

mais profundas no desenvolvimento da personalidade e de uma neurose generalizada. Esse período permanece dentro da memória persistente e, portanto, passível de introspecção, reflexão e desilusão. A psicoterapia para essas pessoas consistiria quase exclusivamente da utilização do conhecimento correto da essência do fenômeno.

Independentemente da escala social dentro da qual os indivíduos humanos foram educados forçosamente por pessoas patológicas, seja ela individual, grupal, social ou macrossocial, os princípios da ação psicoterapêutica serão similares e devem se basear em dados conhecidos por nós e num entendimento da situação psicológica. Fazer com que o paciente fique ciente dos tipos de fatores patológicos que o afetaram e compreender juntamente os resultados de tais efeitos é básico para tal terapia. Nós não utilizamos esse método se, em um caso individual, tivermos indicações de que o paciente herdou esse fator. Contudo, tais limitações não deveriam ser consistentes em relação a fenômenos macrossociais que afetaram o bem estar de nações inteiras.

Se uma pessoa com um substrato instintivo normal e uma inteligência básica já ouviu ou leu sobre tais sistemas cruéis de governo autocrático “baseados em uma ideologia fanática”, ela sente que já tem uma opinião formada sobre o assunto. Contudo, a confrontação direta com o fenômeno, inevitavelmente, produziria nela um sentimento de impotência intelectual. Todas as suas imaginações anteriores se mostrariam praticamente inúteis; elas explicam quase nada. Isso provoca uma sensação persistente de que ela e a sociedade em que foi educada são bastante ingênuas.

Qualquer pessoa capaz de aceitar esse amargo vazio com a consciência de sua própria ignorância, o que faria com que um filósofo ficasse orgulhoso, pode também encontrar um caminho de orientação dentro desse mundo anômalo. Contudo, proteger egotisticamente a sua visão de mundo da desilusão desintegrativa e tentar combinar isso com observações dessa nova realidade divergente, somente leva ao caos mental. Isso tem produzido conflitos desnecessários e desilusão com o novo governo em algumas pessoas; outros têm se subordinado à realidade patológica. Uma das diferenças observadas entre uma pessoa normalmente resistente e alguém que se submeteu à transpersonificação é que aquela está mais capacitada para sobreviver ao vácuo cognitivo desintegrativo, enquanto esta preenche o vazio com material de propaganda patológica sem controles suficientes.

Quando a mente humana entra em contato com essa nova realidade, tão diferente de quaisquer experiências encontradas por uma pessoa que cresceu em uma sociedade dominada por pessoas normais, ela libera sintomas de choque psicofisiológico no cérebro humano com um tônus mais elevado de inibição do córtex e uma repressão de sentimentos, que algumas vezes jorram incontrolavelmente. A mente, então, trabalha mais lentamente e com menor

intensidade porque os mecanismos associativos se tornaram ineficientes. Principalmente, quando uma pessoa tem contato direto com os representantes psicopatas do novo regime, que utilizam sua experiência específica para traumatizar as mentes dos “outros” com suas próprias personalidades, a mente de tal pessoa sucumbe para um estado catatônico de curto prazo. Suas técnicas arrogantes e humilhantes, paramoralizações brutais e assim por diante, anestesiam os processos de pensamento e as capacidades de autodefesa da pessoa, e seu método de experiência divergente se ancora na mente da pessoa. Na presença desse tipo de fenômeno, qualquer avaliação moralizante do comportamento de uma pessoa em tal situação torna-se assim imprecisa, na melhor das hipóteses.

Somente quando esses estados psicológicos desagradáveis e inacreditáveis passaram, graças ao descanso na companhia de pessoas benevolentes, é possível refletir, o que é sempre um processo doloroso e difícil, ou ficar ciente de que a mente e o senso comum foram enganados por *alguma coisa que não se encaixa na imaginação humana normal*.

O homem e a sociedade se sustentam por um longo caminho de experiências desconhecidas que, depois de muito experimento e terror, finalmente levam a um certo conhecimento hermético de quais são as características do fenômeno e de qual é a melhor forma de estabelecer uma resistência psicológica a ele. Especialmente durante a fase dissimulativa, que torna possível a adaptação à vida nesse mundo diferente e assim providencia condições de vida mais toleráveis. Nós estaremos, então, capacitados a notar os fenômenos psicológicos, o conhecimento, a imunização e a adaptação, como não poderia ter sido feito antes, e de um modo que não pode ser entendido no mundo que permanece sob o governo dos sistemas do homem normal. Uma pessoa normal, no entanto, nunca será capaz de se adaptar

completamente ao sistema patológico; é fácil ser pessimista sobre o resultado final a que isso leva.

Tais experiências são trocadas durante discussões noturnas em um círculo de amigos, criando assim, dentro das mentes das pessoas, um tipo de conglomerado cognitivo que é inicialmente incoerente e que contém deficiências factuais. A participação de categorias morais na compreensão do fenômeno macrossocial e do modo pelo qual alguns indivíduos se comportam é proporcionalmente muito maior dentro dessa nova visão de mundo do que a participação do conhecimento científico exemplificado. A ideologia pregada oficialmente pela patocracia continua a manter seus poderes sugestivos, cada vez menores, até o momento em que a razão humana consegue controlá-los como algo subordinado, que não é descritivo da essência do fenômeno.

Os valores morais e religiosos, assim como a herança cultural de séculos das nações, fornece à maioria das sociedades o suporte para o longo caminho, tanto individual como coletivo, de busca através da floresta de fenômenos estranhos. Essa capacidade perceptiva que as pessoas possuem, dentro da estrutura de visão do mundo natural, contém uma deficiência que esconde o núcleo do fenômeno por muitos anos. Sob tais condições, tanto o instinto quanto os sentimentos, e a inteligência básica resultante, possuem papéis instrumentais, estimulando o homem a fazer escolhas que são em grande extensão subconscientes.

Sob as condições criadas pelos governos patocráticos impostos em particular, onde as deficiências psicológicas descritas são decisivas na união às atividades de tal sistema, nosso substrato instintivo humano natural é um fator instrumental para se juntar à oposição.

Da mesma forma, as motivações econômicas, ambientais e ideológicas que influenciam a formação de uma

personalidade individual, incluindo aquelas atitudes políticas assumidas anteriormente, representam um papel de fator de mudança, embora elas não sejam tão duradouras no tempo. A atividade desses últimos fatores, embora seja relativamente clara em relação aos indivíduos, desaparece dentro da abordagem estatística e diminui através dos anos de governo patocrático. As decisões e as escolhas feitas pelo lado da sociedade composto de pessoas normais são, mais uma vez, finalmente decididas por fatores usualmente herdados por meios biológicos, em vez de serem produtos de opção pessoal, e predominantemente em processos subconscientes.

A inteligência geral do homem, especialmente no nível intelectual, tem um papel relativamente limitado nesse processo de seleção do caminho de ação, expresso como sendo estatisticamente significativo, mas de baixa correlação (-0,16). Quanto maior o nível geral de *talento* de uma pessoa, em geral, mais difícil é para ela se reconciliar com essa realidade diferente e encontrar um *modus vivendi* dentro de si.

Ao mesmo tempo, existem pessoas talentosas e dotadas que se juntam à patocracia, e palavras duras de desprezo pelo sistema podem ser ouvidas da parte das pessoas mais simples e sem instrução. Somente essas pessoas com o *mais alto* grau de inteligência que, conforme mencionado, *não* se associam às psicopatias, são incapazes de encontrar sentido para a vida dentro de tal sistema. Algumas vezes, elas são capazes de tirar vantagem de sua mentalidade superior, de forma a encontrar meios excepcionais para serem úteis aos outros. O desperdício dos melhores talentos anuncia uma eventual catástrofe para qualquer sistema social.

Uma vez que esses fatores sujeitos à lei genética demonstram-se decisivos, a sociedade se torna dividida, por meio de critérios não conhecidos anteriormente, em duas partes: os adeptos do novo governo – a nova classe média mencionada acima – e a *maioria* de oposição. Dado que as

propriedades que causaram essa nova divisão aparecem mais ou menos na mesma proporção que em qualquer grupo ou nível social antigo, essa nova divisão faz um corte direto através das camadas tradicionais da sociedade. Se colocarmos a estratificação antiga, cuja formação foi decisivamente influenciada pelo fator de talento, na horizontal, a nova estratificação deveria ser representada como sendo vertical. O fator mais instrumental nessa última estratificação é uma boa inteligência básica que, conforme já sabemos, é amplamente distribuída através de todos os grupos sociais.

Mesmo aquelas pessoas que foram objeto de injustiça social no antigo sistema e então se entregaram ao novo, que alegadamente os protegeria, começam lentamente a criticar esse último. Ainda que tenham sido obrigados a se associar ao partido patocrático, a maioria dos antigos comunistas do período pré-guerra, na pátria do autor, tornou-se gradualmente crítica, utilizando a linguagem mais enfática possível. Eles foram os primeiros a negar que o sistema governante fosse comunista em sua natureza, apontando persuasivamente as diferenças reais entre a ideologia e a realidade. Eles tentaram informar seus companheiros dos países ainda independentes, por meio de cartas. Preocupados com essa “traição”, esses companheiros entregaram tais cartas aos seus partidos locais naqueles outros países, de onde elas foram devolvidas à policia secreta dos países de origem. Os autores das cartas pagaram com as suas vidas ou com anos de prisão. Ao final, nenhum outro grupo social esteve sujeito à vigilância policial tão rigorosa como eles.

Independentemente de qual seja a nossa avaliação da ideologia ou dos partidos comunistas, estamos presumidamente justificados para acreditar que os velhos comunistas foram perfeitamente competentes para distinguir o que estava e o que não estava de acordo com sua ideologia e suas crenças. Suas declarações altamente enfáticas sobre o

assunto, inteiramente populares entre os círculos dos velhos comunistas da Polônia, são impressionantes e até mesmo persuasivas.[75] Por causa da linguagem utilizada aqui, contudo, nós devemos designá-las como interpretações excessivamente moralizadoras, que não se coadunam com o caráter desse trabalho. Ao mesmo tempo, devemos admitir que a maioria dos comunistas poloneses do período pré-guerra não eram psicopatas.

Do ponto de vista da economia e da realidade, qualquer sistema onde a maior parte da propriedade e dos postos de trabalho pertence ao estado, *de jure et de facto,*[76] é *capitalismo de estado* e não comunismo. Tal sistema exibe as características de um explorador capitalista primitivo do século XIX, que teve uma compreensão insuficiente de seu papel na sociedade e de como os seus interesses estavam ligados ao bem estar dos seus trabalhadores. Os trabalhadores são muito conscientes dessas características, principalmente quando reúnem uma certa quantidade de conhecimento em conexão com suas atividades políticas.

Um socialista razoável buscando substituir o capitalismo por algum sistema em conformidade com suas idéias - que poderia ser baseado na participação dos trabalhadores na administração do local de trabalho *e nos lucros* – rejeitaria tal sistema como a “pior variedade de capitalismo”. Afinal de contas, concentrar o capital e o governo em um único lugar leva *sempre* à degeneração. O capital deve estar sujeito à autoridade da justiça. Eliminar tal forma degenerada de capitalismo deveria, então, ser uma tarefa prioritária para qualquer socialista. Apesar de tudo, tal raciocínio por meio das categorias sociais e econômicas obviamente perde o ponto central da questão.

A experiência histórica nos ensina que qualquer tentativa de realizar a idéia comunista pelo caminho revolucionário, seja ele violento ou dissimulado, leva a uma distorção do

processo na direção das formas anacrônicas e patológicas, cujas essências e conteúdos permanecem inacessíveis para as mentes que utilizam os conceitos da visão de mundo natural. A evolução constrói e transforma mais rápido do que a revolução, e sem complicações trágicas.

Uma das primeiras descobertas feitas por uma sociedade de pessoas normais é que ela é superior aos novos governantes em inteligência e habilidades práticas, não importando quão geniais eles busquem mostrar que são. Os nós da razão embrutecida são gradualmente desfeitos e a fascinação com o conhecimento secreto e o plano de ação inexistentes dos novos governantes começa a diminuir, seguida pela familiarização com o conhecimento preciso sobre essa nova realidade depravada.

O mundo das pessoas normais será sempre superior ao mundo das anomalias todas as vezes que uma atividade construtiva for necessária, seja ela a reconstrução de um país devastado, a área da tecnologia, a organização da vida econômica ou o trabalho médico e científico. "Eles querem construir coisas, mas eles não conseguem fazer muito sem nós". Especialistas qualificados são freqüentemente capazes de fazer certas exigências; infelizmente, eles somente são considerados qualificados até que o trabalho seja feito e, nesse ponto, podem ser eliminados. Uma vez que a fábrica inicie suas atividades, os especialistas podem sair; o gerenciamento será assumido por outra pessoa, incapaz de avançar no progresso, e sob quem muito do esforço gasto será desperdiçado.

Como nós já apontamos, toda anomalia psicológica é de fato um tipo de deficiência. Os psicopatas são baseados principalmente nas *deficiências no substrato instintivo;* contudo, sua influência exercida sobre o desenvolvimento mental dos outros também leva a deficiências na inteligência geral, conforme já foi discutido. Essa deficiência de inteligência em

uma pessoa normal, induzida pela psicopatia, *não* é compensada pelo conhecimento psicológico especial que observamos entre alguns psicopatas. Tal conhecimento perde seu poder hipnótico quando as pessoas normais também aprendem a entender esses fenômenos. O psicopatologista não ficou surpreso, então, pelo fato de que o mundo das pessoas normais é dominante em relação às habilidades e aos talentos. Para aquela sociedade, contudo, isso representou uma descoberta que gerou esperança e produziu um relaxamento psicológico.

Já que nossa inteligência é superior à deles, nós *podemos* reconhecê-los e entender como eles pensam e agem. Isso é o que uma pessoa aprende em tal sistema, por sua própria iniciativa, pressionada pelas necessidade do cotidiano. Ela aprende enquanto trabalha em seu escritório, na escola ou na fábrica, quando necessita lidar com as autoridades e quando é presa, algo que somente algumas pessoas conseguem evitar. O autor e muitos outros aprenderam um bom tanto sobre a psicologia desse fenômeno macrossocial durante a doutrinação escolar compulsória. Os organizadores e os professores podem não ter tido a intenção de que esse resultado fosse obtido. O conhecimento prático dessa nova realidade cresce, portanto, e graças a isso a sociedade ganha uma desenvoltura de ação que a capacita a tirar cada vez mais vantagem dos pontos fracos do sistema governante. Isso permite a reorganização gradual das ligações sociais, que produzem frutos com o tempo.

Essa nova ciência é incalculavelmente rica em detalhes de casuística;[77] eu não a classificaria, apesar disso, como excessivamente literária. Ela contém conhecimento e uma descrição do fenômeno nas categorias da visão de mundo natural, correspondentemente modificada de acordo com a necessidade de entender os assuntos que estão, de fato, fora da esfera de sua aplicabilidade. Isso também abre a porta para

a criação de certas doutrinas que mereceriam um estudo separado porque contêm uma verdade parcial, tal como uma interpretação demonológica do fenômeno.

O desenvolvimento da familiaridade com o fenômeno é acompanhado pelo desenvolvimento da linguagem comunicativa, por meio da qual a sociedade pode ficar informada e lançar avisos de perigo. Uma terceira linguagem aparece então junto com a língua dupla ideológica descrita anteriormente; em parte, ela toma emprestados os nomes utilizados pela ideologia oficial em seus significados transformados. Em parte, essa linguagem opera com palavras emprestadas das piadas que circulam com ainda mais vivacidade. Apesar de sua estranheza, essa linguagem pode ser traduzida e comunicada nas relações com os residentes de outros países com sistemas governamentais análogos, mesmo se a "ideologia oficial" do outro país for diferente. Todavia, apesar dos esforços da parte dos literatos e jornalistas, essa linguagem permanece comunicativa somente para dentro do fenômeno; ela se torna hermética para fora da abrangência do fenômeno, incompreendida pelas pessoas para as quais falta a experiência pessoal apropriada.

Vale a pena apontar o papel específico de certos indivíduos durante esses tempos; eles participaram na descoberta da natureza dessa nova realidade e ajudaram os outros a encontrar o caminho correto. Eles possuem uma natureza normal mas experimentaram uma infância desafortunada, sendo sujeitos desde muito cedo à dominação por indivíduos com vários desvios psicológicos, incluindo o egotismo patológico e os métodos de aterrorizar os outros. O novo sistema de governo atinge estas pessoas como uma multiplicação social em larga escala de algo que elas já conheciam em sua experiência pessoal. Desde o início, esses indivíduos viram esta realidade de forma muito mais prosaica, e de imediato trataram a ideologia de acordo com as

histórias paralógicas, bem conhecidas por eles, cuja proposta era mascarar a realidade amarga de sua experiência de juventude. Eles logo alcançaram a verdade, uma vez que *a gênese e a natureza do mal são análogas, sem levar em conta a escala social na qual aparecem*.

Tais pessoas são raramente entendidas nas sociedades felizes, mas elas foram valorosas naquela situação. Suas explicações e conselhos mostraram-se precisos e foram transmitidos para outros que aderiram à rede desse patrimônio perceptivo. Todavia, o próprio sofrimento foi duplicado, uma vez que isso foi muito mais do mesmo abuso para uma só vida lidar. Conseqüentemente, eles alimentavam sonhos de fuga para uma liberdade ainda existente em um mundo externo.

Finalmente, a sociedade enxerga o aparecimento de indivíduos que juntaram uma percepção intuitiva excepcional e o conhecimento prático na questão de como os patocratas pensam e de como tal sistema de governo opera. Alguns se tornam tão proficientes na linguagem deficiente deles e em sua idiomática, que são capazes de usá-la como se fosse um idioma estrangeiro que eles aprenderam muito bem. Uma vez que possuem a habilidade de decifrar as intenções dos governantes, tais pessoas aconselham aqueles que estão tendo dificuldades com as autoridades. Esses advogados da sociedade das pessoas normais possuem um papel insubstituível na vida da sociedade.

Os patocratas, todavia, nunca conseguem aprender a pensar nas categorias humanas normais. Ao mesmo tempo, a incapacidade dessa autoridade de predizer a reação das pessoas normais a leva à conclusão de que o sistema é rigidamente determinante e de que não existe liberdade de escolha natural.

Essa nova ciência, expressa em uma linguagem derivada a partir de uma realidade anômala, é algo estranho para as pessoas que desejam entender esse fenômeno macrossocial mas que pensam nas categorias dos países dos homens normais. As tentativas de entender essa linguagem produzem um certo sentimento de impotência, que dá origem à tendência de criação de uma doutrina própria, construída a partir dos conceitos que se tem do próprio mundo e de uma certa quantidade de material de propaganda patocrática apropriado para cooptação. Tal doutrina seria, por exemplo, a propaganda anticomunista americana. Tais conceitos distorcidos e deformados torna ainda mais difícil entender aquela outra realidade. Que a descrição objetiva exemplificada aqui possa capacitá-los a superar esse impasse assim produzido.

Em países sujeitos ao governo patocrático, esse conhecimento e essa linguagem, especialmente a experiência humana, criam uma concatenação mediadora de tal forma que a maioria das pessoas podem assimilar essa descrição objetiva do fenômeno sem maiores dificuldades, com a ajuda da percepção ativa. As dificuldades são encontradas somente pelas gerações mais velhas e por uma certa proporção das pessoas jovens, crescidas no sistema desde a infância, o que é psicologicamente compreensível.

Uma vez eu tratei uma paciente que havia sido uma interna de um campo de concentração nazista. Ela voltou daquele inferno em uma condição tão excepcionalmente boa, que esteve apta a se casar e gerar três filhos. Contudo, os métodos de criação de suas crianças eram extremamente rígidos, em virtude da reminiscência da vida no campo de concentração, tão teimosamente persistente em ex-prisioneiros. A reação de seus filhos era de protesto neurótico e de agressividade em relação às outras crianças.

Durante a psicoterapia da mãe nós trouxemos de volta as imagens dos oficiais da S.S., masculinos e femininos, à sua mente, apontando suas características psicopáticas (tais pessoas eram principalmente recrutas). Para ajudá-la a eliminar o material patológico, proveniente oficiais, de sua pessoa, eu forneci a ela dados estatísticos aproximados em relação ao aparecimento de tais indivíduos dentro da população como um todo. Isso a ajudou a alcançar uma visão mais objetiva daquela realidade e reestabelecer a confiança na sociedade das pessoas normais.

Durante a visita seguinte, a paciente me mostrou um pequeno cartão no qual ela tinha escrito os nomes dos patocratas locais notáveis e adicionado o seu próprio diagnóstico, que era correto, em grande medida. Então, eu fiz um sinal de silêncio com o meu dedo e a adverti enfaticamente de que nós estávamos lidando somente com os problemas dela. A paciente entendeu e, eu tenho certeza, não deixou que suas reflexões sobre o assunto fossem conhecidas nos lugares errados.

Paralelos ao desenvolvimento do conhecimento prático e da linguagem de comunicação interna, outros fenômenos psicológicos tomam forma; eles são verdadeiramente significativos na transformação da vida social sob o governo patocrático, e discerni-los é essencial se alguém deseja entender os indivíduos e as nações fadadas a viver em tais condições e avaliar a situação na esfera política. Eles incluem a imunização psicológica das pessoas e sua adaptação à vida sob tais condições anômalas.

Os métodos de terror psicológico (aquela arte patocrática específica), as técnicas de arrogância patológica e a invasão das almas das outras pessoas, inicialmente têm efeitos tão traumáticos que as pessoas são privadas da sua capacidade de reação objetiva. Eu já exemplifiquei os aspectos psicológicos desses estados. Dez ou vinte anos depois, um comportamento

análogo já passa a ser reconhecido como uma palhaçada bem conhecida, e não priva a vítima da sua habilidade de pensar e reagir com propósito. Suas respostas são geralmente estratégias bem pensadas, lançadas da posição de superioridade de uma pessoa normal e sempre enfeitadas com o ridículo. Quando o homem consegue olhar diretamente para o sofrimento ou mesmo para a morte com a calma necessária, uma arma perigosa cai das mãos do governante.

Nós temos que entender que esse processo de imunização não é meramente um resultado do aumento de conhecimento prático do fenômeno macrossocial descrito acima. Ele é o efeito de um processo gradual, multicamadas, de crescimento do conhecimento, familiarização com o fenômeno, *criação de um hábito reativo apropriado,* e *autocontrole,* com uma concepção abrangente e princípios morais sendo trabalhados no ínterim. Depois de vários anos, o mesmo estímulo que no passado causou impotência espiritual insensível ou paralisia mental, agora provoca o desejo de fazer gargarejo com algo forte, para se livrar dessa sujeira.

Houve um tempo quando muitas pessoas sonhavam em encontrar alguma pílula que tornaria mais fácil suportar lidar com as autoridades ou frequentar as sessões de doutrinação forçada, geralmente presididas por um personagem psicopático. Alguns antidepressivos de fato provaram ter o efeito desejado. Vinte anos depois, isso foi completamente esquecido.

***

> Quando eu fui preso pela primeira vez, em 1951, a força, a arrogância e os métodos psicopáticos de confissão forçada privaram-me quase inteiramente das minhas capacidades de autodefesa. Meu cérebro parou de funcionar depois de alguns dias sem água, em tal ponto que eu não podia sequer lembrar apropriadamente do incidente que resultou na minha prisão

repentina. Eu não estava sequer ciente que ele havia sido propositadamente provocado e que as condições que permitiam a autodefesa de fato existiam. Eles fizeram praticamente tudo o que queriam comigo.

Quando eu fui preso pela última vez, em 1968, fui interrogado por cinco funcionários da segurança, de olhares ferozes. Em um momento em particular, depois de pensar através de suas reações previsíveis, eu deixei meu olhar passar em cada face, sequencialmente, com grande atenção. O mais importante deles me perguntou: "O que se passa em sua mente, imbecil, para ficar nos encarando assim?". Eu respondi sem qualquer medo das consequências: "Eu estou somente pensando porque tantos cavalheiros da sua linha de trabalho acabam em um hospital psiquiátrico." Eles foram surpreendidos por um momento, e então o mesmo homem exclamou: "Porque é um maldito trabalho ruim!" Eu calmamente respondi: "Eu sou da opinião de que é o contrário". Então fui levado de volta para a minha cela.

Três dias depois, eu tive a oportunidade de falar com ele novamente, mas dessa vez ele foi muito mais respeitoso. Então, ele ordenou que eu fosse liberado – para fora, como aconteceu. Peguei o bonde para casa e, ao passar por um grande parque, eu ainda era incapaz de acreditar nos meus olhos. Uma vez no meu quarto, deitei na cama; o mundo ainda não era muito real, mas as pessoas exaustas adormecem rapidamente. Quando eu acordei, falei alto: "Querido Deus, não era para o senhor estar no comando, aqui nesse mundo?"

***

Naquele tempo, eu sabia não somente que um quinto de todos os oficiais da polícia secreta terminavam em hospitais psiquiátricos, mas também que sua "doença ocupacional" é a *demência congestiva,* que no passado era encontrada somente em prostitutas velhas. O homem não pode violar impunemente os sentimentos humanos naturais que estão dentro de si, não importa em qual tipo de profissão ele atue. Daquele ponto de vista, o companheiro capitão estava parcialmente certo. Ao mesmo tempo, contudo, minhas

reações tinham se tornado resistentes, muito diferente do que tinham sido dezessete anos antes.

Todas essas transformações do consciente e subconsciente humanos resultam em uma adaptação individual e coletiva para viver sob tal sistema. Sob condições alteradas, tanto de limitações materiais como morais, uma desenvoltura existencial emerge, preparada para superar muitas dificuldades. Uma nova rede da sociedade das pessoas normais é também criada, para assistência mútua e auto-ajuda.

Essa sociedade age de acordo com o real estado das coisas, e está ciente dele; ela começa a desenvolver caminhos para influenciar vários elementos da autoridade e alcançar objetivos que são socialmente úteis. Instruir e convencer pacientemente os representantes medíocres do governo leva um tempo considerável e requer habilidades pedagógicas. Contudo, as pessoas mais bem-humoradas são selecionadas para esse trabalho, pessoas com um talento específico para influenciar os patocratas e com familiaridade suficiente com sua psicologia. A opinião de que a sociedade é totalmente privada de qualquer influência sobre o governo em um país desse é, dessa forma, imprecisa. Na realidade, a sociedade realmente co-governa em uma certa extensão, algumas vezes tendo sucesso e outras vezes falhando na sua tentativa de criar condições de vida mais toleráveis. Isso, contudo, ocorre de um modo totalmente diferente do que acontece nos países democráticos.

Esses processos cognitivos – imunização psicológica e adaptação – permitem a criação de novas ligações sociais e interpessoais, que operam dentro da esfera da grande maioria que nós estamos chamando de “sociedade das pessoas normais”. Essas ligações se estendem discretamente para dentro do mundo da classe média do regime, entre as pessoas que são confiáveis até uma certa extensão. Em tempo: as

ligações sociais criadas são significantemente *mais* efetivas do que aquelas ativas nas sociedades governadas por sistemas humanos normais. A troca de informações, avisos e assistências abrangem a sociedade inteira. Qualquer um que seja capaz de fazê-lo oferta ajuda para outro que se encontre em dificuldade, sempre de uma forma que a pessoa ajudada nem sequer sabe quem foi que lhe prestou assistência. Contudo, se ela causou sua desgraça, pela sua própria falta de prudência em relação às autoridades, ela encontra reprovação, mas nunca a omissão de assistência.

É possível criar tais ligações porque essa nova divisão da sociedade dá uma atenção limitada a fatores como nível de talento, educação ou tradições ligadas às antigas camadas sociais. Nem as diferenças reduzidas de prosperidade desmancham essas ligações. Um lado dessa divisão contém aqueles da mais elevada cultura mental, pessoas comuns simples, intelectuais, especialistas para trabalhos mentais, trabalhadores de fábrica e camponeses, todos unidos pelo protesto em comum de sua natureza humana contra a dominação dos métodos experimentais para-humanos do governo. Essas ligações produzem entendimento interpessoal e sentimento de companheirismo entre as pessoas e os grupos anteriormente divididos por diferenças *econômicas* e *tradições* sociais. Os processos de pensamento que alimentam essas ligações são de caráter mais psicológico, capazes de compreender as motivações da outra pessoa. Ao mesmo tempo, as pessoas comuns mantêm respeito pelas outras formalmente educadas e que representam valores intelectuais. Certos valores sociais e morais também aparecem e podem se tornar permanentes.

A gênese, contudo, dessa grande solidariedade interpessoal, somente se torna compreensível quando conhecemos a natureza do fenômeno macrossocial patológico que ocasionou a liberação de tais atitudes, em

conjunto com o reconhecimento da própria humanidade e da humanidade dos outros. Outra reflexão também aparece, a saber, quão diferentes essas ligações são em relação à "sociedade competitiva" americana, para quem a anterior – diferenças econômicas e sociais – representam algo que é operacional, mesmo que cruze os limites da imaginação.

Alguém poderia pensar que a vida cultura e intelectual de uma nação degeneraria rapidamente quando sujeita ao isolamento do país das ligações culturais e científicas com outras nações, às limitações patocráticas sobre o desenvolvimento do pensamento individual, ao sistema de censura, ao nível mental dos executivos e a todos os demais atributos de tal governo. A realidade, no entanto, não valida tais predições pessimistas.

A necessidade de um esforço mental constante tão crucial para encontrar algum meio de vida tolerável, não totalmente despojado do senso moral e dentro dessa realidade anômala, causa o desenvolvimento de uma *percepção realista,* especialmente na área dos fenômenos sócio-psicológicos. Proteger uma mente dos efeitos da propaganda paralógica, assim como manter uma personalidade protegida da influência de paramoralismos e de outras técnicas já descritas, *aguça os processos de pensamento controlado* e a habilidade de discernir esses fenômenos. Tal treinamento é também um tipo especial de universidade do homem comum.

Durante esse tempo, a sociedade encontra fontes históricas na busca pelas causas antigas do seu infortúnio e por meios de melhorar seu destino no futuro. As mentes científicas e sociais analisam trabalhosamente a história nacional em busca da interpretação dos fatos que poderiam ser profundos do ponto de vista do realismo psicológico e moral. Nós, de forma sóbria, discernimos o que aconteceu anos e séculos atrás, percebendo os erros das gerações

anteriores e os resultados da intolerância ou de tomadas de decisão emocionalmente sobrecarregadas. Essa análise importante das visões de mundo individual, social e histórica, na busca pelo sentido da vida e da história, é um produto de épocas infelizes e auxiliará no caminho de volta aos tempos felizes.

Outro objeto de consideração nos apareceu: problemas morais aplicáveis à vida individual, bem como à história e à política. A mente inicia uma busca cada vez mais profunda nessa área, atingindo um entendimento cada vez mais sutil do assunto, porque é precisamente nesse mundo que as simplificações exageradas se mostraram insatisfatórias. Um entendimento das outras pessoas, incluindo aquelas que cometem erros e crimes, aparece na forma de solução de problemas que foi subestimado anteriormente. O perdão é somente um passo além do entendimento. Como Madame de Staël escreveu: *Tout comprendere, c'est tout pardoner*.[78]

A religião de uma sociedade é afetada por transformações análogas. A proporção de pessoas que mantêm a crença religiosa não é significantemente afetada, particularmente em países nos quais a patocracia foi imposta. Ocorre, no entanto, uma modificação dos conteúdos e da qualidade de tais crenças, de tal forma que a religião, com o tempo, se torna mais atrativa para as pessoas educadas de forma indiferente à fé. A velha religião, dominada pela tradição, por rituais e pela falta de sinceridade, agora se vê transformada em fé, condicionada por estudos necessários e convicções que determinam os critérios de comportamento.

Qualquer pessoa que lê o Evangelho durante esses tempos encontra algo que é difícil para os outros cristãos entenderem. É tão real a similaridade entre as relações sociais do governo da Roma pagã antiga e essas sob a patocracia ateísta, que o leitor imagina as situações descritas mais facilmente e percebe a realidade das ocorrências de

forma mais vívida. Tal leitura também fornece encorajamento e conselhos que ele pode utilizar nessas situações. Assim, durante tempos brutais de confrontação com o mal, as capacidades humanas de discriminar os fenômenos se tornam sutis; a percepção e a sensibilidade moral se desenvolvem. As faculdades críticas algumas vezes beiram o cinismo.

***

> Uma vez, eu entrei em um bonde que subia uma montanha, o qual estava cheio de estudantes de colegial e universitários. Durante a viagem a música enchia o veículo e as colinas no entorno. Velhos sons de antes da guerra, com poemas de Lesmian,[79] tanto frívolos como espirituosos: 'Nossos ancestral Noé foi um homem corajoso...', e outros. O texto, contudo, havia sido corrigido com humor e talento literário, eliminando qualquer coisa que irritasse esses jovens crescidos durante os tempos difíceis. Esse foi um resultado não intencional?

***

Como resultado de todas essas transformações, incluindo a de-egotização do pensamento e atitude conectadas a elas, a sociedade se torna capaz de uma criatividade mental que vai além das condições normais. Esse esforço poder ser útil em qualquer área cultural, técnica ou econômica, se as autoridades não se opuserem e não as reprimirem por se sentirem ameaçadas por essa atividade.

O gênio humano não nasce da prosperidade preguiçosa e no meio de uma camaradagem gentil, mas ao contrário, está em confronto contínuo com a realidade recalcitrante que é diferente da imaginação humana comum. Sob tais condições, abordagens teóricas de larga escala são descobertas como tendo valor existencial prático. O velho sistema de pensamento que permanece em uso nos países livres começa a parecer retrógrado, ingênuo, e destituído do sentimento de valores.

Se as nações que chegaram a esse estado estivessem para recuperar sua liberdade, muitas realizações valiosas do pensamento humano amadureceriam dentro de um curto espaço de tempo. Nenhum medo excessivo estaria em pauta a respeito da capacidade desta nação de elaborar um sistema sócio-econômico viável. Pelo contrário: a ausência de grupos de pressão egoístas, a natureza conciliatória de uma sociedade que tem anos de experiência amarga atrás de si, e os processos de pensamento penetrantes e moralmente profundos permitiriam que o caminho de volta fosse encontrado de forma relativamente rápida. Perigos e dificuldades viriam, ao contrário, de pressões externas da parte das nações que não entendem adequadamente as condições em tal país. Mas, infelizmente, a patocracia não pode ser receitada como um remédio amargo!

A geração mais velha, que cresceu em um país de homens normais, geralmente reage desenvolvendo as habilidades acima mencionadas, ou seja, pelo enriquecimento. A geração mais nova, contudo, foi educada sob o domínio patocrático e assim sucumbe a um maior empobrecimento da visão de mundo, ao enrijecimento reflexivo da personalidade e à dominação pelas estruturas habituais, aqueles resultados típicos da operação das personalidades patológicas. A propaganda paralógica e sua doutrinação correspondente são conscientemente rejeitadas; no entanto, esse processo demanda tempo e esforço que poderiam ser melhor utilizados para a percepção ativa de conteúdos valiosos. Estes últimos podem ser acessíveis somente com dificuldade, devido tanto às limitações como aos problemas de percepção. É aí que surge o sentimento de um certo vazio que é difícil de preencher. Apesar da boa vontade humana, certos paralogismos e paramoralismos, assim como o materialismo cognitivo, ficam ancorados e persistem nos cérebros. A mente

humana não é capaz de refutar cada uma das falsidades que lhe foram sugeridas.

A vida emocional das pessoas que crescerem dentro dessas realidades psicológicas deficientes é também repleta de dificuldades. Apesar da razão crítica, uma certa saturação da personalidade de um jovem com material psicológico patológico é inevitável, assim como são um grau de primitivismo e a rigidez de sentimentos. Os esforços constantes para controlar as emoções, assim como para evitar alguma reação tempestuosa que provoque a repressão por parte de um regime vingativo e retentor, faz com que os sentimentos sejam reprimidos para um papel de algo menos problemático, algo que não deve ter uma saída natural. As reações emocionais suprimidas surgem posteriormente, quando a pessoa permite que elas sejam expressadas. Elas então chegam atrasadas e de forma inadequada ao contexto da situação. Preocupações com o futuro despertam o egotismo entre as pessoas assim adaptadas à vida em uma estrutura social patológica.

A neurose é uma resposta natural da natureza humana se uma pessoa normal é subordinada à dominação por pessoas patológicas. O mesmo se aplica à subordinação de uma sociedade e de seus membros a um sistema patológico de autoridade. Em um estado patocrático, cada pessoa com uma natureza normal exibe assim um certo estado neurótico crônico, controlado pelos esforços da razão. A intensidade desses estados varia entre indivíduos, dependendo das diferentes circunstâncias, usualmente mais graves na proporção direta à inteligência do indivíduo. A psicoterapia para tais pessoas somente é possível e efetiva se pudermos contar com a familiaridade adequada com as causas desses estados. Os psicólogos educados no ocidente se mostraram completamente não práticos com relação a esses pacientes.

Um psicólogo trabalhando nesse país deve desenvolver técnicas operacionais especiais desconhecidas e até mesmo insondáveis para os especialistas que atuam no mundo livre. Elas têm o objetivo de liberar parcialmente a voz do instinto e do sentimento de seu supercontrole anormal e de redescobrir a voz interior da sabedoria natural, mas isso deve ser feito de tal forma que evite expor o paciente a resultados infelizes de liberdade *excessiva* de reação nas condições sob as quais ele é obrigado a viver. Um psicólogo deve operar cuidadosamente, com a ajuda de alusões, porque ele pode raramente informar o paciente, de forma clara, sobre a natureza patológica do sistema. Contudo, mesmo sob essas condições, nós podemos atingir uma grande experiência de liberdade, processos de pensamento mais apropriados e melhor capacidade de tomada de decisões. Como resultado de tudo isso, o paciente se comporta ulteriormente com grande cuidado, e sente-se mais seguro.

Se as estações de rádio do Ocidente, desimpedidas pelos temores dos psicólogos do outro lado, abandonassem a simples contrapropaganda em favor de uma técnica psicoterapêutica similar, elas poderiam contribuir poderosamente para o futuro de países ainda hoje sob o domínio patocrático. Até o final desse livro eu devo tentar persuadir o leitor de que os assuntos psicológicos são tão importantes para o futuro quanto a grande política ou as armas poderosas.

Compreender essas pessoas normais fadadas a viver sob um governo patocrático, sejam elas expoentes ou medianas, sua natureza humana e suas reações a essa realidade basicamente deficiente, seus sonhos, seus métodos de compreensão dessa realidade (incluindo todas as dificuldades ao longo do caminho), e as suas necessidades de adaptação e resistência (incluindo os efeitos colaterais) é uma precondição *sine qua non* para o aprendizado do comportamento que efetivamente os auxiliaria em seus esforços para alcançar um sistema do homem normal. Seria psicologicamente impossível para um político de um país livre incorporar o conhecimento prático que tais pessoas adquirem no decorrer dos anos de experiência cotidiana. Esse conhecimento não pode ser transmitido; nenhum esforço jornalístico ou literário jamais alcançará qualquer coisa nessa área. Contudo, uma ciência análoga formulada em linguagem natural objetiva pode ser comunicada em ambas as direções. Ela pode ser assimilada pelas pessoas que não tiveram tais experiências específicas e pode também ser transmitida de volta para o lugar onde existe tanto uma grande necessidade dessa ciência como mentes já preparadas para recebê-la. Tal ciência poderia realmente agir sobre suas personalidades surradas quase do mesmo modo que o melhor dos remédios. A mera consciência de que se está sujeito à influência de um deficiente mental é ela mesma uma parte crucial do tratamento.

Quem quer que seja que queira manter a liberdade de seu país e do mundo já amedrontado por esse fenômeno patológico macrossocial, quem quer que queira curar este nosso planeta doente, não deve somente entender a natureza dessa grande doença, mas deve também estar consciente dos poderes de cura potencialmente regenerativos.

Cada país dentro da abrangência desse fenômeno macrossocial contém uma grande maioria de pessoas normais vivendo e sofrendo ali dentro, que nunca aceitarão a patocracia. O protesto delas contra a patocracia vem das profundezas de suas almas e de sua natureza humana conforme condicionada pelas propriedades transmitidas por meio da herança biológica. As formas desse protesto e as ideologias pelas quais elas gostariam de realizar seus desejos naturais podem, no entanto, ter mudado.

A ideologia ou a estrutura social através da qual eles gostariam de recuperar seu direito humano de viver em um sistema do homem normal é, contudo, de importância secundária para essas pessoas. É claro que existem diferenças de opinião nessa área, mas elas não são do tipo que levaria a um conflito violento entre pessoas que enxergam diante de si um objetivo digno de sacrifício.

Aqueles cujas atitudes são mais penetrantes e ponderadas vêem a ideologia original como ela era antes da caricatura produzida pelo processo de ponerização, como a base mais prática para alcançar os desejos da sociedade. Certas modificações dotariam essa ideologia com uma forma mais madura, mais em contato com as demandas dos tempos presentes; ela poderia, então, servir como fundamento para um processo de evolução, ou melhor, de transformação em um sistema sócio-econômico capaz de um funcionamento adequado.

As convicções do autor são um tanto quanto diferentes. Sérias dificuldades poderiam ser causadas por pressões externas focadas na introdução de um sistema econômico que perdeu suas raízes historicamente condicionadas em tal país.

As pessoas que tiveram que viver muito tempo no mundo estranho dessa divergência são assim difíceis de serem

compreendidas por alguém que teve a sorte de ter esse destino evitado. Vamos nos abster de impor sobre elas imaginações que só fazem sentido dentro dos governos do homem normal; não vamos classificá-las em quaisquer doutrinas políticas, as quais são freqüentemente bem diferentes da realidade que elas estão familiarizadas. Vamos dar as boas vindas a elas, com sentimento de solidariedade humana, respeito recíproco e uma grande confiança em sua razão e em sua natureza humana normal.

---

74 Um trabalho esgotante e inútil. Baseia-se no mito grego de Sísifo, filho do rei Éolo, que foi condenado ao Hades pelos erros que cometeu em vida. Sua eterna punição era rolar uma enorme pedra para o topo de uma colina, mas sempre que estava prestes a alcançá-lo, uma força invencível fazia a pedra rolar montanha abaixo, sendo preciso reiniciar o infrutífero trabalho – NT.

75 “Uma horda de filhos da puta que subiram à manjedoura em cima das costas da classe trabalhadora”.

76 De direito e de fato, ou seja, pela lei e na prática – NT.

77 Conjunto de casos pregressos e/ou prevalentes para um local, região ou contexto maior, a partir dos quais são elaboradas analogias e comparações com novos casos e assuntos temáticos correlacionados, passíveis de investigação – NT.

78 “Entender tudo é perdoar tudo”. Anne-Louise Germaine Necker, baronesa de Staël-Holstein (Paris, 22 de Abril de 1766 — 14 de Julho de 1817), mais conhecida como Madame de Staël, foi uma romancista e ensaísta francesa que incorporou como poucas mulheres o espírito do Iluminismo francês – NT.

79 Boleslaw Lesmian (nascido Boleslaw Lesman; 1878-1937) foi um poeta e artista polonês e membro da Academia Polonesa de Literatura. Ele foi um dos mais influentes poetas do início do século XX, na Polônia – NT.

PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA SOB O DOMÍNIO PATOCRÁTICO

Se algum dia houvesse algo como um país com uma estrutura comunista conforme visualizado por Karl Marx, onde a ideologia esquerdista da classe trabalhadora fosse a base do governo, o que, eu creio, seria severo mas não desprovido do pensamento humanista saudável, as ciências sociais, bio-humanísticas e médicas contemporâneas seriam consideradas valiosas e então apropriadamente desenvolvidas e usadas para o bem da classe trabalhadora. O conselho psicológico para os jovens e para as pessoas com vários problemas pessoais seria naturalmente a preocupação das autoridades e da sociedade como um todo. Pacientes gravemente doentes teriam a vantagem de ter um cuidado habilidoso correspondente.

Contudo, é praticamente o oposto o que ocorre em uma estrutura patocrática.

Quando eu vim para o ocidente, encontrei pessoas com visões esquerdistas que acreditavam inquestionavelmente que os países comunistas existiam mais ou menos na forma exposta pelas versões americanas das doutrinas políticas comunistas. Essas pessoas estavam quase certas de que a psicologia e a psiquiatria deviam gozar de liberdade em tais países referidos como comunistas, e que os assuntos eram similares ao que foi mencionado acima. Quando eu as contradisse, elas se recusaram a acreditar em mim e se mantiveram perguntando por que, “por que é desse jeito?”. *O que os políticos têm a ver com psiquiatria?*

Em minhas tentativas de explicar como aquela outra realidade se parece, eu encontrei as mesmas dificuldades com as quais já estava familiarizado, embora algumas pessoas tinham previamente ouvido sobre o abuso da psiquiatria. Contudo, tais “porquês” se mantinham surgindo na conversa e permaneciam não respondidos.

A situação dessas áreas científicas, de atividades sociais e curativas, e das pessoas que se ocupavam desses assuntos, pode somente ser compreendida uma vez que você tenha percebido a natureza real da patocracia à luz da abordagem ponerológica.

Vamos então imaginar algo que somente é possível na teoria, ou seja, um país que sob um governo patocrático permitiu inadvertidamente o desenvolvimento livre dessas ciências, possibilitando um influxo normal de literatura científica e de contatos com cientistas de outros países. Psicologia, psicopatologia e psiquiatria iriam florescer abundantemente e produzir representantes notórios.

Qual seria o resultado?

Esse acúmulo de conhecimento apropriado, dentro de um espaço de tempo muito curto, geraria a obrigação de investigações cujo significado nós já entendemos. Os elementos faltantes e as questões insuficientemente investigadas seriam complementadas e aprofundadas por meio de pesquisa adequada e detalhada. O diagnóstico do estado de coisas patocrático seria então elaborado, mais ou menos, dentro da primeira dúzia de anos de formação da patocracia, especialmente se esta fosse imposta. A base de dedução racional seria significantemente mais ampla que qualquer coisa que o autor pode apresentar aqui, e seria ilustrada por meio de um corpo rico de material analítico e estatístico.

Uma vez transmitido à opinião pública mundial, tal diagnóstico seria rapidamente incorporado àquela opinião, forçando a saída das doutrinas de propaganda e de política ingênuas para fora da consciência social. Ele atingiria as nações que são objeto das intenções expansionistas do império patocrático. Isso renderia a fama, no mínimo duvidosa, de cavalo de Tróia patocrático à utilidade de qualquer ideologia propagandeada.

Apesar das diferenças entre si, outros países com sistemas humanos normais seriam unidos pela solidariedade característica na defesa de um perigo compreendido, similar às ligações de solidariedade das pessoas normais que vivem sob o domínio patocrático.

Essa consciência, popularizada nos países afetados por esse fenômeno, reforçaria simultaneamente a resistência psicológica da parte das sociedades dos homens normais e as aparelharia com novas medidas de autodefesa.

Pode um império patocrático arriscar-se, permitindo tal possibilidade?

Em épocas em que as disciplinas acima mencionadas são desenvolvidas rapidamente em muitos países, o problema de prevenir tal ameaça psiquiátrica se torna uma questão de “ser ou não ser” para a patocracia. Qualquer possibilidade de que tal situação emerja deve, portanto, ser mitigada profilática e habilidosamente, tanto dentro como fora do império. Ao mesmo tempo, o império é capaz de encontrar medidas preventivas efetivas graças à sua consciência de ser diferente e ao conhecimento psicológico específico dos psicopatas, com o qual já estamos familiarizados, parcialmente reforçados por conhecimento acadêmico.

Tanto internamente quanto fora das fronteiras dos países afetados pelo fenômeno aqui descrito, *um sistema objetivo e*

consciente de controle, terror e desvio de atenção é então colocado em prática.

Quaisquer artigos científicos publicados sob tais governos, ou importados de fora, devem ser monitorados para a certificação de que não contenham qualquer informação que poderia ser perigosa para a patocracia. Especialistas com talento superior se tornam objetos de chantagem e controle malicioso. Isso, é claro, faz com que os resultados obtidos se tornem inferiores em relação a essas áreas da ciência.

Logicamente, a operação inteira deve ser gerenciada de forma a evitar atrair a atenção da opinião pública de países com as estruturas do humano normal. Os efeitos de tal "desacato" poderiam ir muito longe. Isso explica porque as pessoas que são pegas fazendo trabalhos investigativos nessa área são destruídas na surdina, e as pessoas suspeitas são forçadas ao exílio, para lá se tornarem objeto de campanhas de assédio apropriadamente organizadas.

As batalhas são então travadas em frentes secretas que podem ser reminiscentes da Segunda Guerra Mundial. Os soldados e líderes, lutando em vários planos, não estavam cientes de que seus destinos dependiam muito mais do resultado de outra guerra, travada por cientistas e outros soldados, cujo objetivo era impedir os alemães de produzirem a bomba atômica. Os Aliados venceram essa batalha e os Estados Unidos se tornaram o primeiro a possuir essa arma letal. No presente, contudo, o Ocidente continua perdendo as batalhas políticas e científicas nessa nova frente secreta. Lutadores solitários são considerados estranhos, a assistência lhes é negada, e são forçados a trabalhar duro para ganhar seu pão. Enquanto isso, o cavalo de Tróia ideológico continua invadindo novos países.

Um exame da metodologia de tais batalhas, tanto nas frentes internas como nas externas, aponta para aquele

conhecimento patocrático específico, tão difícil de se compreender à luz dos conceitos da linguagem natural. Assim, para estar apto a controlar as pessoas e aquelas áreas da ciência relativamente não popularizadas, deve-se saber, ou ter a habilidade de perceber, o que está acontecendo e quais fragmentos da psicopatologia são mais perigosos. O examinador dessa metodologia se torna também ciente dos limites e imperfeições desse autoconhecimento e prática, ou seja, as fraquezas, os erros e os lapsos do outro lado, e pode gerenciá-los de forma a tirar vantagem deles.

Em nações com sistemas patocráticos, a supervisão sobre as organizações culturais e científicas é designada a um departamento especial de pessoas especialmente confiáveis, um “Escritório Sem Nome” composto quase inteiramente de pessoas relativamente inteligentes que revelam traços psicopáticos característicos. Essas pessoas devem ser capazes de completar seus estudos acadêmicos, embora às vezes forçando os examinadores a atribuírem avaliações generosas. Seus talentos são geralmente inferiores aos dos estudantes medianos, especialmente em relação à ciência psicológica. Apesar disso, eles são recompensados pelos seus serviços pela obtenção de graus e posições acadêmicas, e têm permissão para representar seus países perante a comunidade científica no exterior. Como são indivíduos especialmente confiáveis, permite-se que eles *não* participem das reuniões locais do partido e até mesmo evita-se completamente que eles se associem. Em caso de necessidade, eles podem assim passar como apartidários. Apesar disso, esses superintendentes culturais e científicos são bem conhecidos pela sociedade das pessoas normais, que aprendem a arte de diferenciá-los relativamente rápido. Eles nem sempre são distinguidos adequadamente dos agentes da polícia política, e embora se considerem como uma classe superior a esta, devem mesmo assim cooperar com ela.

Com frequência nós encontramos essas pessoas no exterior, nos países de pessoas normais, onde várias fundações e institutos concedem-nas subsídios científicos, com a convicção de que estão, dessa forma, ajudando no desenvolvimento de conhecimento apropriado em países sob governos “comunistas”. Esses benfeitores não percebem que estão prestando um desserviço à ciência e aos cientistas verdadeiros ao permitir que esses supervisores conquistem uma certa autoridade semi-autêntica, e por permitir que eles se tornem mais familiarizados com algo que mais adiante julgarão como perigoso.

Afinal de contas, essas pessoas terão mais tarde o poder de permitir a alguém obter um doutorado, embarcar em uma carreira científica, obter um mandato acadêmico ou ser promovido. Sendo eles mesmos cientistas muito medíocres, tentam neutralizar as pessoas mais talentosas, tanto por conta do auto-interesse como por causa daquela inveja típica que caracteriza a atitude do patocrata em relação às pessoas normais. Eles são os que irão monitorar os artigos científicos para que estejam “adequados à ideologia” e tentarão garantir que seja negada a literatura científica de que um bom especialista necessita.

Os controles são excepcionalmente maliciosos e traiçoeiros nas ciências psicológicas em particular, por razões agora compreensíveis para nós. São compiladas listas escritas e não escritas dos assuntos que não podem ser ensinados, e são emitidas diretrizes correspondentes para distorcer apropriadamente outros assuntos. Essa lista é tão vasta na área da psicologia que nada dessa ciência permanece, exceto um esqueleto depenado, desnudado de qualquer coisa que possa ser sutil ou penetrante.

O currículo requerido a um psiquiatra não contém nem o conhecimento mínimo das áreas de psicologia geral, comportamental e clínica, nem as habilidades básicas de

psicoterapia. Devido a tal estado de coisas, o mais medíocre ou privilegiado dos médicos se torna um psiquiatra depois de um curso de estudos que leva somente semanas. Isso abre a porta da carreira de psiquiatria para indivíduos que são, por natureza, inclinados a servir à autoridade patocrática, e isso tem repercussões decisivas sobre o nível do tratamento. Posteriormente, permite o abuso da psiquiatria em propósitos para os quais ela nunca deveria ser usada.

Por não serem bem educados, esses psicólogos se mostram impotentes face a muitos problemas humanos, especialmente em casos onde é necessário um conhecimento detalhado. Tal conhecimento deve então ser adquirido por si mesmo, um feito que nem toda pessoa está capacitada a conduzir.

Tal comportamento traz no seu rastro uma boa quantidade de dano e injustiça humanos em áreas da vida que não têm nada a ver com política. Infelizmente, no entanto, *tal comportamento é necessário do ponto de vista patocrático, para evitar que essas ciências perigosas coloquem em risco a existência de um sistema que eles consideram ser o melhor de todos os mundos possíveis*.

Os especialistas nas áreas de psicologia e psicopatologia achariam altamente interessante a análise desse sistema de proibições e recomendações. Torna-se assim possível perceber que esta pode ser uma das vias pela qual podemos chegar ao cerne da questão ou à natureza desse fenômeno macrossocial. As proibições englobam a *psicologia profunda*, a análise do *substrato instintivo* humano, junto com *a análise de sonhos*.

Como já apontado no capítulo em que introduzimos alguns conceitos indispensáveis, o entendimento do instinto humano é a chave para o entendimento do homem; no

entanto, o conhecimento das anomalias desse instinto também representa a chave para entender a patocracia.

Embora cada vez mais raramente utilizada na prática psicológica, a análise de sonhos sempre será a melhor escola de pensamento psicológico, o que a torna perigosa por natureza. Consequentemente, mesmo a pesquisa sobre psicologia na seleção de parceiros é desaprovada, na melhor das hipóteses.

A essência da psicopatia não pode, é claro, ser pesquisada ou elucidada. A escuridão é lançada sobre esse assunto por meio de uma definição de psicopatia deliberadamente concebida, que inclui vários tipos de transtornos de caráter, junto com aqueles originados por causas completamente diferentes e conhecidas. Essa definição deve ser memorizada não somente por cada professor acadêmico em psicopatologia, psiquiatria e psicologia, mas também por alguns funcionários políticos com nenhuma educação na área.

Essa definição deve ser usada em todas as aparições públicas, sempre que, por alguma razão, seja impossível evitar o assunto. Contudo, é preferível que um professor de tais áreas seja alguém que sempre acredita em qualquer coisa que seja mais conveniente em sua situação, e cuja inteligência não o predestine a aprofundar-se em diferenciações sutis de natureza psicológica.

É também importante ressaltar aqui que a doutrina principal de tal sistema é "*Existência define consciência*". Como tal, ela pertence à psicologia em vez de a qualquer doutrina política. Essa doutrina, na realidade, contradiz uma boa dose de dados empíricos que indicam o papel dos fatores hereditários no desenvolvimento da personalidade do homem e de seu destino. Os professores podem se referir a investigações sobre gêmeos idênticos, mas somente de modo

breve, cuidadoso e formal. Considerações sobre esse assunto, todavia, não devem ser publicadas na forma impressa.

Nós retornamos uma vez mais ao "gênio" psicológico peculiar do sistema e seu auto-conhecimento. Alguém pode se espantar sobre como as definições de psicopatia mencionadas acima bloqueiam efetivamente a habilidade de compreender os fenômenos abrangidos por ela. Nós podemos investigar as relações entre essas proibições e a essência do fenômeno macrossocial que elas de fato espelham. Nós podemos também observar os limites dessas habilidades e os erros cometidos por aqueles que executam essa estratégia. Essas deficiências são aproveitadas habilmente com o propósito de contrabandear algum conhecimento adequado da parte dos mais talentosos especialistas, ou de pessoas mais velhas que não temem mais por suas carreiras ou até mesmo por suas vidas.

A batalha "ideológica" está sendo travada em um território completamente despercebido pelos cientistas que vivem sob governos de estruturas humanas normais e tentam imaginar essa outra realidade. Isso se aplica a todas as pessoas que denunciam o "Comunismo", assim como àquelas para quem essa ideologia se tornou sua fé.

Logo depois de chegar aos Estados Unidos, um homem negro e jovem me entregou um jornal, em alguma rua do Queens, em Nova Iorque. Eu fui pegar minha carteira, mas ele fez um gesto com as mãos, dizendo que não precisava; o jornal era de graça.

A primeira página mostrava uma foto simpática de um Breznev jovem, com o peito decorado com medalhas que ele não havia recebido de fato até muito tempo depois. Na última página, contudo, eu encontrei um resumo muito bem trabalhado de investigações realizadas na Universidade de Massachusetts sobre gêmeos idênticos que foram criados

separadamente. Essas investigações forneciam indicações empíricas do papel importante da hereditariedade e a descrição continha uma ilustração literária das similaridades nos destinos dos pares de gêmeos. Quão "ideologicamente desorientados" os editores desse jornal deviam estar para publicar algo que não poderia nunca ter aparecido na área sujeita a um sistema supostamente comunista.

Naquela outra realidade, a frente de batalha atravessa cada estudo de psicologia e psiquiatria, cada hospital psiquiátrico, cada centro de consulta de saúde mental e a personalidade de cada um que trabalhe nessas áreas. O que acontece lá: duelos verbais escondidos, contrabando de informações e realizações verdadeiramente científicas, e assédio.

Algumas pessoas tornam-se moralmente descarriladas sob essas condições, enquanto outras criam uma fundação sólida para suas convicções e são preparadas para assumir a dificuldade e o risco a fim de obterem conhecimento honesto, e assim servir aos doentes e necessitados. A motivação inicial desse último grupo não é de caráter político, uma vez que deriva de sua boa vontade e decência profissional. A consciência das causas políticas dessas limitações e o significado político dessa batalha aparecem para eles somente depois, juntamente com a experiência e a maturidade profissional, especialmente se sua experiência e habilidades precisarem ser utilizadas para salvar pessoas perseguidas.

Enquanto isso, contudo, os artigos e os dados científicos necessários devem ser obtidos de algum modo, levando em conta as dificuldades e a falta de compreensão das outras pessoas. Os estudantes e os especialistas em início de carreira, que não estão ainda cientes do que foi removido do currículo educacional, tentam ganhar acesso aos dados científicos que deles foram roubados. A ciência começa a ser

degradada a uma taxa preocupante uma vez que tal consciência esteja em falta.

***

Nós temos que entender a natureza do fenômeno macrossocial, bem como essa relação básica e controversa entre o sistema patológico e aquelas áreas da ciência que descrevem os fenômenos psicológicos e psicopatológicos. Do contrário, não poderemos nos tornar completamente conscientes das razões para tal comportamento bem conhecido do governo.

As ações e reações de uma pessoa normal, suas idéias e critérios morais, tudo, muito freqüentemente, atinge os indivíduos anormais como sendo algo *anormal*. Pois se uma pessoa com algum desvio psicológico *se considera normal*, o que é de fato significativamente mais fácil se ela possuir autoridade, então ela considerará uma pessoa normal como diferente e portanto anormal, na realidade ou como resultado do pensamento conversivo. Isso explica porque o governo dessas pessoas sempre terá a tendência de tratar qualquer dissidente como “mentalmente anormal”.

Operações como direcionar uma pessoa normal ao diagnóstico de uma doença psicológica e fazer uso das instituições psiquiátricas para esse propósito acontecem na maioria dos países em que tais instituições existem. A legislação contemporânea que recai sobre os países dos homens normais não é baseada em um entendimento adequado da psicologia de tal comportamento, e assim não institui uma medida preventiva o suficiente contra ele.

Dentro das categorias da visão de mundo psicológica normal, as motivações desse comportamento foram entendidas e descritas de diversas maneiras: contas pessoais e da família, assuntos de propriedade, intenção de desacreditar a declaração de uma testemunha, e mesmo

motivações políticas. Tais sugestões difamatórias são utilizadas com particular frequência por indivíduos que não são eles mesmos totalmente normais, cujo comportamento direcionou alguém a um colapso ou a um protesto violento. Entre os histéricos tal comportamento tende a ser a projeção sobre a outra pessoa de suas próprias associações autocríticas. *Uma pessoa normal é vista pelo psicopata como um ingênuo, uma pessoa que se acha esperta e acredita em teorias muito mal compreensíveis: chamá-la de "louca" não está tão longe assim*.

Contudo, quando nós levantamos um número suficiente de exemplos desse tipo ou coletamos experiências suficientes nesta área, outro nível motivacional muito mais essencial para tal comportamento se torna aparente. O que acontece, como regra, é que a idéia de levar alguém a uma doença mental parte de mentes com diversas aberrações e defeitos psicológicos. Só raramente o componente dos fatores psicológicos realmente toma parte na ponerogênese de tal comportamento, fora de seus agentes. Uma legislação bem pensada e cuidadosamente estruturada deveria, portanto, requerer testes em indivíduos cujas sugestões de que outra pessoa é psicologicamente anormal são muito insistentes ou fundamentadas de modo suspeito.

Por outro lado, qualquer sistema no qual o abuso da psiquiatria para razões alegadamente políticas se torne um fenômeno comum deve ser examinado à luz de critérios psicológicos similares, extrapolados para uma escala macrossocial. Qualquer pessoa que se rebele internamente contra um sistema governamental, que sempre chegará a ela como sendo estranho e difícil de entender, e que seja incapaz de esconder isso muito bem, será facilmente designada pelos representantes de tal governo como "mentalmente anormal", alguém que deve ser submetido a tratamento psiquiátrico. Uma psiquiatria degenerada moralmente e cientificamente se torna uma ferramenta facilmente utilizada para esse

propósito. Assim nasce um método único de terror e tortura humana, desconhecido até mesmo pela polícia secreta do czar Alexandre II.

O abuso da psiquiatria para objetivos que já conhecemos deriva assim da natureza mesma da patocracia, como um fenômeno psicopatológico macrossocial. Afinal de contas, essa mesma área de conhecimento e tratamento deve primeiro ser degradada com o objetivo de prevenir que ela coloque em risco o próprio sistema pelo anúncio de um diagnóstico dramático, para depois ser utilizada como uma ferramenta expediente nas mãos das autoridades. Em todo país, contudo, encontram-se pessoas que percebem esse movimento e agem astutamente contra isso.

A patocracia sente-se crescentemente ameaçada por essa área sempre que há progresso nas ciências médicas ou psicológicas. Afinal, essas ciências não só podem tirar a arma da *conquista psicológica* de suas mãos; elas podem também atacar com sua própria natureza, e de dentro do império.

Uma percepção específica desses assuntos ordena assim que a patocracia esteja "conceitualmente alerta" nessa área. Isso também explica porque alguém que seja ao mesmo tempo muito conhecedor dos assuntos nessa área e muito distante do alcance imediato dessas autoridades possa ser acusado de qualquer coisa que foi fabricada, inclusive de anormalidade psicológica.

A FÉ MONOTEÍSTA ATINGE O PENSADOR CONTEMPORÂNEO principalmente como uma indução incompleta derivada do conhecimento ontológico sobre as leis que governam a vida material, orgânica e psicológica, tanto do micro como do macrocosmo; bem como um resultado de certos encontros acessíveis por meio de introspecção. O resto complementa essa indução por meio de itens que o homem recebe por outros meios e aceita de forma individual ou de acordo com as doutrinas de sua religião e credo. Uma voz sem som e sem palavras desperta inconscientemente nossas associações, alcança nossa consciência na quietude da mente e complementa ou repreende nossa cognição; esse fenômeno é tão plenamente verdadeiro quanto tudo que tem se tornado acessível à ciência graças aos métodos de investigação modernos.

Ao aperfeiçoarmos nossa cognição no campo psicológico e alcançarmos verdades antigamente disponíveis somente aos místicos, nós passamos a estreitar cada vez mais o espaço de ignorância que até recentemente separava os reinos da percepção espiritual e da ciência material. Algum dia, em um futuro não muito distante, essas duas cognições se encontrarão e certas divergências se tornarão autoevidentes. Seria melhor então se estivéssemos preparados para isso. Quase desde o início de minhas deliberações sobre a gênese do mal eu estive consciente do fato de que os resultados da investigação, apresentados de modo sucinto nesse trabalho, podem ser utilizados para posteriormente completar esse espaço que é de entrada tão difícil para a mente humana.

A abordagem ponerológica lança uma nova luz sobre as questões antigas até agora reguladas pelas doutrinas de sistemas morais, e deve necessariamente levar a uma revisão nos métodos de pensamento. Como um cristão, o autor estava inicialmente apreensivo que isso causasse conflitos perigosos com a tradição antiga. Estudar a questão à luz das Escrituras fez com que essas apreensões fossem gradualmente desaparecendo. Pelo contrário, este parece ser o caminho para trazer nossos processos de pensamento mais próximos daquele *método original e primário de perceber o conhecimento moral*. De forma muito característica, a leitura dos Evangelhos pode proporcionar ensinamentos claramente convergentes com o método de compreensão do mal, derivado de investigações naturais em sua origem. Ao mesmo tempo nós devemos prever que o processo de correção e conformação será trabalhoso e levará tempo, o que no final das contas evitará provavelmente qualquer tumulto maior.

A religião é um fenômeno eterno. Uma imaginação algumas vezes excessivamente ativa complementaria, de início, qualquer coisa com que a percepção esotérica não pudesse lidar. Uma vez que a civilização e sua disciplina concomitante de pensamento atingem um certo nível de desenvolvimento, uma idéia monoteísta tende a surgir, geralmente como uma convicção de uma certa elite mental. Tal desenvolvimento no pensamento religioso pode ser considerado mais uma lei histórica do que uma descoberta individual de pessoas como Zaratustra ou Sócrates. A marcha do pensamento religioso através da história constitui um fator indispensável à formação da consciência humana.

A aceitação das verdades básicas da religião abre para o homem um campo inteiro de cognição possível, onde sua mente pode procurar pela verdade. Nesse ponto, nós também nos libertamos de certos impedimentos psicológicos e ganhamos certa liberdade de conhecimento em áreas

acessíveis à percepção naturalista. Redescobrir os valores verdadeiros, antigos, e religiosos nos fortalece, mostrando-nos o sentido da vida e da história. Isso também facilita a nossa aceitação introspectiva dos fenômenos dentro de nós, para os quais a percepção naturalista se mostra insuficiente. Paralelo ao nosso autoconhecimento, nós também desenvolvemos a habilidade de compreender as outras pessoas, graças à aceitação da existência de uma realidade análoga, dentro no nosso próximo.

Esses valores se tornam inestimáveis sempre que um homem é obrigado a um esforço mental máximo e a deliberações profundas na ação, de forma a evitar a queda para o mal, o perigo ou dificuldades excepcionais. Se não há possibilidade de apreender uma situação completamente, mas apesar disso deve ser encontrada uma saída para si mesmo, para a família ou para a nação, nós seremos realmente afortunados se pudermos ouvir aquela voz silenciosa dentro de nós dizendo "Não faça isso" ou "acredite em mim, faça isso".

Nós poderíamos assim dizer que esse conhecimento e essa fé, que apóiam simultaneamente nossa mente e multiplicam nossa força espiritual, constituem a única base para a sobrevivência e resistência em situações nas quais uma pessoa ou nação está ameaçada pelos produtos da ponerogênese, os quais não podem ser medidos nas categorias da visão de mundo natural. Essa é a opinião de muitos justos. Nós não podemos contradizer o valor básico de tal convicção, mas *se ela leva a um tratamento orgulhoso da ciência objetiva nessa área e reforça o egotismo da visão de mundo natural, as pessoas que a mantêm não estão a par do fato de que não estão mais agindo de boa fé.*

Nenhuma grande religião indica a natureza do fenômeno patológico macrossocial; portanto não podemos considerar as doutrinas religiosas como uma base específica para a

superação dessa grande doença histórica. A religião não é nem um soro específico, nem um antibiótico etiotropicamente ativo em relação ao fenômeno da patocracia. Embora ela constitua um fator regenerativo da força espiritual dos indivíduos e das sociedades, as verdades religiosas não contêm o conhecimento naturalista específico que é essencial para entender a patologia do fenômeno, e que é simultaneamente um fator curativo e de geração de resistência para as personalidades humanas. Ao contrário, a fé religiosa e o fenômeno da patocracia estão, de fato, *em diferentes níveis de realidade*, sendo o último mais terreno. Isso também explica porque não pode haver um conflito verdadeiro sobre o fenômeno macrossocial patológico entre a religião e o conhecimento ponerológico.

Se basearmos a defesa de nossa sociedade e o seu tratamento, no que diz respeito às influências destrutivas da patocracia, apenas sobre os valores religiosos mais verdadeiros, teremos uma reminiscência da atitude de curar uma doença insuficientemente compreendida, exclusivamente por medidas que fortalecem o corpo e a alma. Tal terapia geral pode fornecer resultados satisfatórios em muitos casos, mas *se mostrará insuficiente em outros*. Essa doença macrossocial pertence à última categoria.

O fato de que esse fenômeno patocrático, que se espalhou e alcançou a mais ampla escala na história humana, demonstre hostilidade a qualquer e toda religião não implica na conclusão de que ele seja contrário à religião. Essa dependência seria estruturada diferentemente sob outras condições históricas contemporâneas. À luz dos dados históricos, *parece óbvio que os sistemas religiosos também sucumbiram aos processos ponerogênicos e manifestaram sintomas de uma doença similar.*

A base específica para curar nosso mundo doente, que é também um fator curativo para restaurar as capacidades de

raciocínio completo às personalidades humanas, deve consequentemente ser o tipo de ciência que torna evidente a essência do fenômeno e o descreve em uma linguagem suficientemente objetiva. A resistência à aceitação de tal conhecimento é sempre justificada pela motivação religiosa. Ela é amplamente causada pelo egotismo da visão de mundo natural em sua tradicional sobrevalorização de valores próprios e medo de desintegração, e deve ser construtivamente superada.

***

O fenômeno patocrático apareceu muitas vezes na história, alimentando de forma parasitária vários movimentos sociais, deformando suas estruturas e ideologias de um jeito característico. Consequentemente, ele deve ter se deparado com vários sistemas religiosos e com uma variedade de antecedentes históricos e culturais. Duas possibilidades básicas para uma relação entre esse fenômeno e um sistema religioso podem ser exemplificadas. A primeira ocorre quando a associação religiosa mesma sucumbe à infecção e ao processo ponerogênico, que leva ao desenvolvimento dos fenômenos mencionados dentro de si. A segunda possibilidade ocorre se uma patocracia se desenvolve como um parasita dentro de algum movimento social cuja característica é secular e política, o que deve inevitavelmente levar a um conflito com as organizações religiosas.

No primeiro caso a associação religiosa sucumbe para a destruição por uma força interna, seu organismo se torna subordinado a objetivos completamente diferentes da idéia original, e a sua teosofia e os seus valores morais cedem a uma deformação característica, servindo assim como um disfarce para a dominação por indivíduos patológicos. *A idéia religiosa então se torna tanto uma justificativa para o uso da força e do sadismo contra os não crentes, hereges e feiticeiros como um*

narcótico para a consciência das pessoas que colocam tais inspirações em execução.

Qualquer um que critique tal estado de coisas é condenado com *indignação paramoral*, supostamente em nome da idéia original e da fé em Deus, mas não porque ele realmente sinta e pense dentro das categorias das pessoas normais. Tal sistema retém o nome da religião original e muitos outros nomes específicos, jurando pelas barbas do profeta, enquanto usa isso para sua língua dupla. *Algo que deveria originalmente ser uma ajuda para a compreensão da verdade de Deus agora castiga as nações com a espada do imperialismo.*

Quando tais fenômenos forem de longa permanência, essas pessoas que retiveram sua fé nos valores religiosos condenarão tal estado de coisas, apontando suas amplas divergências da verdade. Elas o farão, infelizmente, sem entender a natureza e as causas do fenômeno patológico, isto é, nas categorias morais, cometendo assim o erro perverso com o qual já estamos familiarizados. Elas devem tirar vantagem de alguma situação geopolítica condescendente para protestar sobre esse estado de coisas, desligando-se do sistema original e criando várias seitas e denominações.

Esse tipo de desligamento pode ser considerado uma consequência característica de qualquer infecção do movimento por essa doença, seja ele religioso ou secular. O conflito religioso, por causa disto, assume o caráter de separações políticas, dando origem a uma guerra entre os vários crentes do mesmo Deus.

Como nós sabemos, esse estado se desenvolve lentamente para uma fase dissimulativa, logo que o rancor humano começa a se exaurir; contudo, essa forma permanecerá por muito mais tempo do que a alimentação da patocracia em um movimento secular. Os indivíduos humanos não podem

facilmente conter o processo inteiro dentro do seu quadro de referências, uma vez que tal estado atravessa muitas gerações. A sua crítica, portanto, estará limitada às questões com as quais eles estão diretamente familiares. No entanto, isso dá origem a uma frente de pressão gradual, mas não coordenada, de pessoas razoáveis, instigando desse modo algum tipo de evolução dentro de qualquer grupo assim produzido. *Tal evolução ajudará na reativação dos valores religiosos originais ou na superação das deformações.*

Se esse processo alcança seus objetivos finais depende de duas condições: *Se a idéia original foi contaminada por algum fator patológico desde o início, o objetivo não é alcançável.* Se ele é atingível, nossa aproximação assintomática nos colocará em uma posição onde a eliminação definitiva dos efeitos da doença superada requer uma *visão objetiva de sua essência e história.* Caso contrário, é impossível eliminar as deformações patológicas remanescentes que sobreviveriam como uma porta aberta para uma contaminação renovada.

Alguns grupos religiosos podem ter sido iniciados por pessoas que eram portadores de certas anomalias psicológicas. Uma atenção particular deve ser concentrada sobre as caracteropatias amplamente paranóicas e sobre o seu papel de instigar novas fases de ponerogênese, já discutido anteriormente. Para tais pessoas, o mundo da experiência humana normal (incluindo a experiência religiosa) sucumbe à deformação. A propaganda de si mesmo e de outros facilmente se segue, imposta sobre as outras pessoas por meio do egotismo patológico. Nós podemos observar seitas cristãs marginais nos dias de hoje, cujo início foi, sem sombra de dúvida, dessa natureza.

Se uma religião que posteriormente se divide em numerosas variações doutrinais tem esse começo, os processos regenerativos acima mencionados, executados pelo senso comum saudável, ocasionarão um ponto de avanço que

os ministros dessa religião perceberão como uma ameaça à sua existência. *A proteção de sua própria fé e de sua posição social causará, assim, o emprego de meios violentos contra qualquer um que ouse criticar ou provocar a liberalização.* O processo patológico começa outra vez. Esse é o estado de coisas que nós talvez estejamos testemunhando hoje.

Contudo, o mero fato de que algumas associações religiosas sucumbiram ao processo de ponerização não constitui prova de que a gnose ou a visão original estivessem contaminadas desde o início por erros que abriram a porta para a invasão de fatores patológicos, ou que ela tenha um efeito na influência deles. De fato, para as portas serem abertas à infecção por fatores patológicos e progressiva degeneração posterior, basta que esse movimento religioso sucumba à contaminação *algum tempo depois na sua história*, ou seja, como um resultado de influência excessiva da parte dos arquétipos estrangeiros, inicialmente da civilização secular, ou de compromissos com os objetivos dos governantes do país.

Este sumário sucinto repete os meus exemplos de causas e leis do curso do processo ponerogênico, dessa vez em relação aos grupos religiosos. Diferenças importantes devem ser ressaltadas, no entanto. As associações religiosas estão entre as estruturas sociais mais resistentes e de longa duração do ponto de vista histórico. *O processo ponerogênico em tal grupo executa seu curso em uma janela de tempo muito maior.* Com efeito, o homem necessita tanto da religião que cada grupo religioso, desde que seja numeroso o suficiente, conterá uma grande quantidade de pessoas normais (geralmente a maioria) que não se tornam desencorajadas e formam um braço inibidor do processo de ponerização. O equilíbrio da fase dissimulativa é também vantajoso para aquelas pessoas cujos sentimentos humanos e religiosos são normais. Apesar de tudo, gerações isoladas podem ter a impressão de que o

estado observado representa sua característica permanente e essencial, incluindo os erros que elas não podem aceitar.

Nós devemos então propor a seguinte questão: pode a ação mais constante e mais sensível, baseada na visão de mundo natural e nas reflexões moral e teológica, em algum momento eliminar completamente os efeitos do processo ponerogênico que foi há muito tempo superado?

Com base na experiência obtida junto a pacientes individuais, um psicoterapeuta duvidaria dessa possibilidade. As consequências da influência dos fatores patológicos podem somente ser definitivamente liquidadas se uma pessoa se tornar ciente de que foi o objeto de sua atividade. Tal método de correção cuidadosa dos detalhes pode parecer similar ao trabalho feito por um restaurador de arte que decide não remover todas as camadas de tinta e revelar o trabalho original do mestre no todo mas, ao contrário, retém e conserva umas pequenas falhas de correção para a posteridade.

Mesmo contra o pano de fundo condicional de que o tempo favorece o processo de cicatrização, tais esforços para desatar os nós, um a um, baseados na visão de mundo natural, somente levam à interpretação moralizante dos efeitos dos fatores patológicos incompreendidos, com a consequência do pânico e a tendência à fuga para um lado aparentemente seguro. O organismo do grupo religioso, desta forma, irá reter algum focos dormentes da doença, que pode se tornar ativa sob certas condições que a permitam.

Nós devemos entender que seguir o caminho da percepção naturalista do processo de gênese do mal, atribuindo a “falha” proporcional à influência de vários fatores patológicos, pode aliviar a nossa mente do fardo representado pelos resultados perturbadores de uma interpretação moralizante do seu papel na ponerogênese. Isso também permite uma

identificação mais detalhada dos resultados de sua operação, bem como sua eliminação definitiva. A linguagem objetiva mostra-se não somente como a mais precisa e econômica para se trabalhar, mas também mais segura como uma ferramenta de ação quando lidamos com situações difíceis e assuntos delicados.

Tal solução, mais precisa e consistente, para um problema herdado de séculos de ignorância ponerológica é possível *sempre que uma dada religião representa uma corrente de gnose e fé que foi originalmente autêntica o suficiente*. Uma abordagem corajosa para consertar as condições causadas por processos ponéricos perceptíveis no presente, ou pela perseverança contínua dos sobreviventes de tais estados que estão longe no passado, demanda tanto a aceitação dessa nova ciência como a convicção clara da verdade e ciência básica originais. Caso contrário, as dúvidas irão bloquear qualquer intenção desse tipo por meio de um medo insuficientemente objetivado, mesmo que tenham sido reprimidas profundamente no subconsciente. *Nós devemos estar convencidos de que a Verdade pode suportar tal limpeza nesse detergente moderno; não somente não haverá perda dos valores eternos para a religião, mas haverá uma recuperação verdadeira de seu vigor e de suas cores nobres originais*.

Com relação à segunda situação mencionada, quando o processo ponerogênico que levou à patocracia tiver afetado algum movimento político e secular, a situação da religião em tal país pode ser completamente diferente. A polarização das atitudes em relação à religião torna-se então inevitável. A organização social religiosa não pode ajudar, exceto ao assumir uma atitude crítica, tornando-se um suporte para a oposição por parte da sociedade das pessoas normais. Isso, por sua vez, leva o movimento afetado por esse fenômeno a uma atitude ainda mais intolerante em relação à religião. Tal

situação coloca a religião de uma dada sociedade frente ao fantasma da destruição física.

Sempre que a patocracia emerge em um processo autônomo, significa que os sistemas religiosos que dominam o país não foram hábeis para evitá-la a tempo.

Como regra, as organizações religiosas de um dado país têm influência suficiente sobre a sociedade para serem capazes de se opor ao mal nascente, se agirem com coragem e com a razão. Se elas não o podem fazer, é por resultado ou da fragmentação e rixa entre várias denominações ou da corrupção interna dentro do sistema religioso. Como resultado, as organizações religiosas toleraram longamente e até mesmo inspiraram de forma acrítica o desenvolvimento da patocracia. Essa fraqueza se torna mais tarde a causa dos desastres da religião.

No caso de uma patocracia infectada artificialmente, a responsabilidade solidária do sistema religioso pode ser menor, embora ainda, no geral, seja concreta. *Justifica-se inocentar o sistema religioso de um país da culpa pelo estado de coisas se a patocracia foi imposta pela força*. Condições específicas surgem nessa situação: as organizações religiosas têm a posição defensiva moralmente mais forte, são capazes de aceitar perdas materiais e podem também experimentar o seu próprio processo de recuperação.

Os patocratas podem ser capazes de utilizar os meios brutais e primitivos para combater a religião, mas é muito difícil para eles atacar a essência das convicções religiosas. Sua propaganda mostra-se excessivamente primitiva e ocasiona os fenômenos familiares de imunização ou resistência por parte das pessoas normais, com *o resultado final sendo o oposto da reação moral pretendida*. Os patocratas somente podem utilizar a força bruta para destruir a religião se sentirem a sua fraqueza. O princípio de “dividir e

conquistar" pode ser utilizado se existirem várias denominações com uma longa história de inimizade, mas os efeitos de tais medidas são geralmente efêmeros e podem levar à união entre as denominações.

O conhecimento prático específico coletado pela sociedade das pessoas normais sob um domínio patocrático, juntamente com o fenômeno de imunização psicológica, começam a exercer seu próprio efeito característico sobre a estrutura das denominações religiosas. Se algum sistema religioso sucumbe à infecção ponerogênica durante sua história, os efeitos e a sobrevivência contínua dessa infecção permanecem nele por séculos. Como já foi demonstrado, remediar esta situação por meio de reflexões morais e filosóficas implica em dificuldades psicológicas específicas. Mas sob um domínio patocrático, apesar do abuso sofrido por tal organização religiosa, os anticorpos específicos desta organização são transferidos, curando as sobrevivências ponerogênicas.

Tal processo específico auxilia na libertação das estruturas religiosas daquelas deformações causadas pela operação dos fatores patológicos que nos são familiares. Uma vez que o aparecimento da patocracia em várias formas, durante a história humana, sempre foi resultado de erros humanos que abriram a porta para o fenômeno patológico, é preciso também olharmos o outro lado da moeda. Nós devemos entender isso à luz daquela lei subestimada, quando o efeito de uma estrutura causal particular tem um significado teleológico próprio. Seria, contudo, altamente vantajoso para esse processo de recuperação se ele fosse acompanhado por uma ciência maior da natureza dos fenômenos, a qual também age de forma similar em termos do desenvolvimento da imunidade psicológica e da cura das personalidades humanas. Tal ciência poderia também auxiliar na elaboração de planos de ação mais seguros e mais eficazes.

Se os indivíduos e os grupos que acreditam em Deus forem capazes de aceitar uma compreensão objetiva dos fenômenos patológicos macrossociais, especialmente esse mais perigoso, a consequência natural revelará que existe uma certa separação das problemáticas religiosa e ponerológica, que qualitativamente ocupam planos diferentes da realidade. A atenção da Igreja pode então se voltar para questões ligadas à relação do homem com Deus, uma área que é a vocação das igrejas. Por outro lado, a resistência aos fenômenos ponerológicos e sua cobertura mundial deve ser largamente assumida por instituições políticas e científicas cujas ações são baseadas em uma compreensão naturalista da gênese e da natureza do mal. Tal separação de obrigações nunca pode ser muito consistente, uma vez que a gênese do mal inclui a participação das falhas humanas morais, e superá-las com base em premissas religiosas tem sido a responsabilidade das associações religiosas, desde sempre.

Algumas religiões e denominações sujeitas ao domínio patocrático são forçadas, pelas circunstâncias, a se tornarem excessivamente envolvidas nas questões convencionalmente relacionadas à política ou até mesmo em esforços econômicos. Isso é necessário tanto para proteger a existência mesma da organização religiosa como para auxiliar os fiéis amigos ou outros cidadãos que estejam sofrendo abuso. É importante, contudo, evitar que esse estado de coisas se torne permanente na figura do hábito e da tradição, uma vez que isso tornaria mais difícil a reversão posterior para o governo dos homens normais.

Apesar das diferenças existentes de convicção e tradição, a base para o esforço cooperativo por parte das pessoas de boa vontade deverá conter essa convergência característica entre os preceitos dos Evangelhos Cristãos (e outras religiões monoteístas) e a visão ponerológica da gênese do mal,

conforme as conclusões que deduzimos. Os fiéis de várias religiões e denominações, de fato, acreditam no mesmo Deus e no momento estão ameaçados pelo mesmo fenômeno patológico macrossocial. Isso cria dados suficientes para permitir uma busca por cooperação em realizações cujo valor é tão óbvio.

Durante séculos foram feitas tentativas para tratar várias doenças com base na compreensão ingênua e na experiência transmitida de geração para geração. Essa atividade não foi ineficiente; em muitos casos ela produziu resultados vantajosos. A substituição dessa medicina tradicional pela ciência moderna recém criada na Europa fez com que a saúde pública se deteriorasse inicialmente. Contudo, foi somente com a ajuda da ciência moderna que muitas doenças foram vencidas, doenças contra as quais a medicina tradicional havia sido impotente. Isso ocorreu porque uma compreensão naturalista da doença e de suas causas criou uma base para sua neutralização.

Em relação ao fenômeno discutido nesse trabalho, nossa situação é similar àquela produzida pela crise acima mencionada em relação à saúde das nações européias. Nós deixamos para trás a organização sócio-moral tradicional, mas ainda não elaboramos uma ciência mais valiosa, uma que poderia preencher a lacuna. Nós, portanto, necessitamos de critérios recentemente estabelecidos que possam se tornar a base para uma disciplina análoga, com uma estrutura resistente. Simultaneamente, isso atenderia a uma necessidade premente no mundo de hoje.

De acordo com a compreensão contemporânea, o tratamento efetivo de uma doença se torna possível uma vez que tenhamos apreendido sua essência, seus fatores etiológicos, suas propriedades e seu curso patodinâmico dentro dos organismos que apresentam propriedades biológicas desiguais. Uma vez que tal conhecimento está

disponível, encontrar as medidas de tratamento apropriadas geralmente se mostra menos difícil e uma obrigação menos perigosa. Para médicos, a doença representa um fenômeno biológico interessante, até mesmo fascinante. Eles freqüentemente aceitam o risco de contato com os fatores patogênicos contagiosos e sofrem perdas com o objetivo de compreender a doença, a fim de se tornarem capazes de curar as pessoas. Graças a isso, eles alcançaram a possibilidade do tratamento etiotrópico e da imunização artificial dos organismos humanos a determinadas doenças. A saúde do próprio médico é, assim, também mais protegida nos dias de hoje; mas ele não deve jamais menosprezar o paciente ou sua doença.

Quando somos confrontados com o fenômeno macrossocial patológico que requer que procedamos de modo análogo, em princípio, àquele que governa a medicina contemporânea, especialmente com relação à superação de doenças que se propagam facilmente entre as populações, a lei exige medidas rigorosas e necessárias que se tornam obrigatórias também para as pessoas saudáveis. É também importante apontar que pessoas e organizações políticas com uma visão de mundo esquerdista geralmente representam uma atitude mais consistente nesse assunto, exigindo tais sacrifícios em nome do bem comum.

Nós também devemos estar cientes de que o fenômeno diante de nós é análogo àquelas doenças contra as quais a medicina tradicional se mostrou inadequada. Para superar esse estado de coisas, nós devemos consequentemente utilizar novos meios, baseados na compreensão da essência e das causas do fenômeno patocrático, ou seja, de acordo com princípios análogos aos que governam a medicina moderna. A rota para a compreensão do fenômeno foi também muito mais difícil e perigosa do que aquela que deveria levar de tal compreensão até a descoberta de atividades terapêuticas

apropriadamente organizadas e justificadas naturalística e moralmente. Esses métodos são potencialmente possíveis e factíveis, uma vez que derivam de uma compreensão do fenômeno por si e se tornam uma extensão disso. Nessa "doença", assim como em muitos casos tratados pelos psicoterapeutas, a própria compreensão já inicia a cura das personalidades humanas. O autor confirmou isso na prática em casos individuais. Também parece que muitos dos resultados experimentais conhecidos se tornarão também similarmente aplicáveis.

A insuficiência de esforços baseados nos melhores valores morais tornou-se cultura comum depois de anos de repercussão. As armas militares poderosas que colocam toda a humanidade em risco podem, por outro lado, ser consideradas tão indispensáveis como uma camisa-de-força, algo cujo uso diminui na proporção em que são aperfeiçoadas as habilidades de governar o comportamento das pessoas encarregadas da cura de outras. Nós necessitamos de medidas que possam alcançar todas as pessoas e todas as nações, e que possam operar sobre as causas reconhecidas das grandes doenças.

Tais medidas terapêuticas não podem estar limitadas ao fenômeno da patocracia. A patocracia sempre encontrará uma resposta positiva se algum país independente for infectado com o avanço do estado de histeria, ou se uma pequena casta privilegiada oprimir e explorar os outros cidadãos, deixando-os atrasados e na escuridão. Qualquer um que queira tratar o mundo pode assim ser perseguido, e o seu direito moral para agir pode ser questionado. O mal no mundo, de fato, constitui um contínuo: um tipo abre a porta para outro, independentemente de sua essência qualitativa ou do slogan ideológico que o oculta.

Também é impossível encontrar meios efetivos de ação terapêutica se as mentes das pessoas responsáveis por essas

tarefas forem afetadas pela tendência ao pensamento conversivo, como a seleção subconsciente e a substituição de informações, ou se alguma doutrina que impeça uma percepção objetiva da realidade se tornar obrigatória. Em particular, uma doutrina política para a qual o fenômeno patológico macrossocial, de acordo com sua famosa ideologia, se tornou um dogma, bloqueando um entendimento de sua verdadeira natureza tão bem a ponto de se tornar impossível uma ação intencional. Qualquer um que administre essa ação deveria se submeter a um exame preliminar, ou até mesmo a um tipo de psicoterapia, para eliminar quaisquer tendências em direção até mesmo a um pensamento levemente desleixado.

Assim como qualquer tratamento bem gerenciado, a terapia para o mundo deve conter duas exigências básicas: o fortalecimento dos poderes de defesa da comunidade humana como um todo e o ataque da sua doença mais perigosa, se possível de forma etiotrópica. Levando em consideração todos os aspectos referenciados no capítulo teórico sobre a ponerologia, os esforços terapêuticos devem ser conduzidos, sujeitando as operações dos fatores conhecidos da gênese do mal e os processos mesmos da ponerogênese aos controles de uma consciência social e científica.

Tentativas presentes de confiar somente nas informações morais, não importando quão sinceramente forem percebidas, também se mostram inadequadas, da mesma forma que seria tentar agir unicamente com base nos dados contidos nesse livro, ignorando o suporte essencial dos valores morais. A atitude do ponerologista enfatiza primordialmente os aspectos naturalistas dos fenômenos; todavia, isso não significa que os aspectos tradicionais tenham diminuído em valor. Os esforços que visam dotar a vida das nações com a ordem moral necessária devem, assim,

constituir uma segunda ala, trabalhando em paralelo e racionalmente apoiada pelos princípios naturalistas.

As sociedades contemporâneas foram pressionadas para um estado de recessão moral durante o final do século XIX e o início do século XX. Tirá-las desse estado é uma obrigação geral desta geração e deve permanecer como um pano de fundo para a atividade como um todo. A posição básica deveria ser a intenção de cumprir o mandamento de amar o próximo, incluindo até mesmo aqueles que cometeram um mal substancial, e mesmo se esse amor indicar a tomada de ações profiláticas para proteger os outros desse mal. Um grande esforço terapêutico somente pode ser efetivo uma vez que o façamos com o controle honesto da consciência moral, a moderação das palavras e a consideração na ação. Nesse ponto, a ponerologia mostrará a sua utilidade prática no cumprimento dessa tarefa. As pessoas e os valores desenvolvem-se na ação. Então, uma síntese dos ensinamentos morais tradicionais e essa nova abordagem naturalista somente podem ocorrer com o comportamento racional.

Seria difícil resumir aqui as afirmações de muitos autores famosos sobre o papel da psicoterapia em tornar uma pessoa consciente do que tem lotado o seu subconsciente, reprimido por um esforço constante e doloroso, por causa do medo que ela tem de encarar uma verdade desagradável de frente, por não possuir as informações objetivas para derivar as conclusões corretas ou por ser muito orgulhosa para permitir que se saiba que ela se comportou de forma ridícula. Além de ser muito bem compreendido por especialistas, esse assunto também se tornou de conhecimento geral, em um certo grau.

Em qualquer método ou técnica de psicoterapia analítica, ou psicoterapia autônoma, como T. Szasz[80] a chamou, a motivação orientadora da ação é a exposição à luz da consciência de qualquer material que tenha sido reprimido por meio da seleção subconsciente da informação ou pela desistência diante de problemas intelectuais. Isso é acompanhado por um desilusionamento das substituições e racionalizações, cuja criação está geralmente na mesma proporção da quantidade de material reprimido.

Em muitos casos, acontece que o material eliminado do campo da consciência por medo, e freqüentemente substituído por associações ostensivamente mais confortáveis, nunca teria tido esses resultados perigosos se, no início, tivéssemos reunido coragem para percebê-lo conscientemente. Nós então estaríamos na posição de encontrar uma saída independente, e em geral criativa, para a situação.

Em alguns casos, no entanto, especialmente quando lidamos com fenômenos que são difíceis de entender dentro das categorias da nossa visão de mundo natural, conduzir o paciente para fora de seus problemas exige que o supramos com informações objetivas cruciais, geralmente das áreas da

biologia, psicologia e psicopatologia, e que indiquemos dependências específicas que ele não foi capaz de compreender antes. A atividade instrutiva começa a dominar o trabalho psicoterapêutico nesse momento. Afinal de contas, o paciente necessita desses dados adicionais para reconstruir sua personalidade desintegrada e formar uma nova visão de mundo mais adequada à realidade. Somente então nós podemos partir para os métodos mais tradicionais. Se nossas atividades são para o benefício de pessoas que permaneceram sob a influência de um sistema patocrático, esse último padrão de comportamento é o mais apropriado. As informações objetivas fornecidas aos pacientes devem derivar de um entendimento da natureza do fenômeno.

Conforme já esclarecido, o autor foi capaz de observar o funcionamento do processo de tornar alguém conscientemente ciente da essência e das propriedades do fenômeno macrossocial, com base nos pacientes individuais que se tornaram neuróticos pela influência de condições sociais patocráticas. Em países dominados por tais governos, quase toda pessoa normal carrega dentro de si alguma reação neurótica de intensidade variada. Afinal de contas, *a neurose é a reação normal da natureza humana à condição de ser subjugado por um sistema patológico.*

Apesar da ansiedade que essas operações psicoterapêuticas corajosas necessariamente produzem nos dois lados, meus pacientes assimilavam rapidamente as informações objetivas que estavam sendo fornecidas, complementando-as com as suas próprias experiências, com informações adicionais necessárias e com a verificação de como se aplicavam essas informações. A reintegração criativa e espontânea de suas personalidades acontecia logo depois, acompanhada por uma reconstrução similar de sua visão de mundo. A psicoterapia subsequente era meramente uma assistência continuada nesse processo cada vez mais

autônomo e na solução de problemas individuais, ou seja, uma abordagem mais tradicional. Essas pessoas perderam suas tensões crônicas; suas visões perceptivas dessa realidade anômala se tornaram incrivelmente realistas e adornadas com humor. O reforço de sua capacidade para manter a própria higiene psicológica, para a auto-terapia e para a auto-pedagogia foi muito melhor que o esperado. Elas se tornaram mais talentosas nos assuntos da vida prática e eram capazes de dar bons conselhos aos outros. Infelizmente, o número de pessoas em quem um psicoterapeuta podia confiar adequadamente era muito limitado.

Um efeito similar deve ser obtido em uma escala macrossocial, algo tecnicamente factível sob as presentes condições. Nessa escala operacional, liberará a interação espontânea desses indivíduos esclarecidos e a multiplicação social dos fenômenos terapêuticos. Estes últimos então criarão uma reação social qualitativamente nova e muito provavelmente tempestuosa; nós devemos estar preparados para agir com o intuito de acalmá-la. Finalmente, isso trará um sentimento geral de relaxamento e de triunfo da própria ciência contra o mal; isso não pode ser negado por quaisquer meios verbais e a força física também se torna sem sentido. O uso de medidas tão diferentes de qualquer coisa já utilizada antes produzirá um sentimento de “fim de uma era” durante a qual esse fenômeno macrossocial foi capaz de emergir e de se desenvolver, mas que agora está morrendo. Isso seria acompanhado por uma sensação de bem estar das pessoas normais.

Dentro dessa sugestão de psicoterapia global, o material adicional objetivado na forma de uma compreensão naturalista do fenômeno constitui o fundamental; este livro possui a coleção de informações mais essenciais que o autor foi capaz de obter e de apresentar aqui, em uma abordagem parcialmente simplificada. Sem dúvida, isso não representa a

totalidade do conhecimento necessário; acréscimos posteriores devem ser necessários. Por outro lado, eu dediquei menos atenção aos métodos, uma vez que isso constituiria em redundâncias múltiplas dos tipos de terapias que muitos especialistas já conhecem e usam em sua prática.

A proposta desta atividade será deixar que o mundo retome sua capacidade de fazer uso do senso comum saudável e reintegrar as visões de mundo com base em dados cientificamente objetivados e adequadamente popularizados. A consciência assim criada seria muito mais apropriada à realidade que foi mal interpretada até recentemente. Como resultado, o homem se tornaria mais sensível na atividade prática, mais independente e engenhoso na solução dos problemas da vida e se sentiria mais seguro. Essa tarefa não é nova. Ela é o ganha-pão diário de um bom psicoterapeuta. O problema é mais técnico que teórico, a saber, como disseminar urgentemente tais influências através do globo.

***

Todo psicoterapeuta deve estar preparado para as dificuldades causadas pela resistência psicológica derivada de atitudes e convicções cuja perda de fundamento se revela no curso do trabalho. Particularmente no caso de um grupo numeroso de pessoas, essas resistências acabam sendo manifestadas mais explicitamente. Todavia, entre os membros desse grupo, nós também encontramos aliados que nos ajudam a quebrar essas resistências. Para visualizar isso vamos voltar mais uma vez para o exemplo da família N., na qual uma dúzia ou mais de pessoas colaboraram no abuso de um bode expiatório de treze anos de idade, inteligente e agradável.

Quando eu expliquei aos tios e tias que eles haviam estado sob a influência de uma pessoa psicologicamente anormal por anos, aceitando seu mundo ilusório como sendo real e

participando (com honra percebida) em sua vingança contra o garoto que era supostamente o culpado pelos seus fracassos, inclusive aqueles que ocorreram anos antes do seu nascimento, o *choque* reprimiu temporariamente sua indignação. Não houve um ataque subsequente, provavelmente porque tudo aconteceu no meu consultório do serviço de saúde pública e eu estava protegido com meu jaleco branco, que costumo vestir sempre que não me sinto completamente seguro. Eu sofri somente ameaças verbais. Uma semana depois, contudo, eles começaram a retornar, um por um, pálidos e em um estado lastimável. Embora com dificuldades, eles realmente ofereceram ajuda e cooperação para restaurar a situação familiar e o futuro desse garoto desafortunado.

Muitas pessoas sofrem um *choque* inevitável e reagem com oposição, protesto e *desintegração* da sua personalidade humana, quando informados de tal estado de coisas, ou seja, de que eles haviam estado sob a propaganda e a influência traumatizante de um fenômeno patológico macrossocial, não importando se eram os seguidores desse sistema ou seus opositores. Muitas pessoas se levantam em um protesto ansioso pelo fato de que a ideologia que condenavam ou aceitavam de alguma forma, mas que consideravam uma diretriz, está agora sendo tratada como algo secundário em importância.

Os protestos mais barulhentos vinham daqueles que se consideravam justos, pois condenavam esse fenômeno macrossocial com talento literário e vozes elevadas, utilizando o nome derivado de sua ideologia mais recente, bem como fazendo uso excessivo de interpretações moralizantes em relação aos fenômenos patológicos. Forçá-los a uma percepção de uma compreensão correta da patocracia seria quase um Trabalho de Sísifo, uma vez que eles teriam que se tornar conscientes do fato de que seus

esforços serviram amplamente a objetivos opostos às suas intenções. Especialmente se eles se engajaram em tais atividades profissionalmente, é mais prático evitar a liberação de suas agressões; pode-se até considerar que tais pessoas idosas são muito velhas para terapia.

Transformar a visão de mundo de pessoas vivendo em países com o sistema do homem normal se torna uma tarefa ainda mais trabalhosa, uma vez que elas são muito mais egotisticamente ligadas às imaginações sugeridas a elas desde a infância, tornando mais difícil de se reconciliarem com o fato de que existem assuntos que o seu sistema conceitual natural não podem assimilar. A elas também falta a experiência específica disponível para as pessoas que viveram sob o domínio patocrático por anos. Nós devemos, portanto, esperar a resistência e o ataque da parte das pessoas que estão protegendo seu sustento e suas posições, assim como defendendo suas personalidades de uma desintegração vexatória. Para abster-se de tal alienação, nós temos que contar com as reações adequadas da maioria.

A aceitação dessa psicoterapia será diferente em países onde as sociedades das pessoas normais já foram criadas, oferecendo resistência sólida ao domínio patocrático. Muitos anos de experiência, uma familiaridade prática com o fenômeno e a imunização psicológica nesse lugar muito tempo atrás produziram um terreno fértil para lançar as sementes da verdade objetiva e da compreensão naturalista. Uma explicação da essência do fenômeno macrossocial será tratada como uma psicoterapia atrasada que, lamentavelmente, deveria ter sido ofertada muito mais cedo (isso teria permitido ao paciente evitar muitos erros), mas ainda é útil porque fornece a ordem e o relaxamento, permitindo uma ação racional subsequente. Tais dados, lá aceitos através de um processo bastante doloroso, serão associados com a experiência já possuída. Não existirão

protestos egoística ou egotisticamente inspirados nesse mundo. O valor de uma visão objetiva será apreciado muito mais rapidamente, uma vez que garante uma base para a atividade racional. Logo em seguida, o sentimento de realismo em apreender o mundo ao redor, seguido por um senso de humor, começarão a compensar essas pessoas pela experiência que elas viveram, ou seja, a desintegração de suas personalidades humanas causadas por tais terapias.

A desintegração da estrutura da visão de mundo anterior criará um sentimento temporário de vazio desagradável. Os terapeutas conhecem bem a responsabilidade consequente de preencher esse vazio, tão rápido quanto possível, com material mais crível e confiável do que os conteúdos que foram corrigidos, ajudando a evitar os métodos primitivos de reintegração da personalidade. Na prática, é melhor minimizar a ansiedade do paciente, fazendo promessas adiantadas de que um material apropriadamente objetivado será fornecido na forma de dados confiáveis. Essa promessa deve então ser mantida, antecipando parcialmente a aparição dos estados desintegrativos. Eu testei essa técnica com sucesso em pacientes individuais e aconselharia sua implementação em grande escala, como sendo segura e efetiva.

Para as pessoas que já tiverem desenvolvido uma imunidade psicológica natural, sua resistência aumentada à influência destrutiva da patocracia sobre suas personalidades, adquirida devido à consciência da essência da patocracia, pode ser de menor significância, mas não sem valor, uma vez que leva ao aperfeiçoamento da qualidade da imunização a um custo mais baixo, em termos de tensão nervosa. Contudo, para aquelas pessoas hesitantes que constituem a parte dos membros bem ajustados à nova classe média, as atividades imunizantes fornecidas por uma ciência

da natureza patológica do fenômeno podem inclinar sua escala de atitudes na direção da decência.

O segundo aspecto chave de tais operações que deve ser considerado é a influência desses comportamentos instruídos sobre as personalidades dos patocratas mesmos.

No decorrer da psicoterapia individual nós tentamos evitar fazer com que os pacientes ficassem cientes das aberrações permanentes, especialmente quando tínhamos razões para acreditar que eles eram condicionados por fatores hereditários. Os psicoterapeutas, contudo, são orientados pela consciência da existência dessa condição na sua tomada de decisão. Somente no caso dos resultados de lesões pequenas no tecido cerebral nós decidimos deixar o paciente ciente, a fim de ajudá-lo a elaborar uma maior tolerância com as suas dificuldades e de abolir os medos desnecessários. Em relação aos indivíduos psicopáticos, nós tratamos os seus desvios por meio de uma linguagem alusiva cuidadosa, tendo em mente que eles têm um tipo de autoconhecimento, e nós prosseguimos com as técnicas de modificação do comportamento para corrigir suas personalidades, levando em consideração os interesses da sociedade também.

Quanto a operações em escala macrossocial, não é viável, obviamente, manter essas últimas táticas cautelosas de atividade. Traumatizar os patocratas será inevitável em uma certa extensão, e até mesmo moralmente e intencionalmente justificável pelo interesse da paz na Terra. Da mesma forma, todavia, nossa atitude deve ser definida pela aceitação dos fatos biológicos e psicológicos, renunciando a qualquer interpretação dos seus desvios psicológicos carregada moral e emocionalmente. Ao nos responsabilizarmos por esse trabalho, nós devemos considerar o bem da sociedade com sendo supremo. Apesar disso, nós não devemos abandonar nossa atitude psicoterapêutica e nos privarmos de punir aqueles cuja culpa não estamos aptos a avaliar. Se

esquecêssemos disso, aumentaríamos o risco de ações incontroladas por parte deles, o que poderia causar uma catástrofe mundial.

Ao mesmo tempo, nós não devemos alimentar medos exagerados; por exemplo, que tais atividades públicas esclarecedoras irão provocar reações excessivamente dramáticas entre os patocratas, ou seja, uma onda de crueldade ou suicídio. Não! Esses indivíduos descritos como psicopatas essenciais, em conjunto com muitos outros portadores de anomalias hereditárias correlatas, têm elaborado desde a infância um sentimento de serem psicologicamente diferente dos outros. Revelar essa consciência para eles é menos traumático do que, por exemplo, sugerir uma anormalidade psicológica para uma pessoa normal. A facilidade com que eles reprimem o material desagradável do seu campo de consciência os protegerá de reações violentas.

O que eles podem fazer, se nenhuma ideologia puder mais ser utilizada como uma máscara? Uma vez que a essência do fenômeno tiver sido cientificamente desmascarada, o resultado psicológico é sentimento de que o seu papel histórico terminou. Seu trabalho, além disso, assume um significado criativo historicamente, se o mundo das pessoas normais oferecê-los uma conciliação sob condições vantajosas sem precedentes. Isso causaria uma desmobilização geral da patocracia, especialmente nos países onde, praticamente falando, o apoio de uma ideologia já foi perdido. Essa desmobilização interna que eles tanto temem constitui o segundo objetivo mais importante.

Uma condição crucial e complemento do trabalho terapêutico deve ser o perdão para os patocratas, como um produto da compreensão tanto deles quanto dos sinais dos tempos. Isso deve ser executado por meio de alterações nas leis correspondentes, com base em nossa compreensão do

homem e do processo de gênese do mal que opera dentro das sociedades, o que irá neutralizar tais processos de forma causal e substituirá as antigas leis “penais”. A previsão de criação dessa lei não deve ser tratada meramente como uma promessa psicoterapêutica; ela deve ser preparada cientificamente e então efetivada.

A evolução contemporânea dos conceitos legais e da moralidade social democrática está orientada para desmantelar as tradições antigas de manutenção da ordem e da lei por meio da repressão punitiva. Muitos países abandonaram a pena capital, incomodados com os abusos genocidas durante a última guerra mundial. Outras punições e os métodos de sua execução também têm sido mitigados, levando em consideração as motivações psicológicas e as circunstâncias do crime. A consciência das nações civilizadas protesta contra o princípio do direito romano - *Dura lex, sed lex* – e ao mesmo tempo os psicólogos compreendem a possibilidade de que muitas pessoas atualmente desequilibradas possam reverter sua situação para uma vida social normal, graças a medidas pedagógicas apropriadas. Contudo, a prática só confirma essa possibilidade parcialmente.

A razão é que a mitigação da lei não foi balanceada com os métodos correspondentes de repressão dos processos da gênese do mal, com base em sua compreensão. Isso provoca uma crise na área de proteção das sociedades contra o crime e torna mais fácil para que os círculos de patocratas utilizem o terrorismo a fim de atingir os seus objetivos expansionistas. Sob tais condições, muitas pessoas sentem que o retorno à tradição de maior rigor legal é o único meio de proteger a sociedade de um excesso do mal. Outros acreditam que esse comportamento tradicional nos enfraquece moralmente e abre a porta para abusos irrevogáveis. Eles então subordinam a vida e a saúde dos outros aos valores humanistas.

A fim de sair dessa crise, nós devemos incitar todos os nossos esforços na busca por uma nova via, que ao mesmo tempo seria mais humanitária, mas também protegeria efetivamente as sociedades e os indivíduos indefesos. Tal

possibilidade existe e pode ser implementada com base na compreensão objetiva da gênese do mal.

Na essência dos fatos, a tradição não realista de uma relação entre um "crime" da pessoa, que nenhuma outra pessoa está em posição de avaliar objetivamente, e a sua "punição", que é raramente eficiente para mudá-la, deveria ser relegada à história. A ciência das causas do mal deveria fortalecer a disciplina moral da sociedade e ter um efeito profilático. Freqüentemente, o simples ato de tornar uma pessoa ciente de que ela está sob a influência de um indivíduo patológico faz com que o círculo de destruição seja quebrado.

Uma psicoterapia apropriada deve, portanto, ser incluída permanentemente nas medidas de reação ao mal. Infelizmente, se alguém está atirando em nós, nós devemos atirar de volta, ainda melhor. Ao mesmo tempo, contudo, nós devemos trazer de volta a lei do perdão, aquela velha lei dos soberanos sábios. Afinal de contas, ela tem princípios morais e psicológicos profundos e é mais eficiente que a punição em algumas situações.

Os códigos penais prevêem que o autor de um ato penal que, no momento da sua transgressão, apresentava limitações em sua habilidade de discernir o significado do seu ato ou de controlar o seu próprio comportamento, em função de uma doença mental ou de alguma outra deficiência psicológica, receba uma sentença de grau apropriado. Se nós formos, portanto, considerar a responsabilidade dos patocratas à luz de tais leis e à luz do que já dissemos sobre as motivações do seu comportamento, nós deveríamos então mitigar consideravelmente o âmbito da justiça, dentro do mesmo quadro das regras existentes.

As regras legais acima mencionadas, que são mais modernas na Europa do que nos Estados Unidos, estão

desatualizadas em qualquer lugar e insuficientemente coerentes com a realidade bio-psicológica. Elas são um compromisso entre o pensamento jurídico tradicional e o humanismo médico. Além disso, os legisladores não estão em posição de perceber os fenômenos patológicos macrossociais que dominam os indivíduos e limitam significativamente a sua habilidade de discernir o significado do seu próprio comportamento. Indivíduos suscetíveis são sugados sorrateiramente, uma vez que não estão a par das características patológicas desse fenômeno. As propriedades específicas desses fenômenos fazem com que a escolha de atitudes seja determinada decisivamente por fatores inconscientes, seguida pela pressão dos dominadores patocráticos, que não são tão preocupados com os seus métodos e nem mesmo com os seus próprios adeptos. Qual seria o grau de mitigação penal que os julgaria com justiça?

Por exemplo, se a atração e a inclusão da psicopatia essencial em atividades patocráticas é praticamente cem por cento previsível, deveria um julgamento reconhecer uma mitigação similar para a punição? Isso também deveria ser aplicado a outras anomalias hereditárias, em uma menor extensão, uma vez que elas também se mostram como fatores principais na seleção de atitudes.

Nós não deveríamos culpar ninguém por ter herdado alguma anomalia psicológica de seus pais, da mesma forma que não culpamos alguém no caso de anomalias físicas e fisiológicas como o Daltonismo. Nós devemos também parar de culpar as pessoas que sucumbem a traumas e doenças que deixam para trás danos ao tecido cerebral, ou aquelas que se tornam objeto de métodos pedagógicos desumanos.

Em nome do bem dessas pessoas e do bem da sociedade, nós deveríamos usar a força em relação a elas, e incluirmos algumas vezes a psicoterapia, a supervisão, a prevenção e o cuidado forçados. Qualquer conceito de culpa ou condenação

somente tornaria mais difícil nos comportarmos de uma forma que não somente é mais humanitária e intencional, mas também mais efetiva.

Em se tratando de um fenômeno macrossocial, particularmente esse cuja duração é maior do que a vida ativa de um indivíduo, sua influência permanente força até mesmo as pessoas normais a se adaptarem em um certo grau. Nós, cujos instintos e inteligência são normais, estamos, de acordo com os critérios de nossa visão de mundo moral, na posição de avaliar a culpa dessas outras pessoas por ações que eles executaram dentro de uma loucura coletiva da patocracia? Julgá-los de acordo com as regras jurídicas tradicionais consistiria em retornar à imposição de força do homem normal sobre os indivíduos psicopáticos, ou seja, à posição inicial que fez com que a patocracia tivesse início. Sujeitá-los a uma justiça vingativa vale o prolongamento de duração da patocracia, mesmo que por um ano, muito menos se for por tempo indeterminado? A eliminação de um certo número de psicopatas diminuiria significativamente o fardo dessas anomalias sobre o conjunto de genes da sociedade e contribuiria em direção a uma solução para esse problema?

Infelizmente, a resposta é não.

As pessoas com vários desvios psicológicos sempre existiram, em toda sociedade na terra. Seu modo de vida consiste sempre em alguma forma de *predação* sobre a criatividade econômica da sociedade, uma vez que suas próprias capacidades criativas são geralmente abaixo do padrão. Qualquer pessoa que se conecte a esse sistema de parasitismo organizado perde gradualmente qualquer capacidade limitada para o trabalho lícito que pode ter tido.

Esse fenômeno e sua brutalidade são na verdade mantidos pela ameaça de retaliação legal ou, ainda pior, de retribuição por parte das massas enfurecidas. Os sonhos de vingança

distraem a atenção da sociedade da compreensão da essência bio-psicológica do fenômeno e estimulam as interpretações moralistas cujos resultados nós já conhecemos. Isso tornaria mais difícil encontrar uma solução para a atual situação perigosa e tornaria mais complicada a possibilidade de solução para o problema de sobrecarga genética das anomalias psicológicas da sociedade, tendo em vista as futuras gerações. Esses problemas, contudo, tanto presentes como futuros, podem ser resolvidos se os abordarmos com um entendimento de sua essência naturalista e uma compreensão da natureza dessas pessoas que cometem um mal substancial.

A retribuição legal seria uma repetição do erro de Nuremberg. Esse julgamento sobre os crimes de guerra poderia ter sido uma oportunidade, que nunca mais se repetirá, de mostrar ao mundo a total psicopatologia do sistema hitleriano, com a pessoa do "Füher" na liderança. Isso teria levado a uma diminuição mais rápida e mais profunda do abuso da tradição nazista na Alemanha. Tal exposição consciente das operações dos fatores patológicos em uma escala macrossocial teria reforçado o processo de reabilitação psicológica dos alemães e do mundo como um todo, por meio de categorias naturalistas aplicáveis ao estado de coisas. Isso também teria constituído um precedente saudável para iluminar e reprimir outras operações patocráticas.

O que realmente aconteceu foi que os psiquiatras e psicólogos sucumbiram muito facilmente às pressões de suas próprias emoções e de fatores políticos, e os seus julgamentos deram pouca atenção às propriedades patológicas reais, tanto da maioria dos réus, como do Nazismo como um todo. Vários indivíduos famosos com características psicopáticas ou de outros desvios foram enforcados ou sentenciados a termos de prisão. Muitos fatos e dados que poderiam servir às propostas demonstradas

nesse trabalho foram enforcados e aprisionados junto com esses indivíduos. Nós podemos entender facilmente porque os patocratas são tão ávidos para atingir esse resultado preciso. Não nos é permitido repetir tais erros, uma vez que os resultados tornam ainda mais difícil compreender a essência dos fenômenos patológicos macrossociais, e através disso eles limitam as possibilidades de repressão às suas causas internas.

Na situação real do mundo de hoje, há somente uma solução moralmente e cientificamente justificada que pode curar nosso drama das nações e também fornecer um começo adequado para a solução do problema da sobrecarga genética da sociedade tendo em vista o futuro. Seria uma lei apropriada baseada no melhor entendimento possível dos fenômenos patológicos macrossociais e suas causas, que limitaria a responsabilidade dos patocratas àqueles únicos casos (geralmente de natureza criminosa sádica) nos quais é difícil aceitar a inabilidade de discernir o significado de tal ato. Só isso poderia possibilitar que as sociedades das pessoas normais retomassem o poder e liberassem os talentos internos que poderiam garantir um retorno da nação à vida normal.

Esse ato de perdão é de fato justificado pela natureza – uma vez que é derivado do reconhecimento de uma causa psicológica que governa uma pessoa, enquanto ela comete o mal – em dois sentidos: tanto dentro, no âmbito de nossa cognição, como fora da área que somos aptos a compreender. Este escopo acessível à cognição científica aumenta ao longo do processo de conhecimento geral. Em uma patocracia, contudo, a imagem do fenômeno é tão dominada pela causalidade que não há muito espaço sobrando para livre escolha.

Nós nunca estaremos, de fato, na posição de avaliar a extensão da livre escolha com a qual uma pessoa individual

foi dotada. Ao perdoar, nós subordinamos nossa mente às leis da natureza, em uma extensão básica. *Quando nós evitamos o julgamento em relação àquilo que está no âmbito do ainda desconhecido para nós, sujeitamos nossa mente à disciplina de privar-se de entrar no domínio do que é muito pouco acessível à nossa mente*.

Assim o perdão leva nossa razão para um estado de disciplina e ordem intelectual, e com isso nos permite discernir a realidade da vida e suas ligações mais claramente. Isso faz com que seja mais fácil para nós controlar nossos reflexos vingativos do instinto e proteger nossas mentes da tendência de impor interpretações moralizantes sobre os fenômenos psicopatológicos. Isso é claramente vantajoso tanto para os indivíduos como para as sociedades.

Ao mesmo tempo, e em concordância com os preceitos das grandes religiões, o perdão nos ajuda a apreciar a ordem sobrenatural e com isso ganhar o direito do perdão a si mesmo. Isso nos faz mais capazes de perceber a voz interior dizendo “faça isso” ou “não faça aquilo”, e melhora a nossa capacidade de tomar decisões adequadas para situações complicadas quando algum dado necessário nos falta. Nessa batalha extremamente difícil nós podemos não renunciar a essa assistência e ao privilégio. Elas podem ser decisivas para inclinar o fiel da balança em direção à vitória.

As nações que durante muito tempo tiveram que suportar o domínio patocrático estão agora próximas de aceitar tal proposição como resultado do seu conhecimento prático daquela outra realidade e da evolução característica de sua visão de mundo. Contudo, suas motivações são dominadas por informações práticas que também são derivadas da adaptação à vida naquela realidade divergente. As motivações religiosas também aparecem; a compreensão e a afirmação amadurecem sob tais condições específicas. Seus processos de pensamento e sua ética social também evidenciam a idéia

de um certo significado teleológico dos fenômenos, no sentido de um divisor de águas histórico.

Tal ato de renúncia da vingança judicial e emocional em relação às pessoas cujo comportamento foi condicionado por causas psicológicas, especialmente fatores hereditários específicos, é justificado pelo naturalismo em um grau significativo. Contudo, tais princípios naturalistas e racionais devem permitir que as decisões definitivas amadureçam. O esforço intelectual envolvido em cortar os elos com uma compreensão natural dos problemas do mal e uma confrontação disso com preceitos morais devem produzir frutos em muitos produtos do pensamento humano.

As pessoas que perderam a sua habilidade de se adaptar ao trabalho sensível, para serem contratadas terão que ter garantidas as condições de vida toleráveis e a assistência nos seus esforços para se readaptarem. Os custos incorridos à sociedade em relação a isso serão provavelmente menores que aqueles envolvidos em qualquer outra solução. Tudo isso irá requerer esforços organizacionais apropriados com base nesse modo de compreender tais assuntos, os quais estarão muito distantes da prática jurídica tradicional. As promessas devem ser feitas aos patocratas e então mantidas com a honestidade digna de uma sociedade de pessoas normais. Tal ato e sua execução devem, no entanto, ser preparados antes do tempo, a partir dos pontos de vista moral, legal e organizacional.

Assim como a idéia demonstrada aqui encontra uma resposta vigorosa entre as pessoas que estão familiarizadas pela experiência com os fenômenos macrossociais descritos, ela insulta os sentimentos vingativos de inúmeros emigrados políticos que mantiveram os velhos métodos experimentais em relação aos problemas sociais e morais. Nós devemos então esperar mais oposição deles, justificada pela

indignação moral. Contudo, esforços persuasivos devem ser feitos nessa direção.

Seria também vantajoso se a solução para esse problema pudesse ser preparada com uma visão da herança contemporânea das ciências bio-humanistas, uma herança que aponta para uma evolução parecida da lei, mesmo que ainda continue escondida no mundo acadêmico, muito imatura para a realização prática. O valor dos estudos científicos nessa área tende a ser subestimado pelas sociedades de mente conservadora. O trabalho pode ser facilitado por meio do uso de tais informações com uma visão em direção à necessidade de uma preparação rápida ou de uma atualização da lei.

As legislações da nossa civilização têm sua origem primeira na tradição do Direito Romano, depois nos direitos dos soberanos de governar por "direito divino", um sistema que defendeu previsivelmente a sua posição, e embora eles estivessem comandando a lei da graça, mostraram-se quase que completamente desalmados e vingativos dentro da concepção atual de normas codificadas. Tal estado de coisas coopera com o surgimento de sistemas patológicos de força, em vez de preveni-lo.

Isso explica a atual necessidade de efetuar uma inovação essencial e a formulação de *novos princípios derivados da compreensão do homem*, incluindo os inimigos e malfeitores.

Tendo surgido a partir de um grande sofrimento e de uma compreensão de suas causas, tal legislação seria mais moderna e humanitária bem como mais eficiente na área de proteção da sociedade dos produtos da ponerogênese. A grande decisão de perdoar deriva semelhantemente dos preceitos mais confiáveis dos ensinamentos morais eternos, algo também em concordância com a evolução contemporânea do pensamento social. Ela expressa

preocupações práticas assim como uma compreensão naturalista da gênese do mal. Somente esse ato de piedade, sem precedentes na história, pode quebrar a corrente eterna dos ciclos ponerogênicos e abrir a porta tanto para soluções novas para problemas perenes como para um novo método legislativo baseado no entendimento das causas do mal.

Essas decisões difíceis, portanto, parecem de acordo com os sinais dos tempos. O autor acredita que esse tipo preciso de inovação na metodologia de pensamento e ação está dentro do Plano Divino para essa geração.

Assim como um psiquiatra está principalmente interessado na doença, prestando menor atenção ao sistema ilusório do paciente, que deforma qualquer realidade individual que ele tenha, o objeto da terapia global devem ser as doenças do mundo. Os sistemas ideológicos deformados que crescem a partir das condições históricas e das fraquezas de uma dada civilização devem ser entendidos na medida em que eles são o disfarce, o instrumento operacional, ou o Cavalo de Tróia para a infecção patocrática.

A consciência social deve separar primeiro essas duas camadas heterogêneas do fenômeno por meio da análise e da avaliação científica efetuada sobre elas. Essa compreensão correta e seletiva deve se tornar parte integrante de todas as consciências nacionais de alguma forma adequadamente acessível. Correspondentemente, isso reforçaria sua capacidade de se orientação independente dentro da realidade complicada de hoje, através da distinção de tais fenômenos de acordo com sua natureza. Isso produziria uma correção nas atitudes morais e nas de visão de mundo. A concentração dos nossos esforços sobre o fenômeno patológico deve assim produzir uma compreensão adequada e resultados suficientemente completos.

A ausência dessa distinção básica na operação política é um erro que leva à perda de esforços. Nós podemos não concordar com as ideologias, uma vez que todas as ideologias políticas do século XIX simplificaram excessivamente a realidade social, a ponto de debilitá-la, mesmo na sua forma original, sem mencionar suas versões deformadas patologicamente. O primeiro plano deve, portanto, ser ocupado pela identificação do seu papel dentro do fenômeno macrossocial. A análise, a crítica e até mesmo, mais particularmente, o seu combate, podem ser colocados em segundo plano. Quaisquer discussões em relação à direção

necessária para alterar as estruturas sociais podem ser contidas até que levem essa separação básica do fenômeno em conta. Uma vez corrigida, a consciência social pode executar a solução para esses problemas mais facilmente e os grupos sociais que são hoje intransigentes serão mais dóceis em se comprometerem.

Uma vez que uma pessoa mentalmente doente tenham sido curada com sucesso de sua doença, nós sempre tentamos restaurar o ex-paciente ao mundo de suas convicções mais reais. O psicoterapeuta então busca, no mundo ilusoriamente caricato, pelos conteúdos primordiais e sempre mais sensíveis, e assim constrói uma ponte sobre o período de loucura para uma nova realidade saudável. Tal operação, é claro, requer habilidades necessárias no domínio da psicopatologia, uma vez que cada doença tem seu próprio estilo para deformar o mundo de experiências originais e as convicções do paciente. O sistema ideológico deformado criado pela patocracia deve ser sujeito a uma análise análoga, pela busca dos valores primordiais e certamente mais sensíveis. Para isso deve-se utilizar o conhecimento do estilo específico segundo o qual a patocracia caricaturou a ideologia do movimento de que ela se alimentou parasiticamente.

Essa grande doença da patocracia acomoda várias ideologias sociais às suas próprias propriedades e às intenções dos patocratas, retirando delas, através disso, qualquer possibilidade de desenvolvimento natural e amadurecimento à luz do senso comum saudável do homem e da reflexão científica. Esse processo também transforma essas ideologias em fatores destrutivos, impedindo-as de participar na evolução construtiva das estruturas sociais e condenando seus adeptos à frustração. Junto com seu crescimento degenerado, essa ideologia é rejeitada por todos os grupos sociais governados pelo senso comum saudável. As atividades de tal ideologia induzem nações a aderirem à

antiga base de tentativa-e-erro, em termos de formas estruturais, fornecendo as melhores armas possíveis aos conservadores linha dura. Isso causa a estagnação dos processos evolutivos, algo que é contrário às leis gerais da vida social, e produz a polarização das atitudes entre vários grupos sociais, gerando um clima revolucionário. As operações da ideologia alterada patologicamente facilitam assim a penetração e a expansão da patocracia.

Somente por meio da análise psicológica retrospectiva sobre a ideologia, revertendo-se ao período que precedeu a infecção ponerogênica e levando-se em consideração a qualidade patológica e as causas para a sua deformação, os valores criativos originais podem ser descobertos e pontes podem ser construídas sobre o período de tempo dos fenômenos mórbidos.

Essa cobertura habilidosa da ideologia original, incluindo alguns elementos razoáveis que surgiram depois do aparecimento da infecção ponerogênica, pode ser enriquecida por valores elaborados no decorrer do tempo e se tornar capaz de uma evolução posterior criativa. Ela estará em posição de ativar transformações de acordo com a natureza evolutiva das estruturas sociais, que em retorno farão essas sociedades mais resistentes à penetração por influências patocráticas.

Essa análise nos apresenta problemas que devem ser superados de forma habilidosa, a saber, encontrar as designações semânticas apropriadas. Graças à criatividade característica nessa área, a patocracia produz uma massa de nomes sugestivos, preparados de modo a distrair a atenção das qualidades essenciais do fenômeno. Qualquer pessoa que tenha sido enlaçada por essa armadilha semântica, mesmo que somente uma vez, perde não somente a capacidade para a análise objetiva desse tipo de fenômeno, mas também perde parcialmente sua habilidade de utilizar o seu senso comum.

A produção de tais efeitos dentro das mentes humanas é a proposta específica dessa pato-semântica. Deve-se primeiro proteger sua própria pessoa contra eles e então proceder para proteger a consciência social.

Os únicos nomes que podemos aceitar são aqueles com uma tradição histórica contemporânea aos fatos e que remontam aos tempos pré-infecção. Por exemplo, se chamamos o socialismo pré-marxismo de "socialismo utópico", será difícil para nós entender que ele foi muito mais realista e socialmente criativo do que os movimentos posteriores, já adornados com material patológico.

Contudo, esse cuidado não basta quando estamos lidando com fenômenos que não podem ser medidos dentro da estrutura natural de conceitos porque eles foram produzidos por um processo macrossocial patológico. Nós devemos assim novamente ressaltar que a inspiração do senso comum saudável natural é insuficiente para efetuar esse refinamento retrospectivo dos valores ideológicos que foram posteriormente deformados pelo processo patológico. A objetividade psicológica, o conhecimento adequado na área de psicopatologia e os dados contidos nos capítulos anteriores desse livro são indispensáveis para esse propósito.

Uma vez equipados nós também nos tornamos qualificados para criar novos nomes indispensáveis, que elucidariam as propriedades reais dos fenômenos, com a condição de que prestemos atenção suficiente aos preceitos da semântica, com toda a probidade e economia, como exigiria Guilherme de Ockham. Afinal de contas, esses nomes se espalharão através do planeta e ajudarão muitas pessoas a corrigir sua visão de mundo e sua atitude social. Essa atividade, embora legalista, ajuda realmente a remover o monopólio do controle dos nomes dos círculos patocráticos. Os protestos que se verificarão por parte deles somente provarão que estamos no caminho certo.

A ideologia assim regenerada recupera a vida natural e a capacidade evolutiva que a patologização reprimiu. Ao mesmo tempo, contudo, ela perde sua habilidade de cumprir as funções impostas, tais como alimentar a patocracia e encobri-la da crítica do senso comum saudável, bem como de outra coisa muito mais perigosa, a percepção da realidade psicológica e seus aspectos cômicos.

Condenar uma ideologia por causa dos seus erros, sejam eles contidos desde o início ou absorvidos mais tarde, nunca a destituirá dessa função imposta, especialmente não nas mentes das pessoas que falharam em condená-la por razões similares. Se nós tentarmos posteriormente analisar essa ideologia condenada, nós nunca atingiremos o efeito que tem uma influência curativa sobre a personalidade humana. Nós simplesmente perderemos os fatores verdadeiramente importantes e seremos incapazes de preencher um certo espaço com conteúdo. Nossos pensamentos serão forçados a evitar qualquer coisa que bloqueie sua liberdade, enganando-se por entre verdades ostensivas. Uma vez que alguma coisa sucumbe aos fatores patológicos, ela não pode ser compreendida sem a utilização de categorias apropriadas.

IMUNIZAÇÃO

Muitas doenças infecciosas dão ao organismo uma imunidade natural por um período entre alguns poucos e muitos anos. A medicina imita esse mecanismo biológico, introduzindo vacinas que capacitam o organismo a se tornar imune se passar pela doença. Mais e mais freqüentemente a psicoterapia tenta imunizar a psique de um paciente para vários fatores traumáticos que são muito difíceis de eliminar de sua vida. Na prática, nós utilizamos isso com mais frequência em pessoas sujeitas à influência destrutiva de indivíduos caracteropatas. Imunizar alguém contra a influência destrutiva das personalidades psicopáticas é algo mais difícil. Contudo, isso representa uma analogia próxima à tarefa que deve ser executada em relação às nações que sucumbiram à influência do diversionismo psicológico patocrático.

As sociedades governadas por muitos anos por um sistema patocrático desenvolvem uma imunização natural como descrito, junto com a indiferença característica do fenômeno e o humor cínico. Em combinação com o crescimento do conhecimento prático, esse estado deve ser levado em consideração toda vez que desejamos avaliar a situação política de um determinado país. Nós devemos também destacar que essa imunidade se refere ao fenômeno patológico por si mesmo, não sua ideologia, o que explica porque ela é efetiva contra qualquer outra patocracia, não importando a máscara ideológica. A experiência psicológica ganha permite que o mesmo fenômeno seja reconhecido de acordo com suas propriedades reais. A ideologia é tratada de acordo com seu papel verdadeiro.

A psicoterapia aplicada apropriadamente sobre um indivíduo que sucumbiu à influência destrutiva das condições de vida sob o domínio patocrático sempre produz uma melhora significativa na imunização psicológica. Ao

tornar um paciente consciente das qualidades patológicas de tais influências, nós facilitamos o desenvolvimento dessa indiferença crítica e da serenidade espiritual que a imunização natural não poderia ter produzido. Assim, nós não imitamos simplesmente a natureza, mas realmente alcançamos uma qualidade melhor que a natural na imunidade, que é muito mais efetiva na proteção do paciente das tensões neuróticas e no reforço de sua desenvoltura prática do dia-a-dia. A consciência da essência biológica do fenômeno proporciona uma preponderância tanto sobre o fenômeno como sobre as pessoas que não possuem tal consciência.

Esse tipo de imunidade psicológica também se mostra mais permanente. Se a imunidade natural dura a vida da geração na qual ela foi produzida, a imunidade com base científica pode ser transmitida posteriormente. Da mesma forma, a imunidade natural, juntamente com o conhecimento prático sobre o qual ela está baseada, pode ser muito difícil de ser transmitida a nações que não tiveram essa experiência imediata, mas o conhecimento que está baseado em dados científicos geralmente acessíveis pode ser transmitido a outras nações sem esforços super-humanos.

Nós estamos diante de dois objetivos relacionados. Em países afetados pelo fenômeno acima discutido nós devemos tentar transformar a imunidade natural existente naquela imunidade de melhor qualidade, tornando assim possível aumentar a facilidade de operação, ao mesmo tempo em que se diminuem as tensões psicológicas. Em relação àqueles indivíduos e sociedades que indicam uma imunodeficiência óbvia e estão ameaçados pela expansão patocrática, nós devemos facilitar o desenvolvimento da imunidade artificial.

Essa imunidade é gerada principalmente como um resultado natural da compreensão dos conteúdos reais do fenômeno macrossocial.

Essa consciência causa um período de experiência tempestuoso, não destituído de protestos, mas esse processo de substituição da doença é de curta duração. Desnudar a realidade naturalista até agora protegida por uma máscara ideológica é uma assistência efetiva e necessária para indivíduos e sociedades. Dentro de um curto período de tempo, isso começa a protegê-los das atividades ponerogênicas dos fatores patológicos mobilizados no interior da frente monolítica da patocracia. As indicações adequadas dos meios práticos para proteção da própria higiene mental facilitarão e acelerarão a criação dessa imunidade psicológica valiosa, de forma similar aos resultados da atividade de uma vacina.

Essa imunidade psicológica individual e coletiva, baseada no entendimento naturalisticamente objetivado dessa outra realidade, é colorida com um sentimento de conhecimento próprio que cria assim uma nova rede humana. Alcançar essa imunidade parece uma precondição necessária para o sucesso em relação a quaisquer esforços e ações de natureza política que auxiliariam a tomada de governos pela sociedade das pessoas normais. Sem tal consciência e imunização será sempre difícil conseguir a cooperação entre os países livres e as nações que sofrem sob um governo patocrático. Nenhuma linguagem comum de comunicação pode ser garantida por quaisquer doutrinas políticas baseadas na imaginação natural das pessoas que não possuem nem a experiência prática, nem o entendimento naturalista do fenômeno.

***

As armas mais modernas e caras que atualmente ameaçam a humanidade com catástrofes globais se tornam obsoletas no mesmo dia em que elas são produzidas.

Por quê?

Elas são armas de uma guerra que pode nunca acontecer, e as nações do mundo rezam para que isso nunca aconteça.

A história da humanidade tem sido a história das guerras, o que faz com que ela perca o sentido eterno aos nossos olhos. Uma nova grande guerra representaria o triunfo da loucura sobre o desejo de viver das nações.

Portanto, a razão internacional deve prevalecer, reforçada pelos valores morais e pela ciência naturalista recentemente descobertos, no que diz respeito às causas e à gênese do mal.

A "nova arma" sugerida aqui não mata ninguém. Todavia ela é capaz de reprimir o processo de gênese do mal dentro de uma pessoa e de ativar os seus próprios poderes curativos. Se as sociedades forem supridas com uma compreensão da natureza patológica do mal, elas estarão habilitadas para executar uma ação acertada baseada em critérios morais e naturalistas.

Esse novo método de solucionar os problemas eternos será a arma mais humanitária já usada na história humana, assim como a única que pode ser utilizada de forma segura e efetiva. Nós podemos também esperar que o uso dessa arma ajudará a terminar séculos de guerra entre as nações.

---

30 Thomas Stephen Szasz (1920-2012), psiquiatra húngaro ferrenho crítico dos métodos psiquiátricos tradicionais. Propunha um método alternativo onde o paciente decidia, junto com o seu médico, o tratamento que iria seguir. Chegou a afirmar – e defender em seus livros – que a doença mental é um mito – NT.

Se é para produzir frutos maduros, toda atividade humana deve criar raízes no solo em duas janelas de tempo: no passado e no futuro. O passado nos fornece o conhecimento e a experiência que nos ensina a resolver problemas, e nos avisa quando estamos próximos de cometer os erros reminiscentes de enganos do passado. Uma percepção realista do passado e às vezes uma compreensão dolorosa de seus erros e maldades tornam-se assim precondições necessárias para a construção de um futuro mais feliz.

Uma visão realista parecida do futuro, complementada por dados detalhados bem planejados, favorece nossas atividades contemporâneas com direção e torna seus objetivos mais concretos. O esforço mental direcionado para formar tal visão nos capacita a superar as barreiras psicológicas para libertar a razão e a imaginação, barreiras causadas pelo egotismo e pela sobrevivência de hábitos do passado. As pessoas que se fixam no passado perdem gradualmente contato com o presente, e são incapazes de fazer muito bem para o futuro. Vamos, portanto, direcionar as nossas mentes para o futuro, para além das realidades ostensivamente insuperáveis da era atual.

Existem muitas vantagens a serem obtidas no planejamento construtivo do futuro, incluindo a perspectiva de longo prazo, se pudermos prever sua forma e facilitar as soluções apontadas. Isso requer que analisemos a realidade adequadamente e façamos predições corretas, o que significa utilizar uma disciplina de pensamento que exclua qualquer manipulação subconsciente de dados e qualquer influência

excessiva das nossas emoções e preferências. Elaborar essa visão original de forma a torná-la um modelo simulado para a nova realidade é a melhor forma de educar as mentes humanas para outras tarefas de mesma dificuldade no futuro concreto.

Isso também permitiria a eliminação a tempo de muitas diferenças de opinião que poderiam depois levar a conflitos violentos. Esses conflitos resultam às vezes de uma percepção insuficientemente realista do presente estado de coisas, de várias atitudes de sonhos impossíveis ou de atividades de propaganda. Se for logicamente desenvolvida e evitar colidir com uma compreensão adequadamente objetiva dos fenômenos que já foram discutidos em parte, tal visão construtiva pode se tornar verdade em uma realidade futura.

Esse planejamento deve ser reminiscente de um projeto técnico bem organizado, no qual o trabalho dos designers é precedido pelo exame das condições e possibilidades. Executar o trabalho também requer um planejamento da janela de tempo, de acordo com os dados técnicos apropriados e o fator de segurança humana. Nós sabemos pela experiência que aumentar o escopo e a precisão das atividades de design torna sua execução e utilidade mais lucrativas. Da mesma forma, as construções mais modernas e inventivas se mostram mais efetivas do que aquelas ligadas à tradição.

O design e a construção de um novo sistema social devem também ser baseados em distinções apropriadas da realidade e devem receber uma elaboração adequada em muitos detalhes, a fim de se mostrarem efetivos na execução e na ação. Isso irá requerer que se abandone certos costumes tradicionais de vida política que permitiram que as emoções humanas e o egoísmo tivessem um papel muito grande. O raciocínio criativo tornou-se a única e necessária solução, uma vez que ele determina os dados reais e encontra

soluções originais sem perder a habilidade de agir sob condições reais de vida.

A ausência de tal esforço construtivo anterior levaria a lacunas de conhecimento sobre a realidade na qual se irá operar e a uma escassez de pessoas com a preparação crucial necessária para criar os novos sistemas. Particularmente para uma nação atualmente afetada pela patocracia, a recuperação do direito de decidir sobre o seu próprio destino seria feita com base no improviso, o que é caro e perigoso. As disputas violentas entre os adeptos de vários conceitos estruturais, que podem ser com frequência não realistas, imaturos ou obsoletos porque perderam sua significação histórica no decorrer do tempo, podem até mesmo causar uma guerra civil.

Onde quer que os velhos sistemas sociais criados por processos históricos foram quase totalmente destruídos pela introdução do capitalismo de estado e pelo desenvolvimento da patocracia, a estrutura social e psicológica daquela nação foi apagada. A substituta é uma estrutura social que alcança cada esquina de um país, causando a degeneração de quaisquer áreas da vida e se tornando improdutiva. Sob tais condições, mostra-se inviável reconstruir um sistema social baseado nas tradições obsoletas e em expectativas irreais de que tal estrutura realmente existe. O que é necessário é um delineamento da ação que irá primeiramente permitir uma reconstrução mais rápida e possível dessa estrutura básica sócio-psicológica, e então permitir que ela participe no processo de autonomização da vida social.

O passado não nos forneceu praticamente nenhum padrão para essa atividade indispensável que pode ser baseada somente sobre o tipo mais geral de dados, descritos no início desse trabalho. Nós estamos, portanto, imediatamente confrontados pela necessidade de confiar na ciência moderna. Ao menos o valor do tempo de uma geração foi

também perdido, e com ele a evolução que deveria ter transformado criativamente as formas estruturais antigas. Nós devemos assim nos guiar pelas imaginações do que *deveria* ter acontecido se uma dada sociedade tivesse tido o direito ao livre desenvolvimento durante esse tempo, em vez de ficarmos presos em dados do passado, obsoletos para o momento, embora reais historicamente.

Enquanto isso, muitos caminhos divergentes de pensamento criaram raízes nesses países. O mundo do capitalismo privado das instituições sociais se tornou distante e duro de entender. Não sobrou mais ninguém que poderia ser um capitalista ou agir independentemente dentro desse sistema. A democracia se tornou um slogan compreendido imperfeitamente para comunicação dentro da sociedade das pessoas normais. Os trabalhadores não podem imaginar a reprivatização das grandes plantas industriais e se opõem a qualquer esforço nessa direção. Eles acreditam que tornar o país independente os traria a participação tanto no gerenciamento como nos lucros. Essas sociedades aceitaram algumas instituições sociais, tais como o serviço público de saúde e a educação gratuita até o nível universitário. Elas querem a operação de tais instituições reformadas pela subordinação ao senso comum saudável e a critérios científicos apropriados, assim como elementos testados e verdadeiros das tradições válidas. O que deveria ser recuperado são as leis gerais da natureza que deveriam governar as sociedades. As formas estruturais deveriam ser reconstruídas de uma forma mais moderna, o que facilitaria a sua aceitação.

Algumas transformações já realizadas são historicamente irreversíveis. Recuperar o direito de dar forma ao próprio futuro criaria então um vácuo perigoso no sistema, até mesmo trágico. Uma premonição dessa situação crítica já preocupa as pessoas naqueles países, reprimindo sua vontade

de agir. Essa situação deve ser evitada imediatamente. O único caminho é o esforço bem organizado através de um pensamento analítico e construtivo dirigido para o sistema social com fundamentos políticos e econômicos altamente modernos.

As nações que sofrem sob governos patocráticos também participariam em tal esforço construtivo, que representaria uma excelente entrada de dados para a tarefa geral acima descrita de tratar o nosso mundo doente. Implacáveis em nossa esperança de que logo virá um tempo onde essas nações serão revertidas para os sistemas humanos normais, nós devemos construir um sistema social com uma visão do que acontecerá depois da patocracia.

Esse sistema social será diferente e melhor que qualquer coisa que existiu antes. Uma visão realista de um futuro melhor e a participação na sua criação irá curar as almas humanas abatidas e trará ordem aos processos de pensamento. Esse trabalho construtivo treina as pessoas a se governarem a si mesmas sob essas condições diferentes, e tira a arma das mãos de qualquer um que sirva o mal, aumentando o sentimento de frustração deste último e a consciência de que o seu trabalho patológico está perto do fim.

Uma leitura cuidadosa desse livro pode fazer com que distingamos o esboço de uma visão criativa desse sistema social futuro tão dolorosamente necessário às nações que sofrem sob o domínio patocrático. Se for assim, representará uma recompensa para os esforços do autor em vez de resultados aleatórios. Apenas tal visão tem me acompanhado durante todo o período do meu trabalho neste livro (embora em nenhum lugar exista a indicação de um nome nem nada que forneça dados mais precisos para ela), me dando assistência e mostrando-se um suporte útil no futuro. De

alguma forma, ela está presente nas páginas e entre as linhas desse trabalho.

Tal sistema social do futuro teria que garantir aos seus cidadãos uma liberdade pessoal de amplo alcance e uma porta aberta para utilizar suas possibilidades criativas tanto no esforço individual como no coletivo. Ao mesmo tempo, contudo, ele não deve indicar as fraquezas tão bem conhecidas manifestadas pela democracia nas suas políticas domésticas e internacionais. Os interesses pessoais dos indivíduos e o bem comum não somente devem serem balanceados apropriadamente nesse sistema, mas devem ser tecidos diretamente no quadro geral da vida social, em um nível onde o entendimento de suas leis faz com que qualquer discrepância entre eles desapareça. A opinião da grande massa de cidadãos, ditada principalmente pelas vozes da inteligência básica e dependente da visão de mundo natural, deveria ser balanceada pelas habilidades das pessoas que utilizam a cognição objetiva da realidade e possuem o treinamento apropriado em suas áreas especiais. As soluções de um sistema bem pensado e apropriado deveriam ser utilizadas para esse propósito.

Os fundamentos para as soluções práticas dentro desse sistema melhorado conteriam critérios tais como a criação das condições corretas para o desenvolvimento enriquecedor das personalidades humanas, incluindo a visão de mundo psicológica, cujo papel social já tem sido demonstrado. A adaptação sócio-profissional do indivíduo, a criação de uma rede interpessoal e de uma estrutura sócio-psicológica ativa deve ser facilitada na máxima extensão possível.

Soluções estruturais, legais e econômicas devem ser consideradas de tal modo que o cumprimento desses critérios também abriria a porta para uma auto-realização otimizada do indivíduo dentro da vida social, o que seria simultaneamente bom para o bem da comunidade. Outros

critérios tradicionais, tais como a dinâmica do desenvolvimento econômico, se mostrariam secundários em relação a esses valores mais gerais. O resultado disso seria o desenvolvimento econômico, a habilidade política e o papel criativo na esfera internacional.

As prioridades em termos de critérios de valor seriam então alteradas consistentemente na direção dos dados morais, sociais e psicológicos. Isso está de acordo com o espírito dos tempos, mas sua execução real demanda esforço imaginativo e pensamento construtivo, a fim de atingir os objetivos práticos acima descritos. Afinal de contas, tudo começa e termina dentro da psique humana.

Esse sistema teria que ser evolutivo por natureza, assim como teria que ser baseado na aceitação da evolução como uma lei da natureza. Os fatores evolutivos naturais teriam um importante papel nele, tais como o caminho de cognição que processa continuamente a partir de dados mais primitivos e facilmente acessíveis até os assuntos mais reais, intrínsecos e sutis. O princípio da evolução teria que estar impresso de forma suficientemente firme sobre os fundamentos filosóficos de tal sistema, de forma a protegê-lo consistentemente de revoluções futuras.

Tal sistema social seria por natureza mais resistente aos perigos de ter fenômenos patológicos macrossociais se desenvolvendo dentro de si. Seus fundamentos seriam o desenvolvimento aprimorado da visão de mundo psicológica e da estrutura de ligações da sociedade casadas com uma consciência científica e social da essência desses fenômenos. Isso forneceria a fundação para métodos maduros de educação. Tal sistema também deveria ter incorporadas instituições permanentes que foram, até o momento, desconhecidas, e cuja tarefa seria evitar o desenvolvimento dos processos ponerogênicos dentro da sociedade, particularmente entre as autoridades governantes.

Um “Conselho dos Homens Sábios” seria uma instituição composta de várias pessoas com qualificações gerais, médicas e psicológicas extremamente elevadas. Ele teria o direito de examinar a saúde física e psicológica dos candidatos antes que estes fossem eleitos para as posições mais altas do governo. Uma opinião negativa do conselho deveria ser difícil de ser contestada. O mesmo conselho serviria ao chefe de estado, às autoridades legislativas e ao executivo para aconselhamento em matérias que entrassem no escopo de sua competência científica. Ele também direcionaria o público em assuntos importantes da vida biológica e psicológica, indicando os aspectos morais essenciais. As obrigações desse conselho incluiriam também manter contato e discussões com as autoridades religiosas em tais assuntos.

O sistema de segurança para as pessoas com vários desvios psicológicos seria colocado em prática, para tornar suas vidas mais fáceis, enquanto limitaria habilmente sua participação nos processos de gênese do mal. Afinal de contas, tais pessoas não são impenetráveis à persuasão, desde que seja baseada em conhecimento apropriado do assunto. Tal abordagem ajudaria também, progressivamente, a diminuir na sociedade a sobrecarga do conjunto de genes de aberrações hereditárias. O Conselho dos Homens Sábios forneceria a supervisão científica de tais atividades.

O sistema legal deveria estar sujeito a amplas transformações em praticamente todas as áreas, progredindo da fórmula na qual o governo foi baseado, passando pela visão de mundo natural da sociedade e as tradições antigas até as soluções legais baseadas na percepção objetiva da realidade, particularmente a psicológica. Como resultado, o estudo do direito se tornaria uma disciplina científica, compartilhando os mesmos princípios epistemológicos das demais ciências.

O que hoje é chamada de lei "penal" seria substituída por outro tipo de lei com fundamentos completamente modernizados, baseados na compreensão da gênese do mal e nas personalidades das pessoas que cometem o mal. Essa lei seria significantemente mais humanitária, uma vez que providenciaria aos indivíduos e às sociedades uma proteção mais efetiva contra o abuso não merecido. Claro que as medidas operacionais seriam muito mais complexas e mais dependentes de uma melhor compreensão das causas, o que não seria possível de acontecer no caso de um sistema punitivo. Uma tendência na direção dessas transformações é evidente na legislação das nações civilizadas. O sistema social proposto aqui teria que romper com tradições nessa área de um modo mais efetivo.

Nenhum governo cujo sistema é baseado no entendimento das leis da natureza, seja ele a respeito de fenômenos físicos e biológicos, ou sobre a natureza do homem, pode colocar uma reivindicação de soberania, no sentido que nós herdamos do século XIX e dos sistemas totalitários e nacionalistas subsequentes. Nós compartilhamos o mesmo ar e a mesma água através do planeta. Os valores culturais comuns e os critérios morais básicos estão se tornando amplamente espalhados. O mundo está interligado no transporte, nas comunicações e no comércio, e se tornou Nosso Planeta. Sob tais condições, a interdependência e a cooperação com as demais nações e instituições supranacionais, bem como a responsabilidade moral sobre o destino de todos, se torna uma lei da natureza. O organismo nacional se torna autônomo, mas não independente. Isso pode ser regulado por meio de tratados apropriados e incorporado nas constituições nacionais.

Um sistema assim contemplado seria superior a todos os seus predecessores, sendo baseado no entendimento das leis da natureza que operam dentro dos indivíduos e das

sociedades, com o conhecimento objetivo tomando progressivamente o lugar das opiniões baseadas nas reações naturais aos fenômenos. Nós poderíamos chamá-lo de uma "LOGOCRACIA".

Devido às suas propriedades e conformidade às leis da natureza e à evolução, os sistemas logocráticos poderiam garantir a ordem social e internacional a longo prazo. De acordo com sua natureza, eles seriam então transformados em formas mais perfeitas, uma visão vaga e distante do que hoje se apresenta para nós.

O autor sobreviveu a muitas situações perigosas e ficou desapontado com muitas pessoas e instituições. Contudo, a Divina Providência nunca o desapontou, mesmo sob as circunstâncias mais difíceis. Essa condição basta para permiti-lo prometer que a elaboração de um rascunho mais detalhado para esse sistema melhor e necessário também será possível.

OS PROBLEMAS DA PONEROLOGIA

Um posfácio por Andrew Lobaczewski

DESDE O INÍCIO DA PSIQUIATRIA MODERNA, no final do século XIX, o estudo dos desvios psicológicos foi perseguido na Europa. Durante os primeiros trinta anos do século XX, diversos psiquiatras europeus eminentes foram pioneiros nesse assunto. Então se seguiu um tempo de perseguição não só da ciência, mas dos cientistas, e parece, baseado numa revisão do que se conhece atualmente no ocidente, que muito desse trabalho foi irremediavelmente perdido.

Como um exemplo, quando eu era um estudante, uma história chegou aos nossos ouvidos, na Polônia, sobre um célebre professor alemão que havia escrito uma análise da personalidade psicopática de Hitler, e que teve um final infeliz. Ele aparentemente tentou alertar os alemães de que seu Führer levaria a Alemanha a uma calamidade terrível. Ele foi levado a um campo de concentração onde morreu enquanto era espancado. Dizem que suas últimas palavras foram *Ich habe das deutlich benachwiesen!* (Eu provei claramente!). Eu não consegui descobrir seu nome, então pode ser que essa história seja um tanto anedótica, mas não deixa de ser interessante por ser apenas uma de muitas histórias que pululavam no meio acadêmico dessa época.

Parece que, ao mesmo tempo, os soviéticos perceberam o perigo da ciência. Eles não somente paralisaram os estudos sobre a genética[81] como também procuraram acabar com as pesquisas independentes na área de psicologia e tomar o controle político da ciência para usá-la com suas próprias finalidades nefastas. Alguns anos após o final da Segunda Guerra Mundial, todas as bibliotecas públicas da Polônia foram vasculhadas e os livros "perigosos" foram removidos e destruídos. Os professores foram informados de quais

assuntos eram permitidos em suas aulas, e como deviam ensinar as matérias. As “autoridades” sabiam melhor o que um psiquiatra ou um patologista clínico tinha permissão para compreender. Desta forma, a maior parte das pesquisas valorosas que estavam em andamento naquela época foi sufocada e esquecida.

Então, na América, Hervey Cleckley e outros pesquisadores assumiram a tarefa de descobrir, mais uma vez, coisas que já haviam sido pesquisadas no cadinho do assunto mesmo que eles procuravam entender: anomalias psicológicas socialmente perigosas. Mas eles não tinham acesso aos resultados mais antigos das pesquisas européias; ninguém no Ocidente tinha, pois eles haviam sido apagados minuciosamente do domínio público.

Para mim e para outros pesquisadores da gênese do mal e da natureza dos fenômenos de patologia macrossocial que engolfaram nossos países, esta ciência européia mais antiga, preservada em nossas mentes através de palestras ministradas antes do início da supressão política, criou as bases de nosso entendimento. Recuperar esta ciência proveniente dos pesquisadores e psiquiatras desta era, apagada pelo Fascismo e pelo Comunismo, é, creio eu, uma precondição vital para o progresso adicional no estudo do mal macrossocial. É importante notar que o desenvolvimento da terminologia européia para este campo foi melhor elaborado e unívoco. Parece que, no Ocidente de hoje, há uma grande confusão na terminologia.

Como eu já havia aprendido a partir do artigo de Salekin, Trobst e Krioukuva,[82] está em uso nos Estados Unidos um inventário pessoal bem desenvolvido, como sistema principal para descoberta e estimativa de psicopatias. Esta maneira pode levar a um grau considerável de probabilidade de diagnóstico, mas não irá prover a certeza suficiente devido à variação de tipos. Nós precisamos de ações práticas e de mais

progresso científico. A assertividade de diagnose necessária pode algumas vezes ser provida pelo conhecimento de vários tipo de anomalias mentais, elaborado pelo trabalho científico europeu que foi suprimido e que agora está perdido.

De acordo com minha experiência como psicólogo clínico e pesquisador da natureza do mal nos domínios da psicopatologia, me parece que quase metade dos fatores patológicos que são parte do processo de geração do mal – que eu chamo de Ponerogênese – são resultado de vários tipos de lesões do tecido cerebral. As psicopatias perfazem uma porcentagem menor desses tipos. Há outros fatores também, como os que são popularmente conhecidos como os de personalidades múltiplas. A concentração de nossa atenção nas psicopatias levará somente a uma compreensão unilateral do problema geral e a erros de prática, particularmente na psicoterapia. A situação tocante aos casos de psicopatia é muito mais confusa. Mas um conhecimento exaustivo da natureza biológica e das propriedades genéticas de tipos particulares de psicopatia pode, eu espero, dar ocasião a um início de compreensão. É por esta razão que eu ofereço estes comentários baseados em meu treinamento e em minha experiência nestes tipos de eventos que nós esperamos – não, que devemos – entender.

O alvo deveria ser a redução da atividade da patologia na gênese do mal na sociedade e seus resultados trágicos em todas as escalas, de indivíduos (como mulheres que acabam como presas de psicopatas), até famílias, grupos sociais, movimentos sociais, até a mais larga escala dos eventos políticos. Um alvo como este requer um fundamento firme de conhecimento profundo e detalhado da natureza de todas as anormalidades. Todos os resultados dos psiquiatras mais antigos bem como as realizações contemporâneas devem ser cuidadosamente considerados e utilizados para explorações adicionais. O estado real do conhecimento atual pode ser

suficiente para compreender o fenômeno macrossocial, mas ainda assim não é adequado para a realização completa da tarefa à nossa frente, incluindo os casos individuais.

A principal tarefa parece ser, para mim, a de distinguir entre as anomalias causadas por danos ao tecido cerebral e aquelas transmitidas por hereditariedade. Este é também o pão de cada dia do psicólogo. Estimar o local e o tipo de dano não é difícil se utilizarmos testes e tecnologia padrão. Observa-se que aqueles portadores de patologias resultantes de desordens mecânicas são os iniciadores mais freqüentes de processos macrossociais que levam ao sofrimento humano em larga escala; eles abrem as portas às atividades adicionais dos fatores patológicos transmitidos geneticamente.Parece ser mais fácil tomar controle destas condições através da psicoterapia. Uma vez que as lesões no cérebro não são hereditárias, o terapeuta tem a obrigação de informar ao paciente e àqueles preocupados com sua vida de que o perigo de um problema hereditário não existe, e assim o plano de ação seria diferente do caso onde a hereditariedade é um fator.

Os casos mais ativos, em termos de atividade ponerológica (e aqui nós não estamos necessariamente falando de comportamento criminoso, ainda que esse possa ter alguma influência, mesmo se não detectado), foram em minhas pesquisas os de caracteropatia frontal. (Eu creio que estas caracteropatias são comumente chamadas no Ocidente de "distúrbios de personalidade").

O dano aos centros 10 A e B é causado predominantemente em recém-nascidos como resultado de hipóxia neonatal ou de diversas doenças que são comuns nesta idade crítica. As características patológicas não são percebíveis em crianças em idade pré-escolar. No entanto, os problemas aumentam durante a vida até que, geralmente, por volta dos cinquenta anos de idade, haja uma personalidade

ponerogênica severa. Um exemplo claro e típico é Stálin. Considerações comparativas devem ser incluídas na lista desta caracteropatia particular, que se desenvolveu com o pano de fundo do dano perinatal a seus campos pré-frontais do cérebro. A literatura e as notícias sobre ele abundam em indicações: brutal, carismático, encantador, emissor de decisões irrevogáveis, crueldade desumana, vingança patológica dirigida a qualquer um que se colocasse em seu caminho; e a crença egotística em sua própria genialidade, da parte de uma pessoa suja mente era, na verdade, apenas mediana. Este estado também explica sua dependência psicológica de um psicopata como Beria. Algumas fotografias revelam a deformação típica de sua testa, que aparece em pessoas que sofreram danos muito prematuros nas áreas mencionadas acima.

As tendências modernas no cuidado obstétrico e neonatal diminuíram muito a incidência deste tipo de caracteropatia, mas há mais a se fazer. Hoje em dia nós nos deparamos com casos mais leves. Assim, serviços médicos melhorados – particularmente para mulheres e crianças – estão entre as coisas que devem ser incluídas em qualquer plano para lidar com o mal na escala macrossocial. Esperamos que um outro Stálin jamais volte a surgir.

Deixe-me esboçar rapidamente, uma vez mais, as categorias principais com alguns detalhes adicionais que não estão no texto original.

As doenças de caráter paranóico são um outro tipo de caracteropatia que contribui para a gênese do mal. Nós sabemos hoje que o mecanismo psicológico dos fenômenos paranóicos se desdobra em dois: um é causado por dano ao tecido cerebral, o outro é funcional ou comportamental. Algumas lesões no tecido cerebral causam um certo afrouxamento da precisão de raciocínio e, como consequência, há a perda de controle da estrutura da

personalidade. Os casos mais típicos são aqueles causados por uma agressão ao diencéfalo por vários fatores patológicos, resultando em uma habilidade tonal permanentemente reduzida, e de modo similar a redução do tônus de inibição do córtex cerebral. Particularmente durante noites de insônia, pensamentos fugitivos acabam por criar uma visão paranóica da realidade humana, bem como idéias que podem ser tanto ingênuas como violentamente revolucionárias.

Em pessoas livres de danos ao tecido cerebral, tais fenômenos ocorrem mais freqüentemente como resultado de serem criadas por pessoas com caracteropatia paranóica, juntamente com o terror psicológico de sua infância. Tal material psicológico é então assimilado, criando os estereótipos rígidos da experiência anormal. Isto torna difícil o desenvolvimento normal do pensamento e da visão de mundo, e os conteúdos aterrorizantes que foram bloqueados se transformam em centros permanentes de congestão funcional.

É uma característica do comportamento paranóico que as pessoas que o apresentam sejam capazes de um raciocínio relativamente correto e de discussão, conquanto a conversação envolva diferenças mínimas de opinião. Isto cessa abruptamente quando os argumentos do oponente passam a minar suas ideias supervalorizadas, a destruir seus estereótipos arraigados de raciocínio, ou a forçá-los a aceitar a conclusão que eles rejeitaram previamente em seu subconsciente. Um estímulo como esse libera na direção do oponente uma torrente de abusos pseudológicos, altamente paramoralísticos e sugestivos.

Reações como essa servem geralmente apenas para repelir pessoas cultas e lógicas, que tendem a evitar os tipos paranóicos. No entanto, o poder da paranóia reside no fato de que seus portadores escravizam facilmente as mentes mais

fracas, como por exemplo as pessoas com outros tipos de deficiências psicológicas, as vítimas de indivíduos com doenças de caráter e, em particular, uma grande parte das pessoas jovens.

Um membro da classe trabalhadora pode perceber esse poder de escravizar como sendo um tipo de vitória sobre as pessoas muito cultas e intelectuais e assim tomar o lado do paranóico. Entretanto, esta não é a reação normal por parte das pessoas comuns, onde a inteligência e a percepção da realidade psicológica ocorrem com a mesma frequência do que entre os intelectuais.

Em suma, então, a resposta de aceitação ao discurso paranóico é qualitativamente mais freqüente na proporção inversa ao nível de civilização da comunidade em questão. Não obstante, indivíduos paranóicos se tornam conscientes de sua influência escravizadora através da experiência e da tentativa de tirar vantagem disso de uma maneira patologicamente egotista.

As psicopatias são as anomalias transmitidas hereditariamente; são principalmente do substrato instintivo humano. Elas representam as deficiências desta doação filogenética natural, mas são de uma natureza diversa. Nós sabemos de um certo número de tipos distintos destas anomalias que diferem tanto em natureza como em transmissão hereditária. Assim, deve ser compreendido deste o início que elas são entidades biologicamente diferentes.

A mais ativa em termos de ponerogênese são as que os cientistas que tiveram seus trabalhos suprimidos chamavam de “psicopatia essencial”. Hoje em dia este tipo é descrito por muitos pesquisadores, embora eles utilizem uma nomenclatura diferente.

Esta anomalia é melhor conhecida devido ao seu envolvimento freqüentemente dramático em tragédias de

vida envolvendo mulheres. Colin Wilson discute o que ele chama de “Homem Correto”, que poderia em outros usos ser chamado de “Macho Dominante” ou “Macho Alfa”, ainda que aqui estejamos interessados nos extremos de comportamento, não apenas na dominância ordinária ou nas características de liderança. Esta descrição, embora use uma terminologia diferente, dá uma boa noção do tipo da psicopatia essencial. Muito freqüentemente o psicopata essencial é um tirano doméstico que aterroriza sua família, mas eles também podem ser encontrados em todas as áreas do esforço humano. Eles são reconhecidos logo na infância como valentões e torturadores de criaturas desprotegidas.

A discussão de Wilson é baseada no trabalho de A.E. Van Vogt, que é o autor de diversos estudos psicológicos. O conceito de Van Vogt do ‘Homem Correto’ ou ‘homem violento’ é importante aqui por seu poder descritivo da patologia em questão; não necessariamente por sua interpretação. Wilson escreve:

> Em 1954 Van Vogt começou a trabalhar em seu romance de guerra chamado O Homem Violento, que se passava em um campo chinês de prisioneiros. O comandante do campo é uma dessas figuras selvagemente autoritárias que ordenaria, sem nenhuma hesitação, a execução de qualquer um que questionasse sua autoridade. Van Vogt estava criando o tipo a partir da observação de homens como Hitler e Stálin. E, ao pensar sobre o comportamento assassino do comandante, ele se viu a divagar: ‘O que poderia motivar um homem como esse?’ Por que é que alguns homens acreditam que qualquer um que os contradiga ou é desonesto ou perverso? Eles realmente acreditam, no fundo de seus corações, que são deuses incapazes de cometer um erro? E se pensam assim, eles são insanos de alguma forma, como um homem que pensa ser Júlio César?
>
> Procurando à sua volta por exemplos, Van Vogt foi confrontado com o fato de que o comportamento masculino autoritário é comum demais para ser considerado como

insanidade... [Por exemplo,] o casamento parece trazes à tona o personalidade 'autoritária' em muitos homens, de acordo com as observações de Van Vogt...

'O homem violento' ou o 'Homem Correto' ... é um homem dirigido pela necessidade maníaca por auto-estima – de sentir que ele é 'alguém'. Ele é obcecado pela questão de 'perder o respeito', e por isso jamais, sob quaisquer circunstâncias, ele admitirá que está enganado...

Igualmente interessante é o ciúme selvagem e insano. A maioria de nós está sujeita ao ciúme, já que a noção de que alguém de quem gostamos prefira outra pessoa é um assalto ao nosso amor próprio. Mas o Homem Correto, cuja auto-estima é como uma ferida aberta e purulenta, cai num frenesi de pensamento, tornando-se capaz de assassinar...

Ele sente que está justificado em sua explosão, como um deus irado. Ele sente que está infligindo uma punição justa...

A única coisa que se torna óbvia em todos os casos do Homem Correto é que seus ataques não são inevitáveis; alguns de seus delitos são cuidadosamente planejados e calculados, e executados com determinação. O Homem Correto faz estas coisas porque acha que elas o ajudarão a atingir seu próprio caminho, que é o que o interessa.

E isso, por sua vez, deixa evidente que o problema do Homem Correto é um problema de pessoas altamente dominantes. A dominância é objeto de grande interesse para biólogos e zoólogos porque a porcentagem de animais dominantes – ou seres humanos – parece ser incrivelmente constante. Estudos biológicos têm confirmado que, por alguma razão estranha, precisamente cinco por cento – um a cada vinte – de qualquer grupo animal são dominantes – possuem qualidades de liderança...

Um membro 'médio' desses cinco por cento de dominantes não enxerga razões para não ser rico e famoso também. Ele experimenta a ira e a frustração diante de sua falta de 'primazia', e está disposto a considerar métodos não ortodoxos para forçar seu caminho rumo à dianteira. Isto explica claramente um ponto

> importante sobre os níveis crescentes de crimes e violência em nossa sociedade...
>
> Nós podemos também ver como membros grandes destes grupos de indivíduos dominantes se desenvolvem em 'Homens Corretos'. Em cada escola com quinhentos alunos há aproximadamente vinte e cinco dominantes lutando pela primazia. Alguns deles têm vantagens naturais: são bons atletas, bons estudantes, bons debatedores. (E há, é claro, muitos alunos não dominantes que são talentosos o suficiente para ganhar alguns dos prêmios). Inevitavelmente, uma porcentagem dos alunos dominantes não têm nenhum talento ou aptidão especial; alguns podem ser até mesmo completamente idiotas. Como tal pessoa irá satisfazer sua necessidade por primazia? Ele irá, indubitavelmente, escolher por expressar sua dominância pelos meios possíveis. [Colin Wilson, *A Criminal History of Mankind* (1984)]

Ora, a análise de Van Vogt e de Wilson não atingem o núcleo do problema – a psicopatia essencial – mas eles descreveram o tipo em sua manifestação externa e tocaram apenas tangencialmente nas questões genéticas.

Em minhas próprias pesquisas ficou claro que uma investigação profunda deste tipo era necessária pois ele parecia ter um papel inspiracional principal na patologia macrossocial ainda chamada de "Comunismo". A frequência de suas aparições variam de país para país. Minha estimativa para a Polônia, meu lar, é de aproximadamente seis por mil.

O substrato instintivo de tais indivíduos carece de respostas naturais sintônicas. É como se houvesse lacunas nos dons naturais, ou "cordas faltantes" em um instrumento. Como resultado, tais indivíduos são incapazes de compreender emoções humanas sutis e até mesmo o que poderia ser considerado como senso comum. Eles são egoístas bem como egotistas patológicos, tentando forçar outras pessoas a sentir e pensar como eles desejam.

Como resultado de minha longa experiência observando este fenômeno e de minhas tentativas de rastrear sua fonte, eu compartilho a convicção com outros pesquisadores de que esta anomalia é herdada através do cromossomo X e que não é transferível de pai para filho. Se a mãe for normal em ambos os seus cromossomos, o filho é genotipicamente livre. Em alguns casos, essa é uma informação essencial para que as punições dos “pecados dos pais” não sejam imputadas aos filhos. As filhas são então as portadoras, e elas algumas vezes – mais sim do que não, mas não sempre – demonstram algumas características patológicas. A pergunta de por que nem todas exibem a patologia é uma questão que precisa ser investigada.

A psicopatia esquizoidal aparece em ambos os sexos e é similar tanto em apresentação como em frequência. Isto sugere que a anomalia possui uma transmissão autossômica. Sua frequência média é um pouco mais alta do que a da psicopatia essencial, mas varia consideravelmente entre grupos étnicos ou raciais. Aparecendo em sua maior frequência entre Judeus, e devido à tenacidade excepcional e à natureza persistente que caracterizam esta patologia, ela marca sua civilização inteira, sua visão de mundo e suas atividades.

O substrato instintivo do psicopata esquizoidal opera como um todo como se estivesse sobre areia movediça. Eles carecem de um senso natural das realidades psicológicas. Eles possuem intelectos bastante eficientes, mas que oscilam sobre sentimentos obscurecidos da natureza humana. Ainda assim, o aspecto intelectual se esforça e empreende persistentemente para gerar grandes doutrinas e estratégias amorais que são astuciosamente concebidas para agir de forma sugestiva sobre indivíduos ingênuos, cujos intelectos não são tão bem desenvolvidos. Os esquizóides e suas

doutrinas tiveram o papel inicial na criação de grandes tragédias macrossociais de nossos tempos.

Nas relações familiares, o psicopata esquizóide gera estados abatidos e depressivos em seus parceiros. Os tipos menos desenvolvidos intelectualmente parecem ser ferramentas fáceis para os criadores de intriga mais espertos. Quando seus erros de julgamento ou de associação resultam em problemas sérios, eles caem facilmente num estado reativo que lembra muito o da esquizofrenia.

A psicopatia astênica pode ser notada como a de classificação mais significativa, numericamente falando. Há dúvidas sobre a possibilidade de casos sintomaticamente similares serem suficientemente semelhantes no que tange ao aspecto nomológico[83]. Parece que alguns dos tipos astênicos tiveram certamente um papel ativo na gênese do mal, mas outros parecem estar mais aptos a se ajustarem às demandas da vida social.

A esquirtoidia aparece similarmente em ambos os sexos. Estas pessoas são emocionalmente dinâmicas, grosseiras, carentes da compreensão das questões sutis da moralidade. As do sexo masculino se tornam ótimos soldados, mas quando sua energia não é canalizada nesse sentido, elas se tornam uma versão excessivamente egotística e mais fraca do “homem correto” mencionado acima. Eles abusam de suas esposas e crianças, mas são suficientemente preocupados com seu próprio bem-estar a ponto de não cruzar a linha da lei.

Os antigos psiquiatras da Europa Oriental também incluíam em sua taxonomia o “debilismo” ou “*salon debils*”[84]. Esta é uma anomalia qualitativa entendida como hereditária e de alguma forma similar à esquizoidia. Tais indivíduos eram geralmente decentes, mas marcados por

uma loquacidade plana e adulatória, e por uma falta de habilidade para entender qualquer tipo de assunto sério.

Eu listei acima os tipos mais freqüentemente descritos de psicopatias com as quais tenho familiaridade. Vários híbridos destas anomalias, e outras mais raras, conhecidas ou desconhecidas ou insuficientemente descritas, compreendem um conjunto à espreita dentro das sociedades. Tal conjunto existe em todos os países do mundo, (embora sua composição varie) consistindo entre 4% e 9% da população total.

O conhecimento detalhado da natureza de todas estas anomalias, particularmente de suas propriedades biológicas, é básico a qualquer expectativa de realização de ações práticas em todos os campos que poderiam ajudar a blindar a humanidade contra as ações de tais patogenias sociais. Em meu próprio caso, as possibilidades de uma pessoa, trabalhando sob as condições mais inconvenientes e impossíveis, eram bem pequenas; agora me resta somente apelar a outros pesquisadores que promovam o trabalho nesta área importante com o objetivo da sobrevivência da humanidade.

O entendimento de quais tipos de anomalias mentais são ativas em qualquer processo de ponerogênese, e de que formas elas participam, é básico para qualquer ação efetiva. Como exemplo, tal entendimento é crucial na psicoterapia de qualquer indivíduo cuja visão de mundo tenha sido deformada por influência de uma personalidade patológica, aumentando a taxa de sucesso no gerenciamento do paciente.

Por exemplo, a tentativa de persuadir um indivíduo que esteja sob o encanto de um psicopata essencial (geralmente mulheres, mas não sempre), é geralmente fadada ao fracasso. No entanto, quando fazemos a pergunta: “por que a vítima

não percebeu imediatamente o modo anômalo de ‘sentir’ e pensar do psicopata?”, nós descobrimos freqüentemente que há, na vítima, circuitos de pensamento e de comportamento ali embutidos pela influência prematura de uma outra personalidade anormal, geralmente caracterizada pelas doenças mentais causadas por danos ao tecido cerebral. Isto foi notado por mim com tanta frequência que requer uma ênfase e consideração especiais. O importante é que uma vez que é revelada, a porta se abre para uma psicoterapia efetiva.

O psicoterapeuta pode então ajudar o paciente a elaborar sua consciência plena desta influência prejudicial bem como os meios para superar ou para eliminar estas próprias tendências da personalidade dele ou dela. O resultado é que o paciente pode reaprender modos precisos de sentir e entender não somente a si mesmo, mas também as outras pessoas.

E assim ocorre quando um paciente apresenta certos problemas para os quais parece não haver uma causa óbvia, e o psicoterapeuta se torna consciente da influência encantadora do psicopata na vida de seu ou sua paciente, é mais conducente à terapia de sucesso se aproximar do problema desta maneira, e assim o problema oculto – a influência do psicopata – será resolvido, bem como o paciente aprenderá a ver a anormalidade no processo de identificá-la em si mesmo.

É necessário que os psicoterapeutas sejam um pouco astutos. O fato é que a psicoterapia é o domínio inicial onde a ponerologia possui aplicação imediata. Em minha experiência, o entendimento dos elementos macrossociais, movendo-os aos elementos de grupo e família, leva à identificação e implementação de medidas corretivas mais concisas e efetivas. Estas análises podem então trazer uma reordenação mais duradoura da personalidade do paciente e ajudar a enriquecer a mente com a habilidade para a auto-

gestão por toda a vida. Algumas dificuldades são encontradas com pacientes menos inteligentes. De qualquer forma, minha própria experiência me convence de que o estudo da ponerologia em todas as escalas deveria ser introduzido no escopo da psicologia e se tornar uma parte da profissão de todos os psicoterapeutas.

Várias anomalias mentais estão incluídas nos processos da ponerogênese em todas as escalas sociais, desde indivíduos até fenômenos macrossociais. Elas estão ativas dentro dos indivíduos, limitando suas possibilidades de auto-controle, ou agindo como influência traumatizante ou fascinante sobre outros, particularmente sobre jovens, distorcendo suas personalidades e suas visões de mundo. A tarefa e o domínio de nossa ciência consistem na busca por estes processos variados de ponerogênese. Esta ciência da Ponerologia cumpre os requisitos do princípio do remédio: "*Ignoti nulla curatio morbi*". Não tente curar o que você não entende.

Os resultados da ciência da ponerologia, falando de forma geral, corroboram freqüentemente algumas convicções de filósofos morais antigos, reforçando-os do lado do raciocínio naturalista. Ao utilizar dados não levados em consideração até agora, ou os que só foram descobertos nas últimas décadas, a ciência da Ponerologia nos permite entender e resolver muitos problemas enigmáticos e misteriosos da vida, incluindo aqueles que afligem indivíduos, famílias, comunidades e nações. Num futuro bem próximo, esta ciência poderá muito bem prevenir outras tragédias como as históricas do último século.

A abordagem ponerológica à psicologia e à psicoterapia pode trazer também correções detalhadas para as ciências éticas. Ao reconhecer a causalidade real e os processos confusos da ponerogênese, a Ponerologia introduz o mecanismo de classificação das facetas psicológicas e

psicopatológicas dos problemas macrossociais, que devem, em todo tempo, ser levadas em consideração. Portanto, a interpretação tradicional do mal, apenas em termos morais, pode ser deixada para trás como uma relíquia arcaica e fora de moda de um passado não científico. Há uma boa razão para isso, porque as interpretações moralistas não permitem uma neutralização e uma ação contrária suficientemente efetivas ao mal que aparece um dia sob um disfarce e no dia seguinte sob outro. Então podemos dizer que o raciocínio ético puro, sem a contribuição científica da Ponerologia, também tem sido imoral. Mas tem sido assim por milênios. Para superar esta longa tradição nós devemos enfrentar a resistência dos filósofos; mas esta é a nossa tarefa.

A abordagem Ponerológica parece ser bem promissora em muitos domínios da ciência e da prática. Tal reinterpretação dos eventos dramáticos da história, tanto os antigos como os recentes, pode substituir a narrativa seca dos historiógrafos com uma fotografia vívida da dinâmica real que pode nos ensinar sobre as reais razões e assim prover novas possibilidades de prevenção da gênese do mal, ou pelo menos ajudar no gerenciamento de seus resultados. A história da humanidade demanda ser lida e contada novamente por historiadores educados na ciência da Ponerologia.

A Ponerologia nasceu no cadinho das tentativas de entender, cientificamente, um fenômeno macrossocial que só pode ser chamado de extrema e excessivamente mal: o Fascismo e o Comunismo Soviético. Após um tempo de adversidade intelectual, quando a linguagem comum das ciências sociais se mostrou inadequada para descrever o que estava sendo vivido e experimentado, tornou-se óbvio que a primeira necessidade era a de elaborar um novo ramo da ciência e uma linguagem tal que pudéssemos ter categorias e nomenclaturas adequadas a lidar com algo desta magnitude. Esta elaboração finalmente permitiu que achássemos as

respostas adequadas e a elaboração de descrições científicas apropriadas à natureza real do fenômeno. Este sistema macrossocial tinha todas as características de uma escritura individual patológica bem grande, como eu descrevo em meu livro. Eu estava ciente de que tais fenômenos similares haviam aparecido na história da humanidade tantas outras vezes, em várias escalas, sob várias condições históricas, e sempre foram levados para dentro da sociedade, como um Cavalo de Tróia, revestido com a ideologia de algum movimento idealista e socialmente heterogêneo. Isto ainda é verdade no tempo presente.

Em muitos países, a Regra da Lei tem ajudado a sociedade a lidar com tais patologias em várias escalas. Mas sem premissas e alvos objetivos baseados nos princípios revelados pela ciência da Ponerologia, a Regra da Lei funciona apenas por acaso; tentativa e erro. E assim será até que a Regra da Lei esteja sustentada pela ciência da Ponerologia. Mas a mudança não será fácil! A utilização desta ciência e o que ela revela causarão um terremoto nas mentes dos juristas tradicionais. E a elaboração de uma lei aperfeiçoada demandará muito trabalho no tempo apropriado. Novos métodos e caminhos para combater o mal na sociedade são necessários além de apenas um esquema de punições. Meios mais efetivos de lidar com a gênese do mal devem ser achados!

Onde ir a partir daqui?

A primeira coisa que precisa ser feita é reconstruir toda a ciência da psicologia e promover e financiar pesquisas em todas as áreas onde a psicologia é aplicável, o que geralmente significa em todas as áreas da vida em sociedade. Depois, promover a ciência e sua utilidade para a sociedade em geral. Ela deveria ser ensinada nos colégios, incluindo os dados necessários sobre as patologias, bem como uma visão geral das implicações macrossociais. A popularização da psicologia verdadeira melhoraria a habilidade das pessoas e das

comunidades de tomar decisões melhores em suas vidas e planos. Um conhecimento básico da natureza verdadeira do mal – que é algo que pode ser cientificamente elaborado – tornaria as pessoas menos circunspectas em seus engajamentos com outras pessoas e com a vida em geral.

Tal pano de fundo popularizado é necessário para o desenvolvimento da ciência e de suas várias aplicações sociais. Comunidades que entendem seus valores e idéias irão apoiar a implementação das mudanças necessárias para lidar com a patologia social. Esta popularização poderia habilitar o desenvolvimento do que poderia ser chamado de "moralidade eugênica", que inspiraria esforços voluntários para contribuir com a redução, de geração para geração, do fardo das anomalias psicopatológicas geneticamente transmitidas. A ingenuidade das mulheres, devida à carência grave de conhecimento psicológico preciso, é uma das principais causas para os números crescentes de psicopatas nascidos nos dias atuais e nos últimos 50 anos.

O que é de suma importância é a compreensão total da importância da ciência da Ponerologia e quantas aplicações ela pode ter para o futuro da paz e de uma humanidade humana. Esta ciência permite que a mente humana entenda coisas que têm sido, por milênios, inteligíveis: a gênese do mal. Este entendimento poderia muito bem levar a humanidade a um ponto de inflexão na história da civilização, a qual, eu gostaria de adicionar, está atualmente num ponto de auto-destruição.

Portanto, meu pedido a você é este: Não fique chocado com o tamanho gigantesco da tarefa! Tome-a como um trabalho a ser gradualmente executado e tenha a esperança de que muitas outras pessoas virão para ajudar e assim assegurar o progresso.

Parece que, na ordem natural das coisas, aquelas pessoas que sofreram mais nas mãos de psicopatas ou de outros portadores de anomalias mentais serão chamadas para fazer este trabalho, para aceitar o fardo. Se for com você, dama ou cavalheiro, aceite também seu destino com um coração aberto e com humildade, e sempre com um senso de humor. Acalente a ajuda da Mente Universal, e saiba que Grandes Valores freqüentemente crescem a partir de Grandes Sofrimentos.

Rzeszów, Polônia, 24 de agosto de 2006.

---

31 Em nenhum outro lugar a disputa entre criação e natureza foi tão clara como na União Soviética. A genética ficou parada por vinte e cinco anos por causa de ideologia. Os Marxistas não podiam aceitar que algumas características estão além da intervenção humana por serem parte de um código biológico. Marx insistia que o homem poderia ser mudado pela sociedade; uma vez que a revolução fosse bem sucedida, uma humanidade nova e melhor emergiria. Esta era, em si mesma, uma teoria sobre herança. O processo de produção do novo homem havia ido mais longe na União Soviética do que em qualquer outro lugar. As massas cumpriram o primeiro plano de cinco anos em quatro, destruindo milhões de kulaks e intelectuais – destruidores e sabotadores – no processo...

A ideologia – e os experimentos falsificados – teve efeitos desastrosos. Em 1942 Lysenko alegou que se o trigo de inverno (que é cultivado em locais com um clima ameno o suficiente para sustentá-lo) fosse plantado na Sibéria misturado ao restolho do trigo de primavera (que cresce durante o verão) ele sobreviveria ao mais rigoroso inverno. A “vernalização do trigo” (que simplesmente não funcionou) foi imposta aos fazendeiros e levou à escassez e fome gerais.

Em 1948 a genética parou na URSS... A herança das características adquiridas se tornou lei... Muito depois Khruschev disse a Lysenko: “Você e seus experimentos podem ir para a lua”, e somente na década de 1970 é que a genética foi readmitida ao mundo da ciência. Lysenko foi a visão oposta da vigente na Alemanha e em todos os outros lugares na década de 1930: de que os genes faziam tudo. Sabe-se que o próprio Hitler leu um livro sobre genética humana e que muitos experts na área de “higiene racial” (como o assunto era chamado na época) estavam envolvidos no movimento de extermínio. Favorecer aqueles com os melhores genes e erradicar aqueles com os piores era a única maneira de melhorar a sociedade. Esta idéia também foi reprovada no teste da história. (J. Steven Jones, *In the Blood*, Harper Collins, 1995)

[32] Salekin, Trobst and Krioukuva, “Construct Validity of Psychopathy in a Community Sample: A Nomological Net Approach”, *Journal of Personality Disorders*, 15(5), (2001) 425-441

[33] De acordo com as leis reais da natureza. Uma explicação dedutiva-nomológica é um método formal de explicação baseado no teste de hipóteses derivadas de leis gerais.

[34] Em francês, algo como “pessoa louca” ou “idiota do bairro”.

Ponerologia: Psicopatas no Poder
Andrew Lobaczewski
1ª edição - agosto de 2012 - CEDET

Título Original: *Political Ponerology (A Science on the Nature of Evil Adjusted for Political Purposes)*

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Angelo Vicentin, 70
CEP: 13084-060 - Campinas - SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Diogo Chiuso

Tradução:
Adelice Godoy

Revisão:
Flavio Quintela

Editoração:
Mauricio Amaral

Capa:
Arno Alcântara

Desenvolvimento de eBook
Loope – design e publicações digitais
www.loope.com.br

VIDE Editorial – www.videeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lobaczewski, Andrew

Ponerologia: Psicopatas no Poder [recurso eletrônico] / Andrew Lobaczewski; tradução de Adelice Godoy – Campinas, SP: Vide Editorial, 2014.

Título original: Political Ponerology (A Science on the Nature of Evil Adjusted for Political Purposes)

SOBRE O AUTOR

DR. ANDREW LOBACZEWSKI nasceu na Polônia, em 1921, e estudou psicologia na Universidade Jagiellonian em Cracóvia. Trabalhando em hospitais gerais e psiquiátricos, o autor desenvolveu suas habilidades em diagnóstico clínico e em psicoterapia. Sistematizou toda a pesquisa de um grupo de cientistas do Leste Europeu – do qual fez parte – que dedicava-se ao estudo de desordens de personalidade em líderes políticos de regimes totalitários. Todos os seus pares foram presos ou exterminados, restando a ele recuperar e apresentar ao mundo as conclusões alcançadas nessa corajosa investigação.

Em 1977, quando as autoridades suspeitaram que ele tinha muito conhecimento sobre a natureza patológica do sistema, ele foi forçado a emigrar. A presente obra foi escrita em Nova York, em 1984, mas todas as tentativas de publicação, naquela ocasião, não foram bem sucedidas. O autor retornou à Polônia em 1990 e faleceu em novembro de 2007.

SOBRE A OBRA

A interpretação tradicional das grandes doenças históricas já ensinou aos historiadores a distinguir duas fases. A primeira é representada por um período de crise espiritual na sociedade, associada ao esgotamento dos valores morais, religiosos e ideativos, que até então alimentavam a sociedade. O egoísmo aumenta entre os indivíduos e os grupos sociais, e as ligações entre a obrigação moral e as conexões sociais parecem se afrouxar. Assuntos sem importância, em seguida, dominam as mentes humanas em tal extensão que não há espaço sobrando para pensar sobre assuntos públicos ou para um sentimento de comprometimento com o futuro. Uma atrofia da hierarquia de valores no pensamento dos indivíduos e das sociedades é também uma indicação disso (...) O governo do país é finalmente paralisado, impotente frente aos problemas que poderiam ser resolvidos sem grande dificuldade sob outras circunstâncias.

•••

As ações e reações de uma pessoa normal, suas idéias e critérios morais, tudo, muito frequentemente, atinge os indivíduos anormais como sendo algo anormal. Pois se uma pessoa com algum desvio psicológico se considera normal, o que é de fato significativamente mais fácil se ela possuir autoridade, então ela considerará uma pessoa normal como diferente e portanto anormal, na realidade ou como resultado do pensamento conversivo. Isso explica porque o governo dessas pessoas sempre terá a tendência de tratar qualquer dissidente como “mentalmente anormal”.